



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

ÁFRICABRASIL

ATLAS GEOGRÁFICO

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos



COPYRIGHT by Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Pesquisa: Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Projeto Gráfico: Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Diagramação: Washington Oliveira, Vítor Meireles e José Miguel dos Santos

Produção Técnica: Prof. Dr. Rafael Sanzio dos Anjos, Rafael Farias, Rafael Guimarães, Washington Oliveira, Vítor Meireles e Rodrigo Vilela

Revisão Português: Rafael Farias, Emília Vicente Lourenço e Maria Luisa dos Anjos

Tradução da versão para o Francês da Introdução: Laurent Micoud

Tradução da versão para o espanhol da Introdução: Antônio dos Santos Oliveira

Tradução da versão para o Inglês da Introdução: Larissa Maria Bora

Tradução da versão para o Kikongo da Introdução: Holenu Mangenda Holy

Tradução da versão para Swahily da Introdução: Tania Iwezela Kalala

Tradução da versão para Fulani da Introdução: Djaouga Mamadou Saidou

Tradução da versão para Crioula da Introdução: Carlota & Edward Vinckie

Plotagens-Fotolitos: Grafica Movimento Ltda. Brasília - DF.

Impressão: Gráfica Movimento Ltda. Brasília - DF.

Parceria da Edição: Mapas Editora & Consultoria Ltda.- Brasília Distrito Federal - Brasil / Projeto GEOAFRO / Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília - Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito do autor

ISBN: 978-85-87763-12-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A599 Anjos, Rafael Sanzio Araújo dos AFRICABRASIL: Atlas Geográfico
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Brasília : Mapas Editora & Consultoria Ltda, 2014

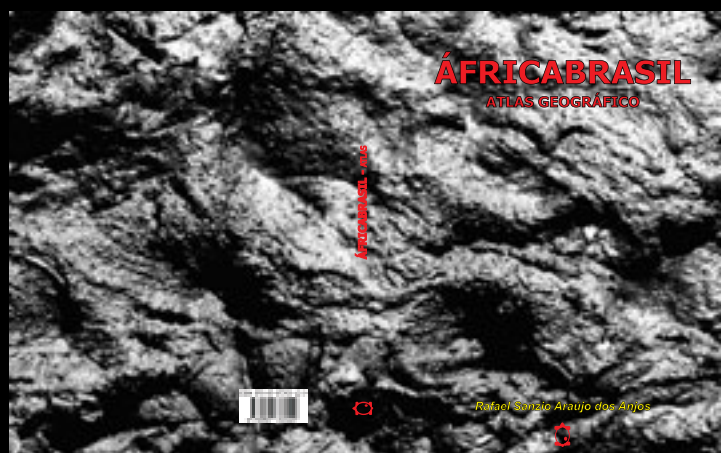
104 p:Il.

Introdução em português, inglês, francês, kikongo, swahily, fulani e crioula.
Contém vários mapas temáticos em escalas distintas e documentação fotográfica.

1. Geografia da África 2. Cartografia Africana 3. Atlas Afrogeográfico. 4.
Historiografia Afrobrasileira 5. Diáspora África-Brasil 6. Geografia Afrobrasileira 7.
Geografia Histórica.

CDU 9811.035 EE

Impresso no Brasil



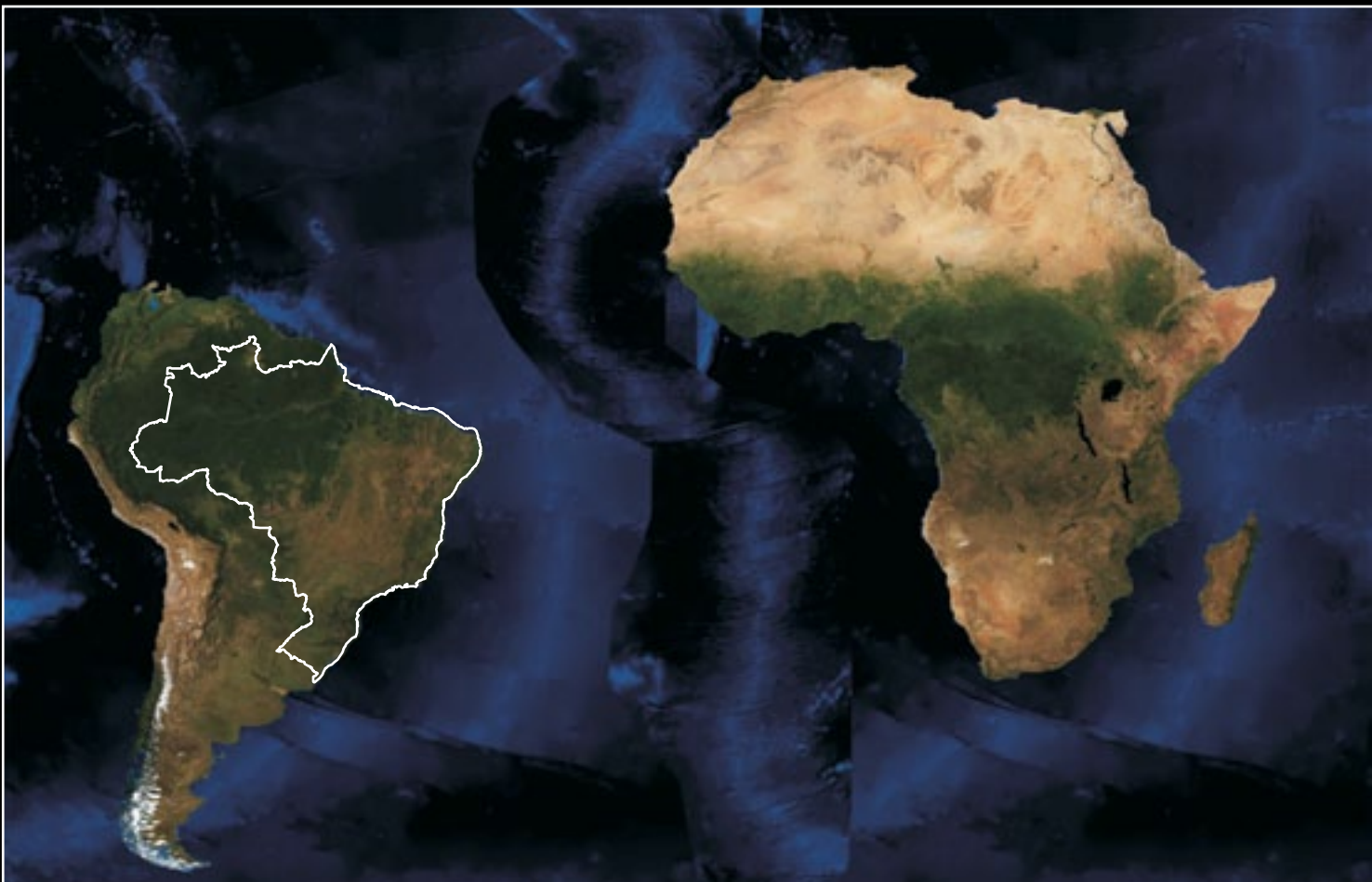
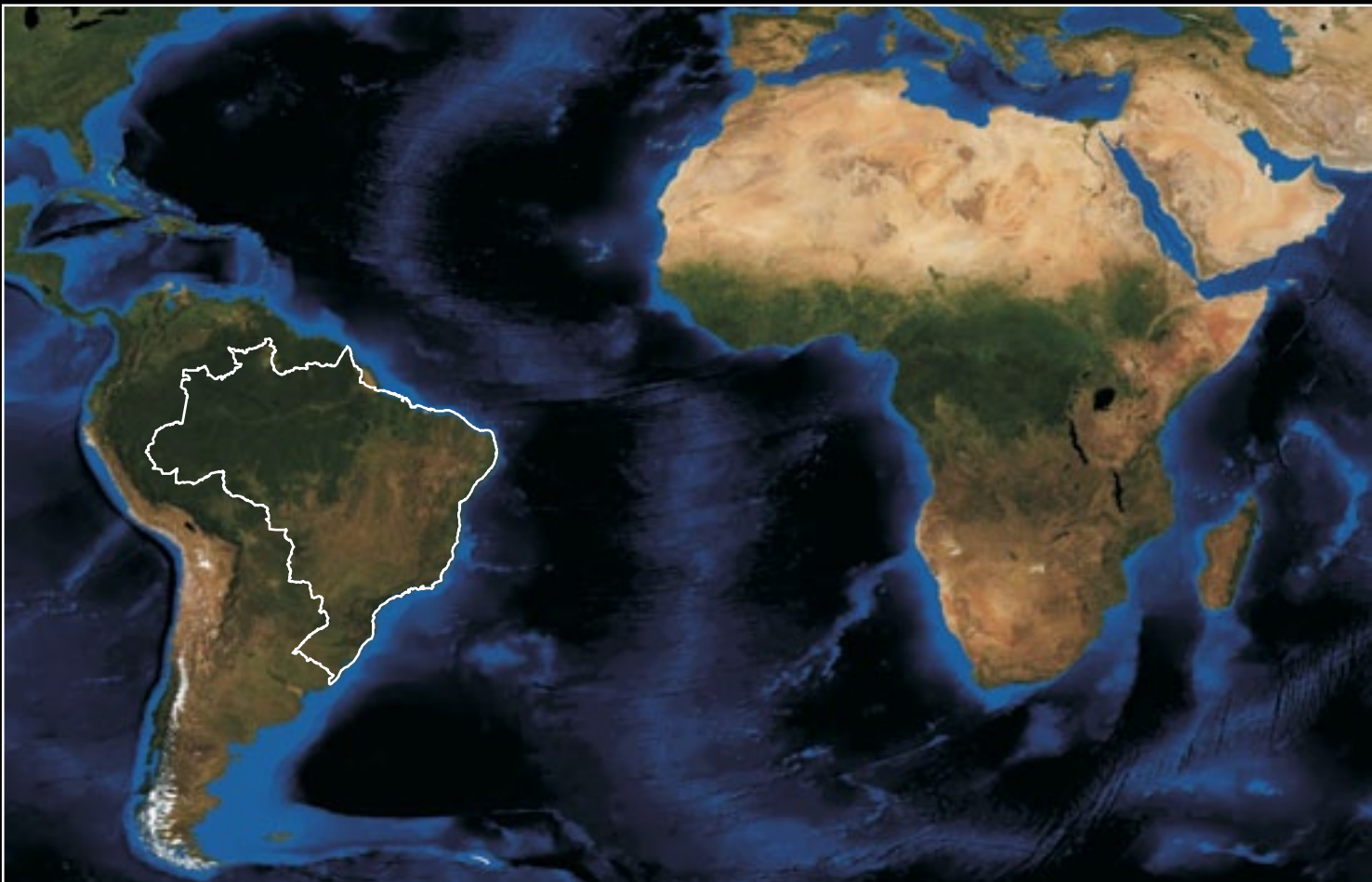
CAPA: Detalhe de terra molhada na Região de Kimpaka - Baixo Congo - República Democrática do Congo. Foto: Prof. Rafael Sanzio A. dos Anjos, 2008

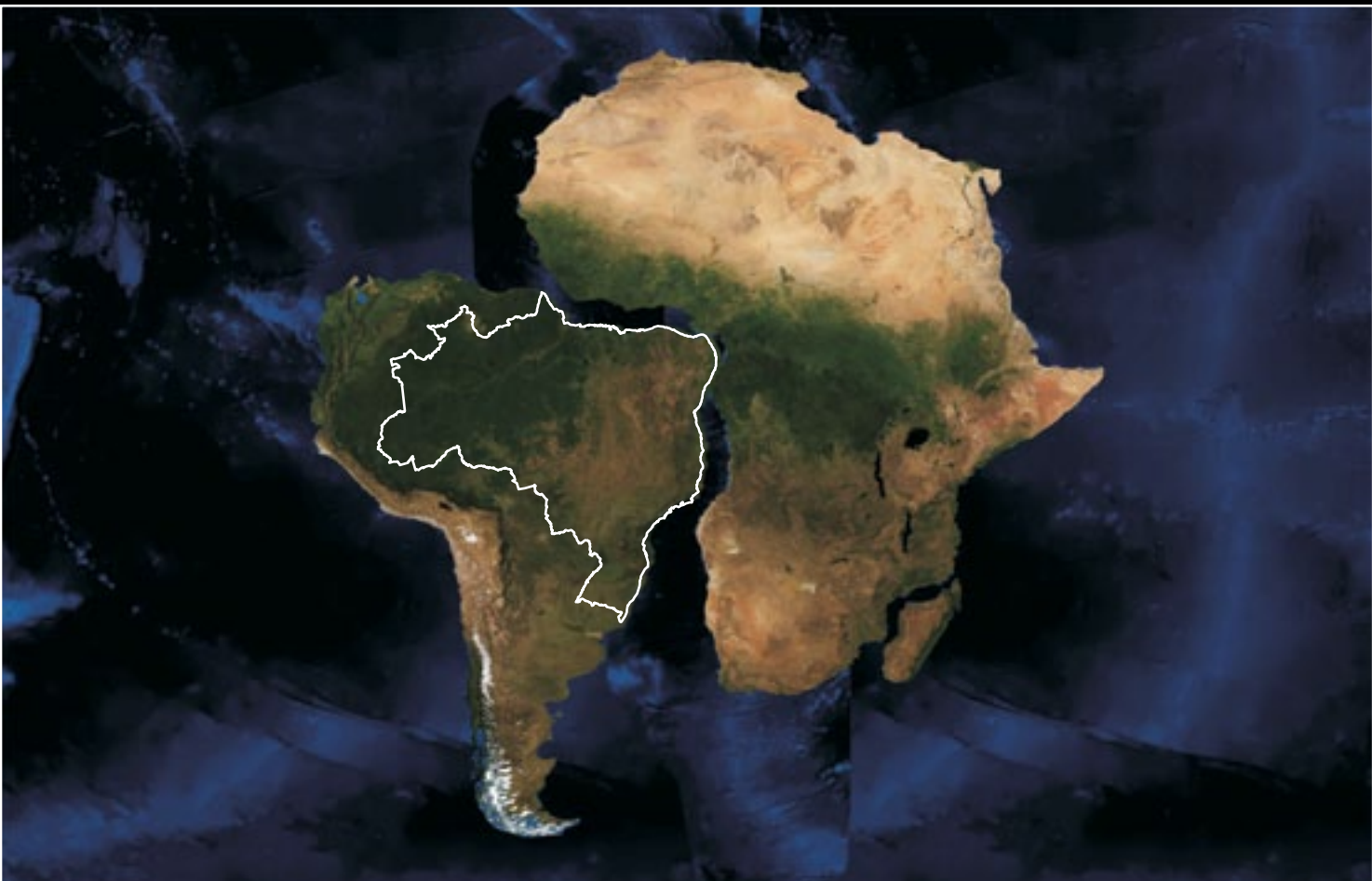
ÁFRICABRASIL

ATLAS GEOGRÁFICO

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos









*“...o passado é nossa fonte de inspiração,
o presente, uma arena de respiração e
o futuro, nossa aspiração coletiva.”*

*Thiong'o, 1977
(Tradução nossa)*





Peço licença a todos os meus antepassados e ancestrais, Yâgô!

AGRADECIMENTO

O Projeto Geografia Afrobrasileira: Educação & Planejamento do Território (Projeto GEOAFRO) continua sendo um grande desafio para mim, minha vida, minha existência... A cada etapa realizada, novas questões são incorporadas e me aproximo, ainda mais, das minhas ancestralidades. Este Atlas é um sonho de um início, portanto é o resultado de um trabalho árduo, mas crescente, estimulante e agradável! Existem algumas instituições e pessoas a quem eu preciso agradecer pelas “ajudas”, principalmente, por tornar esta publicação um fato. Inicialmente, agradeço à equipe técnica do Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, pelo profissionalismo e empenho na construção da documentação cartográfica temática do Projeto. Particularmente a Rafael Farias, Rodrigo Vilela, Fabrício Alves, Suzana Rabelo, Daniel Gaio, Raquel Arruda, Talita Cabral, Rafael Guimarães, Daniel Vera, Tiago Flores, Sália Soares, Vevila Rezende, Marina Tedesco, Washington Oliveira, Maria Ires, José Leandro Conceição, Guilherme Carvalho, Vitor Figueiredo, Ana Clara e Isabela Souza. Em seguida, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), particularmente ao Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais pelo apoio histórico fundamental no desenvolvimento do nosso Projeto. Ao *Musée Royal de l'Afrique Centrale – Tervuren – Bruxelles - Belgique*, o meu agradecimento especial pelas facilidades colocadas na operacionalização das pesquisas realizadas nesta instituição, no aprofundamento dos conhecimentos referentes à Geografia Africana e Cartografia Étnica, principalmente, a Johan Lavreau, Danielle de Lame e Sabine Cornelis. Às Direções dos Arquivos Históricos Ultramarinos em Lisboa, Arquivos Históricos de Angola, Fundação Gregório de Mattos, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério do Trabalho e Emprego, pelas valiosas informações e documentações disponibilizadas para o Projeto GEOAFRO. Fundamental agradecer à Mapas Editora & Consultoria Ltda. pelo apoio nesta edição, assim como, ao conjunto dos outros parceiros fundamentais no desenvolvimento das atividades técnicas do referido Projeto. São eles: Reitoria da Universidade de Brasília (UnB), Programa de Pós-Graduação em Geografia da UnB, *Département de Géographie de La Université de Abidjan*, Embaixadas do Brasil na Bélgica, em Angola e na República Democrática do Congo, Decanato de Extensão da UnB, Embaixada da Bélgica no Brasil, *Bibliothèque Royal Albert I – Bruxelles - Belgique*, Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB. Devo agradecer a meus pais: Tiêta e Tibúrcio (in memoriam) por tudo..., assim como, a meus irmãos: Cinha, Zeca, Iza e Zeu, pela oportunidade de estar com eles nesta existência. À Bija, Izabella, Tomás e Victor dos Anjos, minhas referências básicas em todo o processo, muito obrigado! Finalmente, agradeço a Deus, aos Anjos, aos Pretos e Pretas Velhas, aos Cabocos e a todos os Orixás Africanos.





FOTOGRAFIA: PROF. RAFAEL SANZIO DOS ANJOS. DETALHE OLHAR MENINO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAPUIO - PIAUÍ, 2006

“O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ela influi.”

Milton Santos, 2003



FOTOGRAFIA: PROF. RAFAEL SANZIO DOS ANJOS, DETALHE OLHAR MENINO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAPUIO - PIAUÍ, 2006

***“ A cartografia não é somente um desenho!
Ela continua possibilitando mostrar como a sociedade funciona, como anda a nação, onde estão os excluídos e os incluídos no sistema. É um instrumento que, de certa maneira, ‘fala’ e torna ‘visível’ o que muitos e muitas não querem ‘ouvir’ e nem ‘ver’. O mapa é uma ferramenta básica para cidadania! Entretanto, existe o risco permanente do uso indevido da apropriação inadequada e das interpretações distorcidas.”***

Rafael Sanzio, 2008

NOTAS DO AUTOR

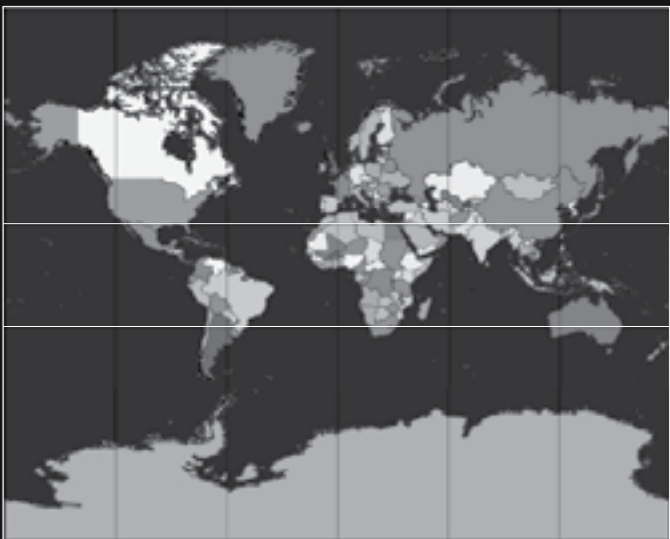
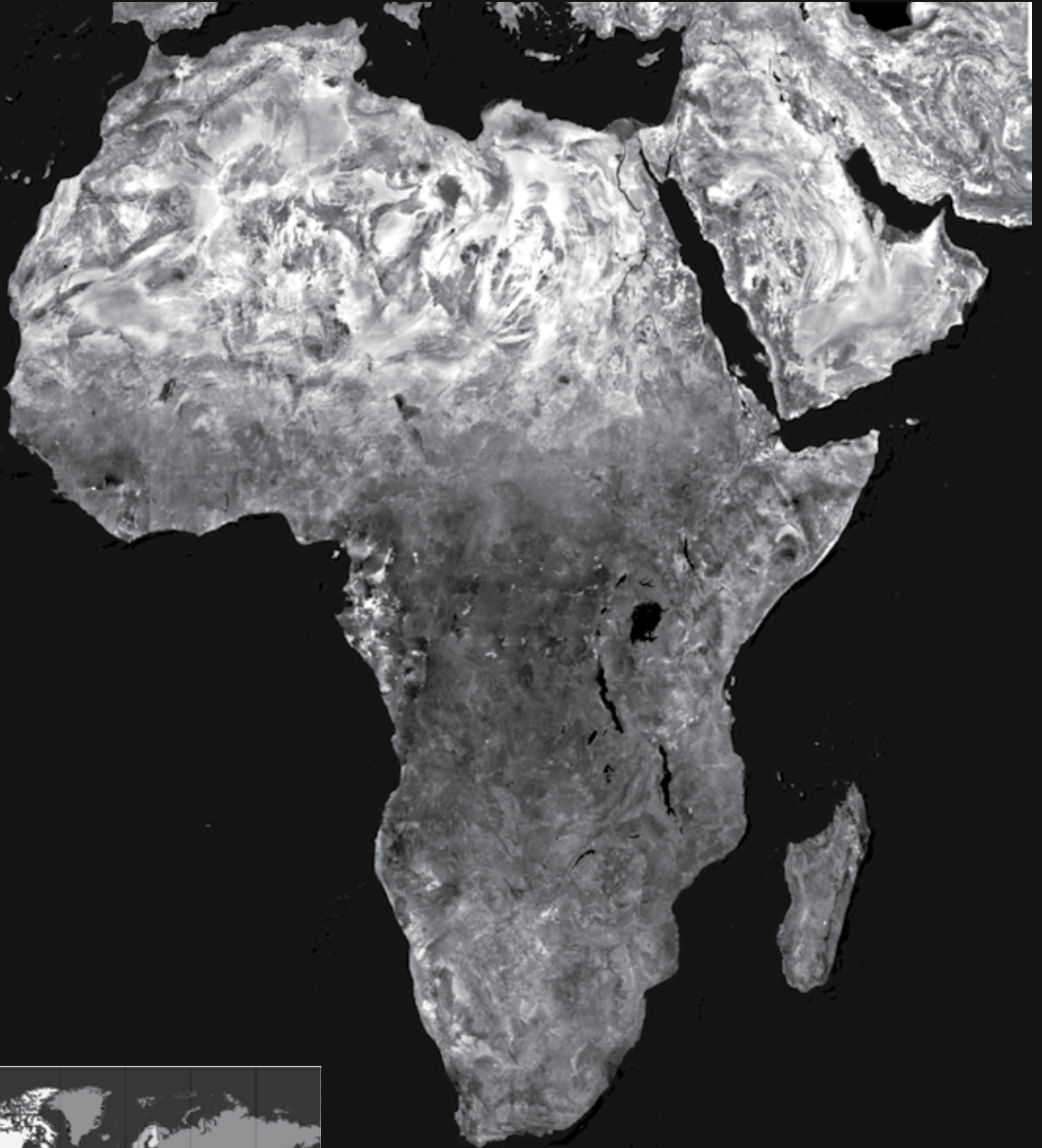
Os símbolos, as imagens e as composições gráficas usadas pelos meios de comunicação social para transmitir conteúdos, sobretudo os voltados para educação, têm sido, demasiadamente, atrativos e segregadores. A imagem cartográfica, considerada também como expressão de uma linguagem, tem relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações e dinâmicas que se configuram no espaço geográfico. Apesar da confecção de um mapa ser o principal produto da cartografia, uma prática antiga e, altamente especializada, o seu estudo e de outras construções gráficas para o armazenamento de informação espacial, por muito tempo, limitou-se a enunciar que as representações cartográficas são expressão de uma linguagem. A geografia, ciência do espaço, somente a partir da segunda metade do século XX é que criou regras para constituir um sistema simbólico e de representação gráfica que refletisse e se aproximasse do espaço real, dinâmico e histórico.

A atividade de mapeamento, por mais simples e direta que seja, constitui várias transformações da realidade, no que diz respeito à escala (quantas vezes o território representado foi reduzido), a projeção cartográfica (transposição de uma superfície que na realidade são curvas para o plano), a seletividade da informação (um mapa não representa todos os aspectos do espaço geográfico) e à simbologia (conjunto de representações e símbolos das manifestações físicas e culturais do território). Estas transformações gráficas, que não se limitam aos aspectos visíveis da paisagem, entendida aqui como as expressões espaciais construídas pela dinâmica da sociedade, continuam sendo um dos eixos das preocupações estruturais da cartografia, sobretudo o sistema de representação utilizado para comunicar, interpretar e transmitir a informação territorial. Estas, por sua vez, podem ser caracterizadas a partir dos componentes espaciais a serem representados que poderão ter os seguintes níveis de abordagem: quantitativo, ordenado, dinâmico e qualitativo. As informações transmitidas podem se referir a uma localização precisa, a um percurso, ou ainda, a uma superfície. Estas três maneiras de colocar a informação num documento cartográfico, representam os três modos de implantação da informação geográfica, ou seja, pontual, linear e zonal. Importante lembrar que o produto cartográfico será mais eficaz na medida em que exigir um menor esforço mental para o entendimento da mensagem.

São vários os tipos de produtos oriundos da cartografia e a educação, entretanto, o Atlas Geográfico constitui um instrumento cartográfico de origem secular, com uma relevante importância no processo de conhecimento e aprendizado sobre os espaços, os lugares, as sociedades, as paisagens, as culturas, as fronteiras e, sobretudo, as interpretações dos territórios e das populações. Esta ferramenta, geralmente caracterizada por um conjunto ordenado de mapas temáticos associados a um determinado território, tem se constituído historicamente como um produto básico para uso no processo de planejamento territorial e ensino. A cartografia adotada foi utilizada como um instrumento gráfico de tratamento e reconstrução das informações, simplificando os mapas complexos, obedecendo a um processo de construção e interpretação, buscando uma interpretação mais simplificada e, ao mesmo tempo, mais completa da geografia e da historiografia da África e do Brasil Africano. Dessa maneira, a imagem cartográfica, assim como a fotográfica, tem um relevante papel no estímulo à observação e interpretação das relações África – Brasil no passado e no presente. Não podemos perder de vista que a massificação e alienação da sociedade atual é um problema não somente de conteúdo, mas também de percepção das formas e das imagens. Os símbolos e composições gráficas usados pelos meios de comunicação social, principalmente os voltados para educação, têm sido demasiadamente atrativos e impactantes, entretanto com contextos preconceituosos e segregadores. Dessa maneira, os conteúdos apresentados nos mapas temáticos desse Atlas não são imutáveis, não são transcrições gráficas de realidades históricas, sociais ou físico-espaciais, mas uma interpretação e tentativa de representação dessas realidades e dinâmicas. Temos clareza que o mapa não é o território, mas nesse instrumento está uma das possibilidades mais eficazes de aproximação do mundo real, portanto sem as «máscaras».

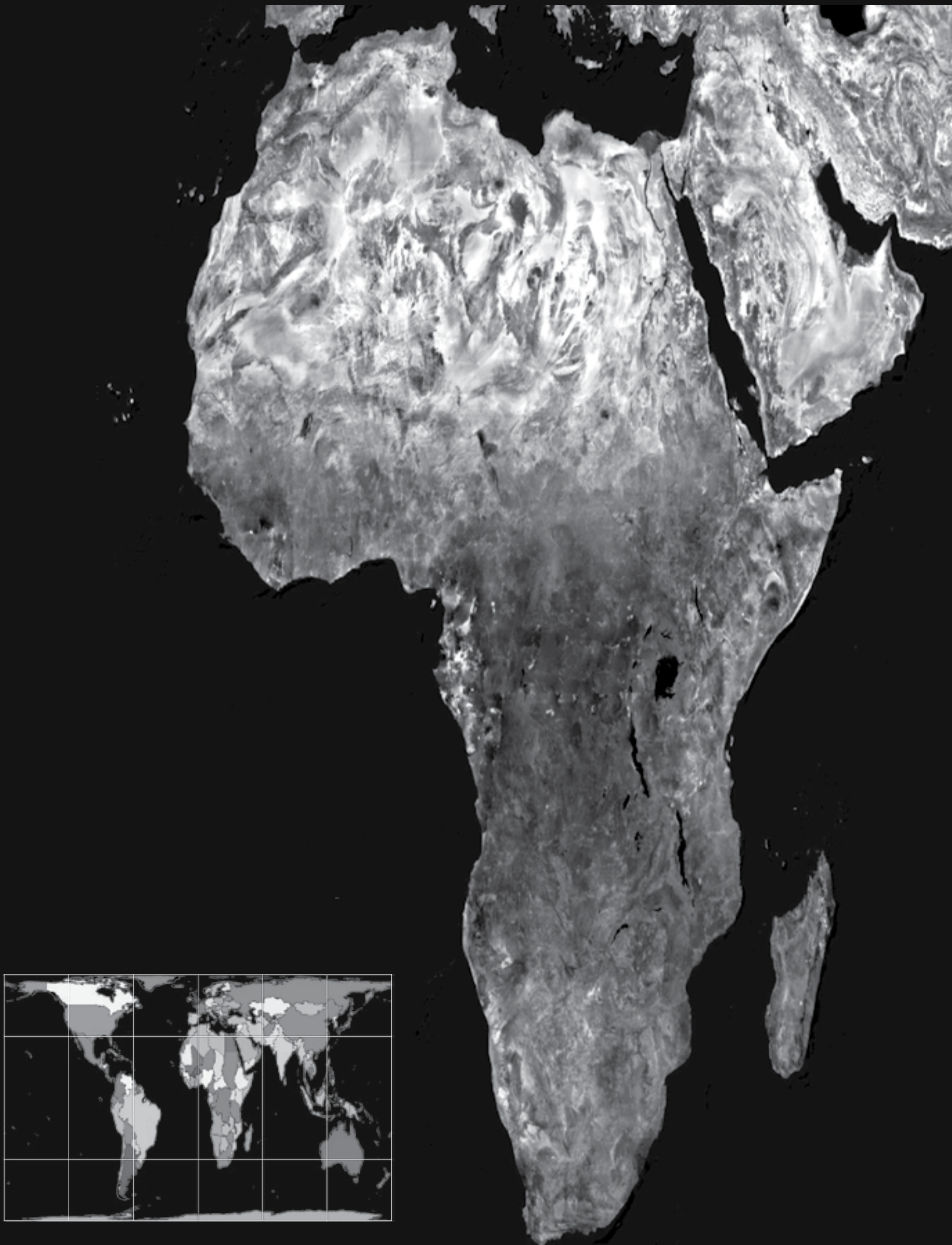


IMAGENS DE SATÉLITE DO CONTINENTE AFR CARTOGRÁFICAS DE GERARD MERCATOR-



PROJEÇÃO CILÍNDRICA, DESENVOLVIDA NO SÉCULO XVI QUE TEM COMO PREMISSA AS MEDIDAS ANGULARES, ENTRETANTO EXAGERA DE FORMA SUBSTANCIAL AS TERRAS EMERSAS DAS ZONAS TEMPERADAS E POLARES. BASTANTE UTILIZADA NO PROCESSO DE EXPANSÃO E ALARGAMENTO DO CONHECIMENTO DE OUTROS TERRITÓRIOS NO GLOBO, ESTAS REPRESENTAÇÕES DO MUNDO SERVIRAM DURANTE VÁRIOS SÉCULOS.

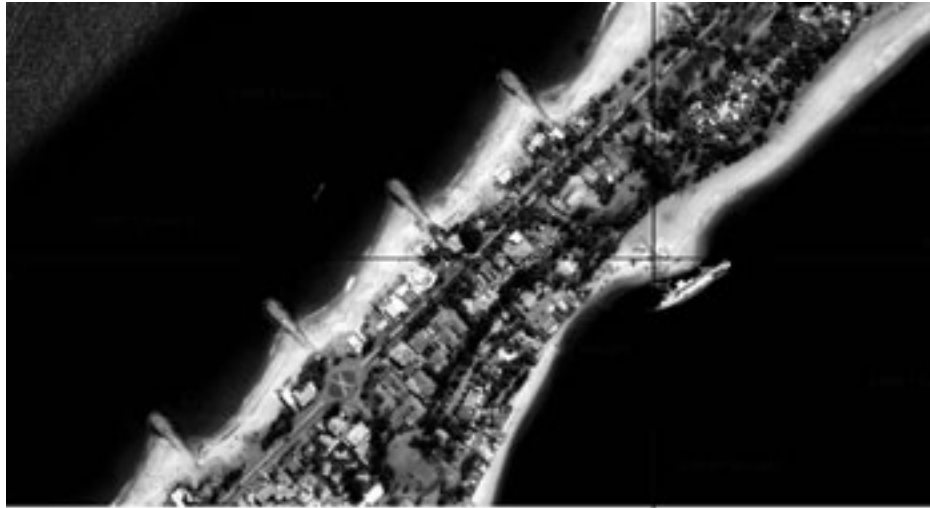
AFRICA COM CONTORNOS DAS PROJEÇÕES SÉCULO XVI E ARNO PETERS- SÉCULO XX



PROJEÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO DE REFERÊNCIA GEOMÉTRICA CILÍNDRICA, DESENVOLVIDA NO SÉCULO XX, QUE TEM COMO PREMISSA OS ÂNGULOS RETOS DOS PARALELOS E MERIDIANOS, ENTRETANTO BÚSCA REPRESENTAR AS TERRAS EMERSAS DO GLOBO NA SUA PROPORÇÃO REAL, MINORANDO A DISTORÇÃO SECULAR DE EXAGERO PARA AS ZONAS TEMPERADAS E POLARES. AINDA QUESTIONADA NO SISTEMA DOMINANTE, MAS RECONHECIDA E ASSUMIDA EM MUITAS REPRESENTAÇÕES DO MUNDO REAL.

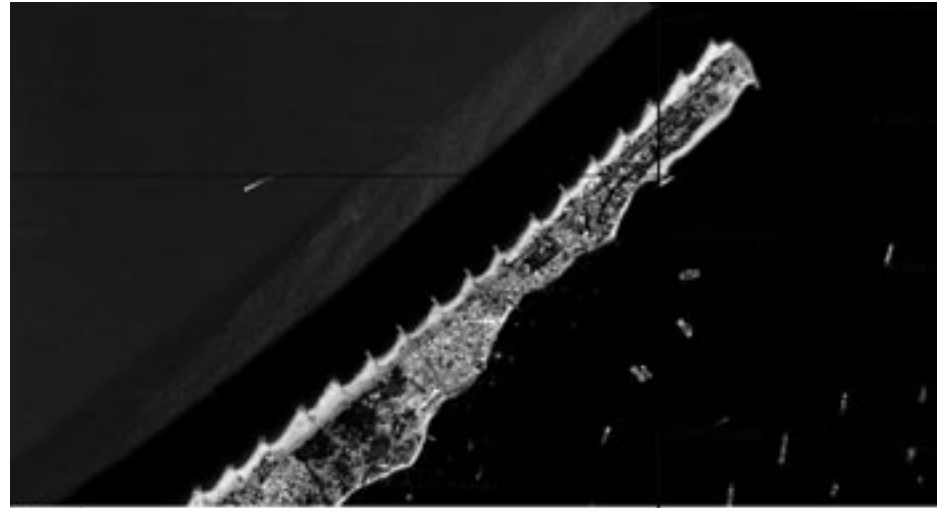
EXEMPLOS DE RESOLUÇÕES TERRITORIAIS, E DA INFORMAÇÃO E ESTRUTUR LOCAL - REGIONAL - NA

LUANDA - ANGOLA - ÁFRICA

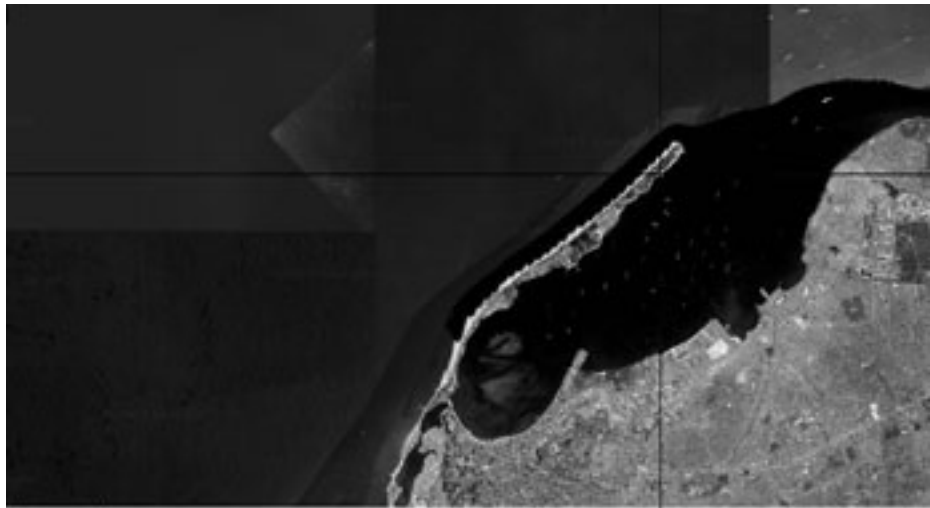


100 pés
100 m

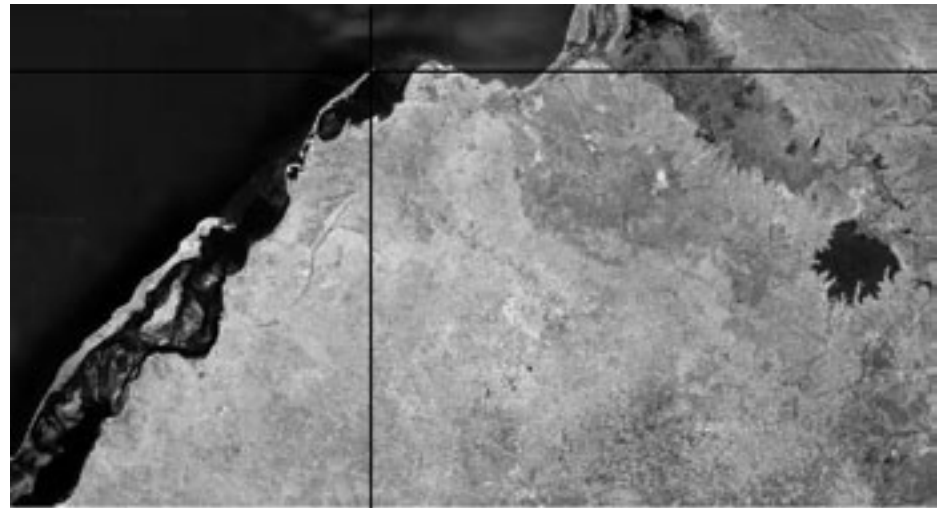
Lat. 8°45'56.34" S
Long. 13°15'34.24" W



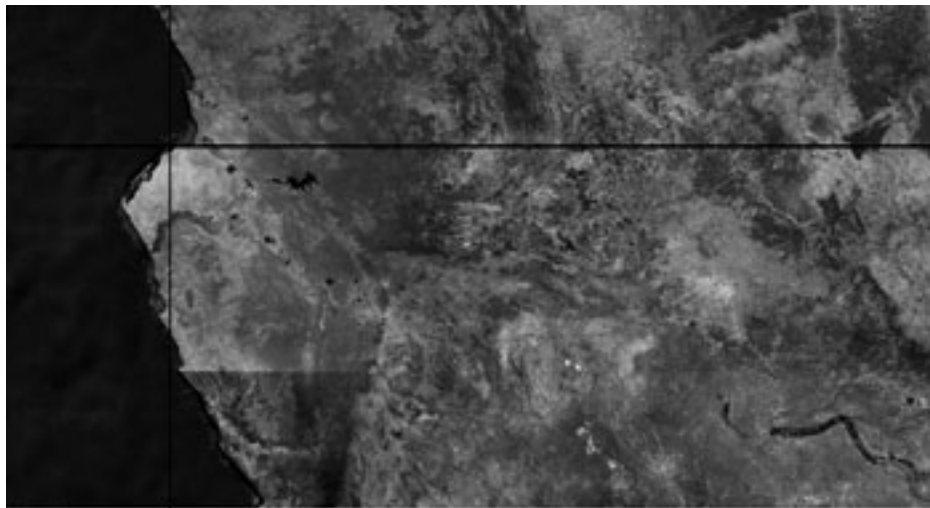
1000 pés
500 m



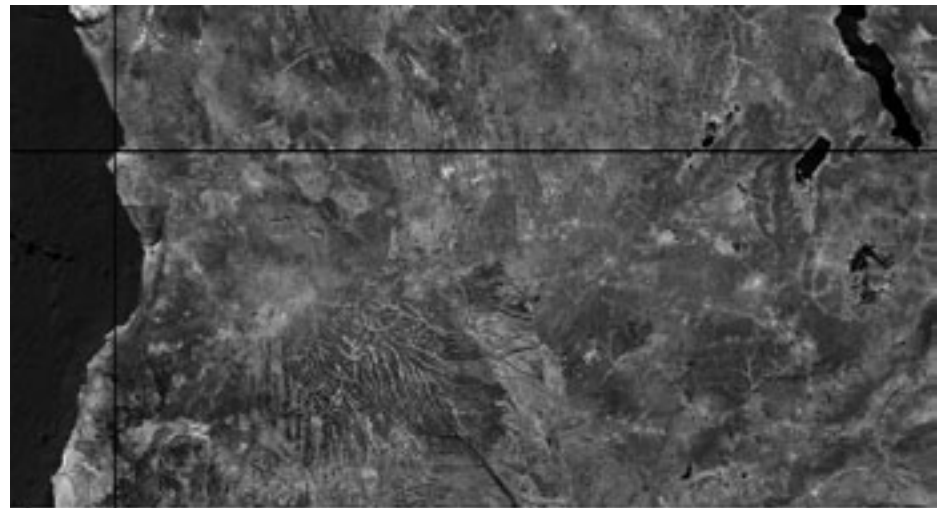
1 mi
2 km



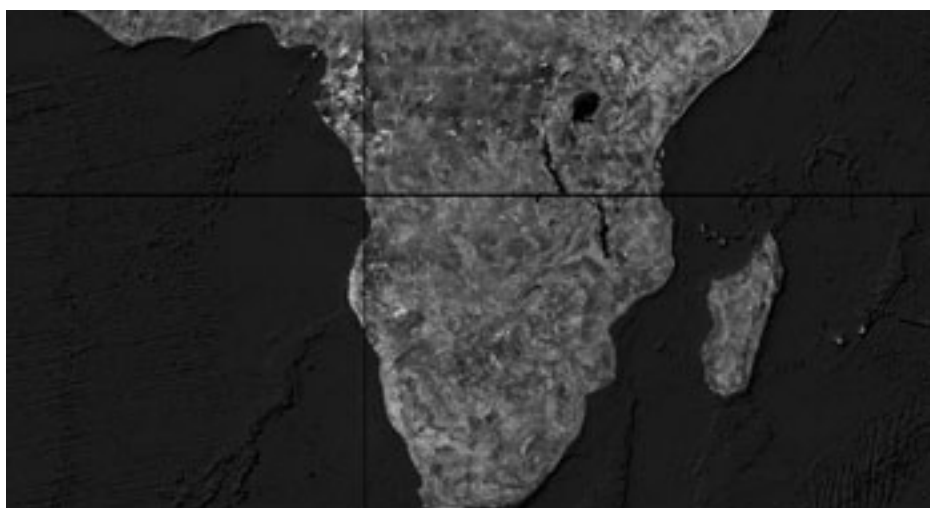
5 mi
5 km



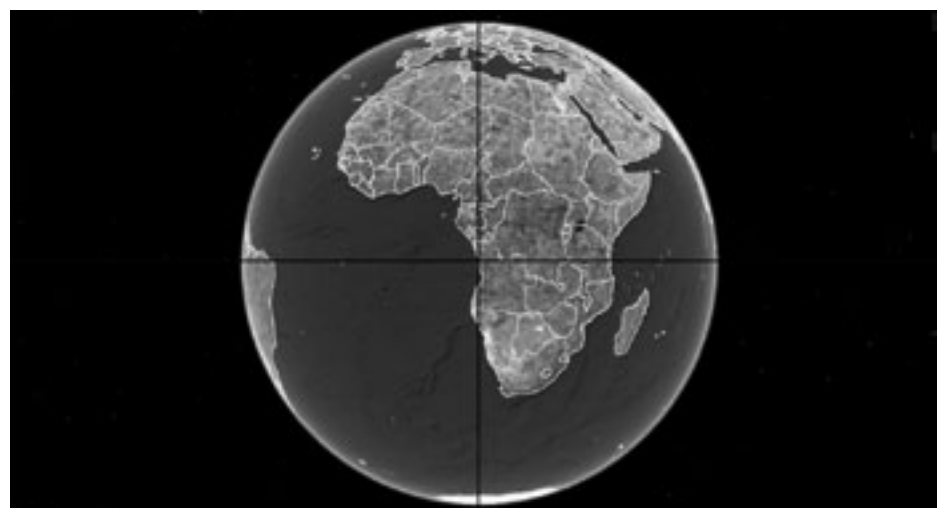
20 mi
50 km



100 mi
200 km



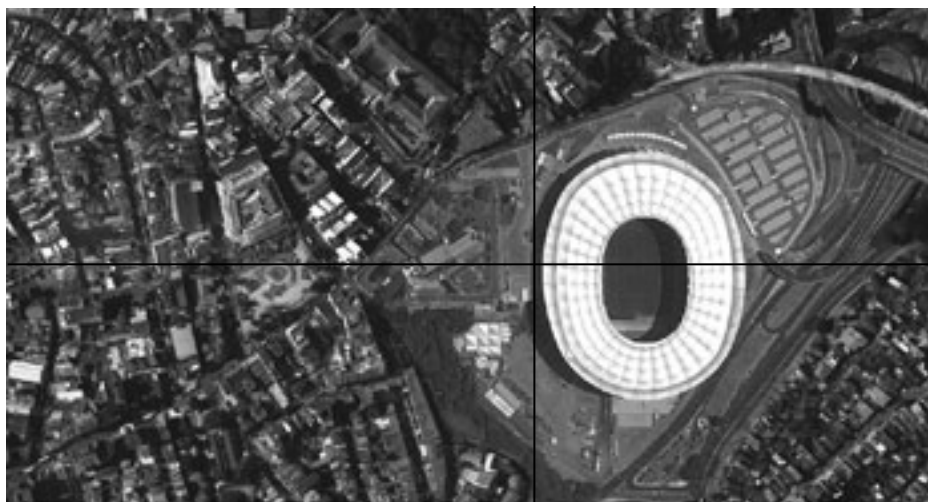
500 mi
1000 km



2000 pés
2000 m

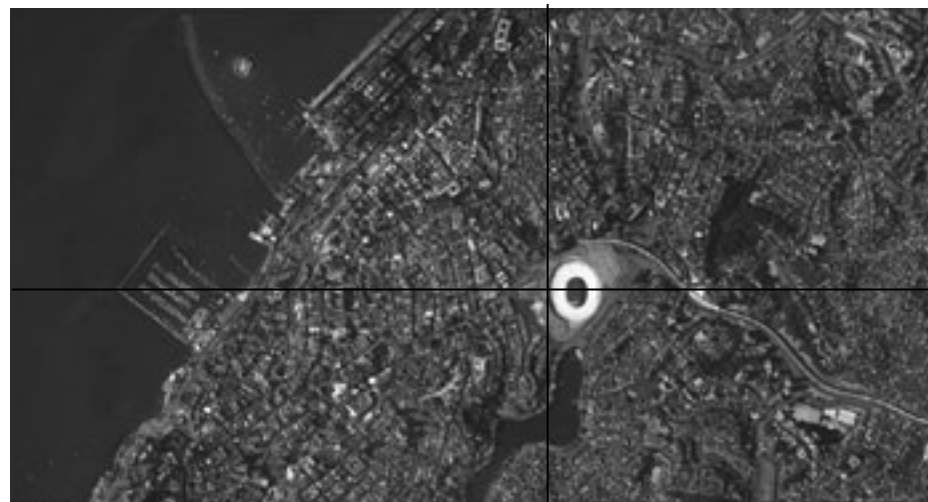
SCALAS DE REPRESENTAÇÃO, SELETIVIDADE E ESCALAS DO ESPAÇO GEOGRÁFICO REGIONAL - CONTINENTAL

SALVADOR - BRASIL - AMÉRICA

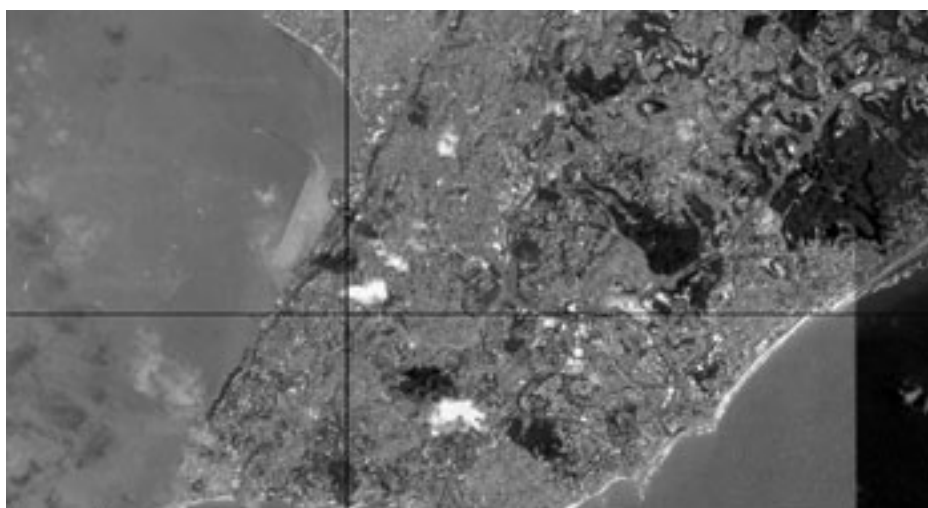


200 pés
100 m

Lat. 12°58'44.12" S
Long. 38°30'19.92" W



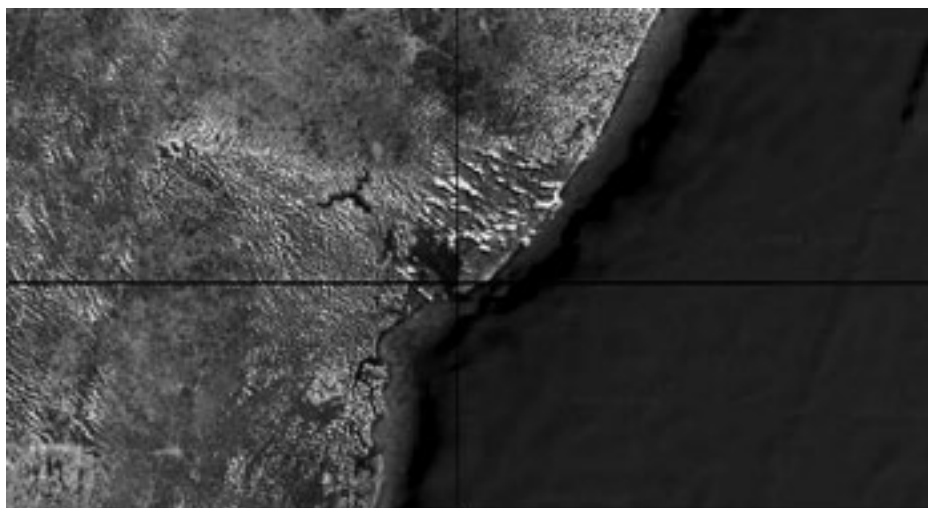
1000 pés
500 m



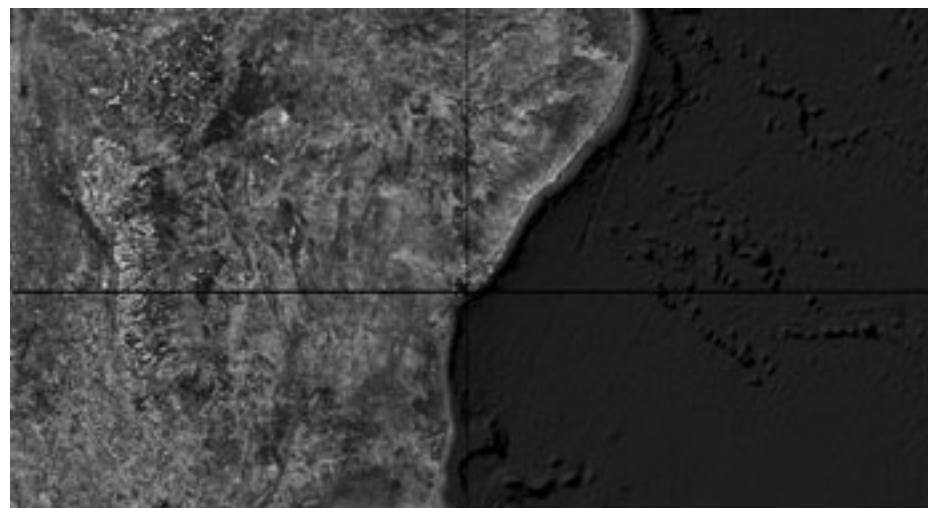
1 mi
2 km



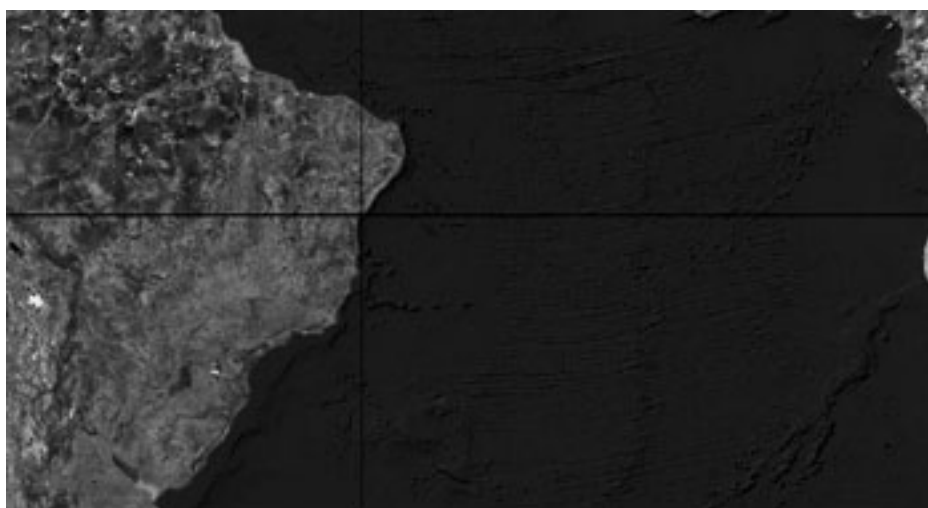
5 mi
5 km



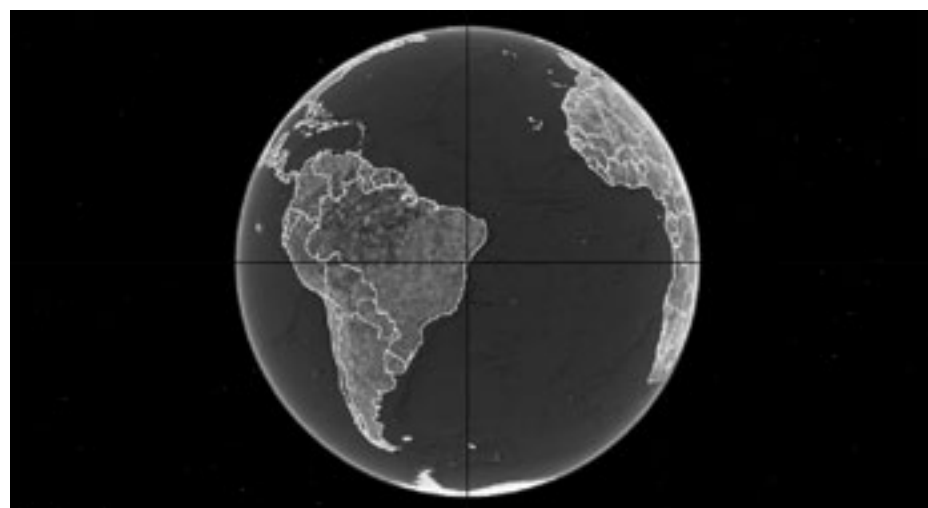
20 mi
50 km



100 mi
200 km



500 mi
1000 km



2000 pés
1000 m

**“ Às vezes,
até parece que o essencial é fugir à questão verdadeira:
ser negro no Brasil o que é?
Talvez seja esse um dos traços marcantes
dessa problemática:
a hipocrisia permanente,
resultado de uma ordem racial cuja definição é,
desde a base, viciada.
Ser negro no Brasil é frequentemente
ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo.”**

**“ A questão não é tratada eticamente.
Faltam muitas coisas para ultrapassar
o palavrório retórico e os gestos cerimoniais
e alcançar um ação política consequente.
Ou os negros verão esperar
mais outro século
para obter o direito a uma participação plena
na vida nacional!”**

**“ Há sempre,
o risco de cair na armadilha
da emoção desbragada
e não tratar do assunto
de maneira adequada e sistêmica.”**

Milton Santos, 2000



FOTO ORIGINAL: ANÔNIMA DE 1931 DE VISITA DO MINISTRO DO TRABALHO AO SINDICATO DOS BANCÁRIOS EM SÃO PAULO. OBSERVEN O MENINO AFROBRASILEIRO NO LADO ESQUERDO DA FOTO. ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE SÃO PAULO OSASCO E REGIÃO.



FOTO MODIFICADA: ANÔNIMA DE 1931 DE VISITA DO MINISTRO DO TRABALHO AO SINDICATO DOS BANCÁRIOS EM SÃO PAULO. CHAMA ATENÇÃO A TRUCAGEM RACISTA NO LADO ESQUERDO DA FOTO ONDE TINHA ORIGINALMENTE O MENINO AFROBRASILEIRO. ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE SÃO PAULO OSASCO E REGIÃO.

SUMÁRIO



Apresentação Português do Brasil	18
Apresentação Kikongo	19
Apresentação Fulani	19
Apresentação Swahili	20
Apresentação Krioula	21
Apresentação Inglês	22
Apresentação Francês	23
Apresentação Espanhol	24



PARTE I ÁFRICA - AMBIENTE, OS ANTIGOS ESTADOS POLÍTICOS E AS REFERÊNCIAS TERRITORIAIS DOS DESLOCAMENTOS PARA A AMÉRICA E O BRASIL	25
--	----



PARTE II BRASIL - A TERRITORIALIDADE DOS ANTIGOS QUILOMBOS E AS REGIÕES DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS COLONIAIS - IMPERIAIS	50
--	----



PARTE III ÁFRICA - A DOMINAÇÃO ESPACIAL DO IMPERIALISMO, O PROCESSO DE "LIBERTAÇÃO TERRITORIAL" E A FORMAÇÃO DAS "NOVAS" FRONTEIRAS POLÍTICAS	68
--	----



PARTE IV BRASIL - A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO AFROBRASILEIRA, A TERRITORIALIDADE DOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS, OS ESTERÍOTIPOS E A DIÁSPORA DA CAPOEIRA	86
--	----



PARTE V BIBLIOGRAFIA, DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS FIGURAS, GRAVURAS E FOTOGRAFIAS	100
---	-----

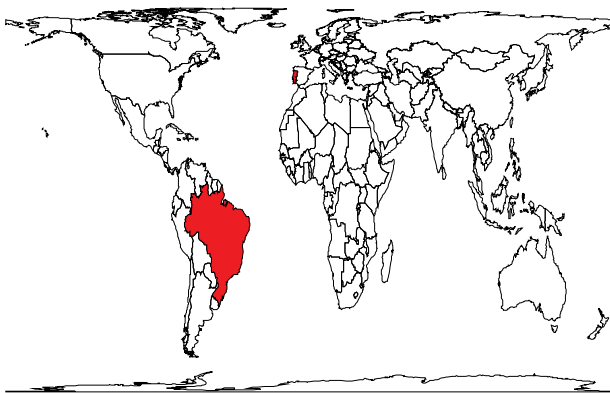
FOTOS: PROF. RAFAEL SANZIO, SALVADOR-BA. 2006

***“Por trás de um macro-preconceito,
existe uma macro-desinformação
que se traduz num macro-equívoco histórico.
O Brasil tratar de “frente” a desconstrução
dos traumas da escravidão criminosa,
da “ferida” da exclusão social
e do “disfarce” do preconceito dominante,
significa olhar para sí mesmo,
ou seja, a nossa falsa unidade territorial
e, sobretudo, reconhecer
os desequilíbrios seculares na sociedade.”***

***“O “Brasil Africano”
conhece pouco a África
e a “África Brasileira”
ainda precisa conhecer o Brasil.
Esta talvez seja
a nossa maior pendência
secular e ancestral.
Por isso, as ações consequentes
são emergenciais.”***



INTRODUÇÃO PORTUGUÊS DO BRASIL



O Brasil é o mais importante país contemporâneo com registros das referências do continente africano “fora” da África. As referências estão gravadas, principalmente, nos seus territórios (urbano, rural, religioso, agrícola, comercial, cultural, tradicional, dentre outras dimensões possíveis de territorialização) e, sobretudo na sua população e na língua que falamos. São vários os componentes estruturais que explicam esta relevância africano-brasileira, mas três aspectos nos parecem pertinentes de destacar.

Primeiro, foram nas grandes metrópoles coloniais (Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Recife, São Paulo, dentre outras) e nos vários portos distribuídos pelo extenso litoral do Brasil para onde foram desembarcados os maiores contingentes de seres humanos de distintos grupos étnicos, matrizes culturais, tecnologias e contextos geográficos do continente africano. A história da humanidade não registra outro grande evento de mobilidade e transferência demográfica forçada que tenha tido tamanho massacre social, nas duas margens dos territórios envolvidos (África e América) e no próprio Oceano Atlântico, entre os séculos XV e XIX. As estimativas apontam entre 12 e 13 milhões como um número provável da dinâmica do tráfico para a “formação” e “ocupação” do “Novo Mundo” e é no Brasil onde estão projetadas as maiores estatísticas, ultrapassando os quatro milhões.

Um segundo aspecto se refere ao desenvolvimento das grandes zonas de atividades econômicas coloniais (café, açúcar, borracha, algodão, cacau, fumo, mineração, dentre outros) estruturados na força de trabalho e na tecnologia de referência africana, ao longo de quatro séculos (XVI-XIX) e que revelam a dimensão econômica e a extensão territorial da “presença ampla” africana na formação do Brasil. Somente esses dois componentes estruturais nos possibilitam entender porque o Estado brasileiro, numa perspectiva histórica, foi o território mais acabadamente escravista do “Novo Mundo”, mesmo com os conflitos políticos e contradições econômico-sociais. Uma das evidências está na opção do sistema político dominante que continuou impondo o regime escravocata, mesmo depois da “independência” de Portugal e, com essa estratégia, foi um dos últimos a sair do escravismo na América. Essa é uma premissa básica para a compreensão da extensão racista e preconceituosa que vai se consolidar na nossa estrutura social complexa, contraditória e multifacetada.

O terceiro componente estrutural, está associado ao elevado contingente demográfico de matriz africana existente no Brasil contemporâneo (97 milhões de pessoas - Censo IBGE, 2010), ou seja, mais de 50% do “país continental” e este é o maior registro estatístico de ascendência africana “fora” do espaço da África. É esse “Brasil Africano” que tem sido a principal vítima da discriminação e preconceito étnico instaurado secularmente no país, sobretudo pela manutenção de algumas práticas do regime escravista e da ideologia racista na sociedade dominante. Não podemos perder de vista que a forma como o sistema nacional lida com a população brasileira de referência na África é, na verdade, a maneira como lida consigo mesmo enquanto país: negando a sua “riqueza” humana e cultural; não assumindo as suas “identidades”; negligenciando o trabalho realizado por outras matrizes étnicas e revelando uma “imagem de país”

que não corresponde à realidade. Existe aí um atraso na mentalidade coletiva das elites seculares, um equívoco nacional, isso porque o Brasil não precisa mais assumir o racismo como estratégia para manutenção do poder histórico e conservador.

Uma das raízes estruturais desse problema está na fixação das imagens hostilizadas ao meio ambiente e aos seres humanos da África, construídas na “Europa Moderna” a partir do século XV. O desenvolvimento e consolidação dessa “Geografia da Imagem e da Dominação Justificada dos Trópicos” foram sendo ampliadas e não consideravam os processos históricos como fatores modeladores da organização social e política, mesmo diante dos elementos da natureza. Um dos efeitos políticos da distorção e da invisibilidade das “Áfricas” é lugar insignificante e secundário que foi dedicado à sua Geografia e à sua Historiografia em todas as “Histórias” da humanidade.

Do ponto de vista geográfico, podemos destacar a inferiorização sistemática do continente africano no processo de ensino. Primeiro, são os livros didáticos, que ignoram a população africana e o brasileiro com ascendência na África, como agentes ativos da formação territorial e histórica do país. Em seguida, a escola tem funcionado como uma espécie de segregadora informal. A ideologia subjacente a essa prática de ocultação e distorção das comunidades brasileiras de referência africana e seus valores tem como objetivo não oferecer modelos relevantes que ajudem a construir uma auto-imagem positiva, nem dar referência a sua verdadeira territorialidade aqui e, sobretudo, no continente africano.

Nos livros didáticos de Geografia Geral e nos Atlas Geográficos, particularmente, a África está colocada nas partes finais da publicação e geralmente com um espaço de conteúdo a ser transmitido, bem menor que os outros blocos continentais. Verificamos, também, que não existe uma lógica de distribuição dos grandes continentes nos sumários desses tipos de publicações, ou seja, como a ordem alfabética não é respeitada, a Geografia Africana é geralmente a última a ser estudada. O dano se agrava porque, geralmente, o programa escolar já é restrito para as demandas da escola e, dessa forma, o “espaço” da África no planejamento educacional não é priorizado e nem efetivamente estudado.

Aí está mais uma das questões estruturais que nos possibilita entender a desinformação da população brasileira sobre a África. Verificamos um paradoxo estrutural no sistema escolar, uma vez que o continente africano, como “berço” dos antepassados dos seres humanos, deveria ser estudado de forma prioritária. De alguma forma, a significativa maioria dos educadores esquecem esta informação fundamental que poderia colocar a África como o primeiro nos sumários dos compêndios educacionais e seria a base territorial principal, para explicar os movimentos de dispersão migração e adaptação humana nos outros blocos continentais ao longo dos tempos.

Não podemos perder de vista que essa exclusão da Geografia da África e aparente desaparecimento das populações de referência africana no Brasil, principalmente dos livros didáticos, faz parte, ainda, da estratégia do “branqueamento” e inferiorização das matrizes étnicas africanas na estrutura da população brasileira. Apesar de algumas alterações no sistema dominante e na literatura produzida, sem a alteração da “praxis” escolar, a desconstrução das desigualdades e dos preconceitos serão lentos. Entretanto, como estamos diante de questões históricas pendentes, o “foco”, tanto no presente, como para o futuro próximo da educação afro-brasileira, precisa ter uma posição melhor configurada no setor decisório do país.

Construir com recursos da cartografia e da fotografia um panorama geográfico-historiográfico das referências do continente africano e do território afro-brasileiro visando contribuir para uma outra “leitura” e “compreensão” da formação do território e da população do Brasil, é o principal objetivo do Atlas Geográfico: ÁFRICABRASIL. A publicação

está estruturada em quatro Partes básicas.

Na primeira, são feitas referências a alguns elementos fundamentais da historiografia da África, principalmente os aspectos dos grandes tipos de ambiente e riquezas minerais; os principais reinos e impérios, os componentes espaciais relevantes dos deslocamentos das populações e conhecimentos africanos para a América, assim como as referências territoriais dessa “diáspora” no Brasil.

Na Parte seguinte, são tratados a espacialidade dos principais ciclos econômicos desenvolvidos no período colonial (e do Império) e referências historiográficas e cartográficas dos registros dos sítios dos quilombos antigos do Brasil. Os processos de dominação territorial verificado no continente africano no século XIX, os registros de “libertação” e as “novas fronteiras desenhadas” em função do Imperialismo, são tratados na Parte III.

Na sequência são apresentadas as representações “possíveis” da população de matriz africana no Brasil, assim como o contexto territorial dos quilombos contemporâneos, particularmente as suas estruturas espaciais, as questões do reconhecimento e titulação das terras e a sua distribuição espacial no país.

Esses são pontos estruturais tratados no bojo dessa obra que tem como principais referências as pesquisas geográfica, cartográfica, fotográfica e historiográficas realizadas em varias instituições no Brasil, na África e na Europa. Faz parte dessa publicação, também, os componentes fundamentais da exposição cartográfica itinerante a África, o Brasil e os Territórios dos Quilombos e da oficina temática: Matrizes Africanas do Território Brasileiro, que constituem produtos estruturais do Projeto Geografia Afrobrasileira: Educação & Planejamento do Território, desenvolvido na Universidade de Brasília.

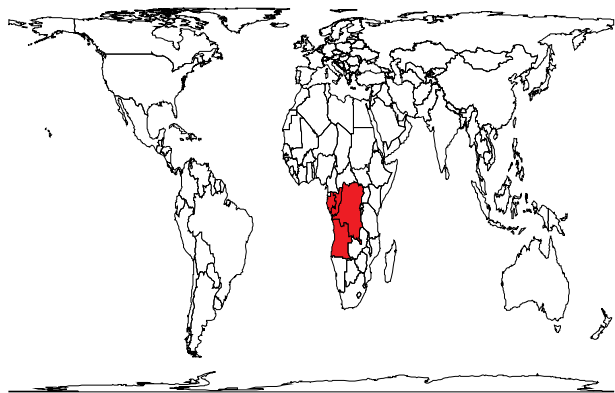
Nesse Atlas Geográfico estão também os registros principais das pesquisas realizadas e operacionalizadas no Programa de Pós-Doutoramento em Cartografia Étnica, junto ao Museu Real da África Central, Tervuren, Bruxelas, Bélgica (2007-2008), assim como, informações dos levantamentos realizados nas Universidades de Abdjan (Côte d'Ivoire) e de Kinhasa (República Democrática do Congo), na Bibliotheque Royale de Belgique (Bruxelas), nos Arquivos Históricos Ultramarinos em Lisboa (Portugal), no Centre de Etude Africaines da École de Autes Études (EHESS Paris Franca), no Museu Nacional da Escravatura em Luanda (Angola) e em arquivos públicos e outras instituições nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Temos tomado como premissa, ao longo dos mais de vinte anos “formais” de existência do Projeto Geografia Afrobrasileira: Educação & Planejamento do Território, que as informações por si só não significam conhecimento. Entretanto, elas nos revelam que com o auxílio das ciências e das tecnologias, temos condições de colaborar na modificação das sociedades resistentes às mudanças sociais e nas políticas pontuais e superficiais do sistema dominante, sobretudo, para subsidiar a adoção de medidas concretas na ação e na alteração do contexto secular de exclusão da população de matriz africana no Brasil. Sobre a ação, Santos lembra simplesmente que: A ação é sempre presente, não há ação passada, nem ação futura, há apenas ação presente. E ação de alguma forma, resulta de escolhas.” (Milton Santos, 1998)



FOTOGRAFIA: DETALHE DE MÁSCARA KIKONGO, KINSHASA, RD, CONGO, 2008, PROF. RAFAEL SANZIO

APRESENTAÇÃO KIKONGO



Nsi ya africa zi nkondolo mi kanda ma vovelanga kinvulu viani mu ntangu ezi. Nkansi, Brésil vuidi mi kanda vovela africain. Mikanda mienina nu mu ntoto bonso (Mbanza ya nene, na vata, mi nsambi ndulu, mu kinkulu vo mu mavanga mua mingi nu ndinga. Buena bua mpasi mu tadila mpila ya bueno za mpila tantu. Ntete mana matadidi mbanza ya ba mputu mu ntangu ya kiwayi (salvador, rio de janeiro, são luis, belem, recife, são paulo, ye mbanza za nkaka) mpe ye bitula bia lungu mu nzila ya maza mu nsi brezilia muna zingilalnga besi africa e v oba ndombe. Ba vuilu mu nzila za mbila mu mbila et mu nsi za mbila mbila za africa. Ye mu mu zi nkadilu za mbila za zingi. Mu tazo via ntangu za XV vo XIX nzietolo za mbantu za nata lufua lua makanda na mingi munsu ya africa, ya america mu bu wa maza ma Océan. Ba nkua ngangu beti songa ntalu ya 12 e vo ya 13 ya zi millions za bantu ba yenda mu kiwayi bakala luakila ku nsi ya brezilia kandi yi kuna kunina 4 millions ya mi wayi ba tuka ku nsi ya africa. Nzayilu ya america e vo 'ntoto wa mpa' wa nata mpasi za zingi. Bueno ya zole yeno mu bisalu bitadidi zadilu za mbongo, za bilunga, ntoto za matadi ntalu. 'café, sukadi, makasu, fomo, matadi mantalu ye bima bia nkaka'. Besi ba africa bakala ba sadi ba bisalu evo miwayi. Muteso kua XV evo XIX ya nsi ntangu, bisalu bia mpila bia bokeslesa besi africa ba bingi mu nsi ya brezilia mutungulu ya nsi. Mu tala ki nkulu kia brezilia, tueti mona vo nkiwayi kuakaba mu yo nsi ti ntangu yoyo besi mputu ba bika ntudisa nsi ya brezilia. Kansi mi ntudisi mi yaza kumino besi mputu ba kobisa besi ya africa mu kiwayi. Mbuena za mbila yoyo za nutu mvambanu za mokanda evo za ba ndombe, za mindele, ye bantu ba mpiloa mu kondua kwa nzola. Mbuena ya tandu, ntalu ya besi africa mu nsi ya brezilia ya ntangu ayi (97.000.000 mu ntalu za mvimba za besi bresilia. Tangi bia ntalu IBGE 2010) Ndambu ya nsi ya brezilia yena mu moko ba besi africa et yi yo ndambu yetu mona zi mpasi za mpila evo kondua mpila za luzingu lwa mbote, lembo kwa ntanga, kondwa kwa zi nzo ye zi mbasi za zingi. Zingu via besi africa kiena kaka mu kiwayi bonso mu zi ntangu. Tu mfueti zaya vo nkadila za besi africa ku nsi ya brezilia. Na tuka ku nsi ya africa yemina ya mbi e ba lembola kala ye kimuntu mu mayala ma nsi. Betu songa ntangu ka ntangu zi mbasi kansi nsi yi vuidi ma nfwama mu bongisa nkadilu za besi africa vu nsi ya brezilia. Mu mbuena za bena ye ngangu, kwena ye bivu bia bingi muntadilu za ma banza ma ndonga ye kwa ba ndwenga za saka mu ndandulu za mayala. Mosi wa ngudi dia diambu ye bi bandula (photo) bi bavanga besi mputu (mindele) mu songa zidi kia mbi via besin africa. Bi bandiolu bisangwa mu tele nzenze za mindele kwa besi mputu ntuka ntangu ya XV ya zi mvu. Songa zi photo za mpasi kwa mayala ma besi africa kwa toma kweti monisa mpila za mvubdula ya nsi ya brezilia. Nsukulu za mayala ma vangi mia mpasi e kondwa kwa moneka kwa besi africa kwena nkondola za mbweno za nsi e vo kondwa kwa kinkulu kwa bonku. Mu tadila teso kia nsi, tu lenda sayisa vo mpila ya nsi ya nzo za nkanda za africa yo

kondwa nyolo ye luolendo. Yidima mu si nzo za nkanda mu kondolo ma buku ye bima mia tangisila mu mpila mbote. Kasi vo nkangu wa africa evo wa brezilia. Mayindu ba nkadilu ya mpila yoyo betu songa bonso ma swekama meti vanga mpasi kwa kangu wa ba ndombe ba brezilia a tuka ku africa yidina nkadalu za mpila yo zeti bebisa mbuena za besi africa. Mu mabuku mo zo a nkanda na nsi a mvimba evo mer ma buku ma zi ntenda, africa yi vovelanga nkaka ku nsuka kanda mpe mu ma sono ma fioti. Tweti mono mpe mu nkubuka za mambu, nsi africa balembolo zaya nsi awu africa mu ntangu lu zawu. Mu toma tala, besi mputu bau vo nsi a africa yena nsi kwa zingila muntu a ntete a nza yi fuene vala nsi fweti tangua toma tongwa mu nza ansa. Kisonyola vo tu longo kele afridca mu mpila i fiene, bengula mambu ma mingi tuema vovela mpila nza yayi ntwana yi sobela nya mu ntangu a ntangu evo mvula za mpila mu mpila zieti noka e zo zi lembo kia. Ye mu songa ebwe ntangu ya yokela nza mu vua fiba maza ma mona bsi a toto emu tala ebwe mbantu ba ye zietidingi mu nza mu si ntangu. Kia twena vilakana ko mu nkadilu za mpila yoyo ya vilakana africa wo kangu wa brezilia wa ntuka mvu si nsi africa mu toma tala kodwa kwa ma buyku ma nzo a nkanda. Mu tala mbweno za bonso ebwe dia mbote mu sala kanda wu vovela africa ye brezilia buku diadia ba botulela mu ku falonse Atlas afriquebresil. Evo yi wo kanda wena vovela mi toto mia brezilia ye mia ye mia africa mu kia. Tuena tenda bwa lodi mbote mi tenda mia nsi jya bresil evo mia africa. Tuena songa kwa nza ya mvimba weyi vena fulu kia mwisi africa eve munsu brezilia Twena monisina kinkulu via makanda, mimwa evo ndonga za bantu ba brezilia ye africa. Yi wo kanda wena songa weyi yi mbanza za ntungamema, ye bonso nzietoto za makanda ma nsi ya brezilia evo ndonga ya bantu ba brezilia za africa. Twena monisina ki mvwama via toto evo nmatadi ma ntalu. Muna tina kia tantu, twena monisa weyi mayala ma mi toto ma diatisi langa zi mbanza ya africa evo brezilia mu ntangu de XIX (kumi ye vwa) ya si ntagwa Mikanda mia ntama mioti vovela kimpwanza ye mi kanda mia mi tenda mia zi nsi. Muna tini kia yan, buku diadia diena monisina ma kanda ma b rezilia ma kanda, ye evo vilwa kanwa kwa mavanda ma brezilia ye africa mu mayala. Mu tini kia nsambanu, twena vovela mbweno za africa mi mongo, ma yonga, si nfinda, mi konko ye mayingi ma kan Ka. Mambu ma monso tu vovele ku nywala mena tangwa mu mikanda mia géographie, photographie evo historiographie mi ni nzo za nkanda muena ku brezilia, ku Africa te kana mputu (europe) Kanda wowo werna vovela diala bivanzi bi a nene, bia zi ma bandala (cartographie) za mbote mbote mu nkumba ya 'Africa, brezilia yen toto mia kilombos' yena kaba mpe ye ngudi a africa mia mi tontomia bresilia. Biena na kolo mu nkubala za géographie africa-bresilia-malongi evo nkubukela a mi toto, biena tangwa kwa ba wadula ba nzo nkanda za bresilia. Mu kati kia kandu wowso mwena kala mpe ye mambu mi mitinga to nene banzila nkubukulu za post-doctorat mu cartographie za makanda, luvubana yenzo a bi teke ya royal ya besi kati dia africa yena na Belgique mu mbanza ya tervusen mu mvula tevila 2007 ti 2008. twena vovela misamu miena tuka vu universite ya abidjan (cote d'ivoire) ro ya kinshasa ku republica democratia dia congo), ku bblibliothèque royale ya Belgique (bruxelles); ye mi kanola mia ntama mia ntelu miena tuka lisbonne (Portugal), ku centre des études africaines de l'école des nantes études en sciences sociales (emess-paris-France), ku ndundula kisekulu ya kiwayi ku luanda (angola) ye mikanda mia ntama mia zinzo nkanda za nkaka locolanu nsi ya balia, ya rio de janeiro ye são paulo.

Nkubukulu za géographie ya africa-bresilia

nena matolidi malongi ntomo sona za mbaza za yansika tikela mvula makunde. Tu mueno vo nsangu ka zena za nfunana ko mu mwa monso beti zovela mo. Tu tonene mono vo kwena kibeni kwa fundu mu tonesa nkadila eto landisa lusadisua dia si nsangu ye nsadila za mpa. Twena soba makanda meto ye mena kuma ma mbote ye mu kiese mpe tuena baka kimfumu mu mayala ma bresilia beto besi bandombe ba tuka ku africa mpe tu zingolonga ku nsi a bresilia nsi a beto mpe kudivo ntukila zi ntangu tuena ku brasilia. Santos vovele ebu « vangu kieti monika mu ntangu twena, ka kwena vangu kia luta ko mpe ka kwena vangu ki kwiza ko kansi vangu mu ntangu twena ». « Milton Santos, 1998)

APRESENTAÇÃO FULANI



Fuddirde.

Hakunne lesde, Leidi "Brasil" laati jogiini déreeje batanooje leidi Ifriqiya. Déreeji di woni binnaadi batanooji Haala siiré Haala gure, haala diina, Haala démeji, Haala temkura, haala Harakaaji, batanoodi kaalaji kinde, kaalaaaji di, duddi majji laati fillanooji himbe e haala mabbe.

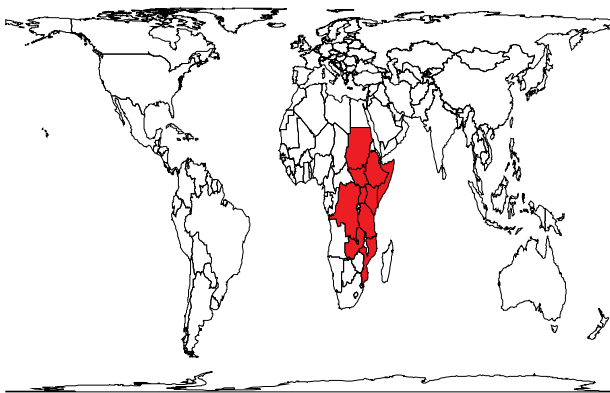
Kuyye tati woni :

Artinde woni gelle mawde Hane "Salvador, Rio de Janeiro, Sao Luis, Belem, Recife, Sao Paulo" e Lasde takkiidi Beele, leidi takkiini gooru, leidi takkiini maayo. Gam farto nun Horbe nanaabe iga Ifriqiya naNna. Hakkune duubi keme sappo e joi e keme sappo e jeenai. Kappol horbe biissi fa satti jonde himde iga Ifriqiya, faa yahi Amérique. Himbe Hakunne ujunaaji ujunaaji sappo e didi faa ujunaaji ujuneeji sappo e tati naNna, sippa wailita Horbe. Kambe yahi joodi leidi bi aani Nouveau Monde. Ammaa e leidi "Brasil" be buri duggo. Gam e genni ni, be poti ujuneeji ujuneeji naaiduggo. Huune didawre laati pirtande laawol tenkura "Café", tenkura Caoutchouc, tenkura Hottolo, tenkura "Cacao", tenkura Tabac e tenkura kaNNeji e tenkura Huune ko woni der leidi. Golle Horbe be wadi tenkura firti. Dun fu wadi Brésil laati leidi to siyaassa laati hane siyaassa laamu e maccube mum. Huune tatawre laati duggol humbe gaddaabe iga Ifriqiya. To getti "Brasil" liissaama, tawete Hakunne himbe keme cappande na'l e jaedidi woni gaddaabe iga Ifriqiya. Getti "Brasil" feccere mabbe Ifriqiya yuwoi. Himbe "Brasil" ko duudi mum yeggiti leidi Ifriqiya; be jeggiti non iga tom be yuwoi. Faa jooni e leidi "Brasil", baleebe et raneebe hawriti amman raneebe e miili e buri baleebe; Guri daneji jogii lagamal siyaassa e genni "Brasil". Guri baleebi woni lei, kangi gollata e demeeji raneebe daraabe hane maccube nii, ettabe hane maccube nii. Faa jooni jaNNinoobe, jaNNita hanon leidi Ifriqiya laati, jaNNita non ledde mun laati, non fudo mun laati; non kudeji godi der leidi laati; jaNNita non nokkuje feewirta, non dieele tobirta, be jaNNinta non ceedu laati e leidi Ifriqiya, be jaNNinta no dunu laati e leidi Ifriqiya, be jaNNinta non dabbune woniri. Kuyye de to winnaama e deereji sai winne lei-lei dewte. Kaalaji di fu to daaraama, hanni "Atlas IfriqiyaBrésil" winne; gam ni moyyere wate e dereji. Ko winnaakaanon, winne, jaNNine fa wooda e dewte mawde, jaNNinne nonku fu.

"Observação":

A língua *Fulfulde (Fulani)* possui certos sons que não são como os do alfabeto usual (latim). Por exemplo, nesta tradução: "d" é uma letra com som entre o "d" e o "t"; o som de "c" é o mesmo que o de "ch"; "N" é uma letra que tem o som entre o "gn" e o "n"; o "b" tem um som característico entre o "b" e "p". Estas diferenciações são necessárias para a compreensão e adaptação desta tradução, que é uma interpretação e não uma tradução literal.

APRESENTAÇÃO SWAHILI



Ma intshi ya zamani ya africa, Brasilia iko egnewe kwenye ku patikana aichive egnewe ku angaliya africa ile ma angalisho ina patikana kwas asa ndani ya territoire (urbano, ndiyani, religieux, agricole, commercial, culturel, traditionnel (katikati na habo), na zahidi ndani ya watu na.

Ndani ya ruhuga egnewe ina semewa. Ma gundi mbalimbali ya sasa ina hadisi mahana ya mapiganisho ya africo Brasilia. Ina onekana ya kama ku oneshwa kifungulisho tatu.

Kwanza sema jiuu ya mambo (metropole) ya colonia (SALvadora, rio de janeiro, Sao Luis, Belim, recife, Sao Paulo, na pia) ma nuda mbali mbali egnewe ku patikana kwa kirifu ya Brasilia, na kwegnewe ku lishukiyaka gundi la watu ya faida ya intshi ya Africa na wegnewe kuw kabila mbalimbali na fudisho ya geographia, ya mapango mablimbali ya maendeleo na teknolojia.

Katikati na siecle kumi na tano na kumi na na kenda ile maendeleo na matumo demographia ya makazo ina rndesha kihuwadji social bila ma endelesho ku hadisi ya dunia, ile pia pa Africa .

Mu America kama mu oneania atlantic, ma piganisho ina oneshwa ya kama kumi na mbili na kumi na tatu mulioni ya batu balikuwa egnene ku angalisha ku ma kazi egnene ili sahidiya ku “fungua” na ku “eneya” “dunia ya sasa”. Ni pa Brasilia, kuna weza ku oneshwa kama ma sabiliyo ika y afahida sana na milioni ine ya watu.

Angalisho ya pili ina ji funua ku maendeleo ya ma cycle kubwa ya economi ya colonia (cawa, sukani, caoutchiouc, pamba, cacao, tumbaku, minerais na kakati ao) egnene kuwa na tazi zuu ya ma tumikiyo ya watu na teknolojia egnewe umbwa africa.

Kati ya kumi na tano na kumi na kenda ya siecle, ile ma angalisho ina oneshwa namba ingine ma kipimo ekonomia na ngiwe ya sasa ya africa ndani ya fundisho ya Brasilia.

Kwa yeye peke, ma gu,di mbili ya structura, hi na tu sahidiya ku sikiya juu srkali ya Brasilia kipindi ya hadisi ya ke ili kuwa kijiji ya ndvungo ya dunia ya sa sa. Kupana ma sikizano politika na kuto kusikilizana ya socio- economica. Kwanai ile ina oneshwa na namma ya kweli ndani ya namna ya angalisho ya politica egnene ku eneya na ku kaza kipindi ya esclavacratia, kisho nyuma ya independence , kwa ku tchanguwa ile ma tumikiyo, ili kuwa moja ya ba mwuisho ya america kwa ku toka kwa kifungo. Ile kifungulisho ina contitue namba moya ya mwanzo juu ya ku sikiya maendeleo ya racisme na masambo egnene ita enda kwa kipindi ya kuji consolidi ndani ya structure sociale yetu na ku ji oneshwa na complexite ma pishana na ba multiplicite.

Kiyugu ya tatu hina chakuiva ku kitu kineza kugikiya ya mu soma wa bantu ya fahida mi muaza ya Africa iko sasa kati ya Brasilia contemporain (97.000.000 -IBGE, 2010 abantu ya mukini).

Esambu ya wantu IBGE elo bili ni juu ya 50% ya ichi moya ku mifuano ya continent na ayo ino neshwa bantu mingi ya africa ishe ya african.

Ino neshwa « Brasilia iko ichi ya african » hi na leta ubazi ubakuzi kumafikiri ya ma kabila hina leta tena zamani hili zamani ku uchunguo ma kanzi ya kipidi ya esclavate (ya batumua) na hile ya ma wazo ya ma kabila kati ya societe yeni kupita.

Atuwezi ku potesha mechio kua gliya matumihyo hi na vualaku bantu ya brasilia kuaza ya

african hi na olewa ku ukueli ku regard ina vualu ku yo hi nye we sa wa ichi, ku djua asema a na katoka »nalis » bantu na kwiikala na kukata ku beba ma « djina » bina lazama kazi ya fohida kufonika «(ifa nikwe) ku mapongo ya ma kodiba, hino neshwa (sula ya ichi) hi na ugana kueli kuko nyuma mu ku wanzakoti na ba elite seculaire ali ina dju wikana bantu zote iko pamodja, ina brasilia hahina mafua ya kubeba racisme ya sa zote, ku bamba cheo ya adisi na ku ichunga.

Moja mu mizizi structurale ya mamba hii mukokoti ya fixation ma sula ya ki aduhi ku environnement naturels na mia bantu ya Africa, hi na chegea pa ulaya ya sas kua ziya takiwa 15è siecle.

Kutadjini na kuya kuvu ya eographia ya sula na ya kuneya na hina oneshwa kuma tropiques hiri kuwa kuzidisha na asi ku considere mambo ya adisi ga ma facteur iko na badirika kupatana kua social na politiki moyo moyo kama iko kukutana ku bintu iko naturels

Mambo mubaya ya politiki ya distorsion na yasho ku one kana african iko fosi hi na kosa mana na makumbua bana ipa geographia na adisi ya ku soa kati ya ma adisi zote ya muntu ku geographia, tu na iza kusema , oli ya shini ya stematique ya continent africain kati ya mafudisho.

To na ona kuanza bitabu ya kazi ahina tazea ku bantu ya Africa pia ya Brasilia ben yewe africain. Ben yewe kazi ya mukini pia ya adisi ya mukini. Tena somo iko na tebeya sa kitu ya makabila oh yeni ku djuhikana.

Mawanza ihiiko na shikirisha ihi tendo iko na la bisha fosi ya makundji ,na ba bresilien ya kutoka apa African na eshima iko na kifukuzio ya kuleta mufano ya sa zote ya kudjenga sula ya yo hi nyewé kukomana, ni kufuania reference kunukini ya bia kueli, pap vilevile mu continent ya Africa;

Kati ya bitabu ya kazi ya geographia zote na kati pia ya atlas ya geographia. Africa iko poka muisho ya kitabu. Tena kobenza, mabo ihi bona weba ku African iko kidaka ku shiduiya ma continent zote . tu na wona pia kuku logoique mu organisation ya samondries yam u fuona ya publication mule ordre ya alphabet iko ineshimiwa. Geographia y a Africa iko ya muisho kufatiria, situation ihi iko.

Ihi kitu kia kupita iko na tu facilia ku kosa ku djua ya Bantu ya African ku mambo ya continent ya Africa. Tu na ona kueli kubadirika mu systeme ya masano kama vile African iko kitanda cia udjana ya ulimuengu musina hinapasi kufundiwa kia kuoza (ya damani).

Kipande kinene kia balimukina sabua kudjuwa ya kabahila iko na facilia African ku fosi ya he dani ya bitabu ya masomo, hile ya bose (kabahila) ya muzini ya kabohila, utebezi napia ku zolue ya Bantu ku bloc ya ma continent mukutembeya kuasa.

Atuwezi ku potesha mishio ku tosha geographia mu African, na kusabua kua Bantu ya kuanza kua African mu Bresilia , vile yile mu mikanda ya masomo , iko na na potikana kustratégie ya “busuku” pia motrice ya makabila apa African naku isha pashipo valeur mu structure ya Bantu ya Bresil. Malgres kubadirika kuigine kufika doni ya systeme dominant ma literature ku pona na ma achanisho na iko polepole.

Kama a hina na kubadirisha ku lefu mu konzi ya masomo.

Sa zote, tuku kubele ya ma suali ya adisi, hile, hinezi ku ya.

Kifukuzio kia damani kutazama Atlas géographique iko nidju ya madjengo kufitia cartographia na photographia, mukutazama kwa wingi, kupitia géographia na historiographia kwa kutazama udongo wa Africa na wilaya Afro-brasilia, dju ya kutawa msomeo mwema na kusikiliza kwema kwa kutunga kwa wilaya ya Brasilia na watu wake.

Kitabu iki kina vifindi saba vikubwa. Ya kwanza ina semee dju ya viungo viadamani via historiographia ya Africa, na zaidi dju ya mifano mikubua ya mafasi, fiya nay a utadjiri ya kati ya udongo, na mifalme na ufalme ndongo, na viungo via

pali ku fatana na matembei ya watu, ufomuya ki Africa .

Kutazamia America na ma wilaya ya iyi kia diaspora mu inchi ya Brasilia.

Kipindi kifatoya kina semee dju ya mwenendo ya kutawala wilaya yeni ku djulikana kati ya udongo wa Africa katika kipindi chia miaka mia ya kumi na kenda (19è siècle) kartazi za niuma yeni kutazamia “kutia uhuru” nay ale yeni kwangalia (ma pichia ya mipaka ya sasa ao leo) mukazi ya kiwilaya.

Kipindi chia ine kinaonesha ma onesho mbalombali (ya nay a weze kanayo) ya watu ya (matrcie) ya ki Africa mu inchi ya brasilia na piya wilaya ya Quilombos kwa wa kati wa leo.

Kutazamia ma oli ya fasi, ma swali ya kutambua naya kupewa udongo, magawaniko ya fasi dju ya wilaya ya Ki brazilia.

Kipindi chia muisho kina tazamia dju ya vuingo via kila kikundi ya kisiasa ya Africa. Viungo vieni kutajua niuma vitotumikishwa mu kazi iyi yeni kutegemea zaidi dju ya kazi kutafuta kati ya géographia, kati ya cartographia, kati ya photographia na kati ya histographia, kazi yenie kufanizwa ndani ya ma (institutions) mbalimbali mu inchi ya brasilia mu Africa piya na Europa.

Mtazamo iyo ina vikundi piya kowaida ya kuweka wazi kwa ma wilaya ya Quilombos na piya ya (Atelier) thematique matrcices)ya Africa, ya wilaya ya Ki Brasilia ma tenda ya kazi kutokeya “projet geographia Afro Bressilienne education et Amenagement du territoire” yeni ku kamilishwa ku university ya brasilia. Kati ya mipango ya past-doctorat cartogtraphia ya ma kabila, mu kupatana na (Musee Royale ya Africa) ya kati ya tervuren ya ubelgigi mwaka ya 2007 na 2008, na university ya Abidjan (Cote d'Ivoire) nay a Kinshasa (djamuhuri ya kidemocratia ya Congo) na ku chumba chia masomo ya fu ya ufahamu ya watu (Sciences Sociale)(EHEES-paris-France), na ku Musée ya utumwa ya Luanda (Angola) na miandiko ya zamini ya watu ata ma institutions mengine, kati ya inchi ya bahia , ya Rio ya Janeiro na Sao Paulo.

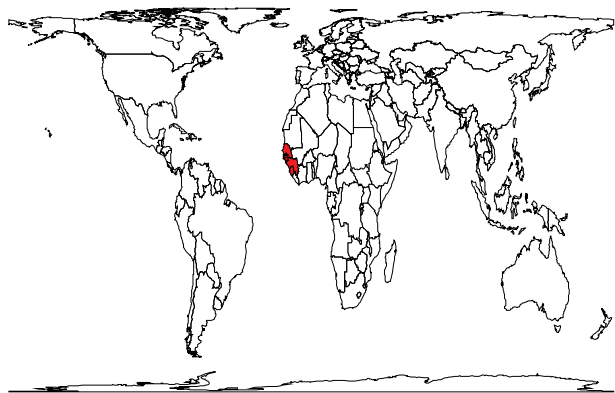
Projet Géographie Afro Brésilienne: madifunzo na matengenezo ya wilaya imeomba kwaali ya kutenda tangu miaka makumi ma wili na kati za miakia zote izi, tume fata musemo kusema midjumbe kati ya yo piya aiko ufahamu. Kilamara kupitia ma ufahama na ma technology, midjumbe inetu ruhusu ku ona ya kuamba tu na gisi ya kutowa usaidizi ku mabadiricho ya watu yenie kupingana na mabadiricho kwa watu na kuleta kati ya miongozadi ya sasa nay ale ya sio sikilizwa ya ali ya kutawola, tena dju ya kutowa neema ya kuitikiya mipango ya kweli kufukuzia kutenda ma badiriko kati ya onyo ya kuti ya watu pembeni ya (matrcices) ya ki Africa mu inchi ya Brasilia yeni tangu zamani.

Dju ya kitendo, Santos ana kumbusha ya kuamba “kitendo kinandikwa paka mu wa kati wa sasa , Akuna kitendo kwa wa kati wa sasa, akuna kitendo kwa wakati uliopita wala kidendo kia wakati itakapokuja, ilatu kitendo moja mu wakati wa sasa (Milton Santos 1998).



FOTOGRAFIA: DETALHE DE MÁSCARA SWAHILI, LUANDA, ANGOLA, 2008, PROF. RAFAEL SANZIO

APRESENTAÇÃO KRIOULA (ILHA BRAVA)



Brazil é um país contemporâneo que tem mas registro de referência de continente africano. « fora » de África. Três referências estavam gravadas, principalmente no território (urbano, rural, religioso, agrícola, comercial, cultural, tradicional, e mas outro dimensão possível de lugar) e principalmente na população e na língua que ali se fala. Tem tcheu kusa qui ta splica es relevância africano-brasileiro, mas três aspectos ta parceno pertinentes de destaca. Primeiro foi na grande metrópole colonial (Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Recife, São Paulo, e mas outo e na vários partes de todo o litoral do Brasil, onde foi desembarcado quase todo o cargo de ser humano de diferentes raças, diferentes culturas, e de diferentes países de África. História de humanidade que ta n'inregistra otos grandes transferências demográficas forçadas, que tinha tcheu massacre social, na todo o lado que staba envolvido (África-América) e mesmo na oceano Atlântico, entre século XV e XIX. Es ta stima entre 12 e 13 milhões kuma número de tráfico que era destinado pa « formação » e « ocupação » de « novo mundo » e é na Brazil que stá projetado mas de quatro milhões. Segundo aspecto stá ba pa ciclo econômico colonial (café, açúcar, buracha, algodão, cacau, fumo, mineração e mas outo) estruturado na força de trabalho e na tecnologia de referência africana durante quatro séculos (XVI-XIX) es ta revela todo dimensão e extensão territorial de « presença ampea » africana na formação do Brasil. E quel componentes estrutural que ta explicana pamodi stado Brasileiro na perspectiva de história foi un território mas ocupado pa scravo de « Novo Mundo » mesmo ku conflito político e contradição econômico-social. Un de kês evidências stá na sistema político que ta domina e que continua ta poi regime de scravo, mesmo dipos de « independência » de Portugal e ku es estratégia foi un de últimos que saí de scravo na América. Es li é só pa entendi kel extensão racista que ba ta consolida nós estrutura social complexa, contraditória e multifacetada. O terceiro componente estrutural stá associado na elevado contingente demográfico de matriz que ta existe na Brazil contemporâneo (97.000.000 de população nacional, Censo IBGE 2010) .ker dizer sou 50% de « país continental » e es li é kel mas grande registro estatístico de raça africana « fora » de continente africano. E é es « Brazil africano » que ten sido vítima de discriminação e preconceito étnico instaurado na país. Sobre tudo que ainda ten alguns práticas de regime de scravo e de racismo na sociedade dominante. Nu ka podê néga que de maneira kuma sistema nacional ta lida ku população Brasileira na verdade é de mesmo maneira kel ta lida ku sê pai : ta néga sê « riqueza » humana e cultural ; ta asumi cês « identidade » ta néga trabalho realizado pa otos raças que ta revela un « imagem de país » que ka coresponde ku realidade. Ali ta existi un atraso na mentalidade coletiva, e é li pomodi Brazil ka ta mesté asumi racismo como estratégia pa manteni poder histórico e conservador ». Un de kes raízes estrutural des problema stá na fixação de imagens hostilizadas pa meio ambiente e pa ser humano de África construído na « Europa moderna » a partir de século XV. Kel desenvolvimento e consolidação des « geografia de imagem e de dominação justificada de trópicos » é ba ta ser ampliadas e é ka ta consideraba kes processos históricos kuma fatores modeladores de organização social e política, mesmo diante de elementos de natureza. Un de kês efeitos políticos de distorção e de

invisibilidade de « Áfricas » é lugar insignificante e secundário que foi dedicado na geografia e na história de humanidade. De ponto de vista geográfico, não pode destacar a inferiorização sistemática de continente africano no processo de ensino. Primeiro na livros didáticos que ta ignora população africana e brasileira ku ascendência na África, kuma agentes ativos de formação territorial e kuma espécie de segregadora informal. Kel ideologia subjacente a es prática de ocultação e distorção de comunidades Brasileiras de referência africana e cês valores ten kuma objetivo que ka ta oferece modelo revelante que ta ajuda a construir un auto-imagem positiva, e ka ta dae referência de cês verdadeira territorialidade, li e, na continente africano. Na livros didáticos de geografia geral e na atlas geográficos, particularmente África e na kês últimos páginas de publicação e geralmente kun espaço de conteúdo a ser transmitido, menos que kês otos continentes. No ta verifica também si ka ten un lógica de distribuição de grandes continentes na sumários de três publicação, e também ordem alfabética é ka respeitado, geografia africana é geralmente último que ta ser estudado. O dano esta agravado pamodi geralmente programa de escola que stá feito e des forma « espaço » de África na plano educativo é ka feito na primeiro e ka efetivamente, estudado. Ali stá mas un questão que ta fazeno entendê kel dizeformação de população brasileira sobre África. No ta otcha un paradoxo estrutural na sistema escolar, un bes que continente africano kuma « berço » de antepassados de seres humanos, devia ser estudado de forma prioritária. De uns forma tcheu educadores ta skeci es informação fundamental ; que ta podê poi África na primeiro sumários de cópias educacionais que podia ser base territorial principal, pa explica kês movimento de dispersão-migração-adaptação humana na otos blocos continentais na longo de tempo.

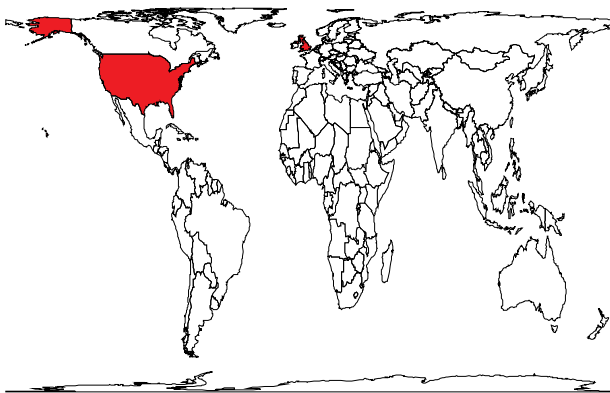
No ka podê perdê de vista é exclusão de geografia de África e kês desaparecimento de população de referência africana na Brasil, principalmente de livros didáticos, que ta fazê parte ainda de estratégia de « branqueamento » de matrizes étnicas africanas na estrutura de população Brasileira. Apesar de alguns alterações na sistema dominante e na literatura produzida, si ka ten alteração de « praxis » escolar, a desconstrução das desigualdades e de preconceitos ta ser lento. Entretanto kuma nu stá na diante de questão histórica nu podê tanto na presente como na futuro de educação Afro-Brasileira, mesté un posição midior na sector decisório de país. Construí ku recursos de cartografia, un panorama geográfico-histórico de referências de continente africano e de território Afro-Brasileiro, ta contribuí pa un oto « leitura » e « compreensão » de formação de território e de população de Brasil, é principal objetivo de Atlas Geográfico : África-Brasil. É publicação stae estruturada pa sete partes básicas. Na primeiro stá feito referência de alguns elementos de historiografia de África, principalmente aspectos de grandes tipos de ambiente e riqueza minerais; kês principal reino e império, kês componentes espaciais relevantes de deslocamento de população e conhecimento africano pa América , assim kuma, kês referências territoriais des « diáspora » na Brasil. Na kel oto parte é trata espacialidade de principais ciclos econômicos desenvolvidos na período colonial e de império, a cartografia ku kês registro de principais antigos quilombos de Brasil e un representação preliminar de geografia Etnográfica de matriz africana na país. Kês processos de dominação territorial verificado na continente africano no século XIX, kês processos de « libertação » e kês « novas fronteiras » desenhadas na função de imperialismo, stá tratados na parte III. Stá apresentado kês « possíveis » de população matriz africana na Brasil, assim kuma na contexto territorial de quilombos contemporâneos, particularmente na kês estruturas espaciais, kês perguntas de reconhecimento e titulação de terras e cês distribuição espacial na país.

Kês li é kês pontos estruturais tratados nês obra, que tem como principal referência pesquisas geográficas, cartográficas, e historiográficas realizadas na várias instituições na Brasil, na África, e na Europa. Ta fazê parte des publicação também kês componentes fundamentais de exposição cartográfica itinerante : África, Brasil, e três territórios de quilombos e de oficina temática : Matrizes Africanas de território Brasileiro, que ta constitui produtos estruturais de projeto geografia Afro-Brasileira-Educação e planejamento de território , desenvolvido na universidade de Brasília. Nês atlas geográfica stá também, registros principais de pesquisa realizadas e operacionalizados na programa de pós-doutorado na cartografia Étnica, junta de Museu Real de África central Tervuren Bruxelas Bélgica (2007-2008) asi kuma informações de levantamentos realizados na universidade de Abidjan (Côte d'Ivoire) e de Kinshasa (República Democrática do Congo) na arquivos históricos ultramarinos na Lisboa (Portugal), na Centre d'Etudes Africaines de l'Ecole des Hautes Etudes (EHESS-Paris- France), na museu nacional de escravidão na Luanda (Angola) e na arquivos públicas e na otos instituições na Estados de Bahia, Rio de Janeiro, e São Paulo. Nu tem tomado kuma premissa dipos de vinte anos "formais" de existência de projeto « geografia Afro-brasileira » : Educação e planejamento de território, que informação so pa é que ta significa conhecimento. Entretanto é ta releva que como tem auxílio de ciências e de tecnologias, que tem condições de colaborar na modificação de sociedades resistentes de mudanças sociais e na políticas pontuais e superficiais de sistema dominante sobretudo, pa subsidia adoção de medidas concretas na ação e na alteração de contexto secular de exclusão de população de matriz africana na Brasil. Sobre é ação Santos lembrá simplmente que: é ação é sempre presente, ka tem ação passada nem ação futura, tem só ó ação presente e ação de alguma forma ta resulta de escolhas (Milton Santos 1998)



FOTOGRAFIA: DETALHE DA ESCULTURA "TEREUS DE L'ARC" DE ARTHUR DUPAGNE (1895-1961), ETTERBEEK, BRUXELAS, BÉLGICA, 2008, PROF. RAFAEL SANZIO

APRESENTAÇÃO INGLÊS



Brazil is the most important contemporary country “outside” Africa with records of the African Continent references. These references are mainly stamped on its territories (urban, rural, religious, agricultural, commercial, cultural and traditional, among other possible dimensions of territorialisation), its population and idiom spoken. There are several structural components that explain this Afro-Brazilian relevance, yet, we understand that three of them deserve to be highlighted. Firstly, it was in the great colonial metropolises (Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Recife, and São Paulo, among others) and several ports spread by the vast coast of Brazil where the biggest contingents of human beings, from different ethnical groups, cultural origins, technologies and geographic contexts from the African Continent, were landed. The history of humankind has no record of any other event of mobility and forced demographic transfer, among both involved territories (Africa and America) and the Atlantic Ocean between the 15th and 19th centuries, which has resulted in such social massacre. Estimation shows around 12 to 13 millions as the possible number of persons who were part of the traffic dynamic that intended to “form” and “occupy” the “New World” and it was in Brazil where the highest rates were outlined, surpassing four millions.

A second aspect refers to the development of the great colonial economic cycles (coffee, sugar, rubber, cotton, cacao, tobacco and mining, among others) based on the African labour force and reference technology, during four centuries (16th to 19th), revealing the economical dimension and territorial extension of the African “abundant presence” in the construction of Brazil. Only these two structural components would allow us to understand why the Brazilian State, in a historical perspective, was the most completely proslavery territory of the “New World”, even with its political conflicts and social-economic contradictions. One of the evidences of this fact is the option for the dominant political system, which continued to impose the enslaver regime inclusively after “the independence” from Portugal, to the point that with this strategy, Brazil was one of the last countries to abolish the slavery in America. This is a basic premise to the comprehension of the racist and biased extension which is being consolidated in our complex, contradictory and multifaceted social structure.

The third structural component is associated to the elevated demographic contingent of African descendents that exists in contemporary Brazil (97.000.000 of the national population. Census IBGE. 2010), which is over 50% of the population of “the continental country”, and this is the highest statistical rate of African ancestry “outside” Africa. This “African Brazil” has been the main victim of the discrimination and ethnical prejudice, secularly established in the country by the maintenance of some practices of the proslavery regime and racist ideology of the dominant society. We must not lose sight of the fact that the way how the national system deals with the Brazilian population with African references is, indeed, the way how it deals with itself as a country: denying its human and cultural “wealth”, not taking over its “identities”, neglecting the work accomplished by other ethnical groups and revealing an “image of country” that does not come up with reality. There is backwardness of the common mentality and secular elites, a national

mistake, once Brazil no longer needs to assume the racism as a strategy to maintain the historical and conservative power.

Part of the structural roots of this problem is based on the fixture of offensive images towards the environment and human beings from Africa made by “Modern Europe”, from the 15th century on. The development and consolidation of this “Image and Justified Domination of the Tropics Geography” were being increased and did not take into account the historical courses as modelling factors of the social and political organisation, even in front of nature elements. One of the political effects of the distortion and invisibility of “the Africas” is the insignificant and secondary place that has been dedicated to its Geography and Historiography in all “Histories” of humankind.

From the geographic point of view, we may point out the systematic degradation of the African Continent when it comes to teaching. First of all, there are textbooks that ignore the African population and Brazilian person with African ancestry as active agents of the territorial and historical formation of the country. After that, schools have been working as some sort of informal segregationists. This underlying ideology, hidden behind this habit to occult and distort the Brazilian communities with African references and their values, aims to not provide, neither here nor in the African Continent, relevant models that would help to build a positive self-image and to not give references to their true territoriality either.

In books of General Geography and Geographic Atlas, Africa has been placed on their last pages and usually the content about it has a smaller space than about other Continents. We also verify that these sorts of publications have no logical criteria to distribute the great Continents in the summaries, what means that as the alphabetic order is not respected, the African Geography is commonly the last to be studied. The harm is aggravated because, most of time, the programme of schools is already limited due to their own demands, therefore Africa is not faced as priority in the educational planning and not even effectively studied.

This is another structural matter that allows us to understand the lack of information of the Brazilian population regarding to Africa. We verify a structural paradox in the school system, since the African Continent, as the “cradle” of the ancestors of human beings, should be the first to be studied. Somehow, a great part of teachers forgets this fundamental information, which could place Africa as the first in the summary of textbooks and turn it into the principal territorial base to be studied in order explain the dispersion movements migration human adaptation to the other Continents during the times.

We must not lose track of the fact that this exclusion of the Geography of Africa and apparent evanishment of the population with African references in Brazil, especially in textbooks, is also part of the strategy to “whiten” and abash the African ethnic groups among the Brazilian population. Despite of some changes of the dominant system and produced literature, without the modification of some “praxis” of schools, the deconstruction of inequalities and prejudices are going to be slow. However, as we are before pending historical matters, the “focus” of the Afro-Brazilian education, as much now as in a near future, must have a better approach by those who have the decision power in the country.

The main goal of the Atlas: *ÁFRICABRASIL* is to build, with cartography and photography resources, a geographic and historiographic panorama of the references of the African Continent and the Afro-Brazilian territory, with the purpose to contribute to a different “approach” and “comprehension” of the formation of the territory and population of Brazil. The publication is structured in four basic parts.

In the first Part, references to some fundamental elements of the Historiography of Africa are made, particularly the aspect of the great types of environment and mineral resources; the main kingdoms and empires, the relevant spacial

components of the population and African knowledge movements to America as well as territorial references of this “Diaspora” in Brazil. In the following Part, the spatiality of the main economical cycles developed during the colonial period (and the Empire), the historiographic and cartographic references of the most important ancient Quilombos of Brazil are discussed. The processes of territorial domination verified in the African Continent in the 19th century, the records of “liberations” and the “new borders traced” due to the Imperialism are dealt with at Part III. Afterwards, the representation of the “possible” population with African patterns in Brazil is presented such as the territorial context of the contemporary Quilombos, principally, spacial structures, recognition issues, property of the lands and its spacial distribution in the country.

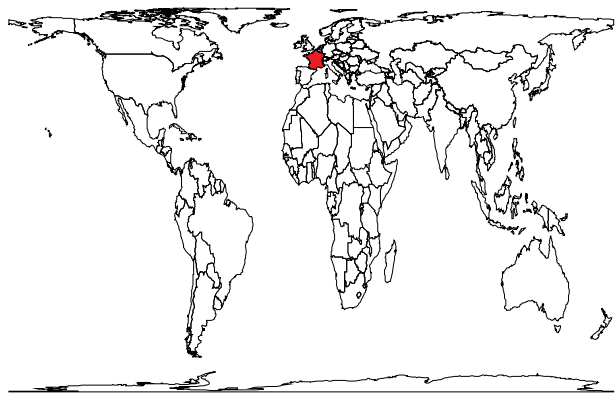
These are the structural matters approached by this work that has, as mains references, geographic, cartographic, photographic and historiographic researches developed in several institutions in Brazil, Africa and Europe. It is also part of this book, the fundamental components of the itinerant cartographic exhibition: Africa, Brazil and the Territories of the Quilombos and thematic workshop: African Groups in the Brazilian Territories, which are structural products of the Project Afro-Brazilian Geography Education and Planning, developed by the Universidade de Brasília (University of Brasília). This Geographic Atlas also contains the records of the main researches carried out by the Postdoctoral Programme in Ethnic Cartography before the Royal Museum for Central Africa Tervuren Brussels Belgium (2007 2008), such as information from the surveys carried out at the University of Abidjan (Côte d'Ivoire), the University of Kinshasa (Democratic Republic of the Congo), the Bibliotheque Royale de Belgique (Brussels), Ultramarine Historic Records Ultramarine Historic Record in Lisbon (Portugal), Centre de Etude Africaines da École de Autes Études (EHESS Paris France), National Museum for Slavery in Luanda (Angola), Offices of Public Records and other institutions in Bahia, Rio de Janeiro and São Paulo.

During the twenty years of “formal” existence of the project Afro-Brazilian Geography: Education and Planning, we have taken as an assumption that the information by itself does not mean knowledge. Notwithstanding, it reveals that, as support of the sciences and technologies, we have condition to contribute to the modification of the societies that are resistant to the social changes and to the punctual and superficial policies of the dominant system, essentially to help the adoption of concrete measures in order to take actions enabling to change the secular context of exclusion of the population with African patterns in Brazil. Concerning to the action, Santos reminds that: “The action is always present, there is no past action, nor future action, there is only present action. And the action, somehow, arises from choices.” (Milton Santos, 1998)



FOTOGRAFIA: DETALHE DE VASO SWAHILY, KINSHASA, R.D., CONGO, 2008, PROF. RAFAEL SANZIO

APRESENTAÇÃO FRANCÊS



Des pays contemporains non africains, le Brésil est celui qui possède le plus d'archives se référant à l'Afrique. Ces références sont présentes principalement dans ses territoires (urbain, rural, religieux, agricole, commercial, culturel, traditionnel entre autres) et surtout dans sa population et dans la langue parlée. Diverses composantes structurales expliquent l'importance de cette caractéristique africano-brésilienne. Il semble pertinent de mettre en avant trois aspects. Le premier concerne les grandes métropoles coloniales (Salvador, Rio de Janeiro, São Luis, Belém, Recife, São Paulo, entre autres) et les divers ports répartis tout au long de l'immense littoral brésilien, et où débarquèrent les plus importants contingents d'êtres humains originaires du continent africain et provenant de divers groupes ethniques et contextes géographiques, de diverses matrices culturelles et technologies. Entre le XV^{ème} et le XIX^{ème} siècle, cette mobilité et ce transfert démographique forcé ont induit un massacre social sans précédent dans l'histoire de l'humanité, cela aussi bien en Afrique, en Amérique que dans l'Océan Atlantique. Les estimations indiquent qu'entre 12 et 13 millions de personnes ont été probablement concernées par ce trafic ayant servi à « créer » et à « occuper » le « Nouveau Monde ». C'est au Brésil, semble-t-il, que ces chiffres sont les plus importants avec 4 millions de personnes.

Un deuxième aspect se réfère au développement des grands cycles économiques coloniaux (café, sucre, caoutchouc, coton, cacao, tabac, minerais, entre autres) qui se sont structurés grâce à une main-d'œuvre et une technologie d'origine africaine. Entre le XV^{ème} et le XIX^{ème} siècle, ces cycles traduisent la dimension économique et la forte présence africaine dans la formation du Brésil. À elles seules, ces deux premières composantes structurelles nous permettent de comprendre pourquoi l'État brésilien durant son histoire a été le territoire le plus esclavagiste du « Nouveau Monde », malgré les conflits politiques et les contradictions socio-économiques. Cela se traduit de façon évidente dans le choix du système politique dominant qui a continué à imposer un régime esclavocrate, même après l'indépendance, et en optant pour cette stratégie, a été l'un des derniers en Amérique à sortir de l'esclavage. Cet aspect constitue un point de départ pour comprendre la progression du racisme et des préjugés qui vont par la suite se consolider dans notre structure sociale caractérisée par sa complexité, ses contradictions et sa multiplicité.

La troisième composante structurale est associée au très important contingent démographique d'origine africaine présent dans le Brésil contemporain (97.000.000 de la population nationale. Recensement IBGE. 2010) c'est-à-dire sur de 50% d'un pays aux caractéristiques continentales et cela représente la plus forte population d'origine africaine en dehors de l'espace africain. C'est ce « Brésil africain » qui constitue la principale victime de la discrimination et du préjugé ethnique instauré depuis des siècles notamment par le maintien de certaines pratiques du régime esclavocrate et celui d'une idéologie raciste dans la société dominante. Nous ne pouvons pas perdre de vue que le regard que le système national porte sur la population brésilienne d'origine africaine

correspond en vérité au regard qu'il porte sur lui-même en tant que pays, à savoir qu'il nie sa « richesse » humaine et culturelle en se refusant d'assumer ses propres « identités », qu'il néglige l'importance du travail réalisé par d'autres matrices ethniques, montrant ainsi une « image du pays » qui ne correspond pas à la réalité. Il existe ainsi un retard dans la mentalité collective et celle des élites séculaires, une situation équivoque, puisque le Brésil n'a plus besoin d'assumer le racisme en tant que stratégie permettant le maintien d'un pouvoir historique et conservateur. Une des racines structurales de ce problème se trouve dans la fixation d'images hostiles aux environnements naturels et aux êtres humains d'Afrique, construites par l'« Europe Moderne » à partir du XV^{ème} siècle. Le développement et la consolidation de cette « Géographie de l'Image et de la Domination Justifiée des Tropiques » ont été amplifiés et ne considéraient pas les événements historiques comme des facteurs modelant l'organisation sociale et politique, même lorsqu'ils étaient confrontés aux éléments naturels.

Une des conséquences politiques de la distorsion et de l'invisibilité des « Afriques » est la place insignifiante et secondaire attribuée à sa Géographie et à son Historiographie dans toutes les « Histoires » de l'humanité.

Du point de vue géographique, nous pouvons souligner l'infériorisation systématique du continent africain dans l'enseignement. On remarque tout d'abord que les livres didactiques ne font aucune mention de la population africaine et des brésiliens d'origine africaine en tant qu'acteurs de la formation territoriale et historique du pays. Ensuite, l'école fonctionne comme un facteur de ségrégation informel. L'idéologie qui sous-tend cette pratique qui consiste à occulter ou à déformer la place des communautés brésiliennes d'origine africaine ainsi que leurs valeurs a pour objectif de ne pas offrir de modèles permettant de construire une auto-image positive, ni de faire référence à leur véritable territorialité, ici, et surtout sur le continent africain. Dans les livres didactiques de Géographie Générale et dans les Atlas géographiques, l'Afrique est toujours reléguée en fin d'ouvrage. En outre, le contenu de la partie qui lui est consacrée est toujours moindre que celui des autres blocs continentaux. On constate également qu'il n'existe pas de logique dans l'organisation des sommaires de ce type de publications, dans lesquels l'ordre alphabétique n'est pas respecté. La Géographie Africaine est ainsi généralement la dernière abordée. Cette situation est aggravée par le fait que le plus souvent, le programme scolaire se limite aux attentes des écoles. Par conséquent, ce thème ne constitue pas une priorité et dans les faits, il n'est jamais étudié. Cet élément supplémentaire nous permet de mieux comprendre le manque d'information de la population africaine à propos de l'Afrique. On constate alors un véritable paradoxe dans le système scolaire puisque le continent africain, breceau de l'humanité devrait être étudié de manière prioritaire. La grande majorité des éducateurs oublie cette information fondamentale qui permettrait à l'Afrique de retrouver sa place dans les manuels scolaires, celle d'une base territoriale principale permettant d'expliquer les mouvements de dispersion, de migration et d'adaptation humaine aux autres blocs continentaux au cours du temps.

Nous ne pouvons pas perdre de vue que cette exclusion de la géographie de l'Afrique et l'oubli manifeste des populations d'origine africaine au Brésil, surtout dans les manuels scolaires, fait partie d'une stratégie de « blanchiment » et à l'infériorisation des matrices ethniques africaines dans la structure de la population brésilienne. Malgré certains changements survenus dans le système dominant et la littérature produite, la déconstruction des inégalités et des préjugés sera lente si elle ne s'accompagne pas de modifications profondes dans les pratiques scolaires.

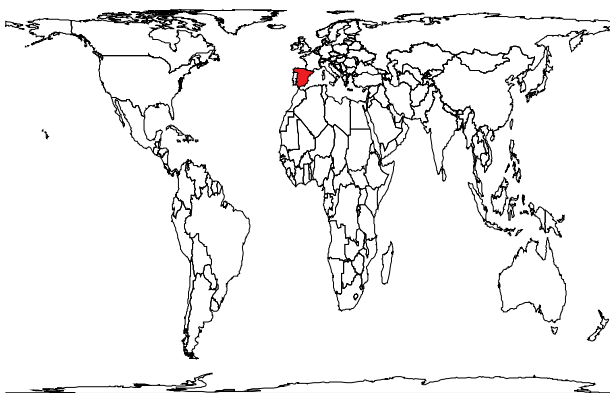
Toutefois, nous nous trouvons face à des questions historiques qui, pour être résolues,

devront passer par un repositionnement immédiat de l'éducation afro-brésilienne dans les secteurs décisionnels du pays.

L'objectif principal de l'Atlas Géographique : AFRIQUEBRÉSIL est de construire, à l'aide de la cartographie et de la photographie, un panorama géographico-historiographique des références au continent africain et au territoire afro-brésilien, afin de contribuer à une meilleure « lecture » et une meilleure « compréhension » de la formation du territoire brésilien et de sa population. Cet ouvrage est structuré en quatre grandes parties. La première fait référence à certains éléments fondamentaux de l'historiographie africaine, principalement ceux qui concernent les grands types de milieux et les richesses minérales, les principaux royaumes et empires, les composantes spatiales relatives aux déplacements de populations, les connaissances africaines concernant l'Amérique ainsi que les références territoriales de cette « diaspora » au Brésil. La partie suivante traite de la spatialité des principaux cycles économiques développés au Brésil durant la période coloniale et celle de l'Empire, de la cartographie présentant les registres des principaux quilombos anciens au Brésil ainsi qu'une représentation préliminaire de la Géographie Ethnographique de la matrice africaine dans ce même pays. La troisième partie aborde les processus de domination territoriale identifiés dans le continent au XIX^{ème} siècle, les archives concernant « l'affranchissement » et celles qui se réfèrent au « dessin des nouvelles frontières » en fonction de l'Impérialisme. La quatrième partie présente diverses représentations « possibles » de la population de matrice africaine au Brésil ainsi que le contexte territorial des quilombos contemporains, principalement leurs structures spatiales, les questions de reconnaissance et d'attribution des terres, leur distribution spatiale sur le territoire brésilien. Les éléments structurels précédemment évoqués seront traités dans ce travail qui s'appuie principalement sur des recherches en géographie, en cartographie, en photographie et en historiographie menées dans diverses institutions, au Brésil, en Afrique et en Europe. Cette publication comprend également les composantes fondamentales de l'exposition cartographique itinérante intitulée : « L'Afrique, le Brésil et les territoires des Quilombos » ainsi que celles de l'atelier thématique : « Matrices africaines du territoire brésilien », deux productions issues du « Projet Géographie Afro-Brésilienne Éducation et Aménagement du Territoire », développé à l'Université de Brasília. On trouve également dans cet Atlas Géographique les principales données provenant des recherches mises en place et réalisées dans le cadre du Programme de Post-Doctorat en Cartographie ethnique, en collaboration avec le Musée Royal de l'Afrique Centrale de Tervuren en Belgique en 2007 et 2008, ainsi que les informations provenant des études menées dans les Universités d'Abidjan (Côte d'Ivoire) et de Kinshasa (en république démocratique du Congo), à la Bibliothèque Royale de Belgique (Bruxelles), aux Archives Historiques d'Outre-mer de Lisbonne (Portugal), au Centre des Etudes Africaines de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS Paris France), au musée de l'Esclavage à Luanda (Angola) et aux archives publiques tout comme dans d'autres institutions, dans les états de Bahia, de Rio de Janeiro et de São Paulo.

Le Projet Géographie Afro-Brésilienne: Éducation et Aménagement du Territoire existe de façon formelle depuis vingt ans et durant toutes ces années, nous avons suivi le principe selon lequel les informations en elles-mêmes ne sont pas synonymes de connaissances. Toutefois, à l'aide des sciences et des technologies, ces informations nous permettent de découvrir que nous avons les moyens de contribuer à la modification des sociétés opposées aux changements sociaux et d'intervenir au sein des politiques ponctuelles et superficielles du système dominant, notamment, afin de favoriser l'adoption de mesures concrètes visant à agir en altérant un contexte d'exclusion de la population de matrice africaine au Brésil existant depuis des siècles. A propos de l'action, Santos rappelle que « l'action s'inscrit toujours dans le présent, il n'y a ni action passée ni action future, seulement un action dans le présent. » (Milton Santos, 1998).

APRESENTAÇÃO ESPANHOL



Brasil es el más importante país contemporáneo con registros de las referencias del continente africano “fuera” de África. Las referencias están grabadas, principalmente en sus territorios (urbano, rural, religioso, agrícola, comercial, cultural, tradicional, entre otras dimensiones posibles de la territorialización) y, sobretudo en su población y en la lengua que hablamos. Son varios los componentes estructurales que explican la importancia africano-brasileña, pero tres son las características que debemos de destacar.

Primer, fueron en las grandes metrópolis coloniales (Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Recife, São Paulo y otras) y en los varios puertos que están localizados en el extenso litoral de Brasil, en donde fueron desembarcados las mayores cantidades de seres humanos de diferentes grupos étnicos, matrices culturales, tecnologías y contextos geográficos del continente africano. La historia de la humanidad no registra otro gran evento de movilidad y transferencia demográfica en que se usó la fuerza, que tenga presentado este nivel de mortandad social, en las dos orillas de los territorios que estaban envueltos (África y América) y en propio océano atlántico, entre los siglos XV y XIX. Los cálculos señalan entre 12 y 13 millones como el número probable de la dinámica del tráfico para la formación y ocupación de “Nuevo Mundo” y es en Brasil donde están proyectadas las mayores estadísticas, que ultrapasan los cuatro millones.

Un según aspecto se refiere al desarrollo de los grandes ciclos económicos coloniales (café, azúcar, caucho, algodón, cacao, humo, mineralización y otros) estructurados en la fuerza del trabajo y en la tecnología de referencia africana, al paso de cuatro siglos (desde XVI hasta XIX) y que muestran la dimensión económica y la extensión territorial de la “amplia presencia” africana en la formación de Brasil. Solamente esos dos componentes estructurales permiten que entendamos porque el Estado brasileño, en una perspectiva histórica, fue el territorio que se tornó el mayor esclavista del “Nuevo Mundo”, mismo existiendo los conflictos políticos y contradicciones sociales y económicas. Una de las evidencias está en la opción del sistema político que dominaba de continuar imponiendo el régimen de servidumbre mismo después de la “independencia” de Portugal, y con ésta estrategia fue uno de los últimos a salir de la esclavitud en América. Ésta es una verdad básica para la comprensión de la amplitud de la discriminación racial y del preconceito que va a ser consolidado en nuestra estructura social compleja, contradictoria y con muchas facetas.

El tercer componente estructural se refiere al elevado contingente demográfico de la matriz africana existente en Brasil contemporáneo (97.000.000 de la población nacional. Censo IBGE.2010), eso significa encima 50% del “país continental”, y este es el mayor registro estadístico de la ascendencia africana “fuera” del espacio de África. Es este el “Brasil africano” que ha sido la principal víctima de la discriminación y preconceito étnico establecido en pasar de siglos en el país, principalmente por la manutención de algunas prácticas del régimen esclavista y de la ideología racista en la sociedad dominante. No se puede perder de la visión que la manera como el sistema nacional se relaciona con la población brasileña de referencia en África es en verdad la forma como se relaciona consigo mientras país: niega su riqueza en humano y cultural, no asume las suyas

“identidades”, omitiendo el trabajo realizado por las otras matrices étnicas y revelando un “imagen de país” que no corresponde a la realidad. Existiendo ahí un retraso en la mentalidad colectiva y de las elites seculares, un equívoco nacional, pues Brasil no necesita asumir el racismo como estrategia para mantener el poder histórico y conservador.

Una de las raíces estructurales de este problema está en la fijación de las imágenes hostilizadas a la naturaleza y a los seres humanos de África, construidas en “Europa Moderna” comenzando en siglo XV. El desarrollo y consolidación de ésta “Geografía del Imagen y de la Dominación Justificada de los Trópicos” acabó siendo agrandadas y no consideraban los procesos históricos como factores que modelan la organización social y política, mismo delante de los elementos de la naturaleza. Uno de los efectos políticos de la distorsión y de la invisibilidad de las “Áfricas” es hogar insignificante y secundario que fue dedicado a la suya Geografía y su Historiografía en todas las “historias” de la humanidad.

Pensando de manera geográfica, podemos percibir la devaluación sistemática del continente africano en el proceso de enseñanza. Primero son los libros didácticos, que no se preocupan con la población africana y el brasileño con ascendencia en África, como agentes activos de la formación territorial e histórica del país. Después, la escuela tiene promovido la segregación de manera informal. La ideología que subyace la práctica de ocultación y distorsión de las comunidades brasileñas de referencia africana y sus valores tienen como objetivo no ofrecer modelos relevantes que ayuden a construir una imagen propia positiva, y no dar referencia a su verdadera territorialidad, acá y, sobretudo en el continente africano.

En los libros didácticos de Geografía General y en los Atlas Geográficos, de forma particular, el África está puesto en las partes finales de la publicación y generalmente con un espacio de contenido a ser transmitido bien menor que los otros bloques continentales. Hemos visto, también, que no existe una lógica de distribución de los grandes continentes en los sumarios de esos tipos de publicaciones, lo que significa que como el orden alfabético nos es respetada, la Geografía africana é generalmente la última que se estudia. El daño se agrava porque generalmente el programa escolar ya es restricto a las demandas de la escuela y, de esta forma, el “espacio” de África en el planeamiento educacional no es priorizado y, ni efectivamente, estudiado.

Ahí está más una de las cuestiones estructurales que nos permiten entender la desinformación de la población brasileña sobre el África. Verificamos una paradoja estructural en el sistema escolar, una vez que el continente africano, como “cuna” de los antepasados de los seres humanos, debería de ser estudiado de forma prioritaria. De alguna manera, la significativa mayoría de los educadores se olvidan de ésta información fundamental, que podría poner el África como el primer en los sumarios y compendios educacionales y sería la base territorial principal, para explicar los movimientos de dispersión migración adaptación humana en los otros bloques continentales al largo de los tiempos.

No se puede pasar desapercibido que esa exclusión de la Geografía del África y el aparente desaparecimiento de las poblaciones de referencia africana en Brasil, principalmente en los libros didácticos, hace parte, aún, de la estrategia del “blanqueamiento” y aumento de la inferioridad de las matices étnicas africanas en la estructura de da población brasileña. No obstante algunas alteraciones en el sistema dominante y en la literatura producida, sin alteración de la “praxis” escolar, la desconstrucción de las desigualdades y de los preconceitos serán tardos. Mientras estamos adelante cuestiones históricas pendientes, el “centro” tanto en el presente, como para el futuro cerca de la educación afro-brasileña necesita tener mejor configurada en el sector de decisiones del país.

Construir con recursos de la cartografía y de la fotografía, un panorama geográfico-historiográfico de las referencias del continente africano e del

territorio afro-brasileño, buscando contribuir a otra lectura y comprensión de la formación del territorio y de la población de Brasil é el principal objetivo del Atlas: AFRICABRASIL. La publicación está estructurada en cuatro Partes básicas.

En la primera, son realizadas referencias de algunos elementos fundamentales de la historiografía de África, principalmente los aspectos de los grandes tipos de ambientes y riquezas minerales, los principales reinos e imperios, los componentes espaciales relevantes de los desplazamientos de las poblaciones y conocimientos africanos para América, así como las referencias territoriales de esa “diáspora” en Brasil. En la parte siguiente son tratadas la espacialidad de los principales ciclos económicos que se desarrollaron en el período colonial (y del Imperio) y, también, referencias historiográficas y cartográficas de los registros de los principales quilombos antiguos de Brasil. Los procesos de dominación territorial visto en continente africano en siglo XIX, los registros de “liberación” y las “nuevas fronteras dibujadas” en función del Imperialismo, son tratadas en la Parte III. Siguiendo, son presentadas las representaciones “posibles” de la población de matriz africana en Brasil, así como, el contexto territorial de los quilombos contemporáneos, particularmente las suyas estructuras espaciales, las cuestiones del reconocimiento y titulación de las tierras y su distribución espacial en el país.

Esos son puntos estructurales discutidos en el vientre de esa obra, que tiene como principales referencias las pesquisas geográficas, cartográficas, fotográficas e historiográficas realizadas en varias instituciones en Brasil, en África y en Europa. Hace parte de esa publicación, también, los componentes fundamentales de la exposición cartográfica itinerante: “El África, el Brasil y los Territorios de los Quilombos” y de la oficina temática: “Matrices Africanas del Territorio Brasileño” que constituyen productos estructurales del proyecto: “Geografía Afro-Brasileña Educación y Planeamiento del Territorio”, desarrollado en la Universidad de Brasilia. En ese Atlas Geográfico están, también, los principales registros de las pesquisas realizadas, pensadas y hechas en el Programa de Pos-Doctoramiento en Cartografía Étnica, junto al Museo Real de África central Tervuren Bruselas Bélgica (2007-2008), así como, informaciones de los levantamientos realizados en las Universidades de Abidjan (Côte d'Ivoire) y de Kinshasa (Republica Democrática del Congo), en la Bibliotheque Royale de Belgique (Bruselas), en los Archivos Históricos Ultramarinos en Lisboa (Portugal), en el Centre de Etude Africaines da École de Autes Études (EHESS Paris Franca), en el Museo Nacional de la Esclavatura en Luanda (Angola) y en archivos públicos y otras instituciones en los Estados de Bahia, Rio de Janeiro y São Paulo.

Tenemos corrido como verdad inicial, al largo de los veinte años “formales” de existencia del Proyecto Geografía Afro-Brasileña: Educación y Planeamiento del territorio, que las informaciones solas no significan conocimiento. Mientras, ellas revelan que como la ayuda de las ciencias y de las tecnologías, que tenemos condiciones de colaborar en la modificación de las sociedades resistentes a los cambios sociales y en las políticas puntuales y superficiales del sistema dominante, sobretudo, para subvencionar la adopción de medidas concretas en la acción y en la alteración del contexto secular de exclusión de la población de matriz africana en Brasil. A respeto de la acción, Santos recuerda simplemente que: “La acción é siempre presente, no hay acción pasada, ni acción futura, hay solamente acción presente. Y acción de alguna manera, resulta de selecciones” (Milton Santos, 1998).



FOTOGRAFIA: DETALHE DE TAMBOR SWAHILY, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008, PROF. RAFAEL SANZIO

PARTE I

ÁFRICA

AMBIENTE, OS ANTIGOS ESTADOS
POLÍTICOS E AS REFERÊNCIAS TERRITORIAIS
DOS DESLOCAMENTOS PARA A AMÉRICA E O BRASIL

MOVIMENTAÇÃO DOS GRANDES BLOCOS CONTINENTAIS

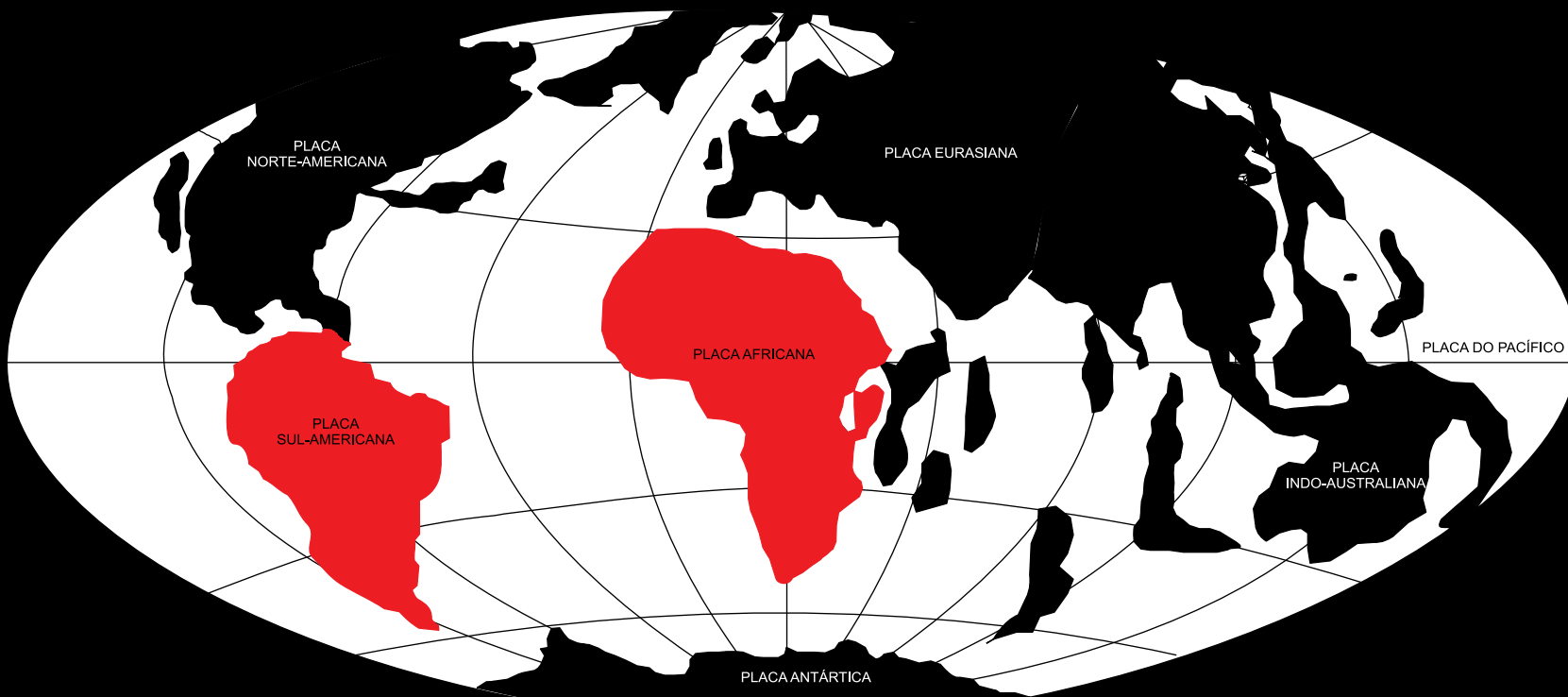
1- A TERRA HÁ 200 MILHÕES DE ANOS



2 - A ESTRUTURA DOS CONTINENTES NA ATUALIDADE (SÉCULO XXI)

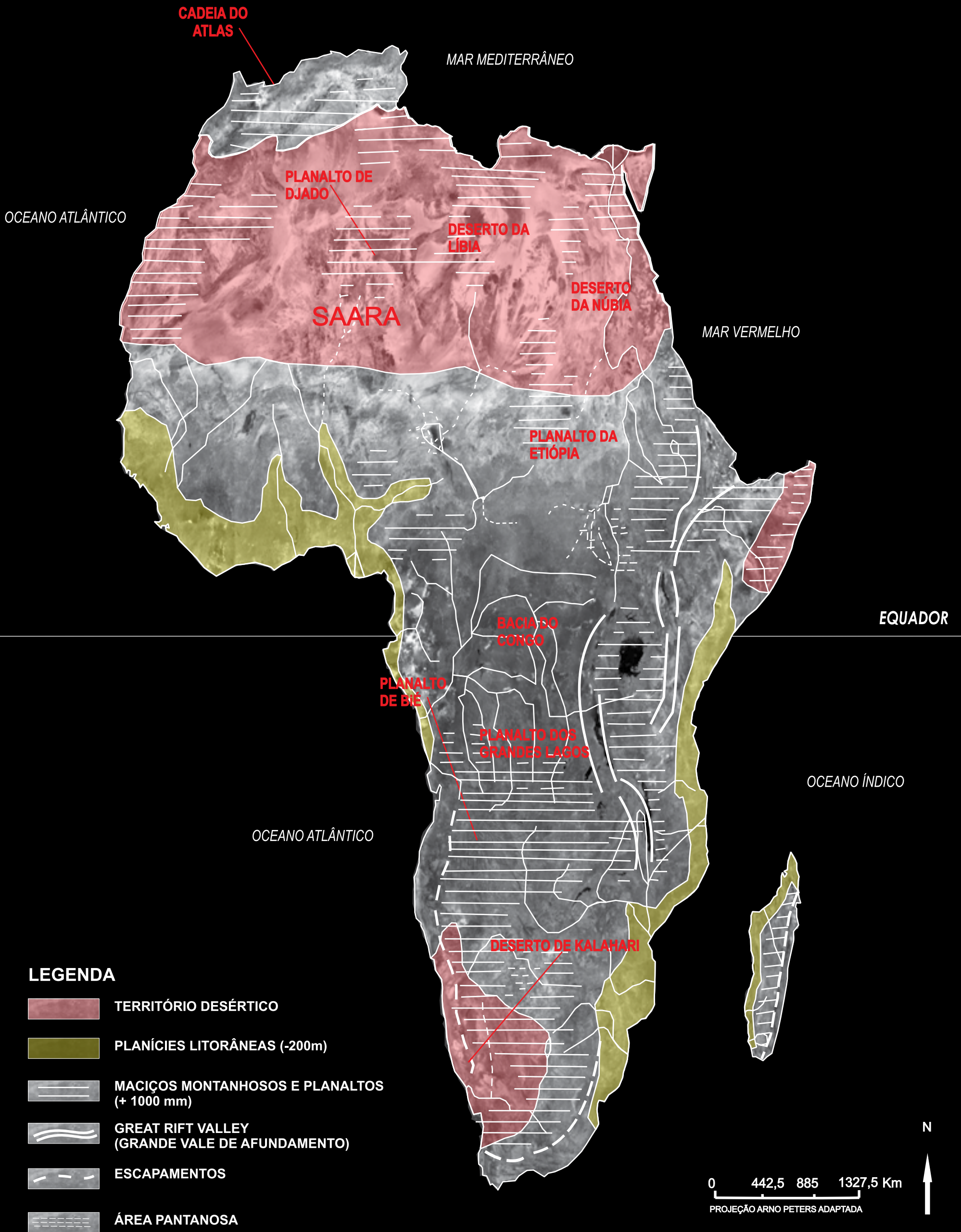


3 - OS BLOCOS CONTINENTAIS DAQUÍ A 10 MILHÕES DE ANOS



ÁFRICA

QUADRO MORFOLÓGICO



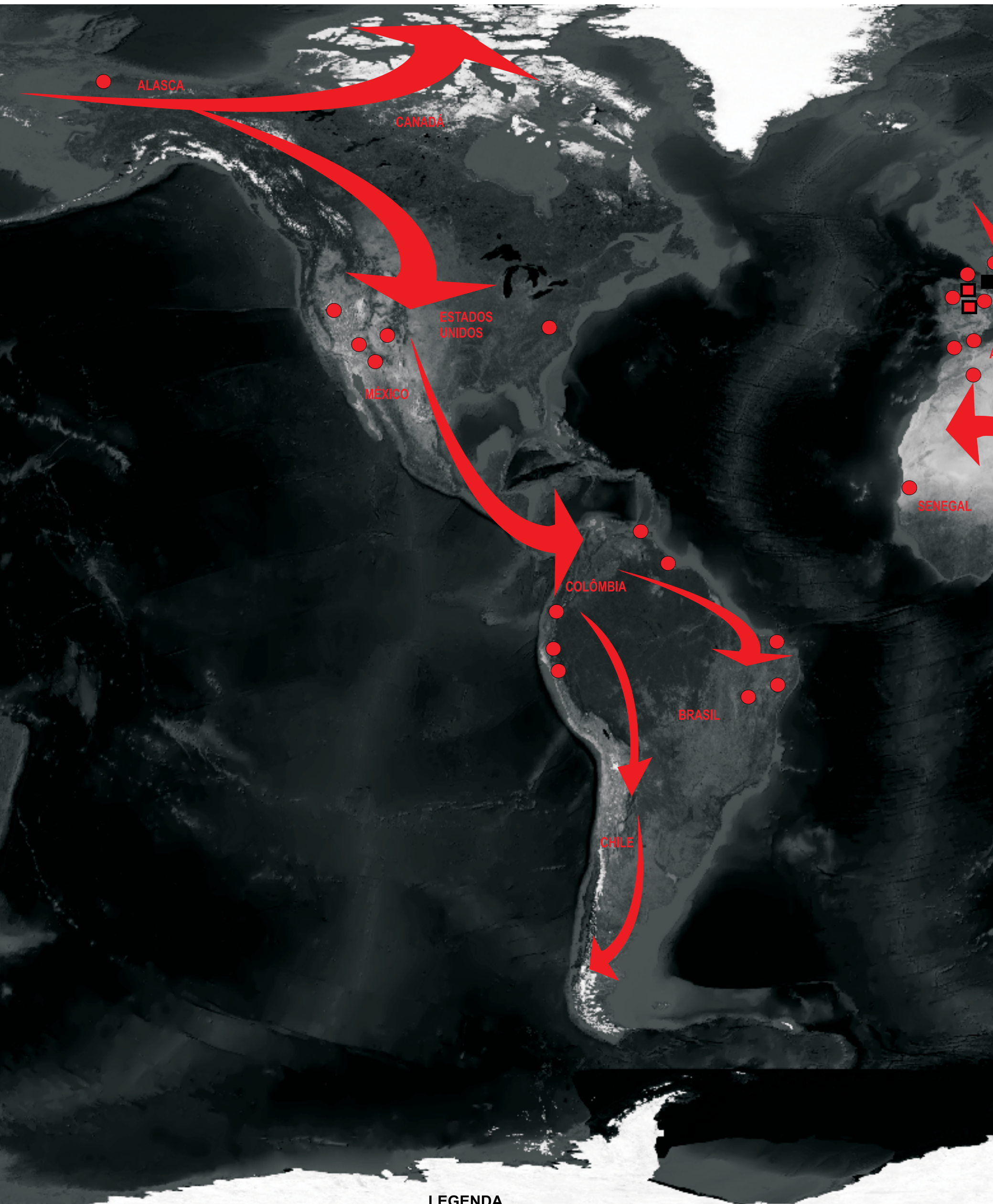
LEGENDA

- TERRITÓRIO DESÉRTICO
- PLANÍCIES LITORÂNEAS (-200m)
- MACIÇOS MONTANHOSOS E PLANALTOS (+ 1000 m)
- GREAT RIFT VALLEY (GRANDE VALE DE AFUNDAMENTO)
- ESCAPAMENTOS
- ÁREA PANTANOSA

0 442,5 885 1327,5 Km
 PROJEÇÃO ARNO PETERS ADAPTADA



SÍNTESE DOS PRINCIPAIS MOVIMENTOS



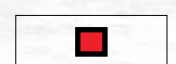
LEGENDA



GRANDES PERCURSOS DO *HOMO SAPIENS*



HOMO SAPIENS (A PARTIR DE -200.000)



HOMEM DE NE

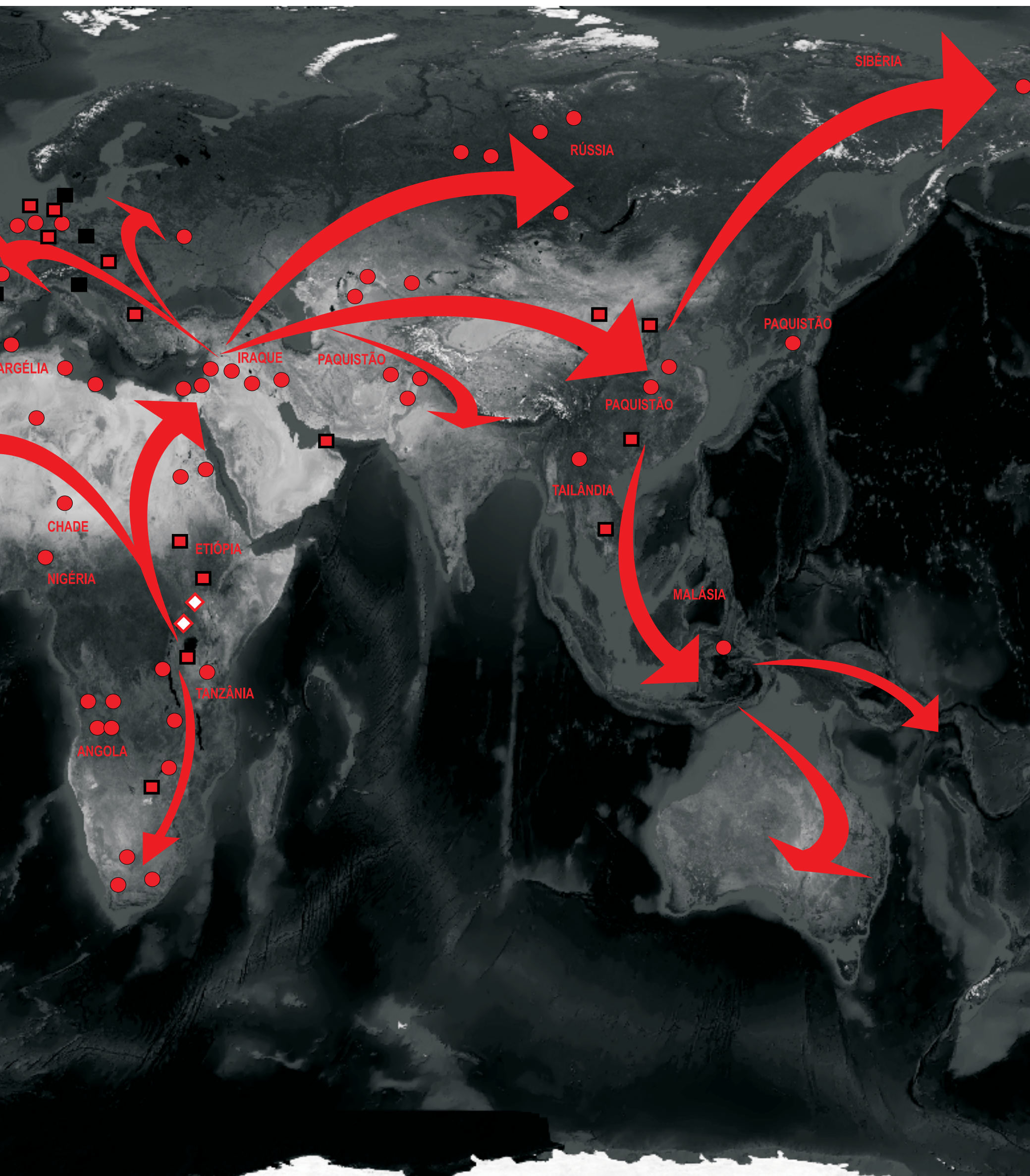


HOMO ERECTU

MOSAICO DA IMAGEM DE SATÉLITE: BLUE MARBLE NEXT GENERATION, NASA EARTH OBSERVATORY
MODELAGEM CARTOGRÁFICA: GEOG. RAFAEL SANZIO ARAÚJO DOS ANJOS. PROJETO GEOG.

FONTE: SANTON, K. & MCKAY, L. ATLANTE STORICO MONDIALE. MILANO, 2007, 320P. / ATLAS DES MIGRATIONS LE MONDE HORS-SÉRIE, F

DA PRIMEIRA DIÁSPORA AFRICANA NO MUNDO



ANDERTAL (-400.000 A - 300.000)



HOMO HABILIS (-2,5 A 1,3 MILHÕES)

US (-1.7 MILHÕES A - 450.000)



NOME DE PAÍS CONTEMPORÂNEO / DOMÍNIO TERRITORIAL DE REFERÊNCIA DE SÍTIO ARQUEOLÓGICO

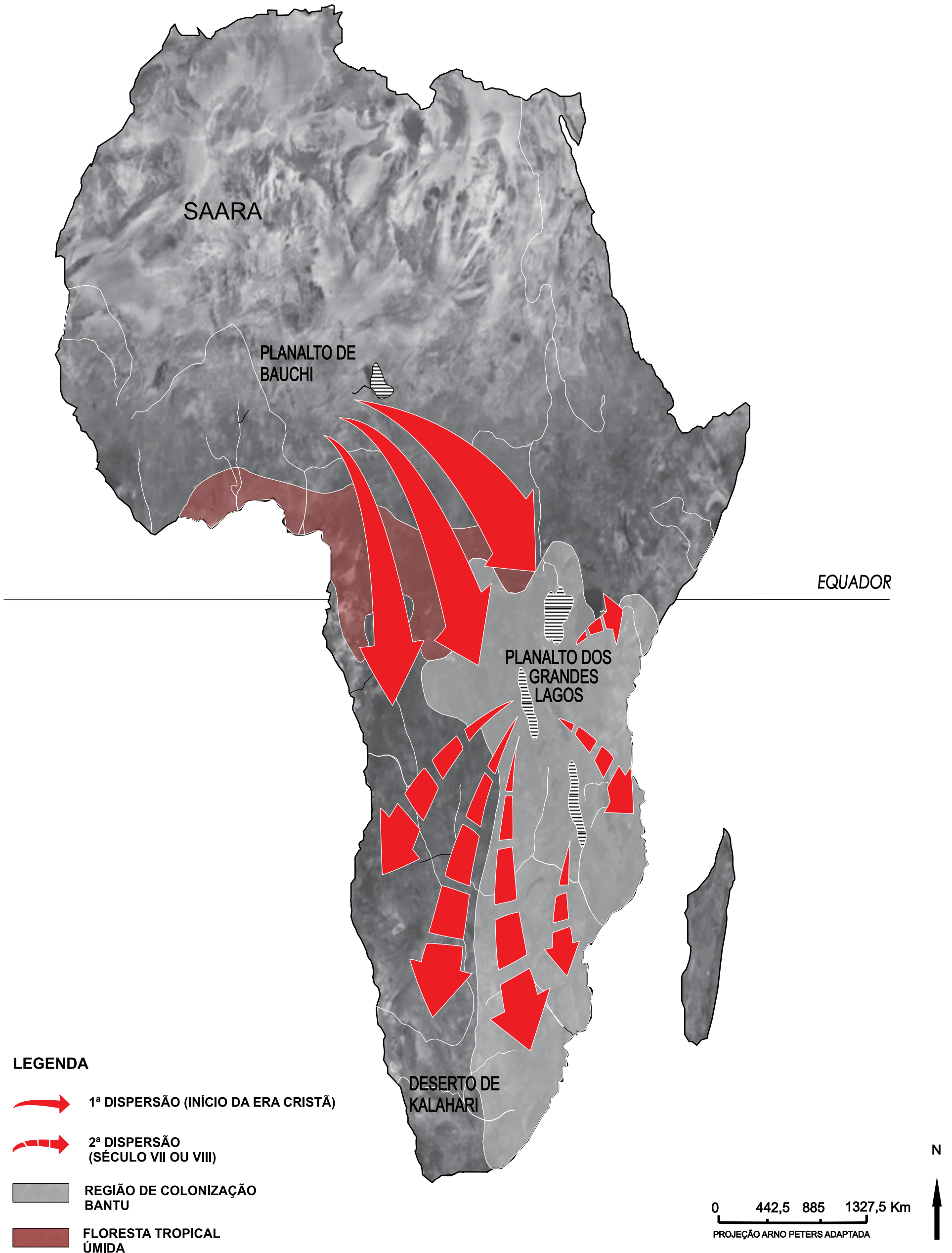
0 800,5 1601,1 Km

PROJEÇÃO CARTOGRÁFICA: ARNO PETERS ADAPTADA



ÁFRICA

PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LÍNGUAS BANTUS



A África é o continente mais importante no suporte e na manutenção da organização resultante do mundo nos últimos cinco séculos, particularmente na formação do Novo Mundo. O Brasil é a unidade política contemporânea que registra as maiores estatísticas de importação forçada ao longo dos séculos XVI a XIX. Dessa forma, o território africano é um componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel da população de ascendência africana na sociedade brasileira e não pode deixar de ser entendido como um espaço produzido pelas relações sociais ao longo da sua evolução histórica, suas desigualdades, contradições e apropriações que as sociedades fizeram, e ainda o fazem, dos recursos da natureza, das referências tecnológicas e matrizes culturais. As populações do hemisfério norte e seu processo de dominação e exploração do continente a partir do século XV acabaram por fixar uma imagem hostil dos trópicos, contexto que ainda se mantém, com algumas ressalvas.

A Zona Tropical e/ou Intertropical, e ainda denominada Tórrida, localizada entre os Trópicos de Câncer e Capricórnio, e caracterizada como homogênea, foi o espaço mundial mais fortemente estereotipado, associado a um ambiente de difícil viver e fortemente hostilizado. Não somente os seres humanos e os animais vão ser marcados secularmente por uma configuração de selvageria, mas também os produtos tropicais como a banana, o côco, o abacaxi, dentre outras frutas, vão ser associadas a algo improcedente. Sempre com um olhar de sociedades atrasadas e, portanto, necessitados de “ensinamentos”. O processo civilizatório e de desfiguração dos territórios e das sociedades do “Mundo Tropical” vão ser os principais condutores das novas dinâmicas continentais que vão se estabelecer a partir do século XV. Esta “Geografia da Imagem Distorcida e da Dominação Justificada dos Trópicos” foi sendo ampliada e não considerava os processos históricos como fatores modeladores da organização social e política, mesmo diante dos elementos da natureza. Um dos efeitos políticos da distorção e da invisibilidade da África nas estratégias do sistema dominante é o lugar insignificante e secundário que foi dedicado à sua Geografia e sua História na evolução da humanidade.



ESTRUTURA GLOBAL DAS ZONAS HOMOGÊNEAS. PEDRO APIAN. COSMOGRAPHICUS LIBER, LANDSHUT, 1524.



FOTOGRAFIA ANÔNIMA: LOCALIDADE MONGO BERINGA - EQUADOR - BACIA DO CONGO, ENTRE 1896 - 1899. COLEÇÃO MRAC, AP.0.0.9342

Tabula hec Regionis magni brasiliæ est. Ad partem occidentales
 Annias castelle regis obtinet. Bene uero eius iugrescentis colonis.
 fera & immantissima caribus humanis uescitur. Hec eadem gens aru
 & saginis egregie utitur. Hic ptyrae uerhi doctores atque innumere a
 nes feræ monstruose. et Scymia. in plura genera reperiuntur. plit
 rimaque arbor nascitur que brasili uincupata ueshibus purpureo colo
 re tingendis opportuna censetur.

CIRCV

LV



TER BRASILI

CLIMA

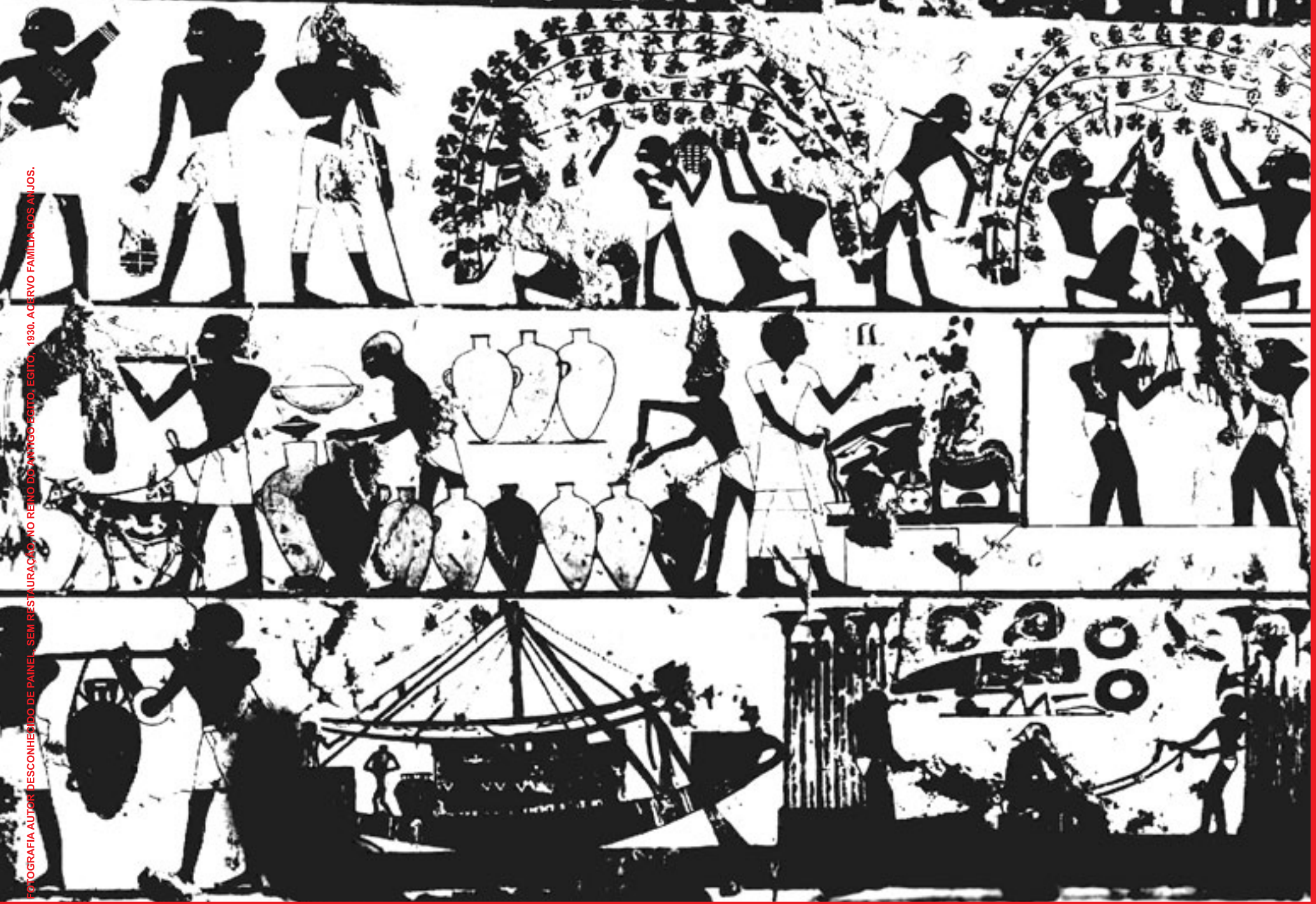
CLIMA

Os antigos Estados políticos do continente africano, componente fundamental para a compreensão da amplitude das formas de organização social, política e territorial das populações e sociedades africanas, constituem um dos componentes fundamentais e dos mais relevantes da sua historiografia, sobretudo por possibilitar o entendimento dos antigos impérios, reinos, chefarias e demais formas de organização territorial e das fronteiras geopolíticas. Estas organizações territoriais e políticas, que, preconceituosamente, foram e ainda o são, denominados de “tribos”, devem ser entendidas como núcleos espaciais de grupamentos humanos de domínio, com limites bastantes fluidos, que alcançam maior ou menor extensão territorial segundo o nível de autoridade e dinamismo dos governantes. Suas populações alcançavam milhares de habitantes, portanto jamais poderiam ser chamadas de “tribos”. Essas expressões não designam, um Estado político nos padrões ocidentais, caracterizados por fronteiras rígidas e limites geométricos precisos.

Rafael Sanzio, 2008



FOTOGRAFIA AUTOR DESCONHECIDO DE PAINEL SEMI PRES TAURACAO NO REINO DO KONGO-EGITO, EGITO, 1930. ACERVO FAMILIA DOS ANJOS.



MAPA ANTIGO DOS REINOS DO CONGO, ANGOLA E BENGUELA. SÉCULO XVIII - FRANÇA. CERVO FAMILIA DOS ANJOS



FOTOGRAFIA: DETALHE ESCULTURA DE GUERREIROS DO ANTIGO REINO DO CONGO. MUSEU REAL DA ÁFRICA CENTRAL, TERYUREN, BÉLGICA. 2008. PROF. RAFAEL SANZIO

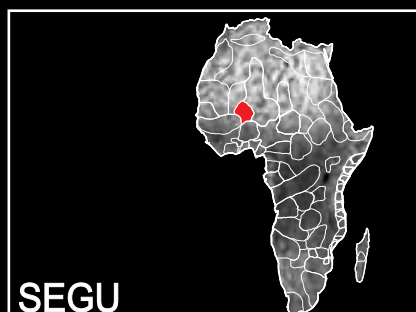
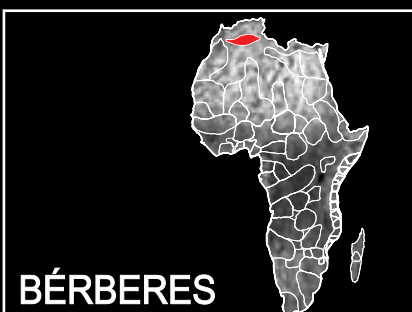
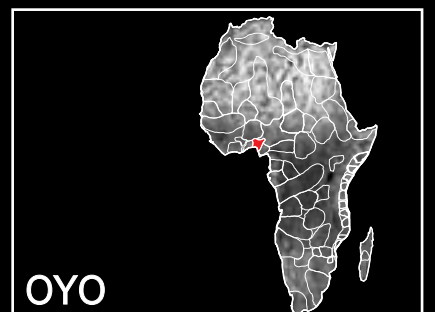
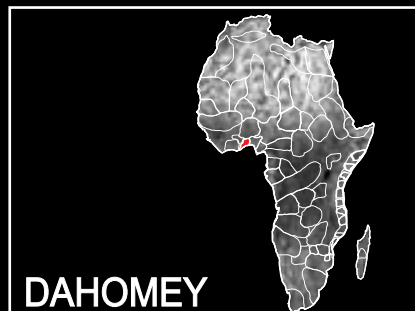
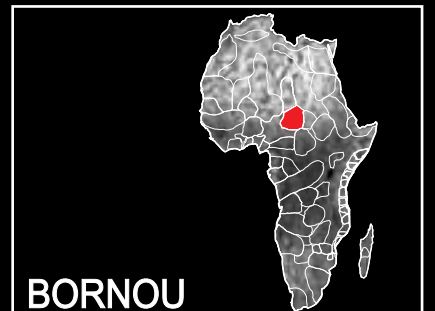
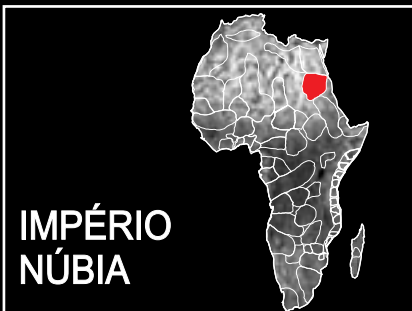
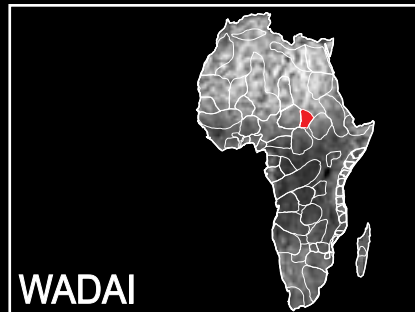
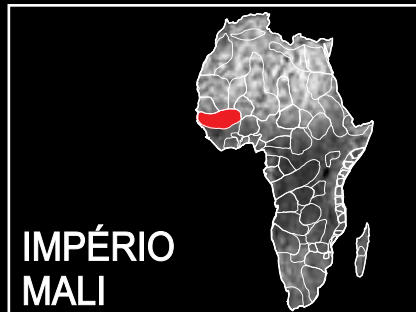
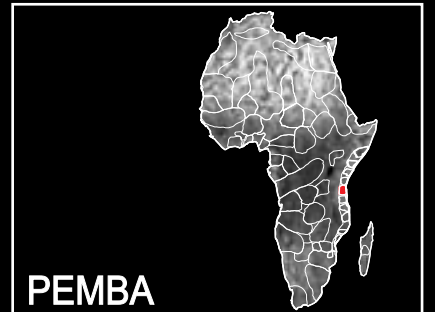
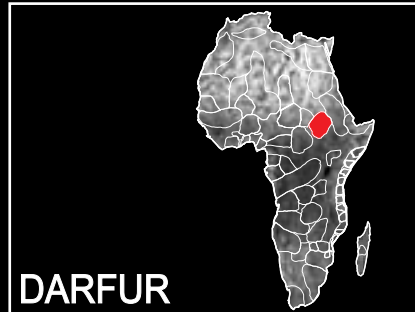
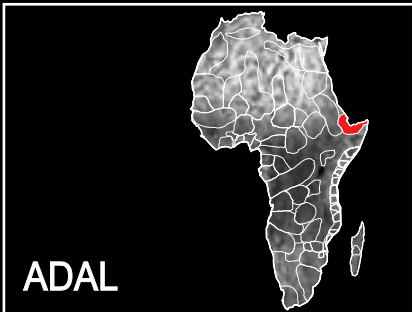
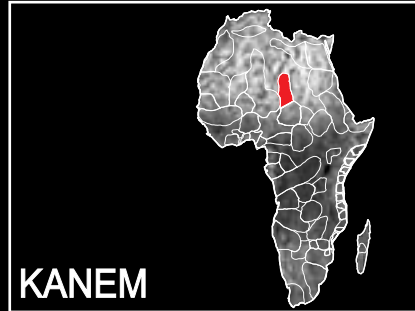
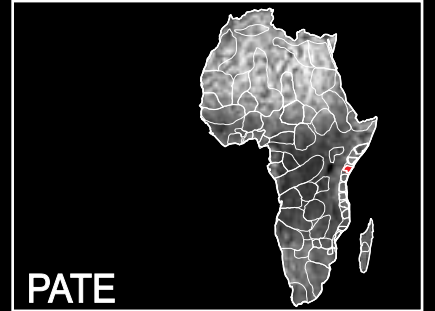
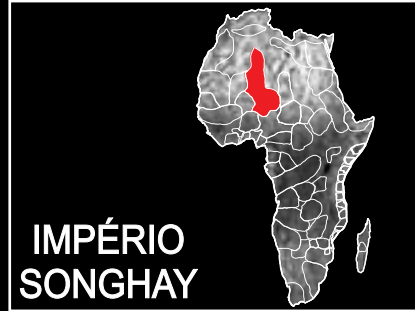
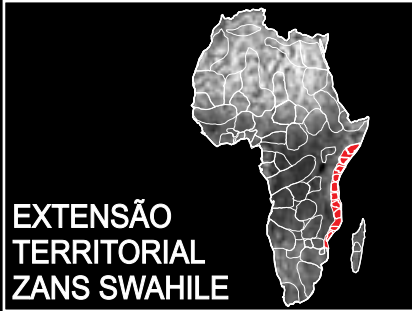


DE STADT VAN LOUANGO.

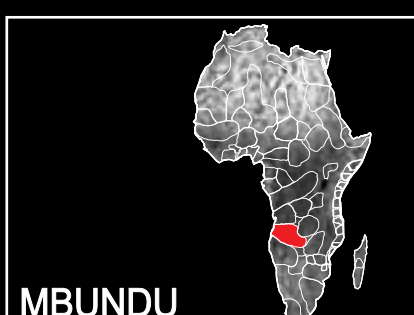
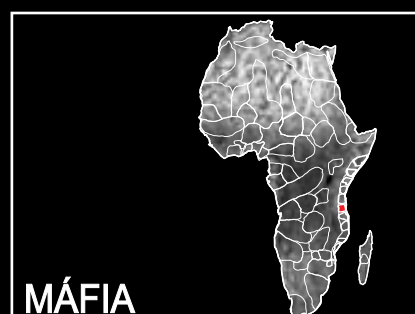
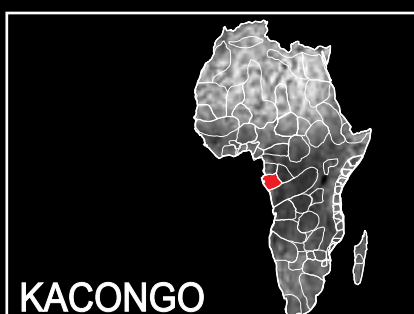
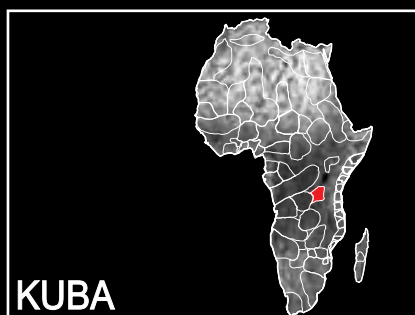
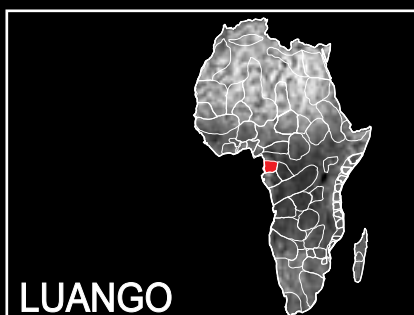
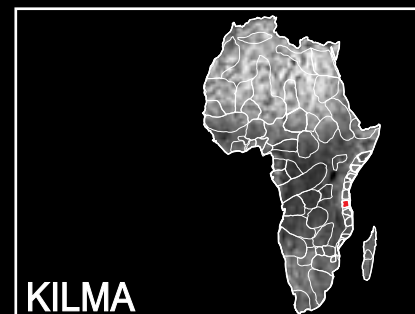
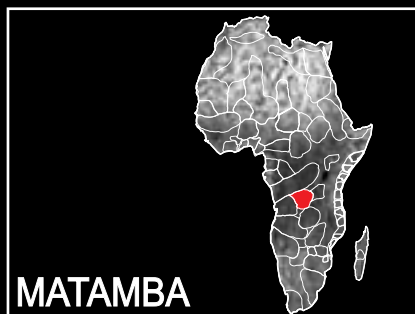
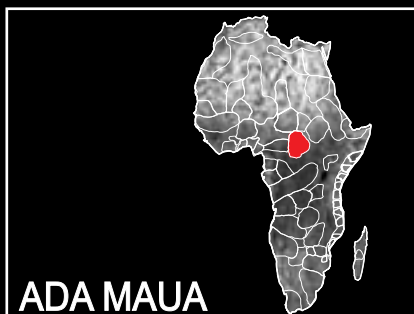
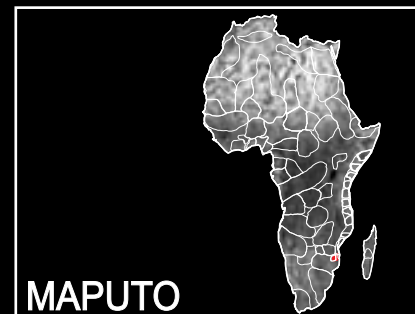
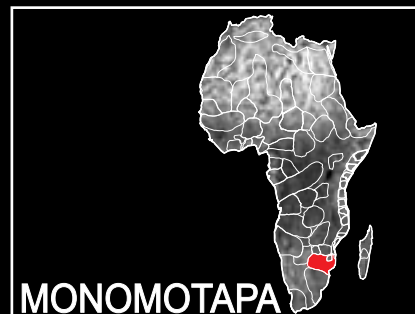
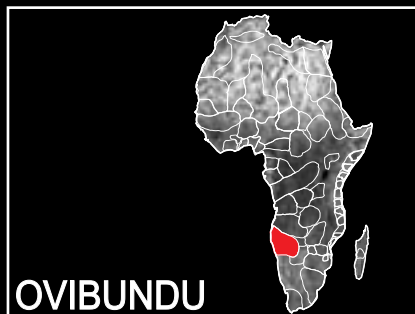
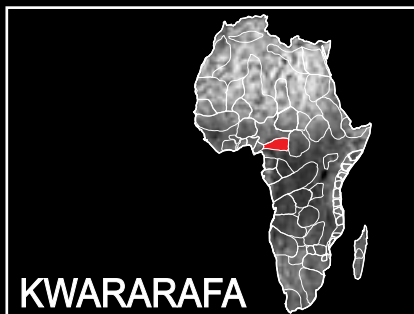
- 1. Koninklyk hof
- 2. Vrouwen hof
- 3. Oytroep loeren
- 4. Koninklyck wyn-buys
- 5. Koninklyck Cer-huys
- 6. Publycke Audientie plaats
- 7. 5 Koninklyc tuyn
- 8. Vrouwen tuyn
- 9. Toet van haer Fetichus
- 10. De breede wech daer de Afslachters van de Bondus wortel gesloopt en Gedoot werden.

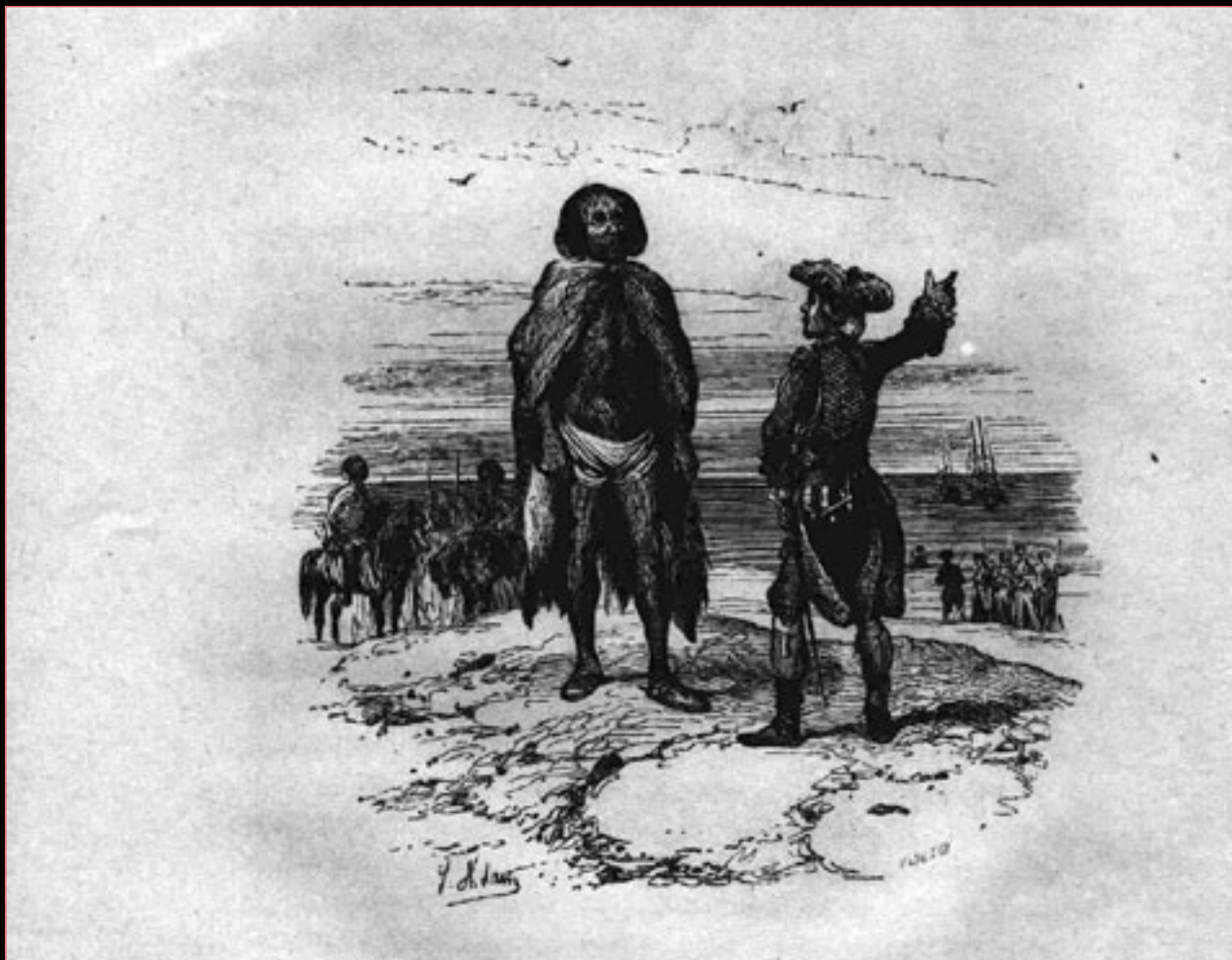
GRAVUUS.COM ASSJES. SENTACÃO CARTOGRAFICA DA CIDADE DE LOUANGO. O. SWAPP, AMSTERDAM, 1686. ACERVO FAMILIA DOS ANJOS

PRINCIPAIS ESTADOS, CHEFARIAS E FORMAÇÃO



ES POLÍTICAS DA ÁFRICA ATÉ OS SÉCULOS XIX





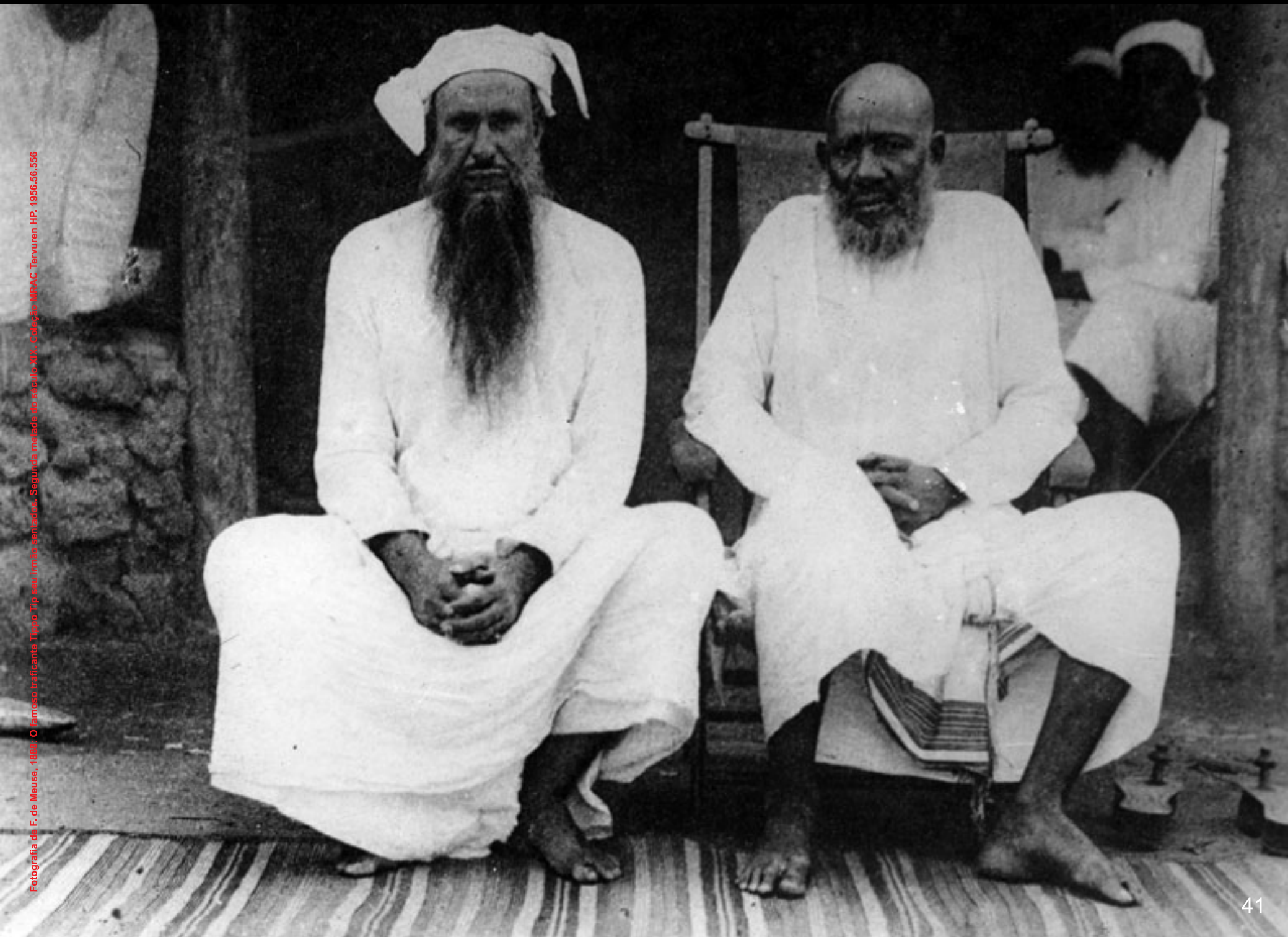
GRAVURA DE AUTOR DESCONHECIDO. ENCONTRO DE COMANDANTE EUROPEU COM CHEFE AFRICANO. SÉCULO XVIII. ACERVO FAMÍLIA DOS ANJOS.

Populações do Oriente mantiveram relações comerciais (os principais produtos eram o sal, o marfim e o ouro) e contatos com vários Estados africanos. No entanto, as estruturas sociais mesclaram-se sem provocar rupturas violentas nas sociedades da África. A Europa Moderna não! A conquista pelo Oceano Atlântico possibilitou a sua expansão nas direções dos territórios da África, América e Ásia. O “mapa” do mundo vai ter os seus contornos ampliados em decorrência dos sucessivos “encontros” de diferentes culturas, identidades e territorialidades. Dessa forma, o movimento dos grandes “descobrimientos”, deve ser entendido como uma conseqüência direta do processo geográfico de dominação territorial desenvolvido, amadurecido e implementado pelo continente europeu. Este é o momento histórico de uma profunda alteração na relação entre os seres humanos e entre estes e a natureza. O “mundo tropical”, apesar do “ambiente hostil”, era o que poderia fornecer os produtos não existentes na Europa e esta referência estratégica constituía o “fio condutor” do estímulo ao mercantilismo, à implementação do capitalismo primitivo e o fortalecimento do Estado.



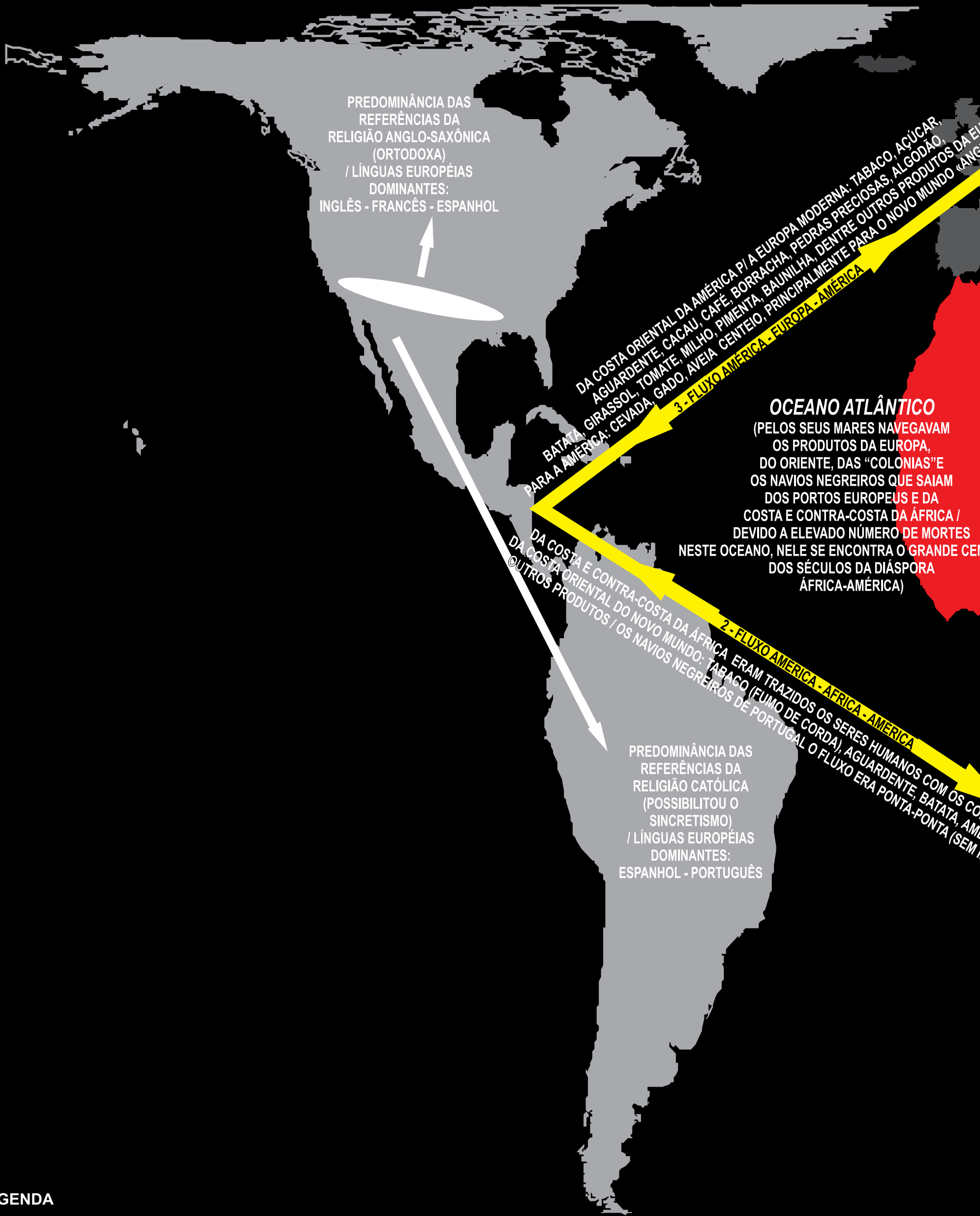
Fotografia Anônima: Grupo de guerreiros africanos da Região do Congo. Registro possivelmente da Segunda metade do século XIX. Coleção MPAC Teruren HP. 4967.1.1387

12



Fotografia de F. de Meuse, 1893: O Jameso iraficante Tippo Tip e o irmão semeador. Segunda metade do século XIX. Coleção MPAC Teruren HP. 1956.56.556

MODELAGEM GRÁFICA DAS «MERCADORIAS» E OS NA DINÂMICA DA DIÁSPORA ÁFRICA-AMÉRIC

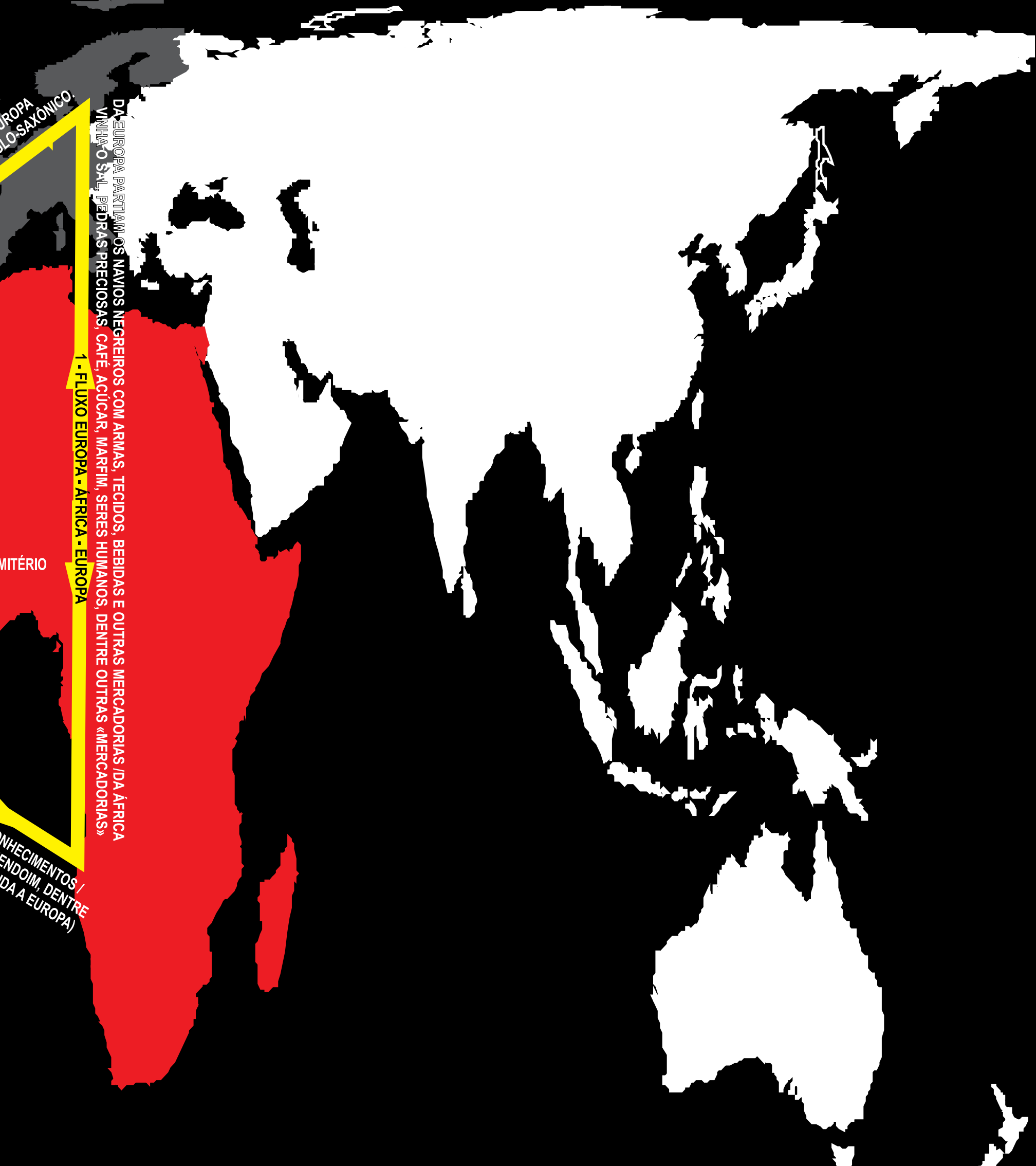


LEGENDA

- OUTRAS PARTES DO MUNDO ENVOLVIDAS INDIRETAMENTE COM A DIÁSPORA (DO ORIENTE CHEGAVAM PARA A EUROPA LOUÇAS, MÓVEIS, ESPECIALIDADES E TECIDOS)
- CONTINENTE COM FORTE DESESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL-DEMOGRÁFICA-SOCIAL E NA EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS DA NATUREZA (SERES HUMANOS ESCRAVIZADOS, CONSTITUIA A "MERCADORIA" PROPULSORA DO CRESCIMENTO DOS PRODUTOS DA "COLONIA" PARA A EUROPA E PARA AS TROCAS NA ÁFRICA)

- UM CONJUNTO AMPLO DE "COLONIAS" SE CONFIGURARAM NO "NOVO MUNDO" PARA PRODUIR E ESTIMULAR O CAPITALISMO PRIMITIVO (OS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS ERAM: AÇÚCAR, TABACO, COURO, OURO, DIAMANTES, AGUARDENTE, MADEIRAS, COQUILHOS, FARINHA DE MANDIOCA E DERIVADOS DA BALEIA, PRINCIPALMENTE, AZEITE E BARBAS. PORTUGAL IMPORTAVA, AFRICANOS ESCRAVIZADOS)
- ESTADOS NA "NOVA" EUROPA PRINCIPAIS DINAMIZADORES DO COMÉRCIO TRIANGULAR (EXPORTAVA FARINHA DE TRIGO, AZEITE, SAL QUEIJOS, VINHO, BACALHAU E VÁRIOS PRODUTOS MANUFATURADOS)

FLUXOS ECONÔMICOS-COMERCIAIS TRIANGULAR ÁFRICA-EUROPA. SÉCULOS XV-XVI-XVII-XVIII-XIX



EUROPA
GLO-SAXÔNICO

MITÉRIO

ENHECIMENTOS /
ENDOM, DENTRE
DA A EUROPA)

DA EUROPA PARTIAMOS NAVIOS NEGREIROS COM ARMAS, TECIDOS, BEBIDAS E OUTRAS MERCADORIAS (DA ÁFRICA VINHAMOS SAL, PEDRAS PRECIOSAS, CAFÉ, ACÚCAR, MARFIM, SERES HUMANOS, DENTRE OUTRAS «MERCADORIAS»)

1 - FLUXO EUROPA - ÁFRICA - EUROPA



PROJEÇÃO ARNO PETERS ADAPTADA



REGIÃO DA FRONTEIRA RELIGIOSA ORTODÓXA E CATÓLICA / LÍNGUAS EUROPEIAS DOMINANTES NO PROCESSO TERRITORIAL (PROCESSOS DIFERENCIADOS DAS SOBREVIVÊNCIAS E DA MANUTENÇÃO DAS RELIGIÕES ORIUNDAS DA ÁFRICA VÃO SER DEFINIDAS EM FUNÇÃO DESTA FRONTEIRA ESTRUTURAL)

OS PRODUTOS ORIUNDOS DA EUROPA, TROCADOS NA ÁFRICA POR SERES HUMANOS SERÁ A MATRIZ DO CAPITALISMO PRIMITIVO E A BASE DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (ESTES COMPONENTES POSSIBILITARÃO A EXPANSÃO TERRITORIAL DO ESTADO)

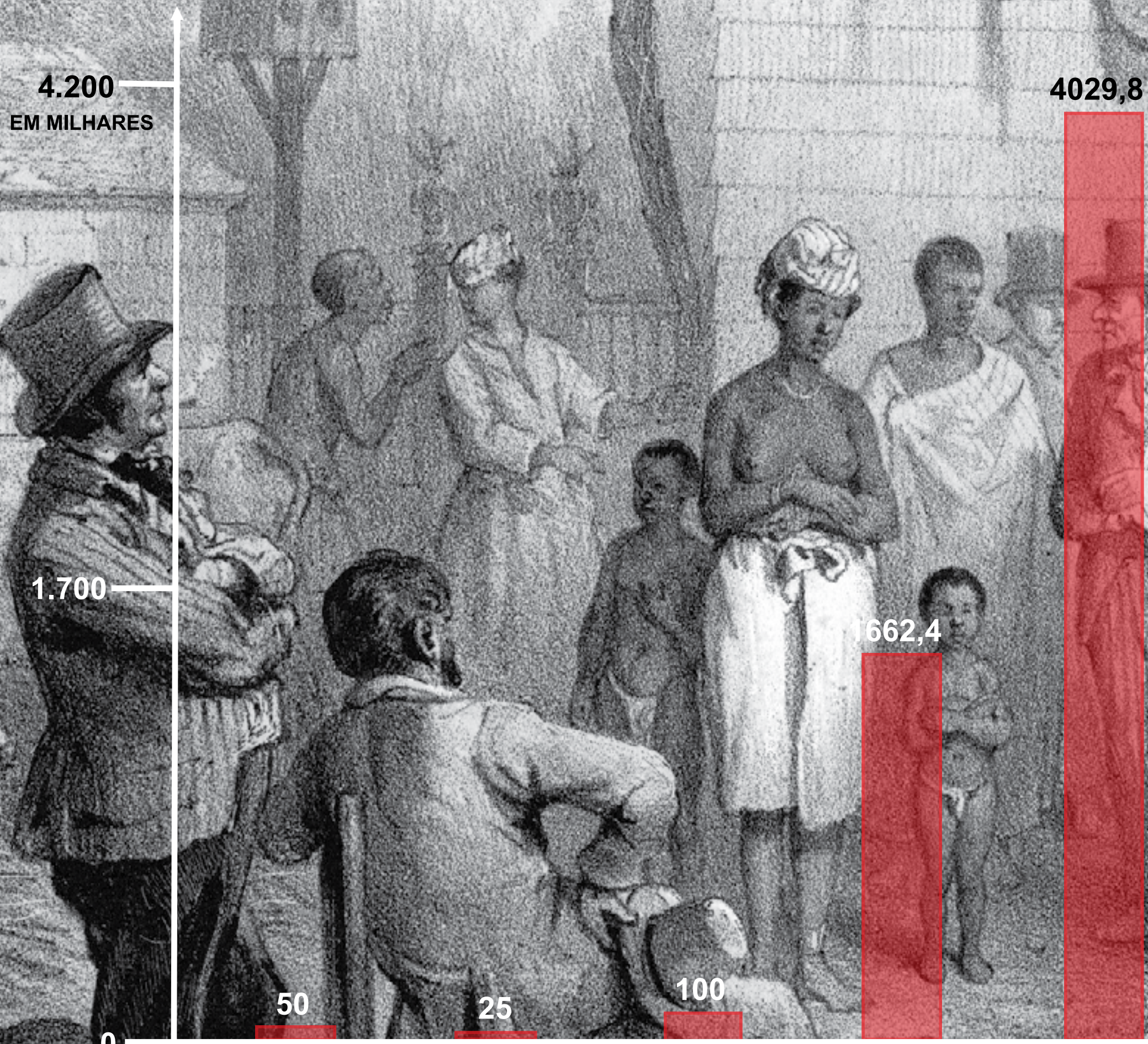
2-FLUXO ÁFRICA-AMÉRICA-ÁFRICA

UM GRANDE NÚMERO DE GRUPOS ÉTNICOS, COM MATRIZES CULTURAIS E TECNOLÓGICAS DISTINTAS, FORAM TRANSPORTADOS PARA A FORMAÇÃO TERRITORIAL DA AMÉRICA (APESAR DA TENTATIVA DE NÃO POSSIBILITAR A ORGANIZAÇÃO DAS SOCIEDADES AFRICANAS, VÁRIAS EXPRESSÕES E MANIFESTAÇÕES DE RESISTÊNCIA VÃO SER REGISTRADAS NOS 4 SÉCULOS DE DIÁSPORA)

3-FLUXO AMÉRICA-EUROPA

O FLUXO DE PRODUTOS DINAMIZARÁ OS SUCESSIVOS E CONCOMITANTES CICLOS ECONÔMICOS COLONIAIS, TENDO SEMPRE COMO SUPORTE O SISTEMA ESCRAVISTA (ESTE MODELO VAI POSSIBILITAR O ACÚMULO DE RIQUEZAS E ENRIQUECIMENTOS DOS ESTADOS DA EUROPA MODERNA)

ESTIMATIVA DO NÚMERO DE AFR VÁRIAS REGIÕES DO MUNDO - SÉ



Europa

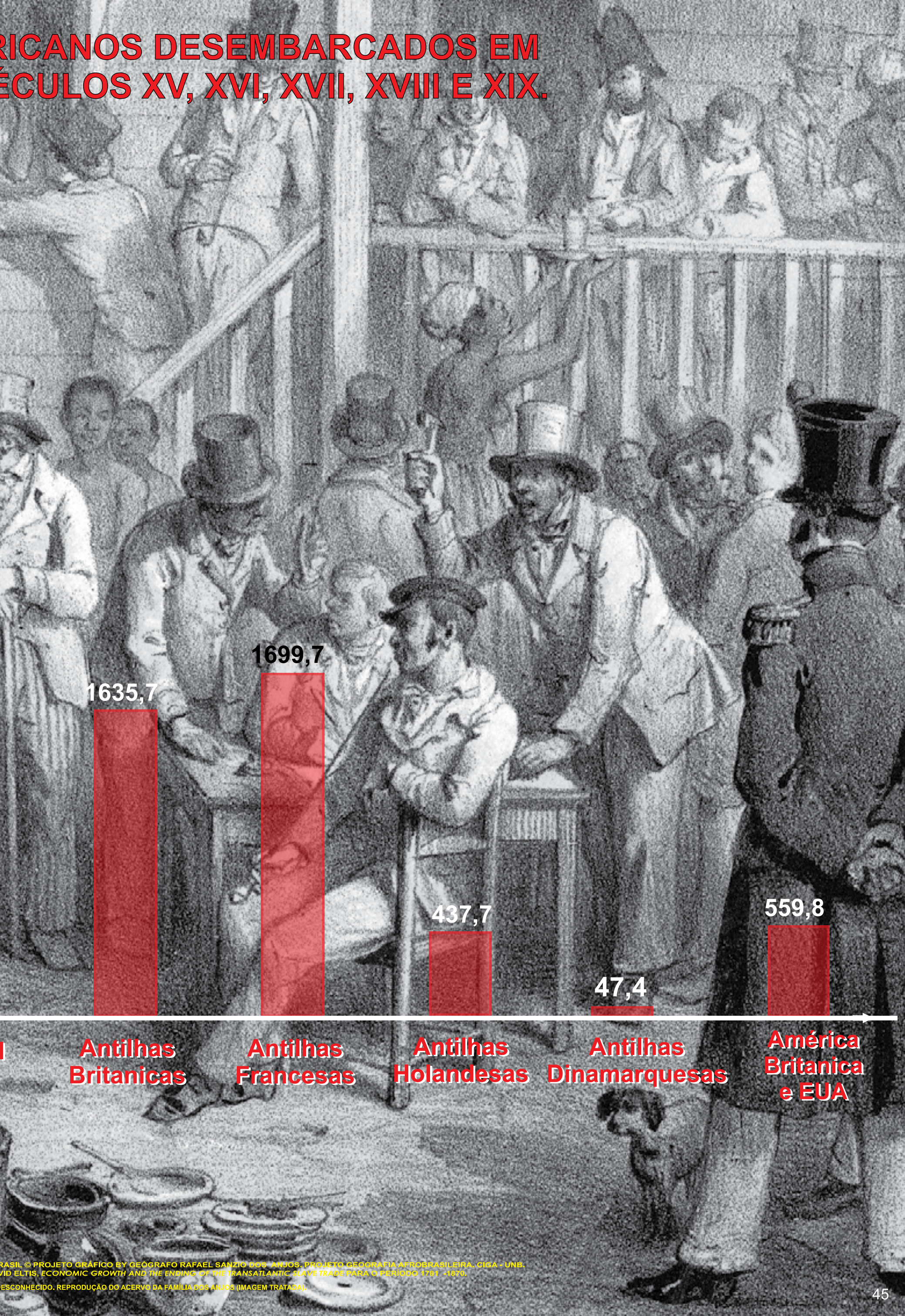
Ilhas
Atlânticas

São Tomé

América
Espanhola

Brasil

AFRICANOS DESEMBARCADOS EM SÉCULOS XV, XVI, XVII, XVIII E XIX.



1635,7

1699,7

437,7

47,4

559,8

**Antilhas
Britânicas**

**Antilhas
Francesas**

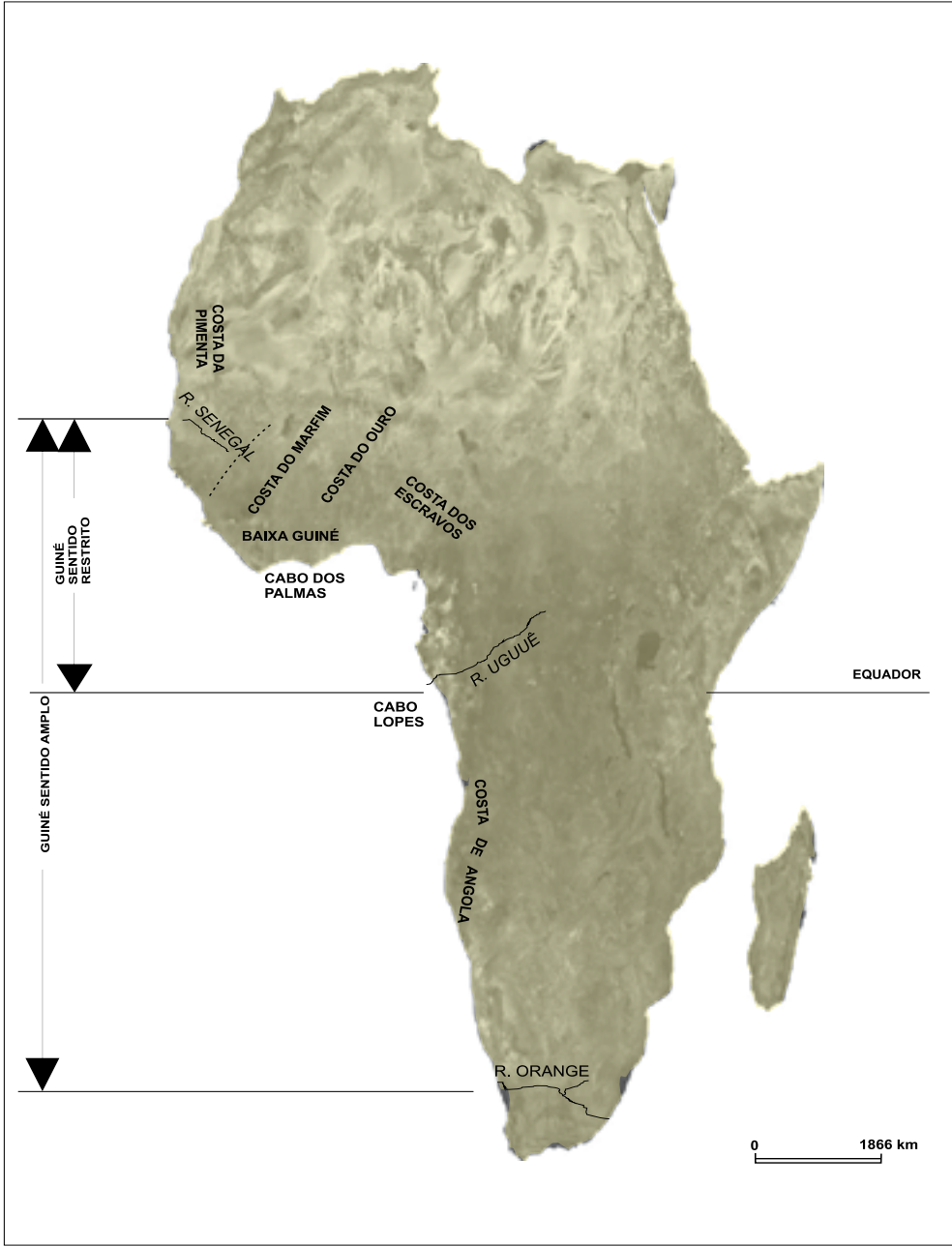
**Antilhas
Holandesas**

**Antilhas
Dinamarquesas**

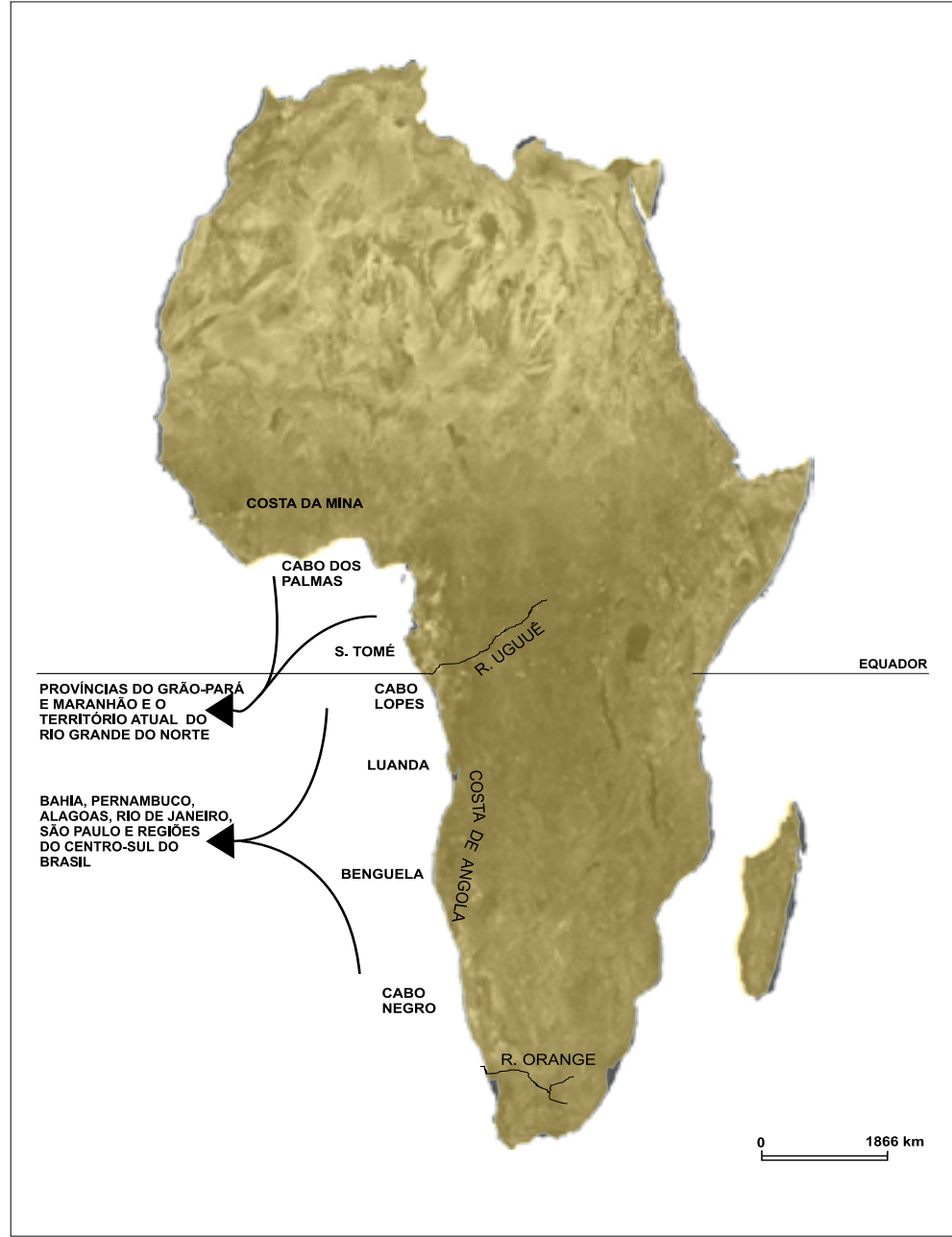
**América
Britânica
e EUA**

MONITORAMENTO DA DINÂMICA DO TRÁFICO DE POPUL

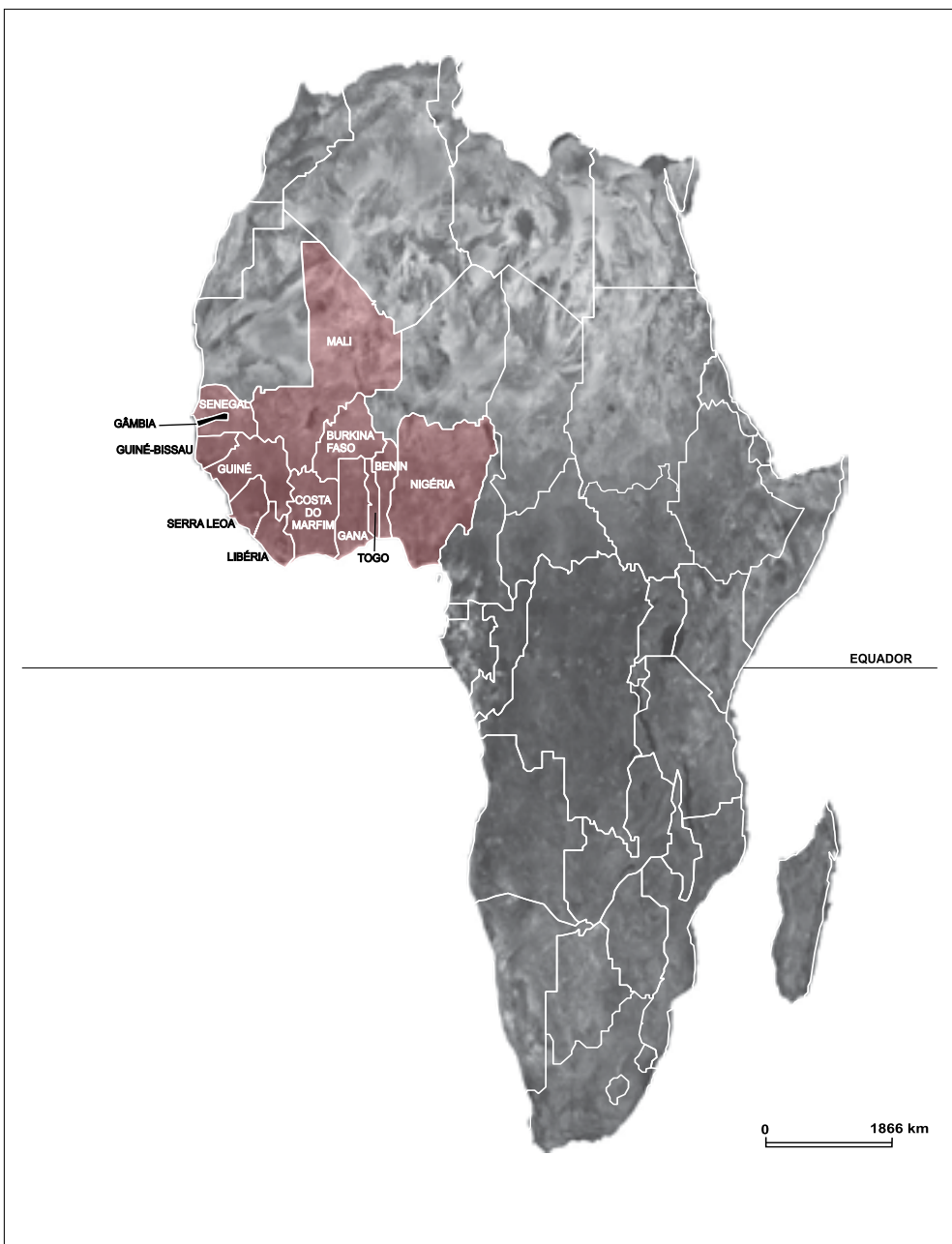
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS - SÉCULO XVI



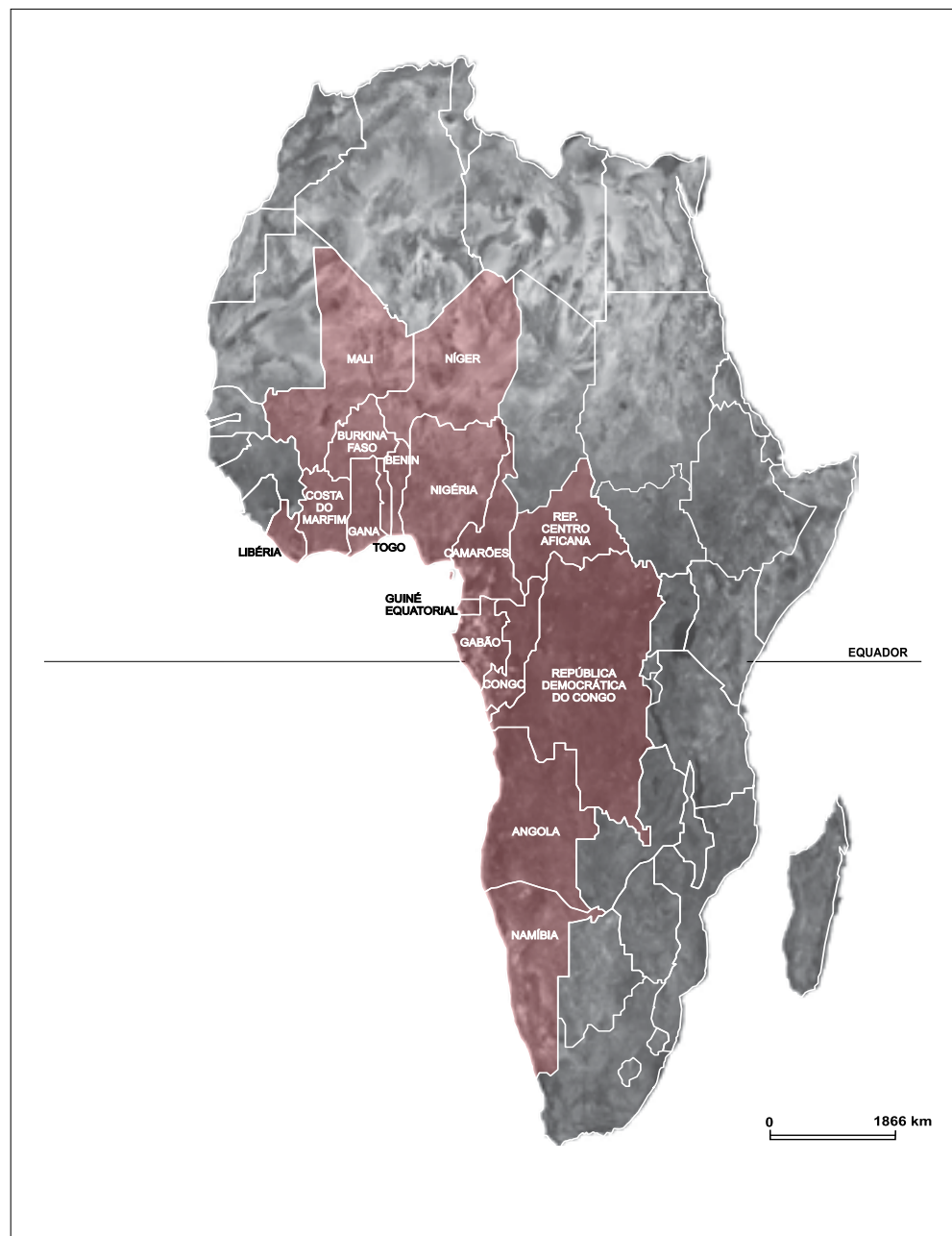
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS - SÉCULO XVII



DIVISÃO POLÍTICA ATUAL E AS NAÇÕES DE REFERÊNCIA

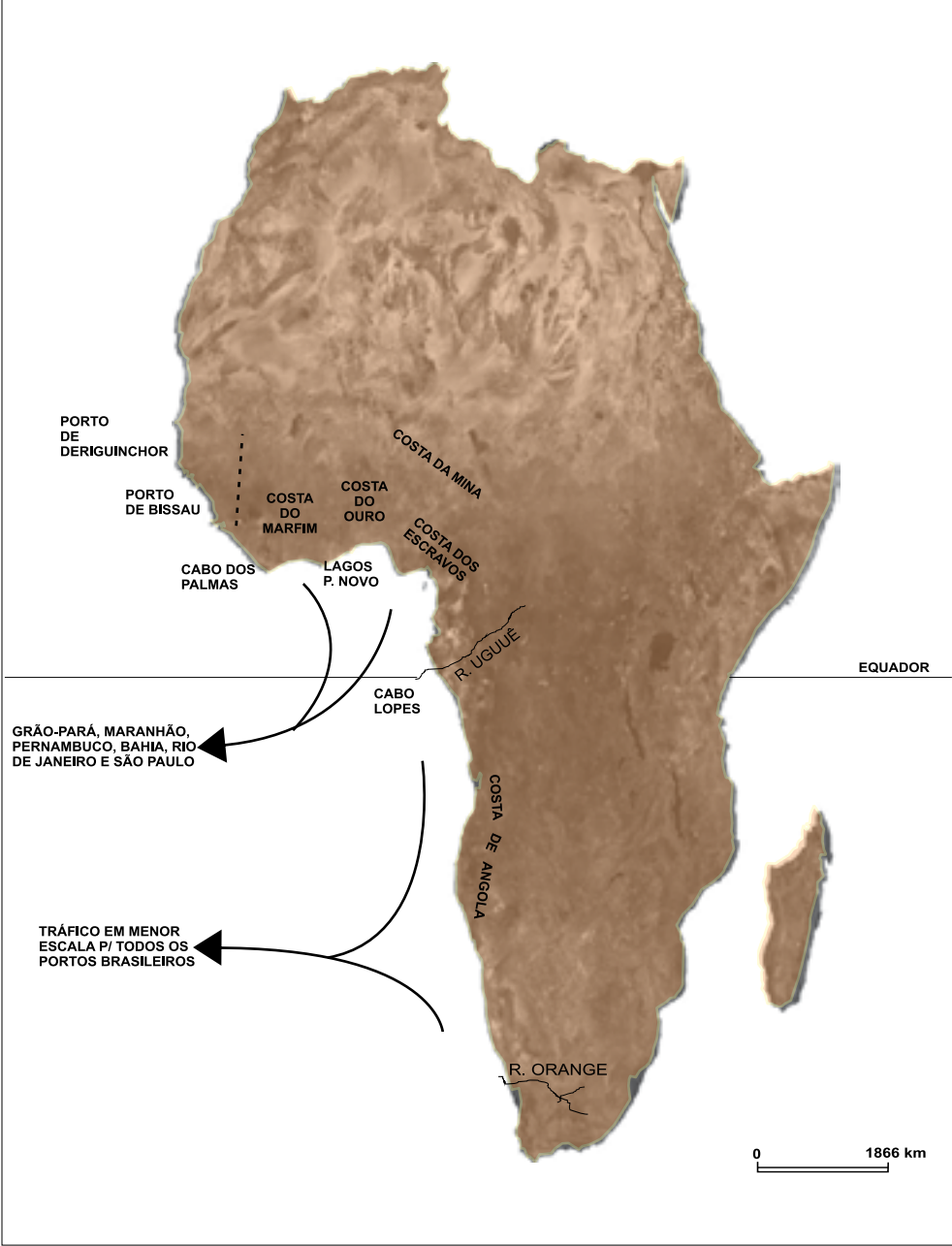


DIVISÃO POLÍTICA ATUAL E AS NAÇÕES DE REFERÊNCIA

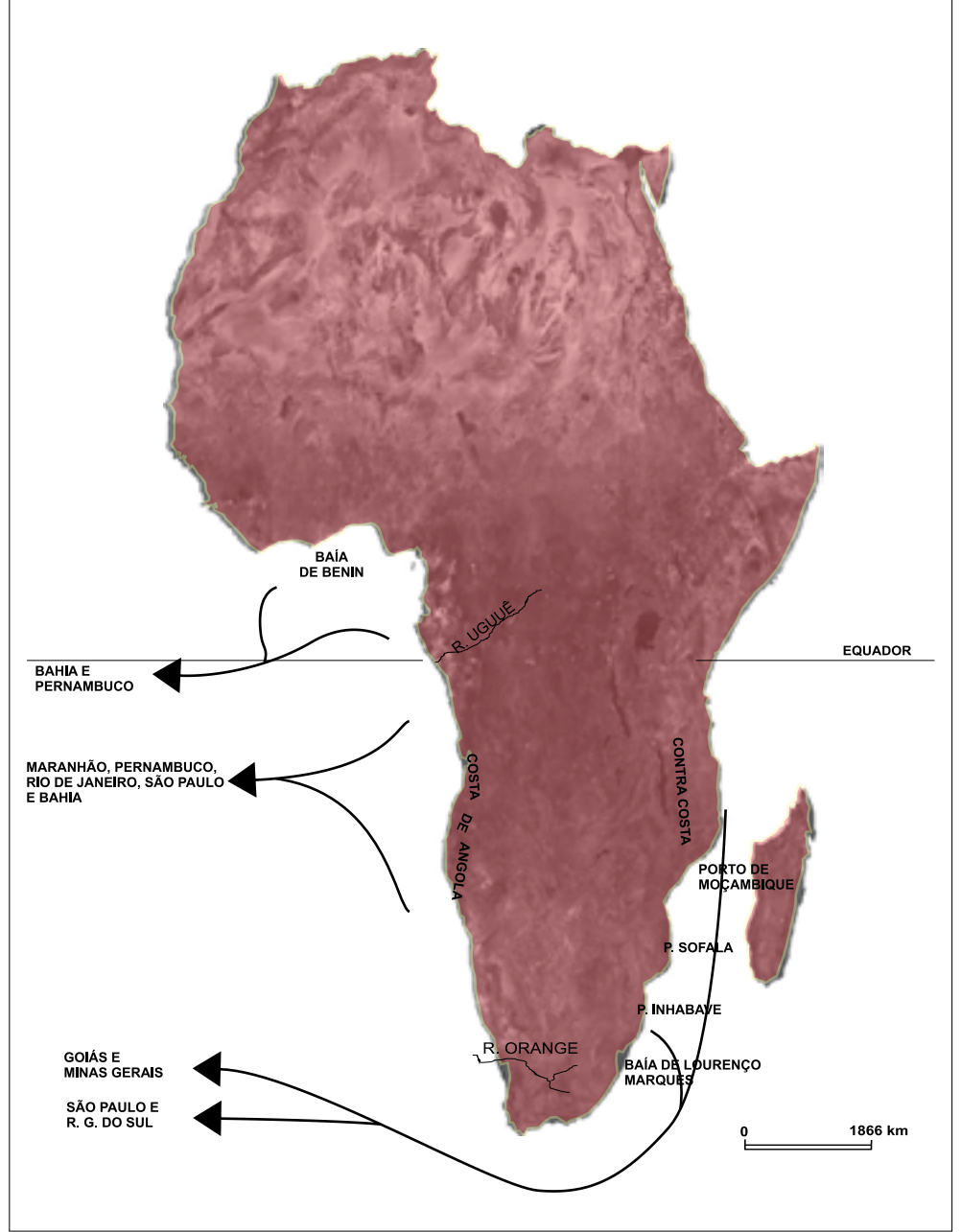


REFERÊNCIAS TERRITORIAIS AFRICANAS PARA O BRASIL E OS ATUAIS PAÍSES

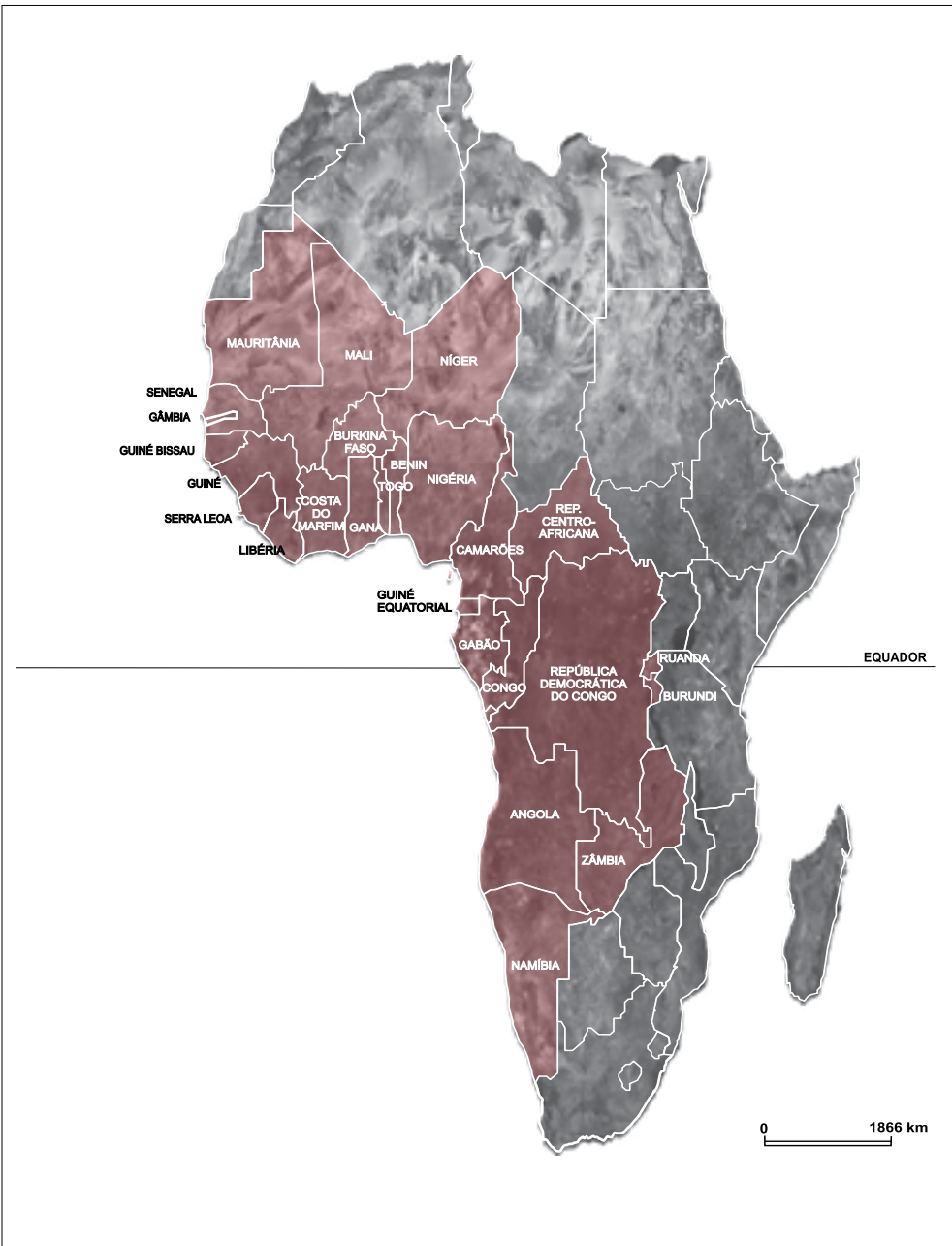
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS - SÉCULO XVIII



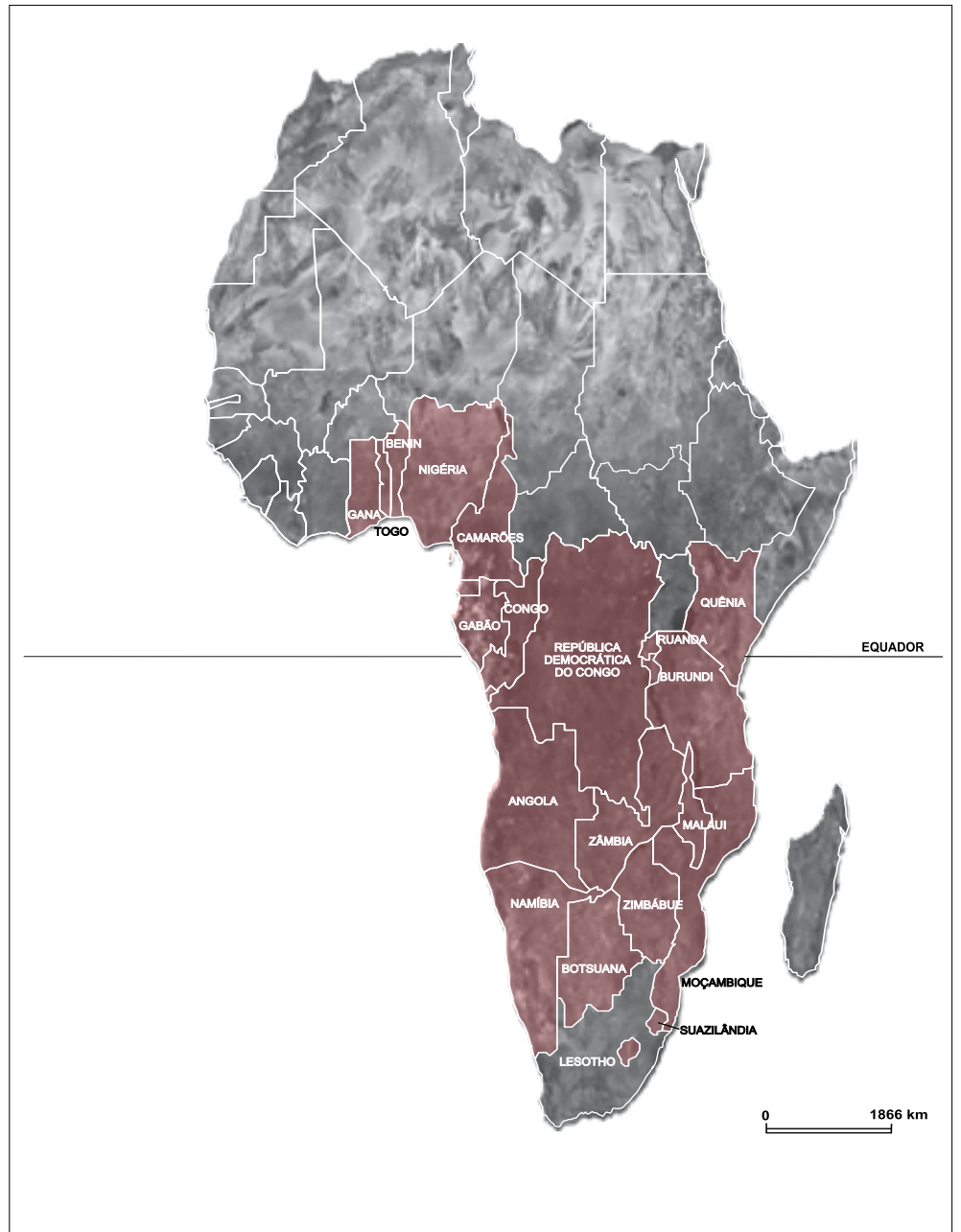
REFERÊNCIAS TERRITORIAIS - SÉCULO XIX



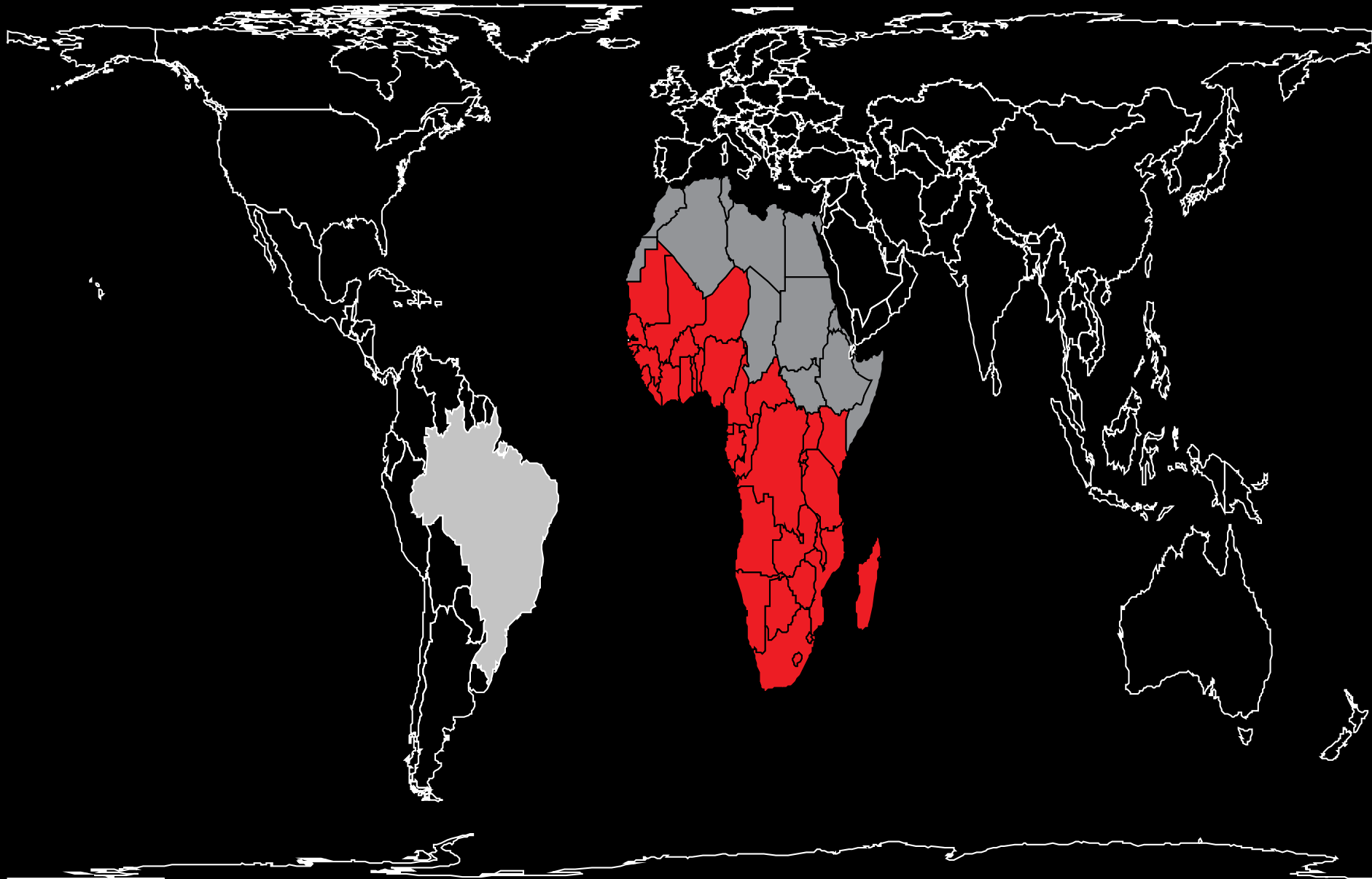
DIVISÃO POLÍTICA ATUAL E AS NAÇÕES DE REFERÊNCIA



DIVISÃO POLÍTICA ATUAL E AS NAÇÕES DE REFERÊNCIA



O BRASIL E OS PAÍSES DA ÁFRICA COM REFERÊNCIAS TERRITORIAIS E SÓCIO-CULTURAIS NA DIÁSPORA - SÉCULOS XVI - XIX



LEGENDA

LIMITES ATUAIS DO TERRITÓRIO DO BRASIL

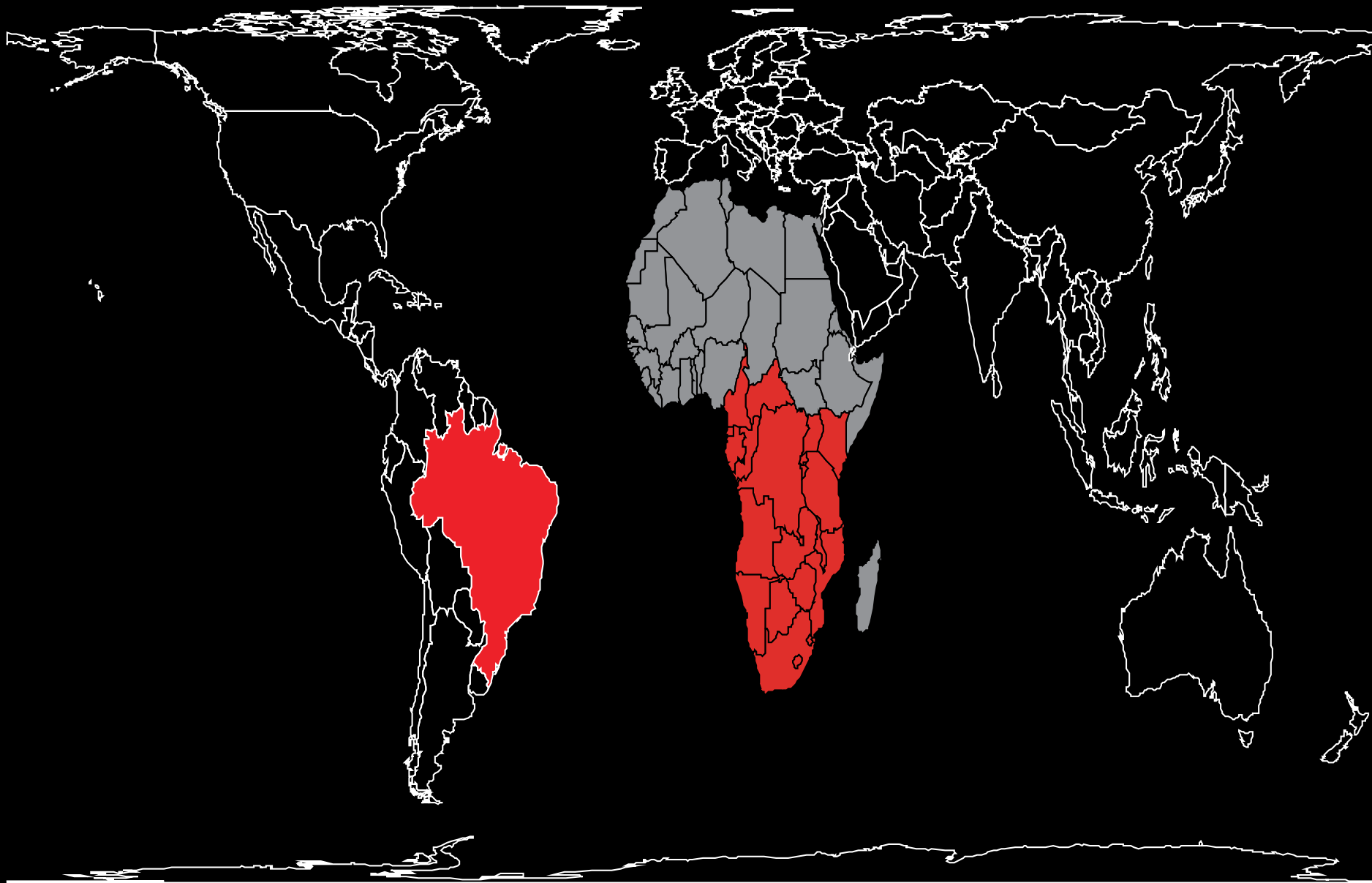
PAÍSES CONTEMPORÂNEOS DA ÁFRICA COM REFERÊNCIAS NOS SÉCULOS DOS DESLOCAMENTOS DEMOGRÁFICOS E CULTURAIS PARA O BRASIL

PAÍSES DO CONTINENTE AFRICANO SEM REFERÊNCIAS TERRITORIAIS E CULTURAIS DIRETAS COM O BRASIL

0 1.601,5 3.203 Km

© PESQUISA E PROJETO CARTOGRÁFICO GEOG. RAFAEL SANZIO A. DOS ANJOS. PROJETO GEOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA: EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO DO TERRITÓRIO. CIGA - UNB. 2009. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

O BRASIL E OS PAÍSES AFRICANOS ONDE SE FALAM LÍNGUAS BANTUS



LEGENDA

TERRITÓRIO DO BRASIL

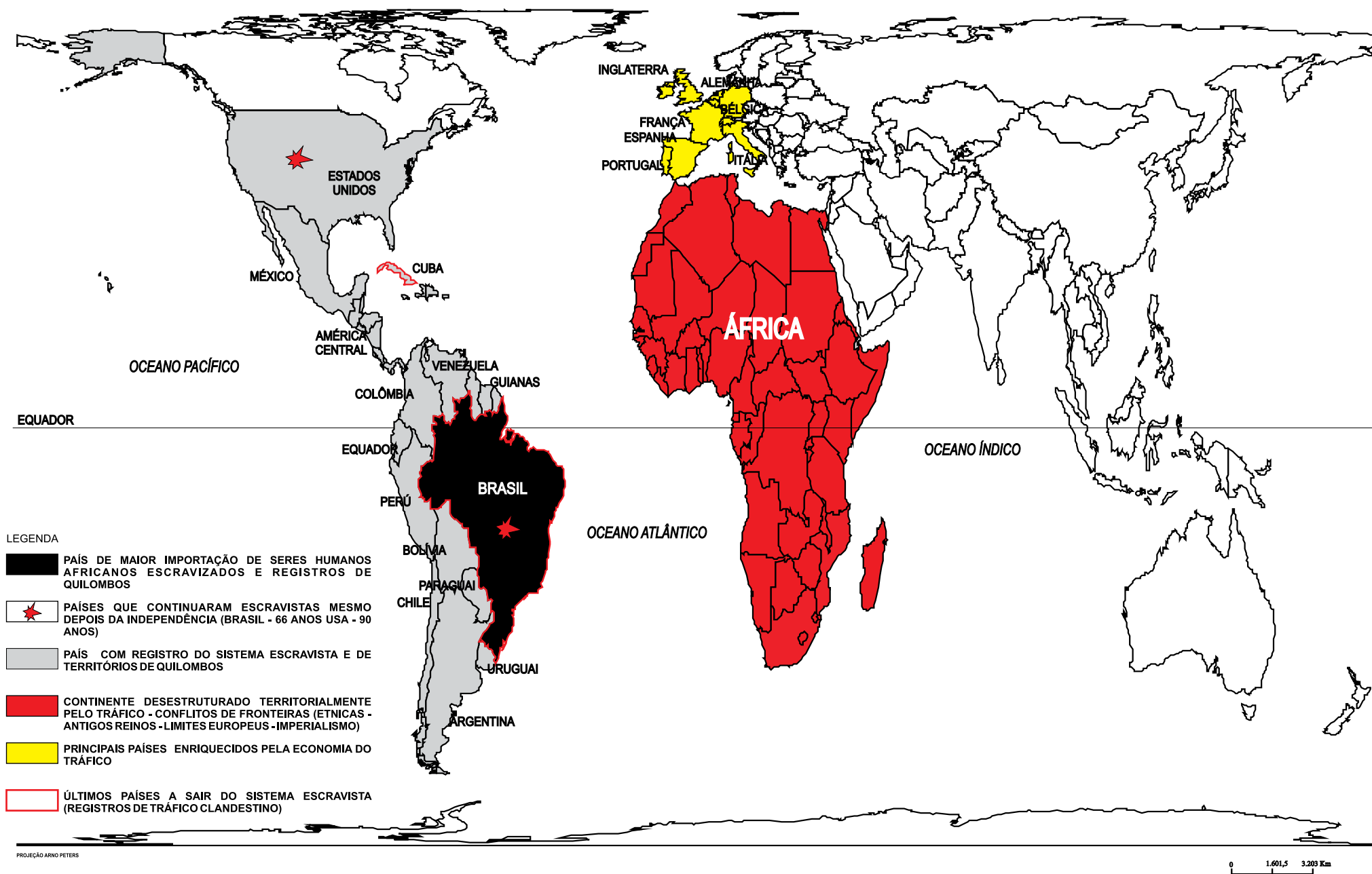
PAÍSES DA ÁFRICA ONDE SE FALAM LÍNGUAS BANTUS

PAÍSES DO CONTINENTE AFRICANO ONDE SE FALAM OUTRAS LÍNGUAS

0 1.601,5 3.203 Km

© PESQUISA E PROJETO CARTOGRÁFICO GEOG. RAFAEL SANZIO A. DOS ANJOS. PROJETO GEOGRAFIA AFRO-BRASILEIRA: EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO DO TERRITÓRIO. CIGA - UNB. 2009. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

A ÁFRICA, A AMÉRICA, A EUROPA, O BRASIL E O SISTEMA ESCRAVISTA - ALGUMAS REFERÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS -



FONTE: ANJOS, R.S.A. GEOPOLÍTICA DA DIÁSPORA ÁFRICA-AMÉRICA-BRASIL. SÉCULOS XV-XVI-XVII-XVIII-XIX: CARTOGRAFIA PARA EDUCAÇÃO. MAPAS EITORA & CONSULTORIA, 2012

“Preconceitos, como mentiras, nascem da falta de informação (ignorância) e excesso de repetição.”

“Enquanto a diferença gerar divergência permaneceremos na pré-história do projeto civilizatório verdadeiramente humano.”

Frei Betto, 2011

PARTE II

BRASIL

A TERRITORIALIDADE DOS ANTIGOS
QUILOMBOS E AS REGIÕES DAS ATIVIDADES
ECONÔMICAS COLONIAIS - IMPERIAIS

Durante o período colonial-imperial brasileiro o sistema escravista foi a base de sustentação e de reprodução da dominação da minoria europeia de origem portuguesa e de seus descendentes. Nos quase quatro séculos de tensões e confrontos de culturas e de classes, os quilombos funcionaram como uma verdadeira válvula de escape para diluir a violência da escravidão, particularmente das agressões no cotidiano das senzalas. Denominados também de mocambos, os habitantes dos quilombos eram chamados de calhamabolas, aquilombados ou quilombolas. A grande extensão dos povoados “livres”, com uma forma de organização territorial de matriz africana, que vão se desenvolver nas margens brasileiras do Oceano Atlântico, têm em comum a referência de um espaço seguro e protegido, não necessariamente isolado, com igualdade de condições na maioria das relações comunitárias, de liberdade de acesso à terra e de uma base possível de ter confrontos e guerras pela manutenção do espaço “livre”. Neste sentido, o quilombo africano e o quilombo americano apresentam semelhanças fundamentais. Esses sítios de origem africana eram um fato espacial de extensão continental na América e tinham um desejo coletivo de resistir à sociedade da opressão e da exclusão perversa.

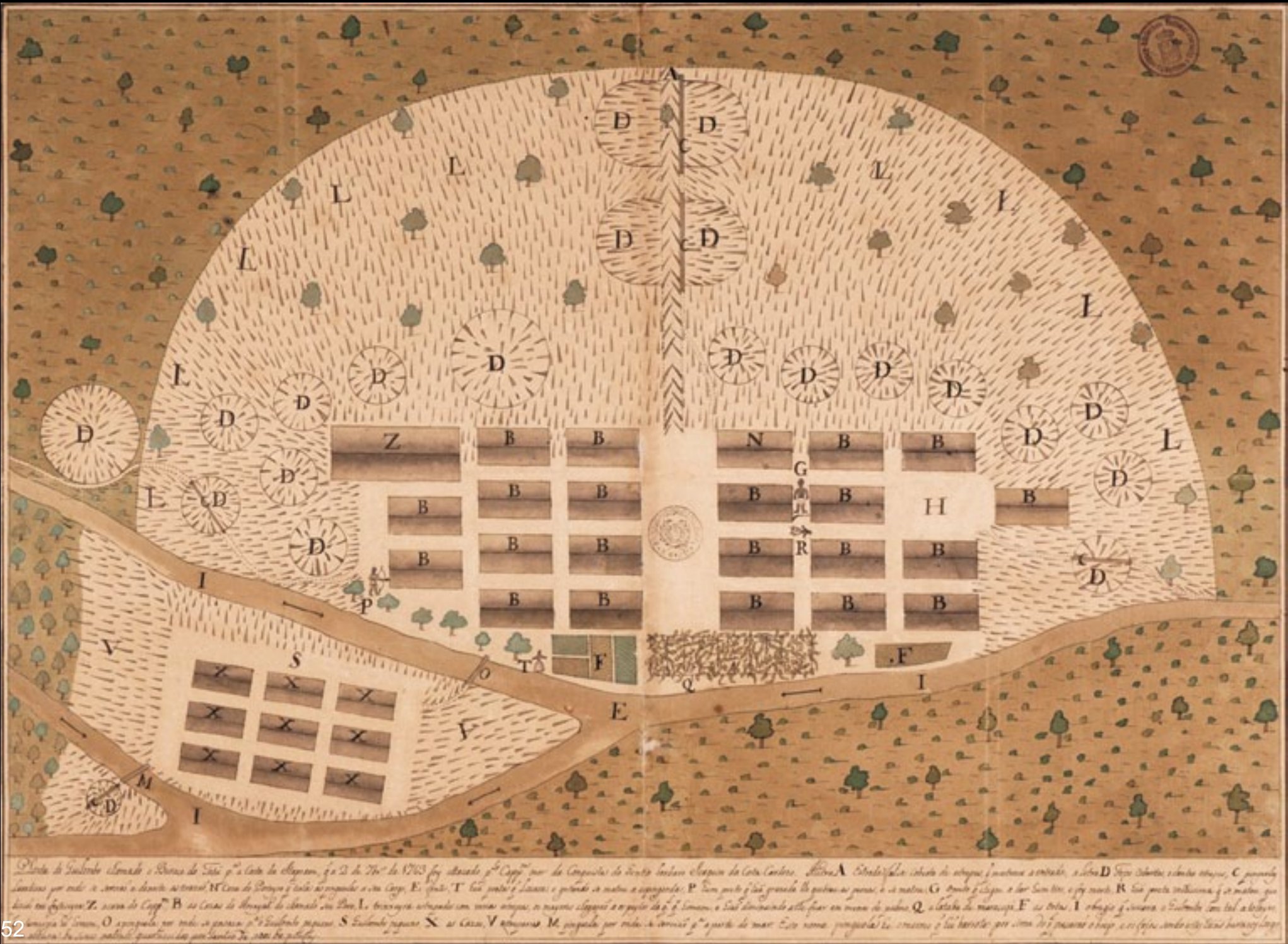
Rafael Sanzio, 2006



FOTOGRAFIA: PROF. RAFAEL SANZIO, 2007 MUSEU DO CERRADO - ESPAÇO DO QUILOMBO - GOIÂNIA - GO. DISTRIBUIÇÃO DAS HABITAÇÕES NO ANTIGO QUILOMBO.



FOTOGRAFIA: PROF. RAFAEL SANZIO, 2007 MUSEU DO CERRADO - ESPAÇO DO QUILOMBO - GOIÂNIA - GO. O FOGÃO E O FORNO NO ANTIGO QUILOMBO NO BRASIL CENTRAL

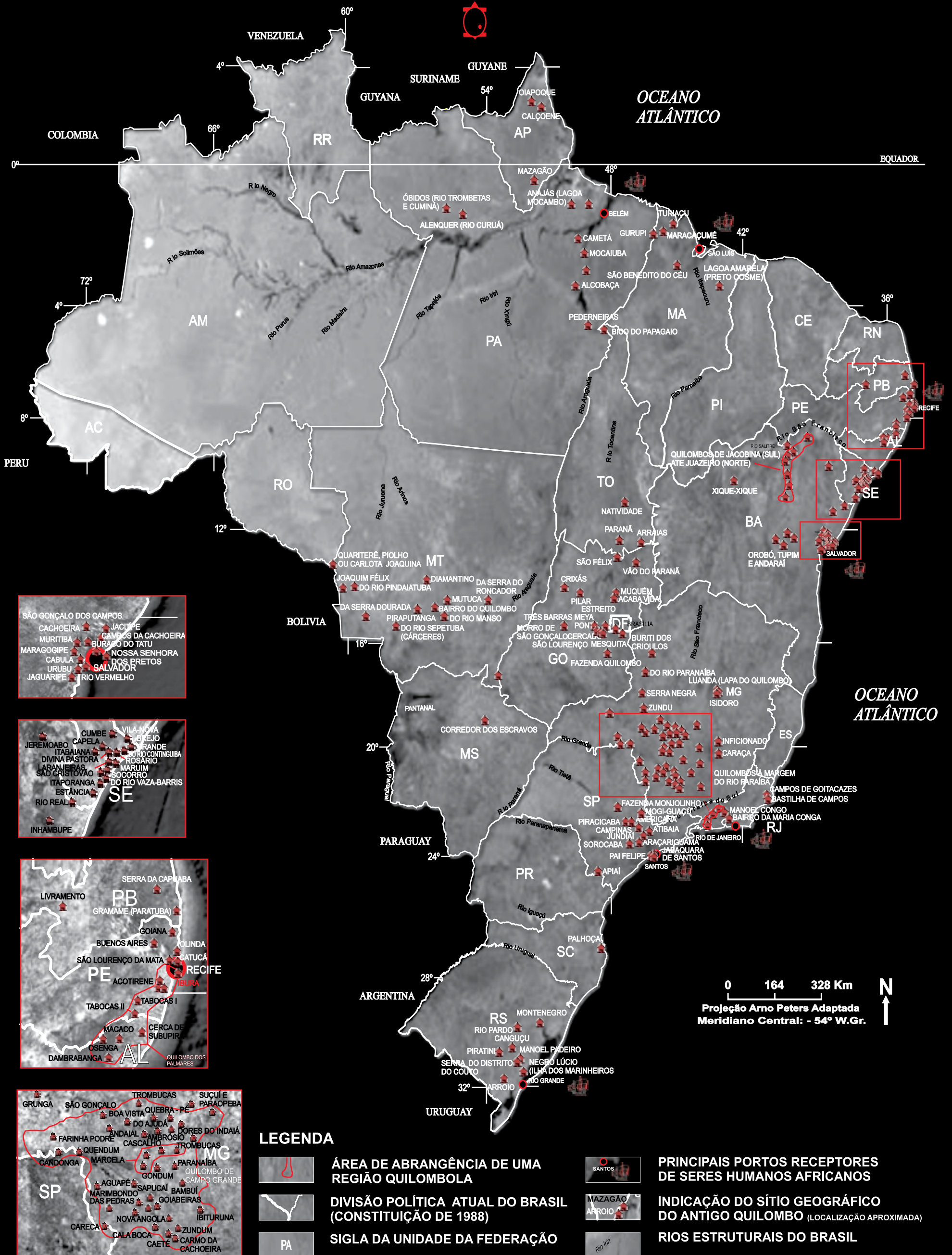


Planta do Quilombo de São João do Rio Preto, feita por João de Deus, em 1703, sob a direção do Sr. Capitão João de Deus, da Companhia de São Paulo. A planta mostra a distribuição das habitações, o rio, o caminho, e os pontos de defesa. A planta é dividida em duas partes principais, com uma central vertical. As habitações são representadas por retângulos e círculos, muitos rotulados com letras. O rio ou caminho atravessa a parte inferior da planta. O fundo da planta está preenchido com símbolos de árvores, representando a vegetação. A planta é desenhada em um estilo de desenho à mão com linhas finas e sombreamento.

BRASIL

ALGUNS QUILOMBOS ANTIGOS NOS SÉCULOS XVI - XIX

- REFERÊNCIAS ESPACIAIS APROXIMADAS -



SALVADOR (BA)

- SÃO GONÇALO DOS CAMPOS
- CACHOEIRA
- MURITIBA
- MARAGOGIPE
- CABULA
- URUBU
- JAGUARIBE
- JACUIPE
- CAMPUS DA CACHOEIRA
- BURACO DO TATU
- NOSSA SENHORA DOS PRETOS
- RIO VERMELHO

RECIFE (PE)

- CUMBE
- JEREMOABO
- ITABAIANA
- DIVINA PASTORA
- LARANJEIRAS
- SÃO CRISTÓVÃO
- ITAPORANGA
- ESTÂNCIA
- RIO REAL
- INHAMBUPE
- VILA NOVA
- BEJEJO
- GRANDE
- ROSA RIOS
- CONTINGUBA
- MARUM
- SOCORRO
- DO RIO VAZA-BARRIS
- RIO VAZA-BARRIS

RECIFE (PE)

- SERRA DA CAPIMABA
- LIVRAMENTO
- GRAMAME (PARATUBA)
- GOIANA
- BUENOS AIRES
- SÃO LOURENÇO DA MATA
- ACOTIRENE
- TABOCAS II
- TABOCAS I
- MACACO
- OSENGA
- DAMBRABANGA
- OLINDA
- CATUCÁ
- IBURÁ
- CERCA DE SUBUPIR
- QUILOMBO DOS PALMARES

RECIFE (PE)

- TROMBUCAS
- SUÇUIE
- GRUNGA
- SÃO GONÇALO
- BOA VISTA
- DO A JUDÁ
- DORES DO INDAÍÁ
- FARINHA PODRE
- INDAIAL
- CASCALHO
- TROMBUCAS
- QUENDUM
- MARCELA
- PARANAÍBA
- GONDUM
- QUILOMBO DE CAMPO GRANDE
- CANDONGA
- AGUAPÉ
- SAPUCAÍ
- BAMBUÍ
- MARIMBONDO DAS PEDRAS
- GOIABEIRAS
- NOVA ÂNGOLA
- IBITURUNA
- CARECA
- CALA BOCA
- ZUNDUM
- CAETE
- CARMO DA CACHOEIRA

LEGENDA

- ÁREA DE ABRANGÊNCIA DE UMA REGIÃO QUILOMBOLA
- DIVISÃO POLÍTICA ATUAL DO BRASIL (CONSTITUIÇÃO DE 1988)
- SIGLA DA UNIDADE DA FEDERAÇÃO
- PRINCIPAIS PORTOS RECEPTORES DE SERES HUMANOS AFRICANOS
- INDICAÇÃO DO SÍTIO GEOGRÁFICO DO ANTIGO QUILOMBO (LOCALIZAÇÃO APROXIMADA)
- RIOS ESTRUTURAIS DO BRASIL

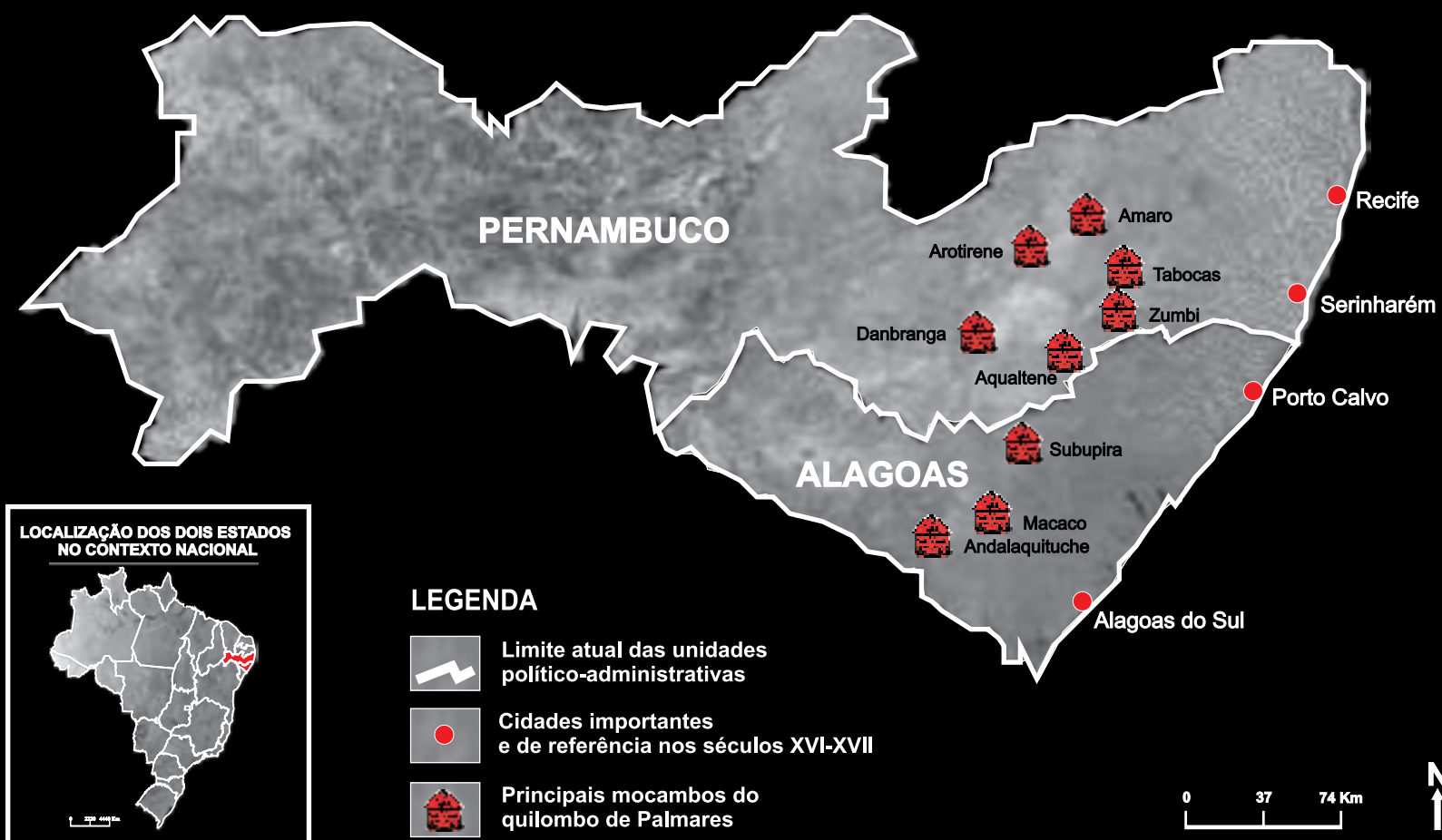
CRONOLOGIA DAS RESISTÊNCIAS DO QUILOMBO DE PALMARES (ANGOLA JANGA) - BRASIL. SÉCULOS XVI-XVII

A CRONOLOGIA A SEGUIR SISTEMATIZA O SÉCULO DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DO MAIS POPULOSO, DURADOURO E IMPORTANTE QUILOMBO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA, QUE CONSTITUIU O PRIMEIRO "ESTADO POLÍTICO" AFRICANO INDEPENDENTE NA COLÔNIA PORTUGUESA NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO, NO PERÍODO DA EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DO CICLO DA CANA-DE-ACÚCAR.

1. 1600 PRIMEIROS REGISTROS DE AFRICANOS ESCRAVIZADOS, FUGIDOS DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR PARA ANGOLA JANGA (ANGOLA PEQUENA) NA SERRA DA BARRIGA;
2. 1602 PRIMEIRA PERSEGUIÇÃO, SEM SUCESSO, CONTRA O TERRITÓRIO DO QUILOMBO ENVIADA POR BARTOLOMEU BEZERRA;
3. 1608 SEGUNDO ATAQUE A PALMARES, CHEFIADA POR BARTOLOMEU BEZERRA, MAIS UMA VEZ SEM OS RESULTADOS PLANEJADOS;
4. 1630 A GUERRA COM OS HOLANDESES INTENSIFICA A FUGA DE POVOS AFRICANOS ESCRAVIZADOS, INDÍOS E BRANCOS POBRES PARA O JÁ CONHECIDO QUILOMBO DE PALMARES. OS HOLANDESES ATACAM O TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA AO SISTEMA ESCRAVISTA, MAS SEM SUCESSO.
5. 1644 O HOLANDESES RODOLFO BARO CHEFIOU, POR ORDEM DO ENTÃO GOVERNADOR MAURÍCIO DE NASSAU, A EXPEDIÇÃO QUE TEVE RESULTADOS IRRELEVANTES;
6. 1645 O GOVERNADOR NASSAU, INCONFORMADO COM AS SUCESSIVAS PERDAS NOS SEUS EXÉRCITOS, CONTRATOU JOÃO BLAER, ESPECIALISTA EM GUERRA DE EMBOSCADAS. AS PERDAS CONTINUARAM;
7. 1654 PROMETENDO TERRAS À POPULAÇÃO, O GOVERNO HOLANDES REALIZOU DOIS GRANDES ATAQUES CONTRA O LOCAL. OCORREU MAIS DOIS FRACASSOS DE ATAQUE A PALMARES;
8. 1663 COM ESTRATÉGIA DE GUERRA MAIS ARTICULADA E MAPEADOS OS SÍTIOS DO GRANDE QUILOMBO, UMA EXPEDIÇÃO DE CINCO MESES, OS GUERREIROS E GUERREIRAS DE PALMARES DERROTARAM TODAS AS INVESTIDAS DOS EXÉRCITOS;
9. 1667 SEM BONS RESULTADOS, O COMANDANTE ZENÓBIO ACCIOLY DE VASCONCELOS É QUEM VAI COMADAR MAIS UMA EXCURSÃO A PALMARES;
10. 1670 NESSE ANO CHEGA ZUMBI, AINDA MENINO, NO QUILOMBO COM UMA POPULAÇÃO DE 50.000 HABITANTES;
11. 1671 COM POUCOS RESULTADOS FERNÃO SOUSA COUTINHO ABRE LUTA CONTRA O QUILOMBO;
12. 1672 ANTONIO JOAQUIM BEZERRA COMANDA EXPEDIÇÃO, TAMBÉM, DERROTADO;
13. 1673 SEM SUCESSO, OCORRE OUTRA EXPEDIÇÃO COMANDADA POR CRISTÓVÃO LINS;
14. 1674 COMBATES SANGRENTOS MARCAM A EXPEDIÇÃO COMANDADA POR PEDRO DE ALMEIDA, MAS SEM DESTRUIR O QUILOMBO;
15. 1675 MANOEL LOPES CONSEGUE TER UMA EXTENSÃO TERRITORIAL DE PALMARES, MAS SEM DERROTAR O ESTADO DE MATRIZ AFRICANA;
16. 1676-77 AS EXPEDIÇÕES DE FERNÃO CARRILHO CONSEGUEM ALGUMAS PERSONALIDADES IMPORTANTES DO QUILOMBO E É PROPOSTO UM PACTO DE PAZ PELA CAPITANIA. O QUILOMBO FICOU DIVIDIDO. APENAS UM PEQUENO GRUPO ACOMPANHOU GANGA ZUMBA;
17. 1678 GANGA ZUMBA E PEDRO DE ALMEIDA NEGOCIAM A PAZ. OS PARTIDÁRIOS DE ZUMBI NÃO ACEITAM A PAZ ASSINADA POR GANGA ZUMBA, QUE É ASSASSINADO. A LUTA RECOMEÇA E É CHEFIADA POR GONÇALO MOREIRA;
18. 1680 OUTRA EXPEDIÇÃO É FEITA CONTRA O QUILOMBO DE PALMARES, CHEFIADA POR ANDRÉ DIAS;
19. 1682 MANOEL LOPES É DERROTADO OUTRA VEZ;
20. 1683 FERNÃO CARRILHO, QUE TAMBÉM CHEFIOU OUTRAS EXPEDIÇÕES É DERROTADO MAIS UMA VEZ;
21. 1684 NOVA ENTRADA É COMANDADA POR JOÃO DE FREITAS CUNHA, SEM SUCESSO;
22. 1686 FERNÃO CARRILHO TENTA MAIS UMA VEZ, SEM SUCESSO DESTRUIR PALMARES;
23. 1687 É RECRUTADO O CAÇADOR DOMINGOS JORGE VELHO DE SÃO PAULO PELO GOVERNO DA CAPITANIA;
24. 1691 O BANDEIRANTE DOMINGOS JORGE VELHO LANÇA A SUA TROPA CONTRA PALMARES, MAS É CONTRA-ATACADO E DERROTADO;
25. 1693 PERÍODO DE FOME E CARESTIA NA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO E OS SENHORES DE ENGENHO PROMOVEM CAMPANHA DE ALISTAMENTO PARA O COMBATE AO QUILOMBO. NO FINAL DA CAMPANHA JÁ HAVIAM APROXIMADAMENTE 10.000 HOMENS INSCRITOS;
26. 1694 COMANDADO POR DOMINGOS JORGE VELHO, ALÉM DO BATALHÃO DE VOLUNTÁRIOS, FORAM INCLUÍDOS DOIS BATALHÕES DE SOLDADOS COM CANHÕES, ARMA AINDA NÃO UTILIZADA CONTRA PALMARES. A LUTA FOI SANGRENTA E O COMANDANTE CONSEGUE DESTRUIR PALMARES;
27. 1695 ZUMBI TENTOU REORGANIZAR O SEU EXÉRCITO, MAS OS ATAQUES FREQUENTES, O CRESCIMENTO DO NÚMERO DE PRISIONEIRO, AS TORTURAS E A DENÚNCIA, O FIZERAM SER PRESO E EM 20 DE NOVEMBRO MORREU ZUMBI NOS PALMARES.

FONTE: DÉCIO FREITAS. REPÚBLICA DE PALMARES PESQUISA E COMENTÁRIOS EM DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SÉCULO XVII. EDUFAL. MACEIÓ. 2004 / ALAÔR SCISÍNIO. DICIONÁRIO DA ESCRAVIDÃO. LÉO CHRISTIANO EDITORIAL. RIO DE JANEIRO. 1997

LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS PRINCIPAIS SÍTIOS DO GRANDE QUILOMBO DE PALMARES







BRASIL

PRINCIPAIS ZONAS E SÍTIOS DOS QUILOMBOS E MOVIMENTOS SOCIAIS DAS POPULAÇÕES AFRICANAS E DOS DESCENDENTES NO TERRITÓRIO - SÉCULOS XVI / XIX





LEGENDA

PRINCIPAIS SÍTIOS QUILOMBOLAS

-  SÍTIO QUILOMBOLA COM POPULAÇÃO ENTRE 20.000 E 30.000 HABITANTES
-  SÍTIO QUILOMBOLA COM POPULAÇÃO ENTRE 10.000 E 20.000 HABITANTES
-  SÍTIO QUILOMBOLA COM POPULAÇÃO DE ATÉ 10.000 HABITANTES
-  ZONA DE GRANDE CONCENTRAÇÃO DE TERRITÓRIOS QUILOMBOLA

PRINCIPAIS MOVIMENTOS SOCIAIS ORGANIZADOS

-  LOCAL APROXIMADO DA OCORRÊNCIA / MANIFESTAÇÃO
-  DIVISÃO POLÍTICA DO BRASIL (CONSTITUIÇÃO 1988)

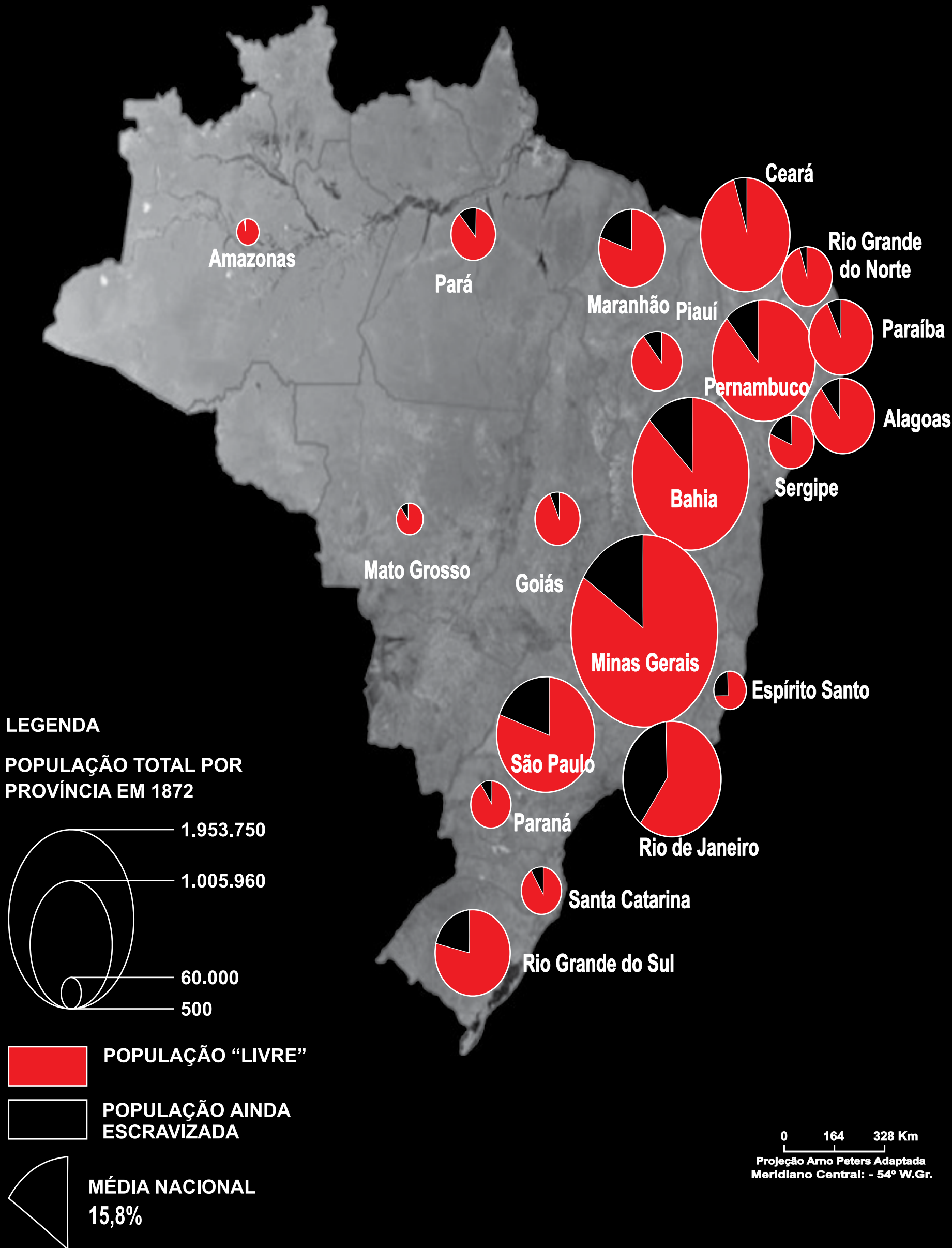
0 164 328 Km
Projeção Arno Peters Adaptada
Meridiano Central: - 54° W.Gr.



BRASIL

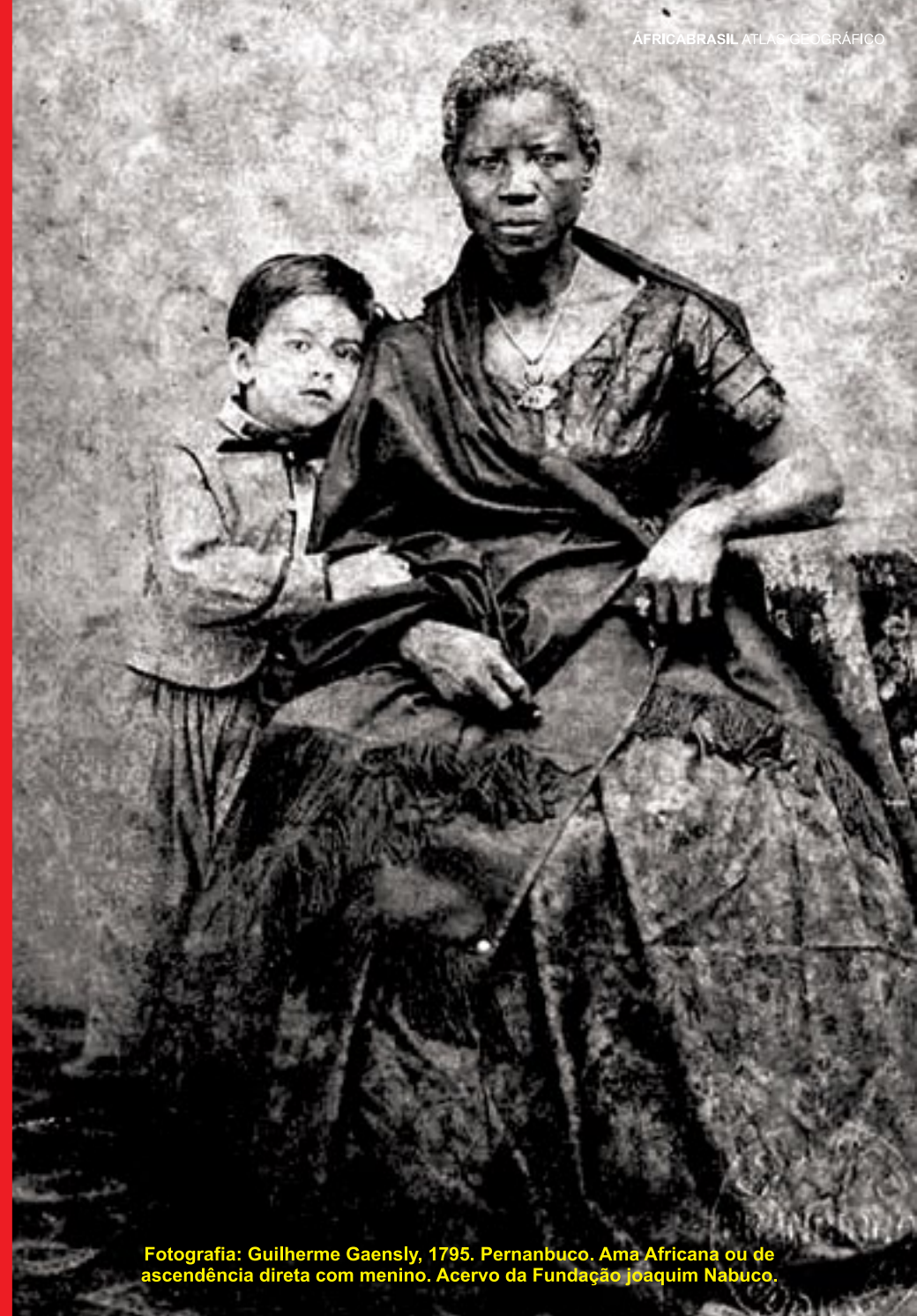
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO AFRICANA E AFROBRASILEIRA RECENDEADA EM 1872

(DISTRIBUIÇÃO NAS UNIDADES POLÍTICAS CONTEMPORÂNEAS)





Fotografia: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco. MAN 209



Fotografia: Guilherme Gaensly, 1795. Pernambuco. Ama Africana ou de ascendência direta com menino. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.



Fotografia Anônima: Acervo da Fundação Gregório de Mattos. IM30_PMS. Bahiana Acarajé.



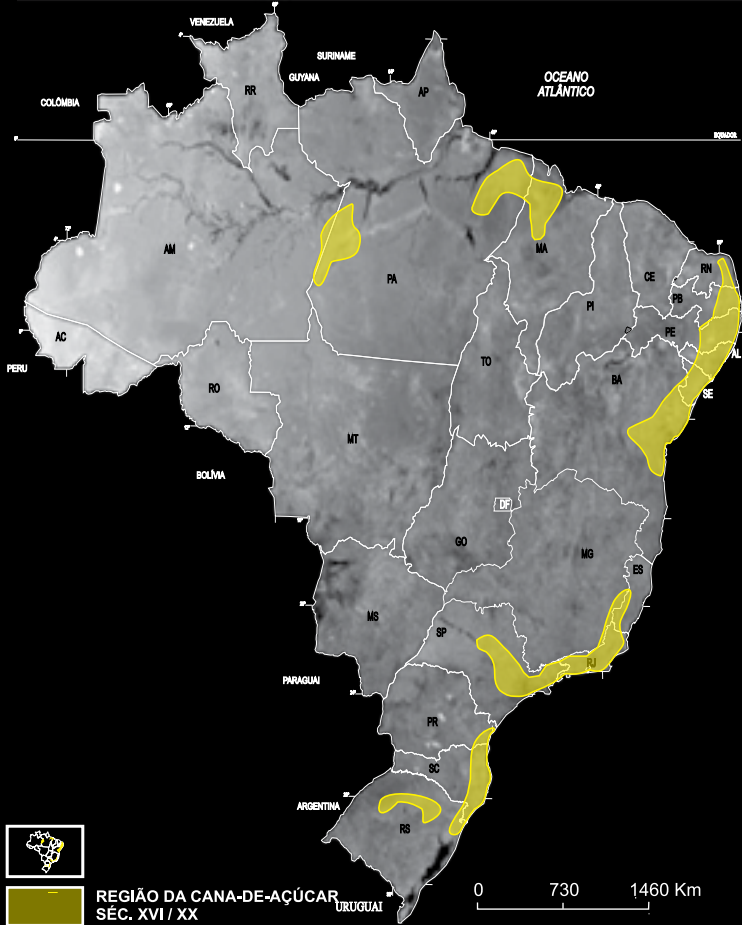
Foto Anônima: Sr. Chico e sua esposa Vicência, com seu filho Fernando nos braços da sua avó Africana, de origem do Golfo da Guiné - 1940. Acervo Família dos Anjos

REFERÊNCIAS DAS PRINCIPAIS REGIÕES COM AT

REGIÃO DO PAU BRASIL



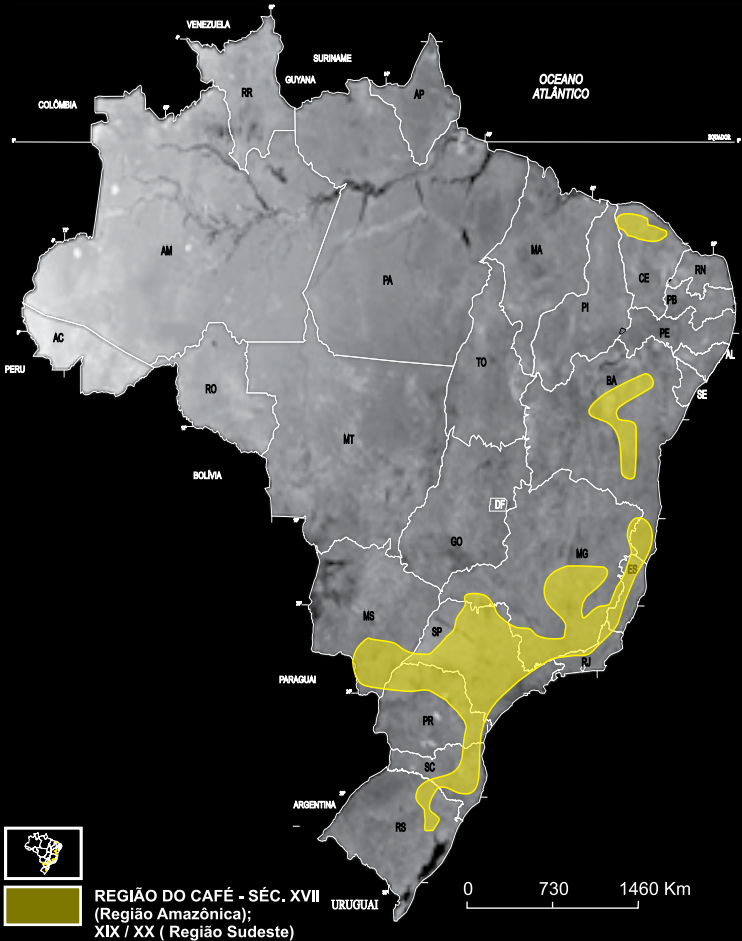
REGIÃO DA CANA-DE-AÇÚCAR



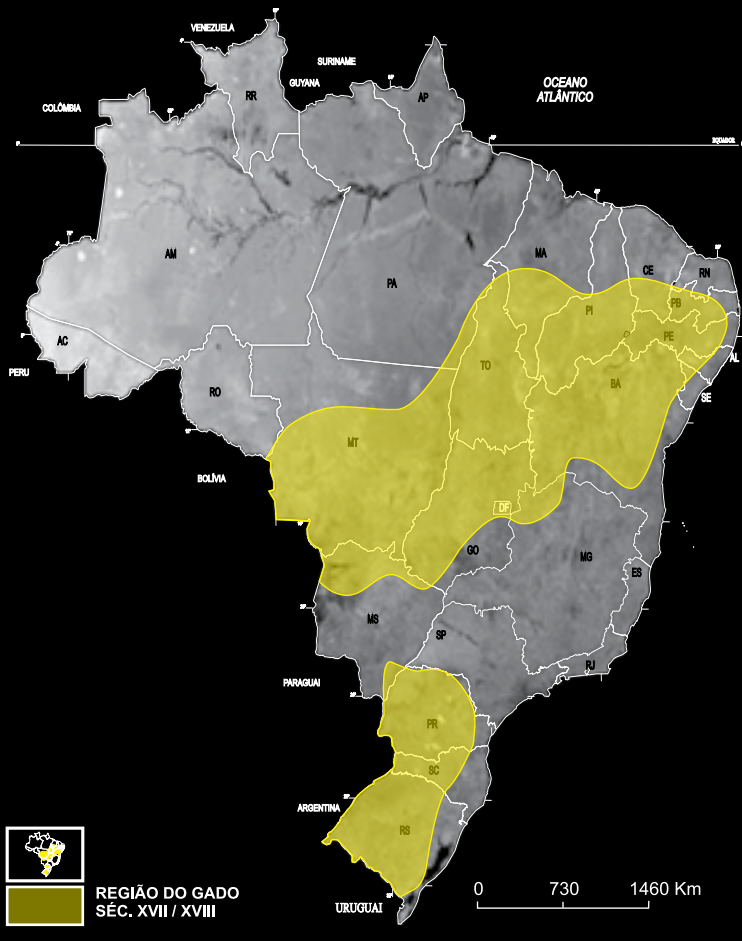
REGIÃO DA MINERAÇÃO



REGIÃO DO CAFÉ



REGIÃO DO GADO

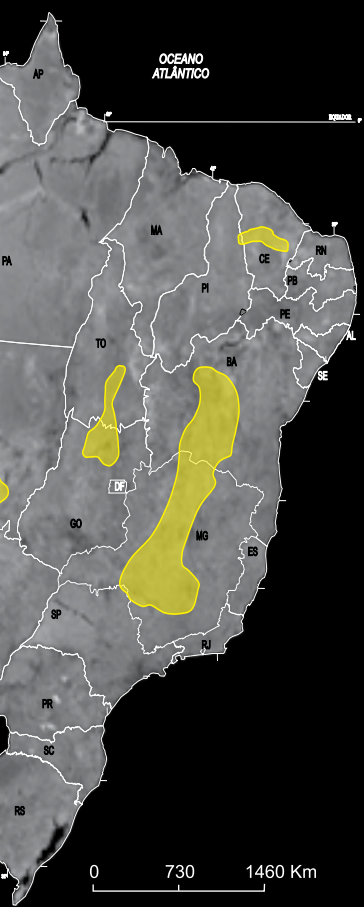


REGIÃO DO FUMO

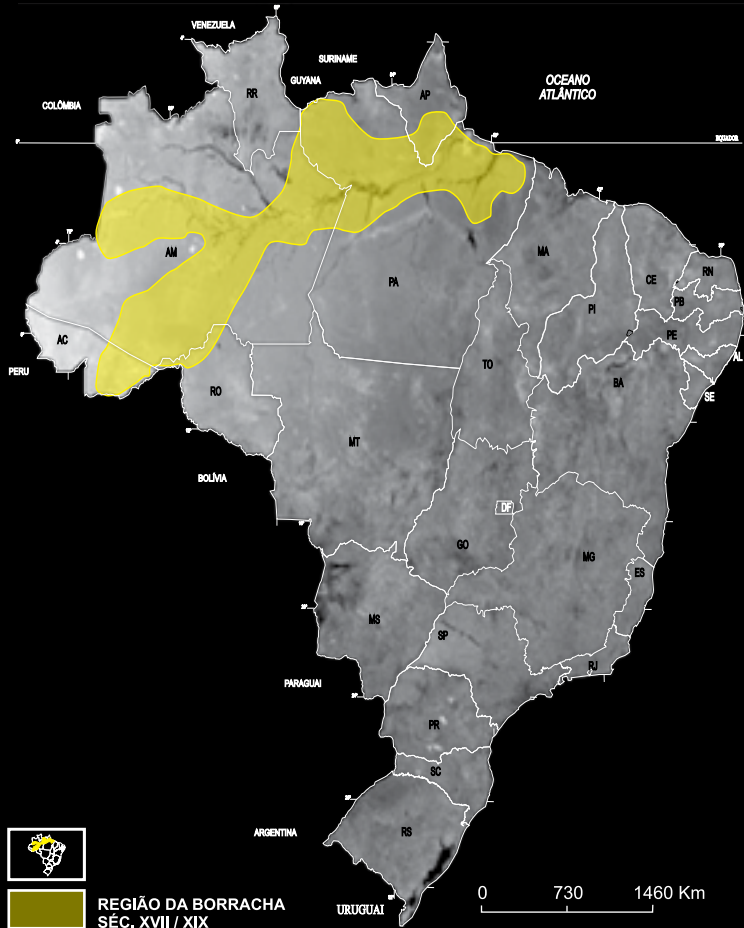


BRASIL ATIVIDADES ECONÔMICAS COLONIAIS - IMPERIAIS

MINERAÇÃO



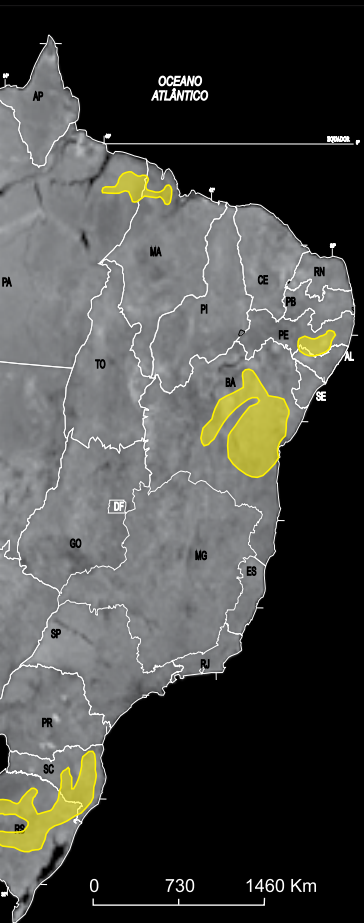
REGIÃO DA BORRACHA



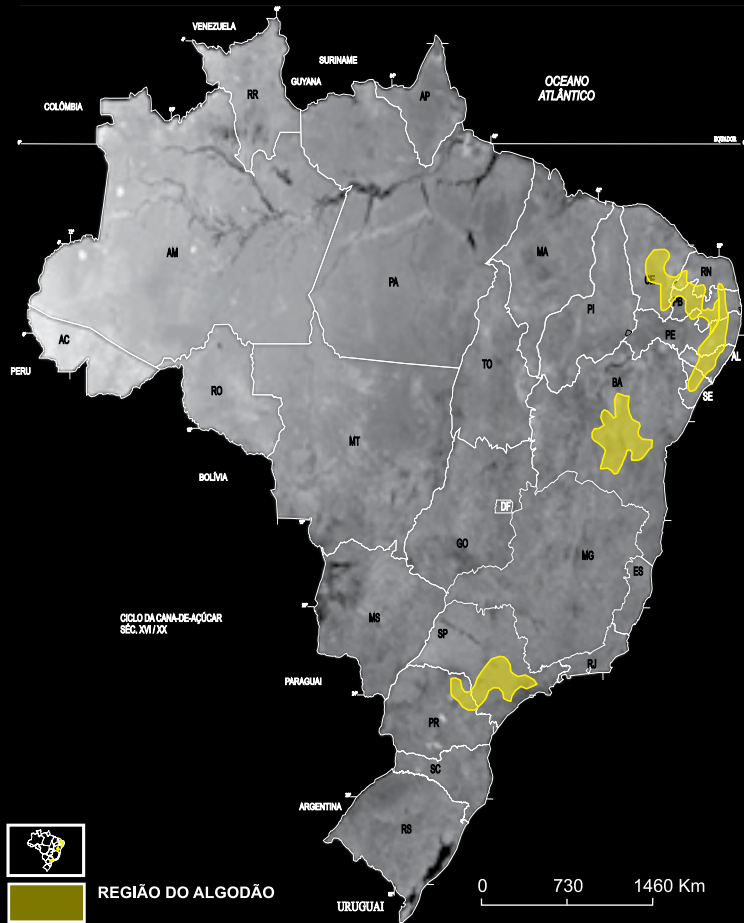
REGIÃO DO CACAU



DO FUMO

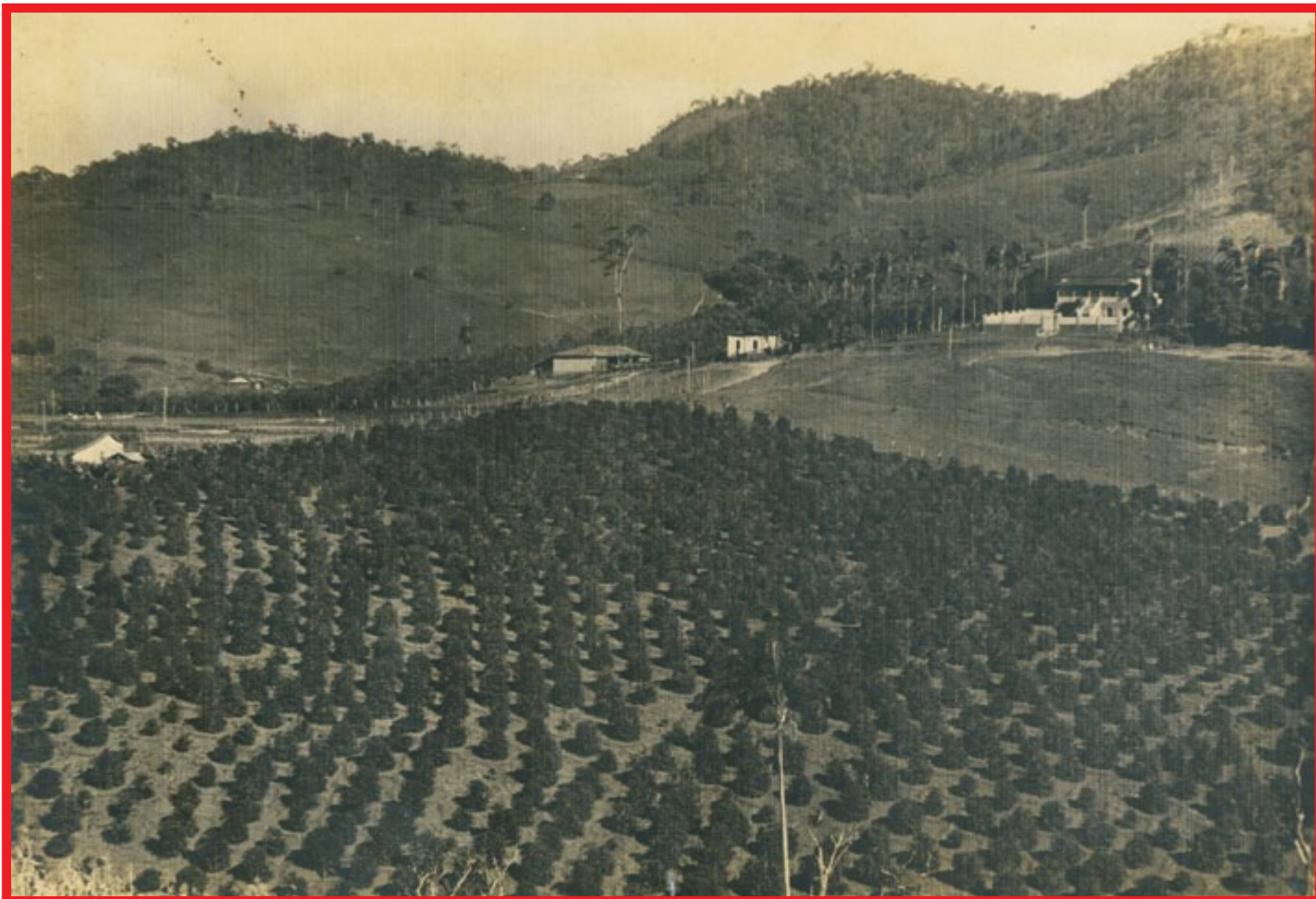


REGIÃO DO ALGODÃO



DIVISÃO POLÍTICA DO BRASIL





FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA. FAZENDA DE CAFÉ NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.

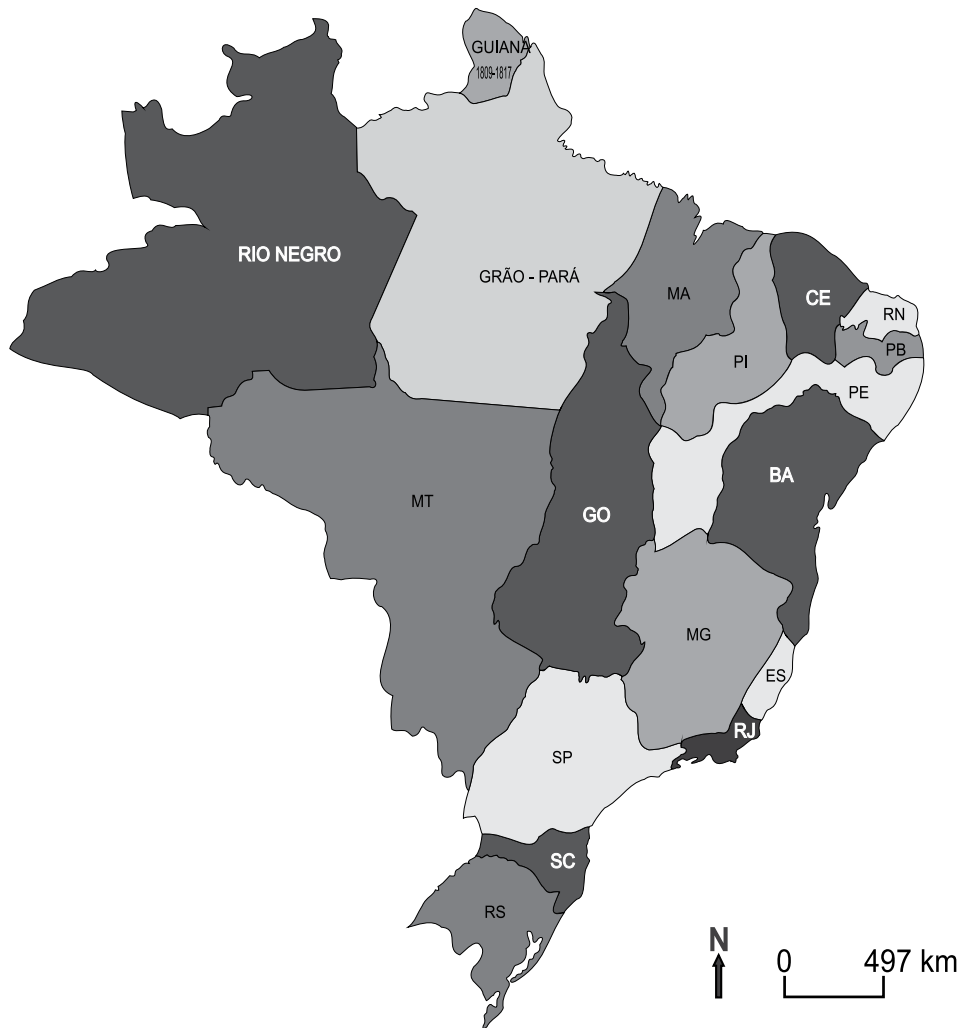


FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA. PLANTAÇÃO DE CACAU NO SUL DO ESTADO DA BAHIA, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.

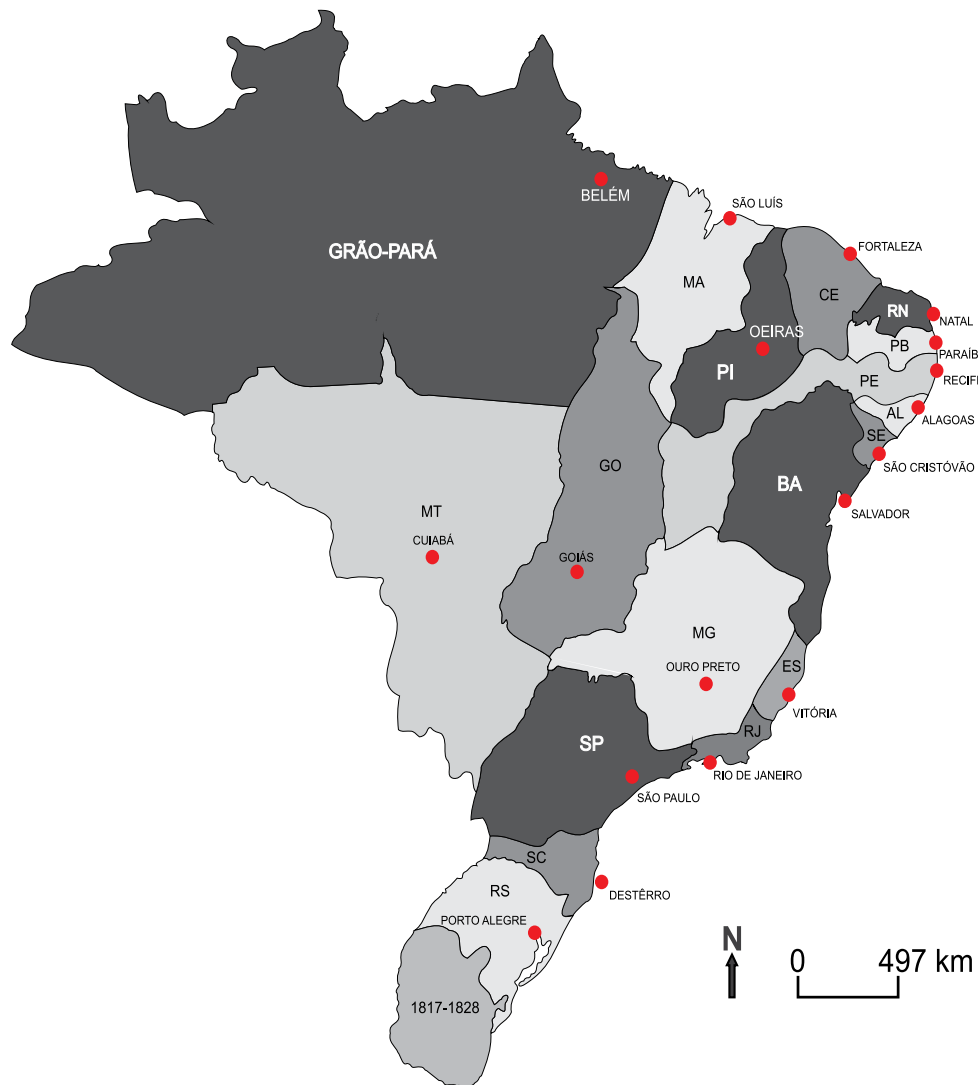
MONITORAMENTO DA EVOLUÇÃO DA DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO BRASIL

1815 - 1822 - 1889 - 1938

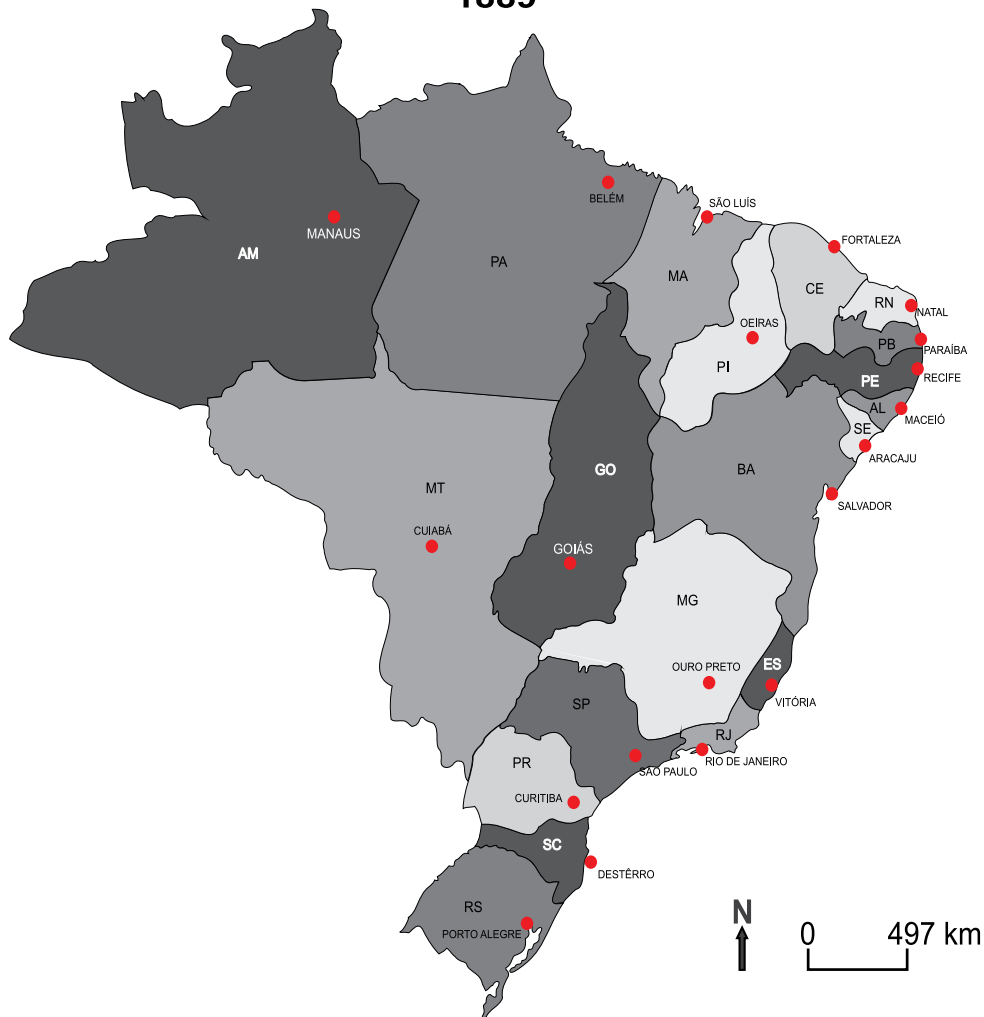
REINO UNIDO DO BRASIL
1815



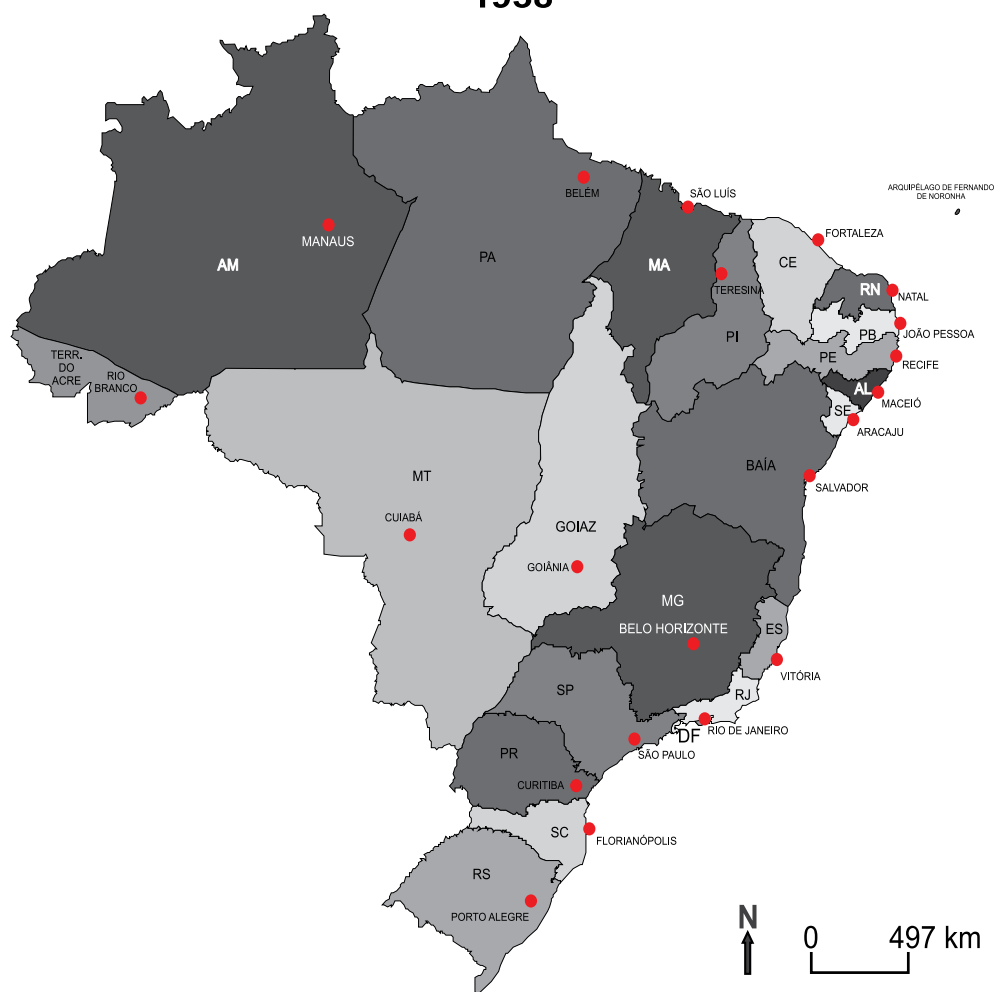
IMPÉRIO DO BRASIL
1822




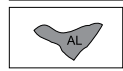

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
1889



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
1938



LEGENDA

-  SIGLA/NOME DAS UNIDADES POLÍTICO-ADMINISTRATIVAS
-  EXTENSÃO TERRITORIAL DA UNIDADE POLÍTICO-ADMINISTRATIVA
-  CAPITAL DA UNIDADE POLÍTICO-ADMINISTRATIVA



FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA, CENTRO DE SALVADOR - BAHIA, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.



FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA, CENTRO DO RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.



FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA. CENTRO DE RECIFE - PERNAMBUCO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.



FOTOGRAFIA: AUGUSTO MALTA. CENTRO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.
ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.

PARTE III

ÁFRICA

A DOMINAÇÃO ESPACIAL DO IMPERIALISMO,
O PROCESSO DE "LIBERTAÇÃO TERRITORIAL"
E A FORMAÇÃO DAS "NOVAS" FRONTEIRAS POLÍTICAS

Durante três séculos , XVI a XVIII, praticamente não houve oposição na Europa ao tráfico de povos africanos para a América. A acumulação primitiva de capital podia considerar encerrado seu ciclo, pelo menos na Inglaterra, onde o processo estava adiantado. Daí para frente, a própria exploração dos trabalhadores nas fábricas iria assumir o papel principal na reprodução do capital. Os capitalistas, cujo faturamento dependia da existência de um mercado de consumo para os bens industrializados, começam a ganhar hegemonia no tratamento das políticas governamentais e, dentre as tantas bandeiras liberais, acabaram, também, por levantar a que pregava o fim do tráfico e, posteriormente, do próprio sistema escravista. A política abolicionista inglesa, depois incorporada nos meados do século XIX pelos franceses, holandeses, belgas e alemães, servia para mascarar um projeto político mais ambicioso e mais complexo: o domínio efetivo dos territórios da África e da Ásia. O capitalismo já começara a por de lado a mão-de-obra escrava da África, negócio rendoso em que o interesse europeu estava orientado até o século XIX. O continente africano era, dessa forma, uma extensão territorial “aberta” aos novos-velhos conquistadores-dominadores, todos antiescravistas de “fachada”, mas nem por isso menos destruidores das sociedades e da cultura africana.

Rafael Sanzio, 2009



FOTOGRAFIA ANÔNIMA: GRUPO DE MULHERES DJABBIR - REGIÃO NORTE



CONGO, ANTERIOR A 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.5-21.

**“O terrível caos
introduzido pelo comércio de escravos
aniquilou os primeiros ensaios
de formação de unidades políticas estáveis
e recolocou a África
no fracionamento familiar.”**

Pierre Jeorge, 1979

“O espaço é a acumulação desigual dos tempos.”

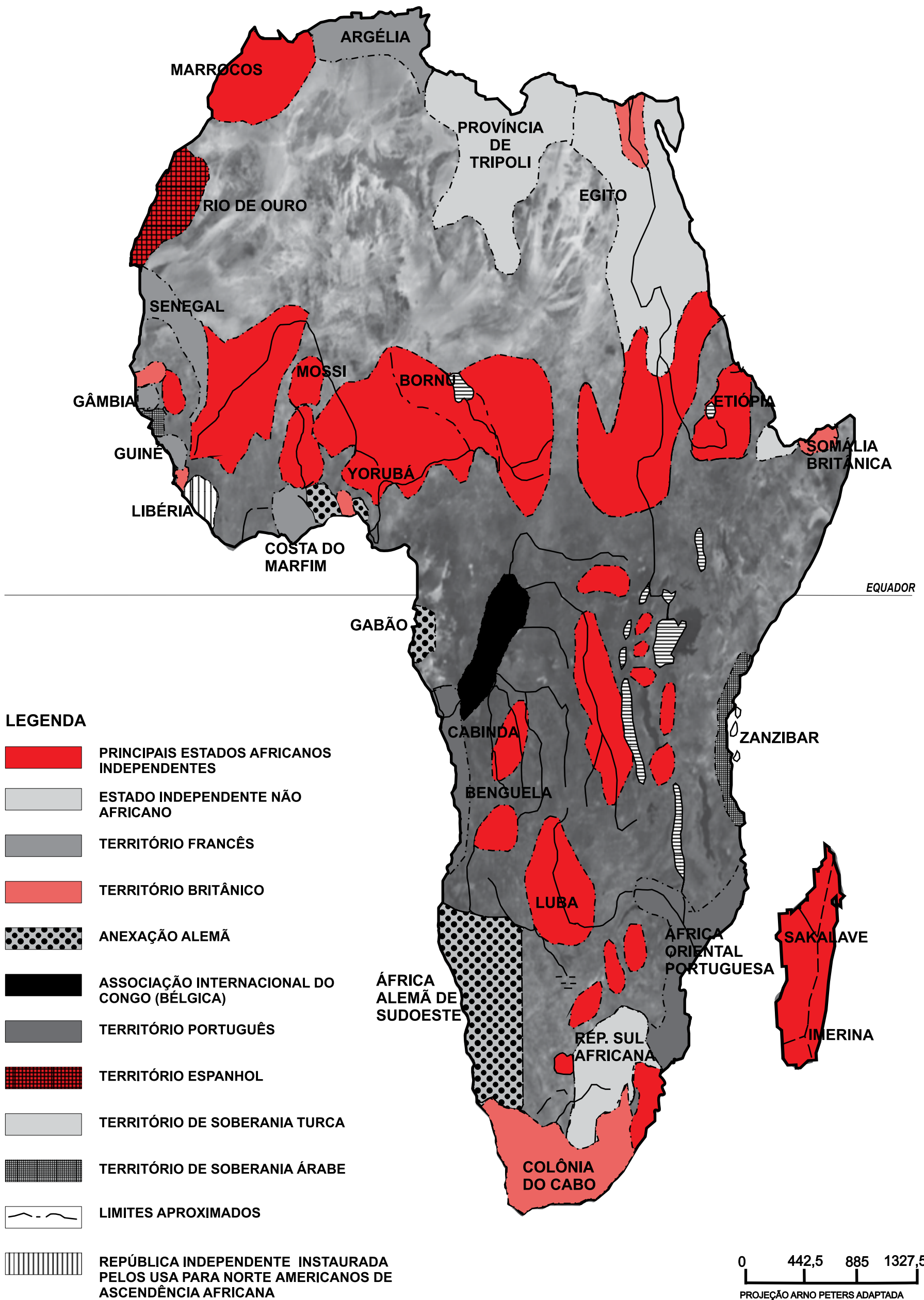
Milton Santos, 1988

**“Colônias, protetorados, zonas de influência
passaram a definir um universo
de relações econômicas,
políticas, sociais e simbólicas
entre um seleto clube de Estados ocidentais
e grandes parcelas do planeta.
Muito provavelmente poucos espaços
sofreram transformações tão drásticas
num período tão curto de tempo
como o continente africano;
poucos eventos são, contudo,
tão ignorados como a famosa
‘partilha da África’.”**

Omar Ribeiro Thomaz, 1998

- ÁFRICA -

ESTADOS AFRICANOS E COLÔNIAS ESTRANGEIRAS NO FINAL DO SÉCULO XIX (1885)



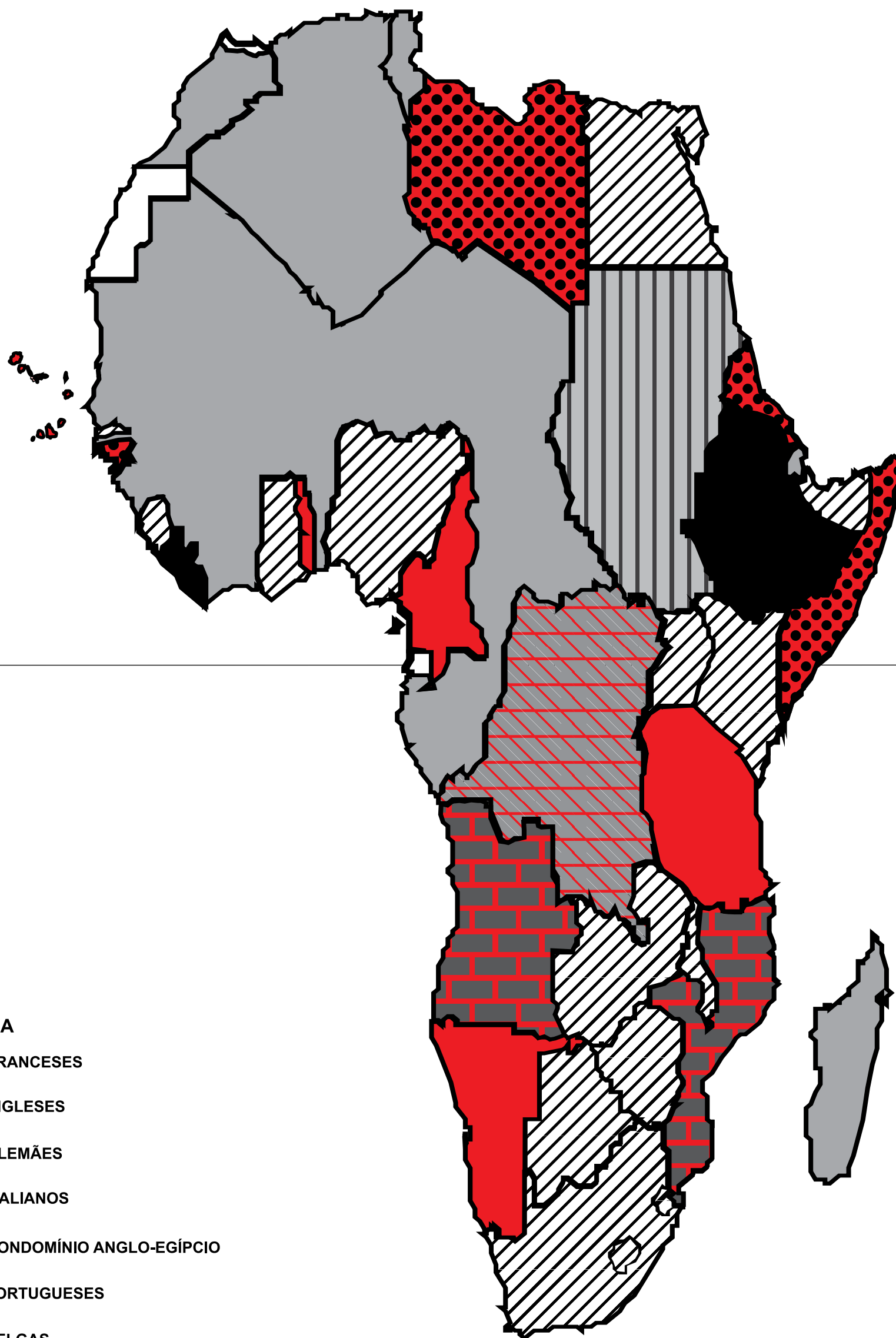




DE LULUA - CONGO, 1897. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1957.34.129.



- PARTILHA DA ÁFRICA - ESTRUTURA DAS FRONTEIRAS EUROPÉIAS IMPOSTAS 1880 - 1913



EQUADOR

LEGENDA

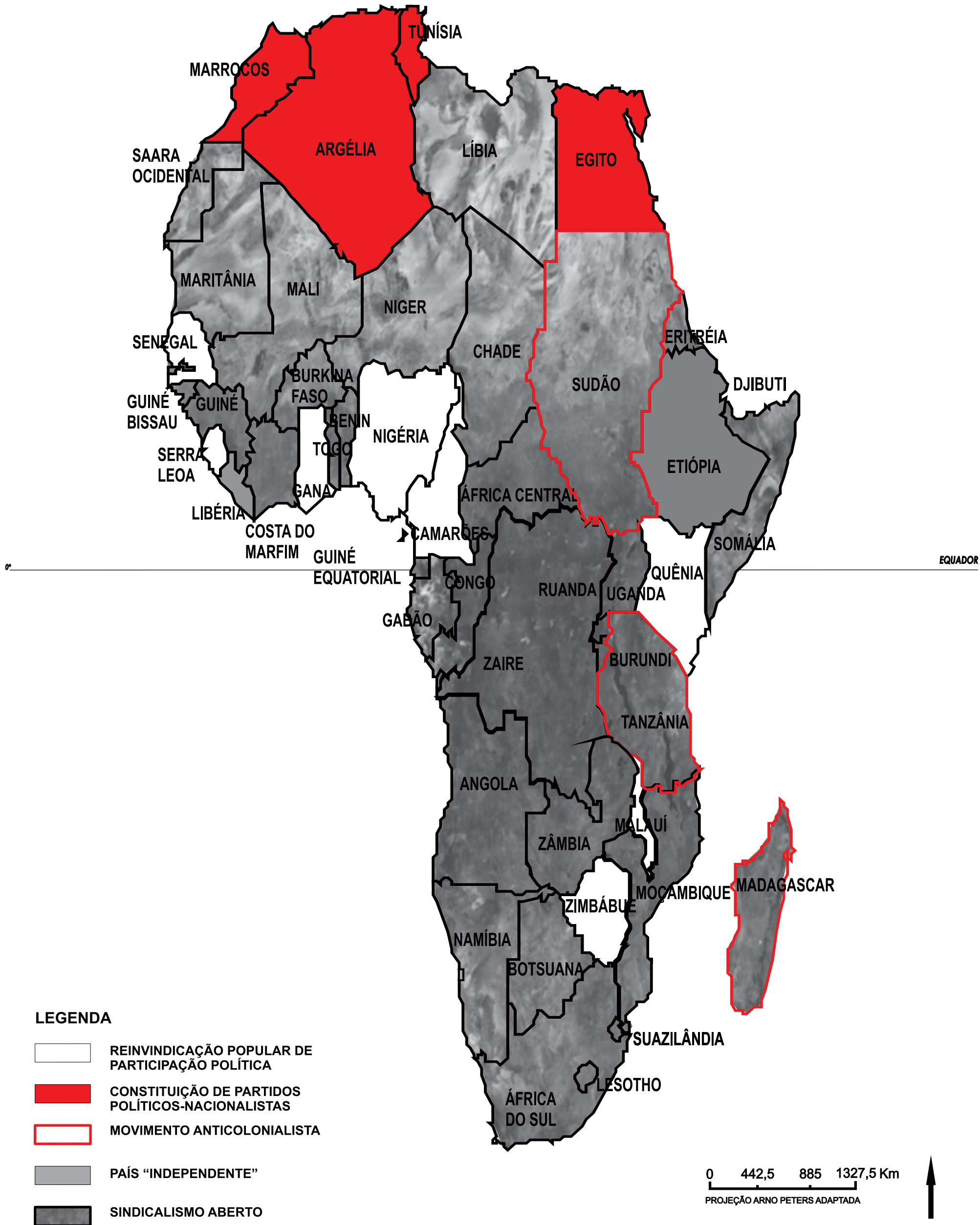
-  FRANCESES
-  INGLESES
-  ALEMÃES
-  ITALIANOS
-  CONDOMÍNIO ANGLO-EGÍPCIO
-  PORTUGUESES
-  BELGAS
-  ESPANHÓIS
-  TERRITÓRIOS INDEPENDENTES

0 442,5 885 1327,5 Km
PROJEÇÃO ARNO PETERS ADAPTADA



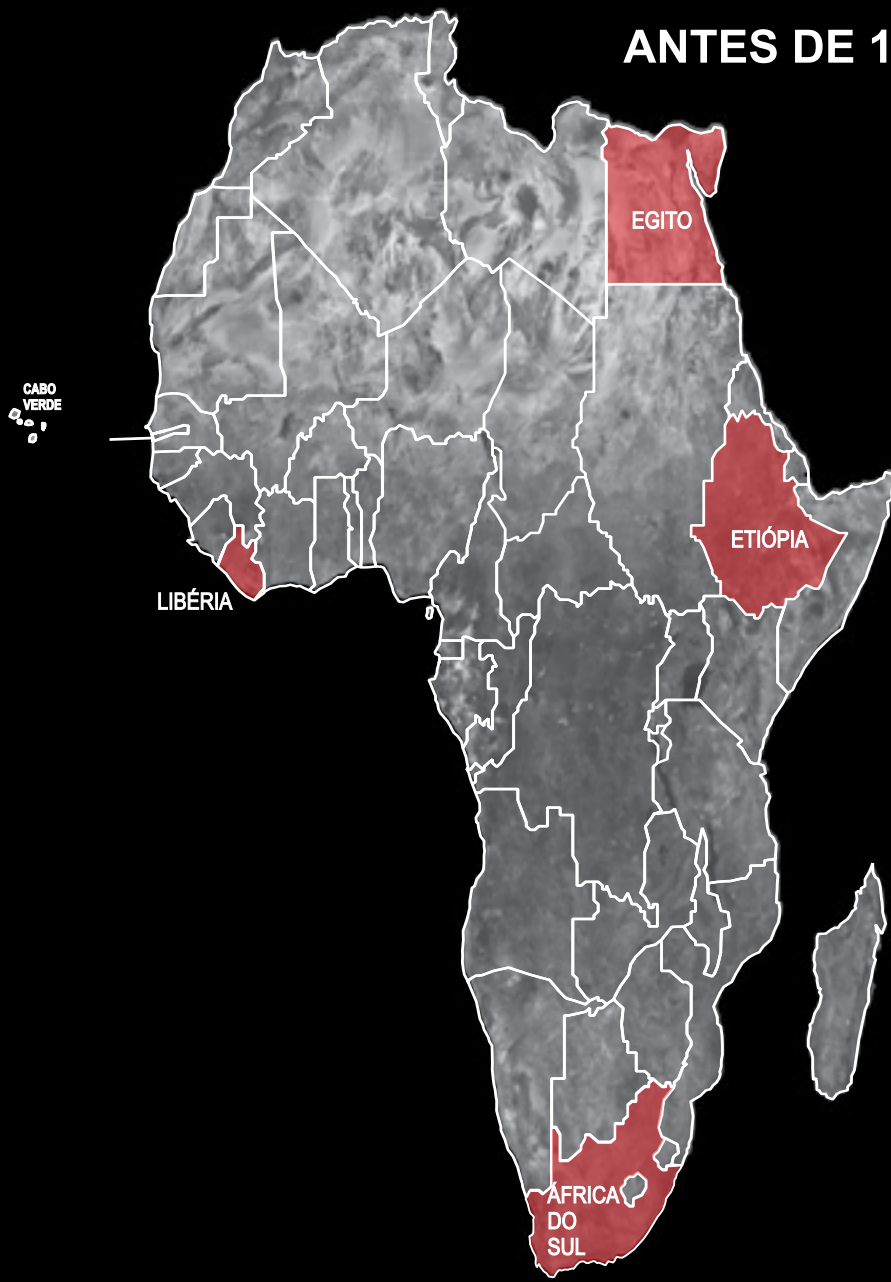
ÁFRICA

MOVIMENTOS NACIONALISTAS - SÉCULO XX

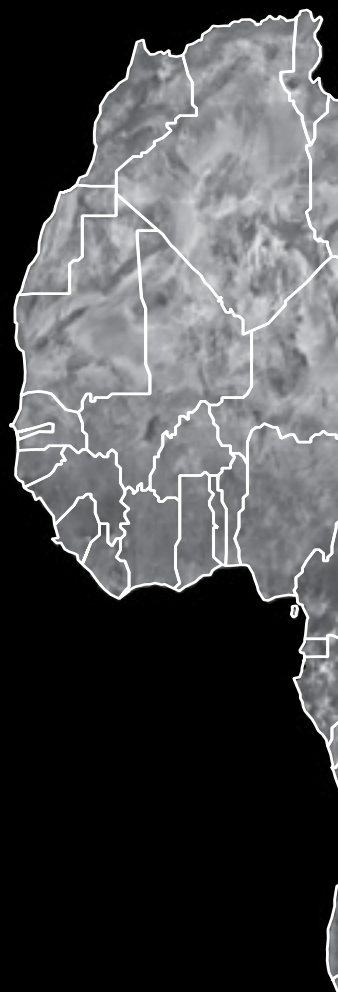
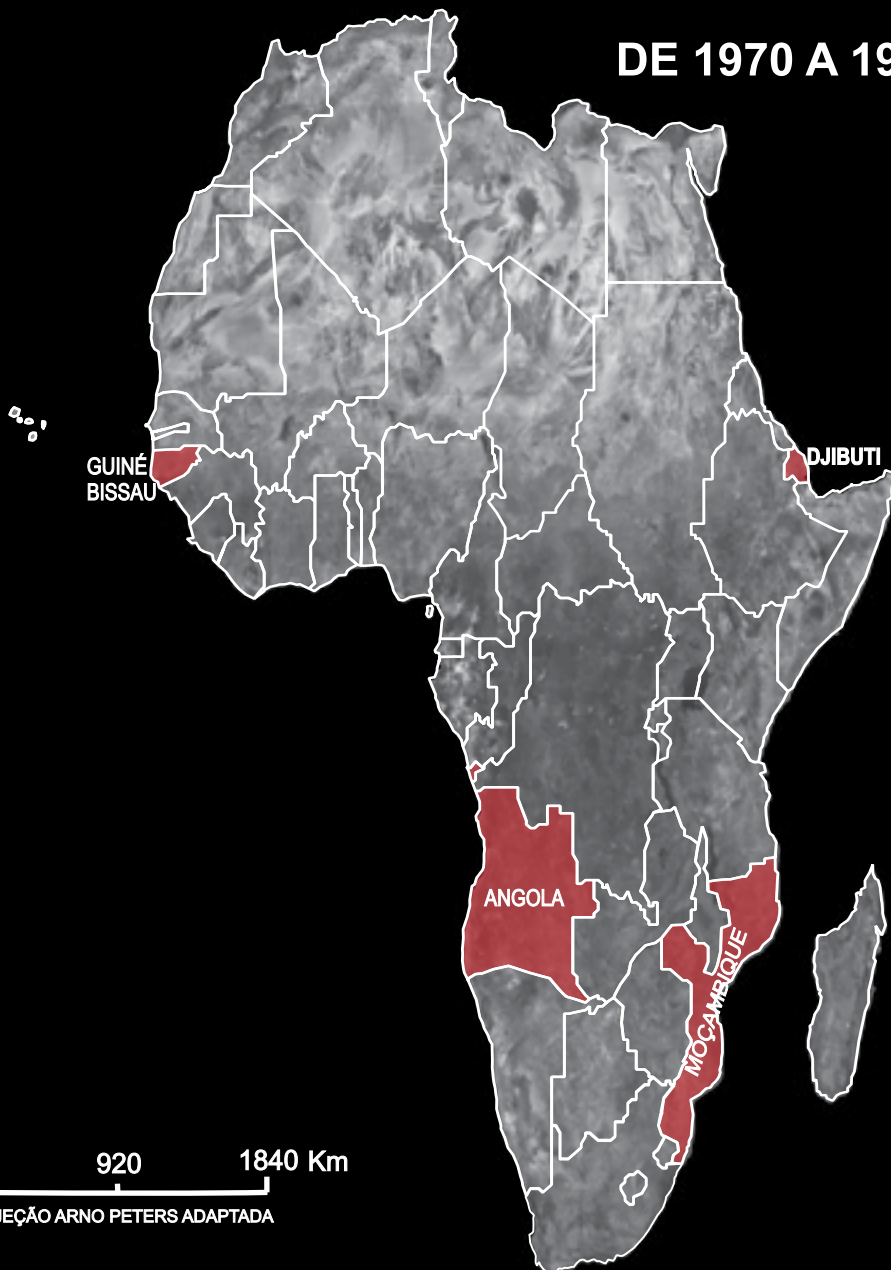


MONITORAMENTO PROCESSO DE LIB E DESCOLONIZAÇÃO DOS

ANTES DE 1949



DE 1970 A 1979

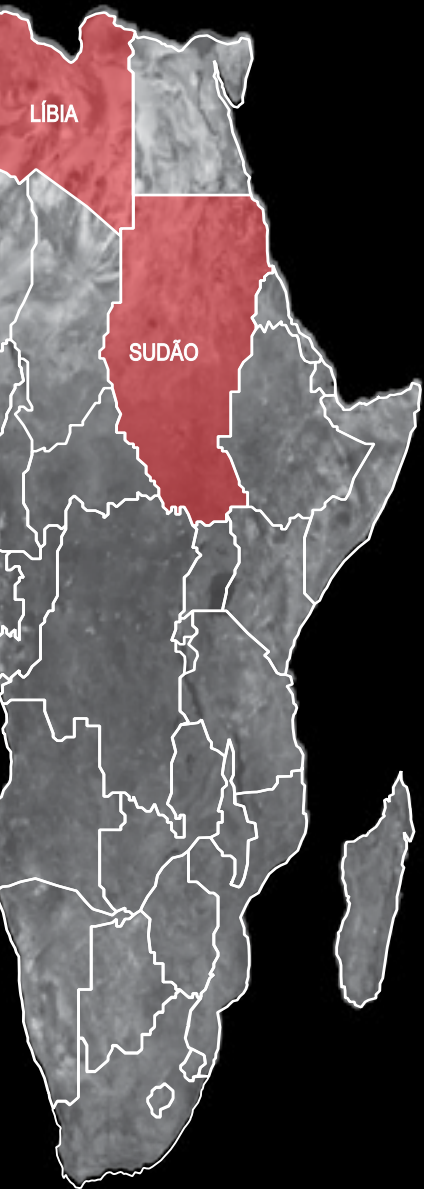


0 920 1840 Km
PROJEÇÃO ARNO PETERS ADAPTADA

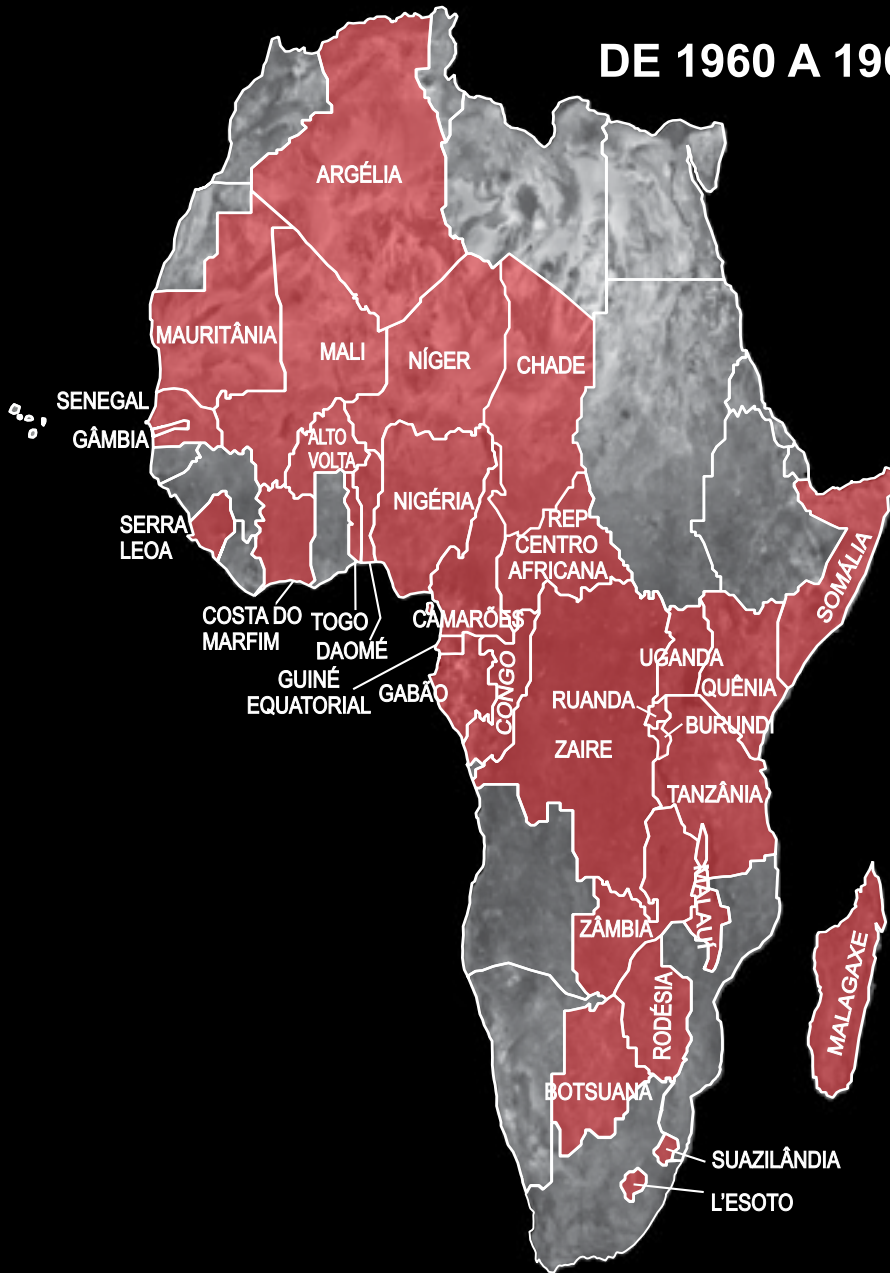
REPÚBLICA DO ZIMBÁBUE
1980

TERMINAÇÃO DA DOMINAÇÃO TERRITORIAL NOVOS ESTADOS DA ÁFRICA

DE 1950 A 1959



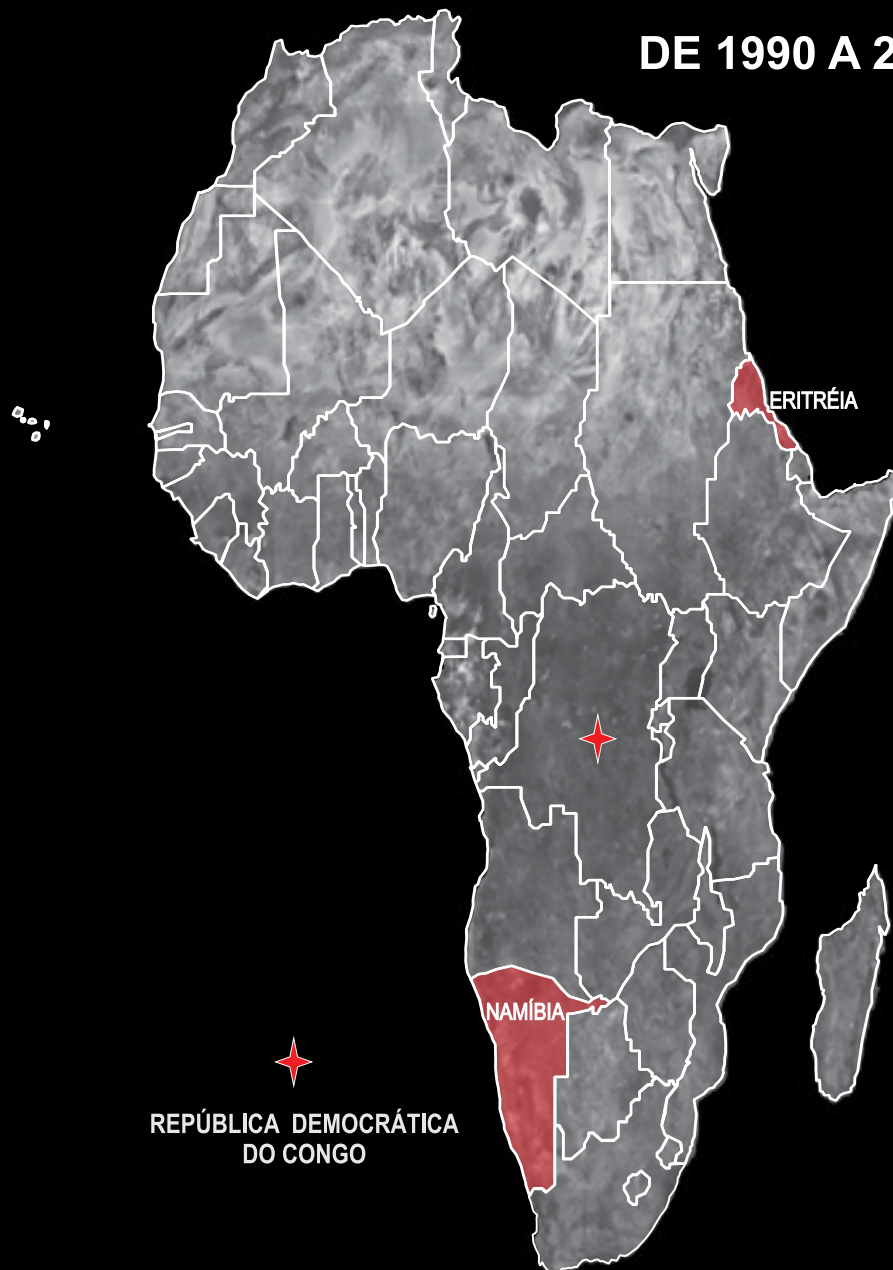
DE 1960 A 1969



DE 1980 A 1989



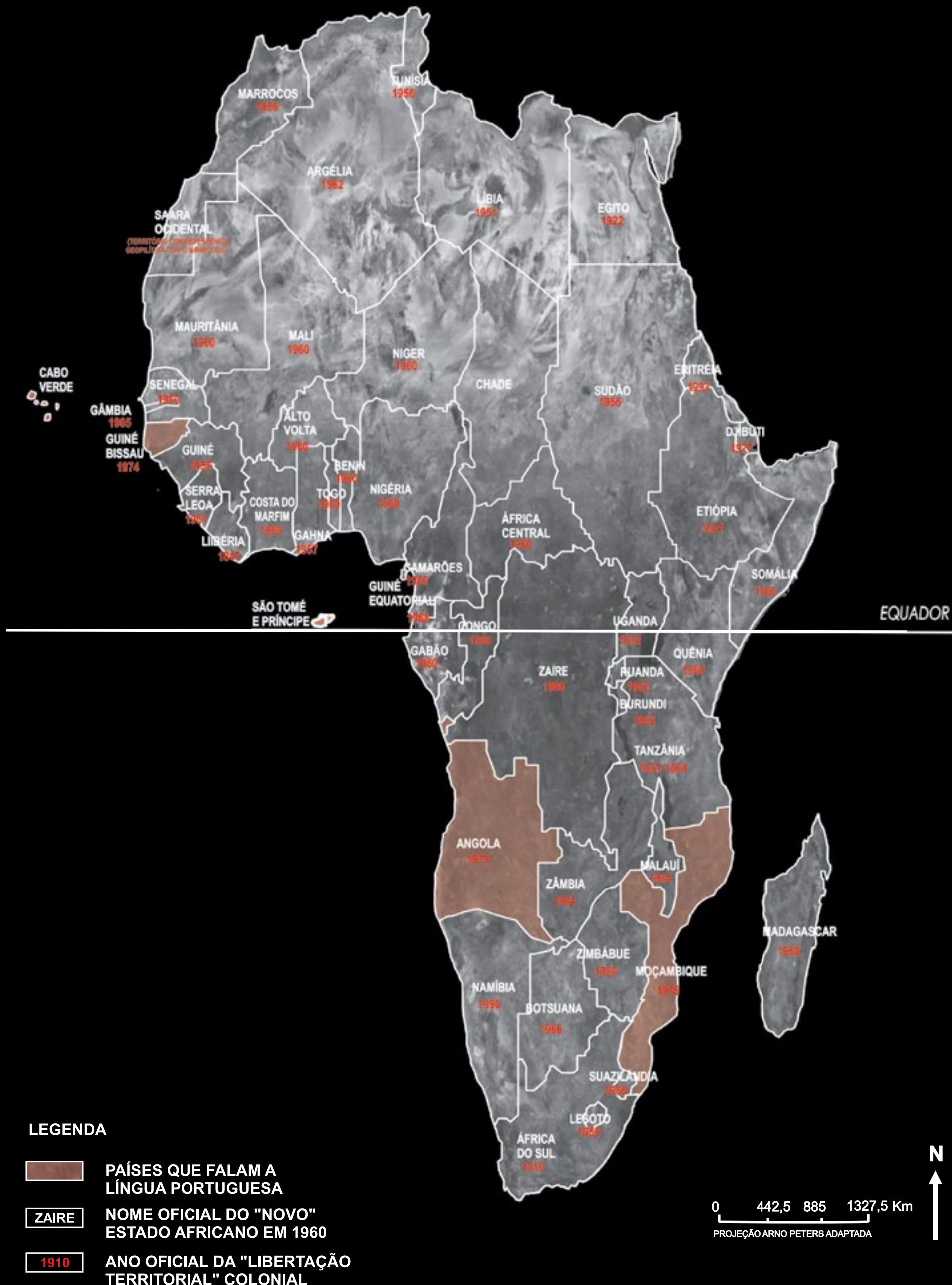
DE 1990 A 2008



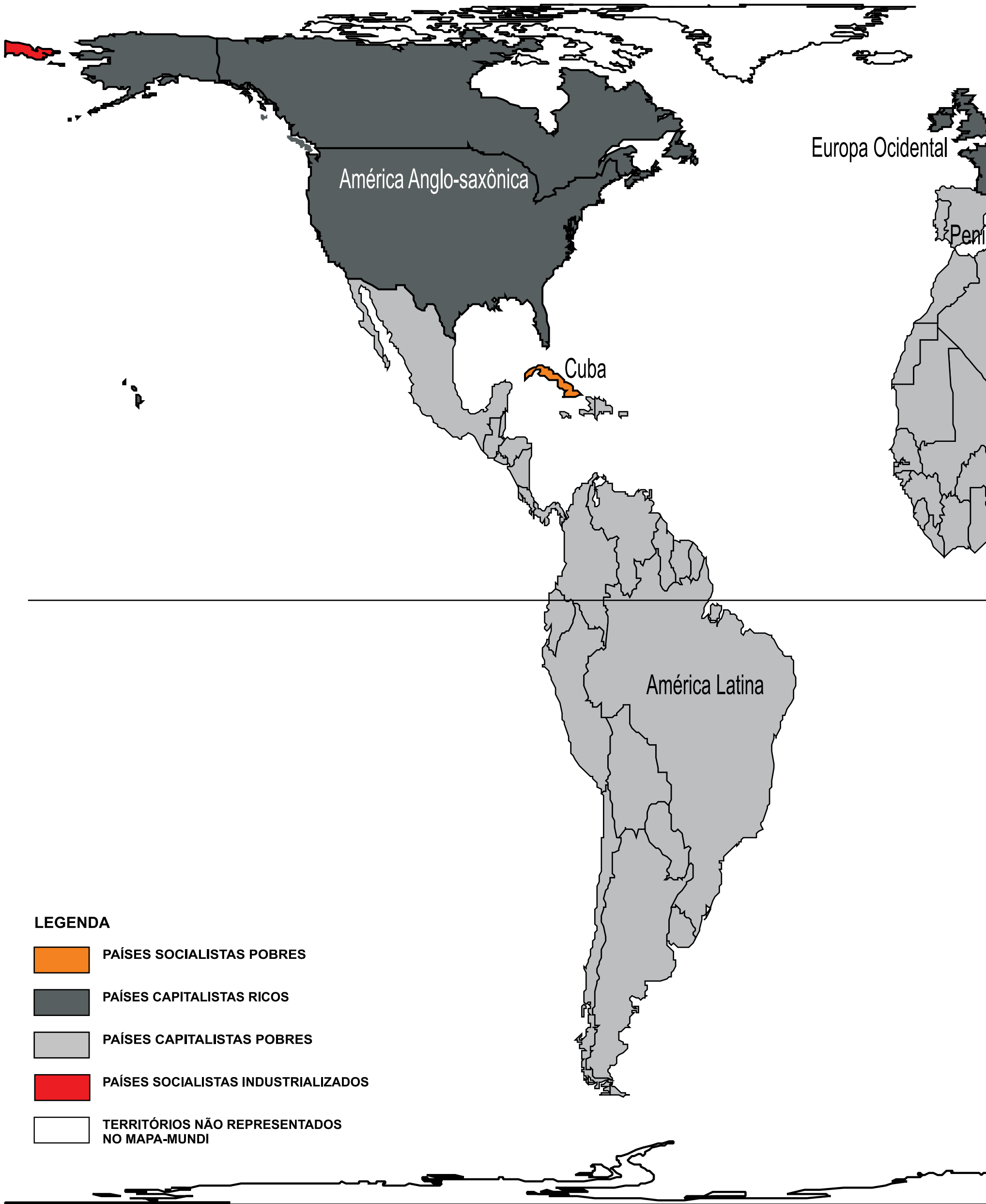


FOTOGRAFIA ANÔNIMA: REI MEMLAO E SUA FAMÍLIA. REGIÃO DE BANANA - BAIXO-CONGO, ANTERIOR A 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.1-4.

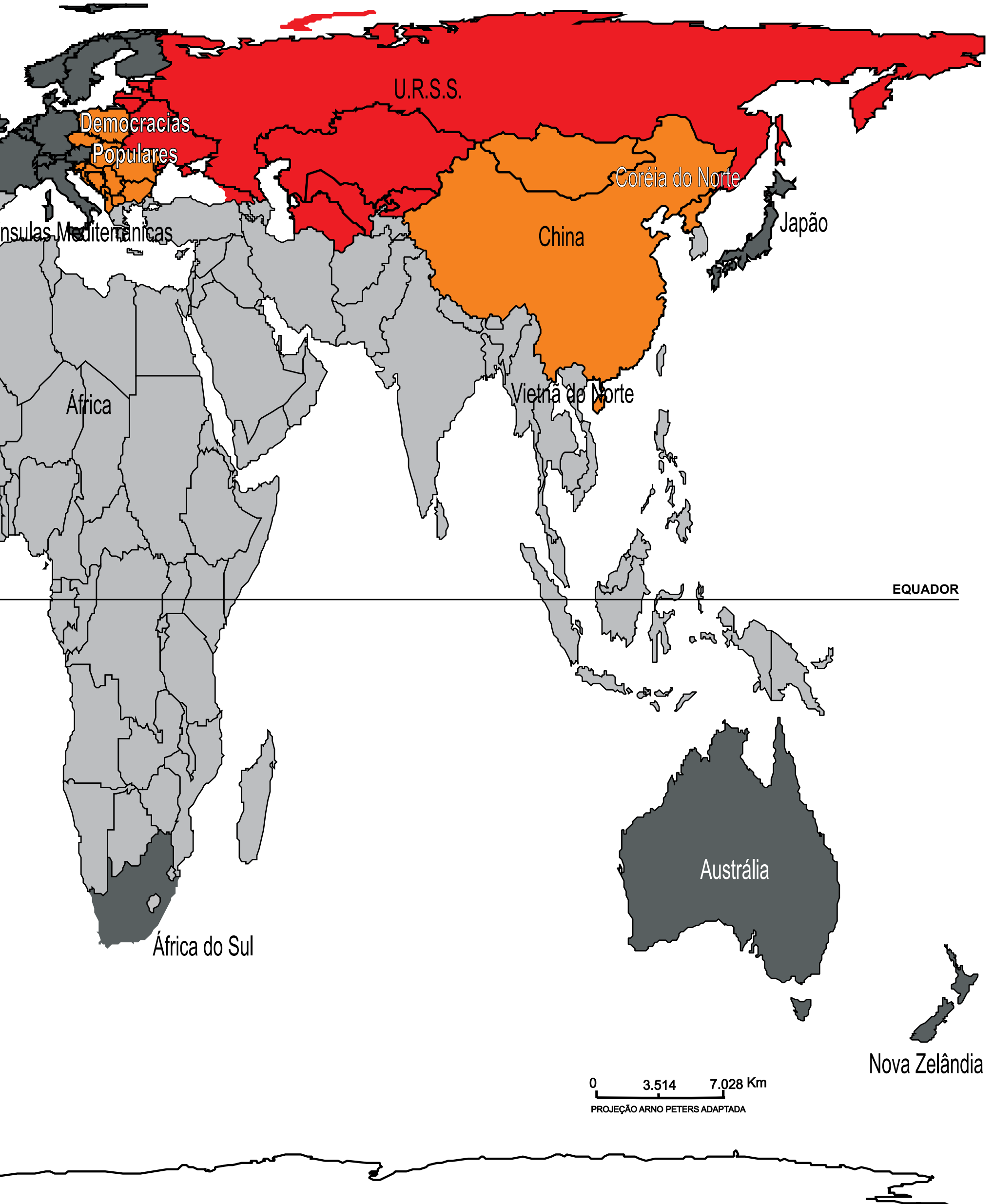
REFERÊNCIA TEMPORAL DA DESCOLONIZAÇÃO E OS ESTADOS AFRICANOS QUE FICARAM COM A LÍNGUA PORTUGUESA COMO IDIOMA OFICIAL



REPRESENTAÇÃO DO MUNDO GEOE



CONÔMICO NAS DÉCADAS 1960-1970



PARTE IV

BRASIL

A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
AFROBRASILEIRA, A TERRITORIALIDADE
DOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS,
OS ESTEREÓTIPOS E A DIÁSPORA DA CAPOEIRA



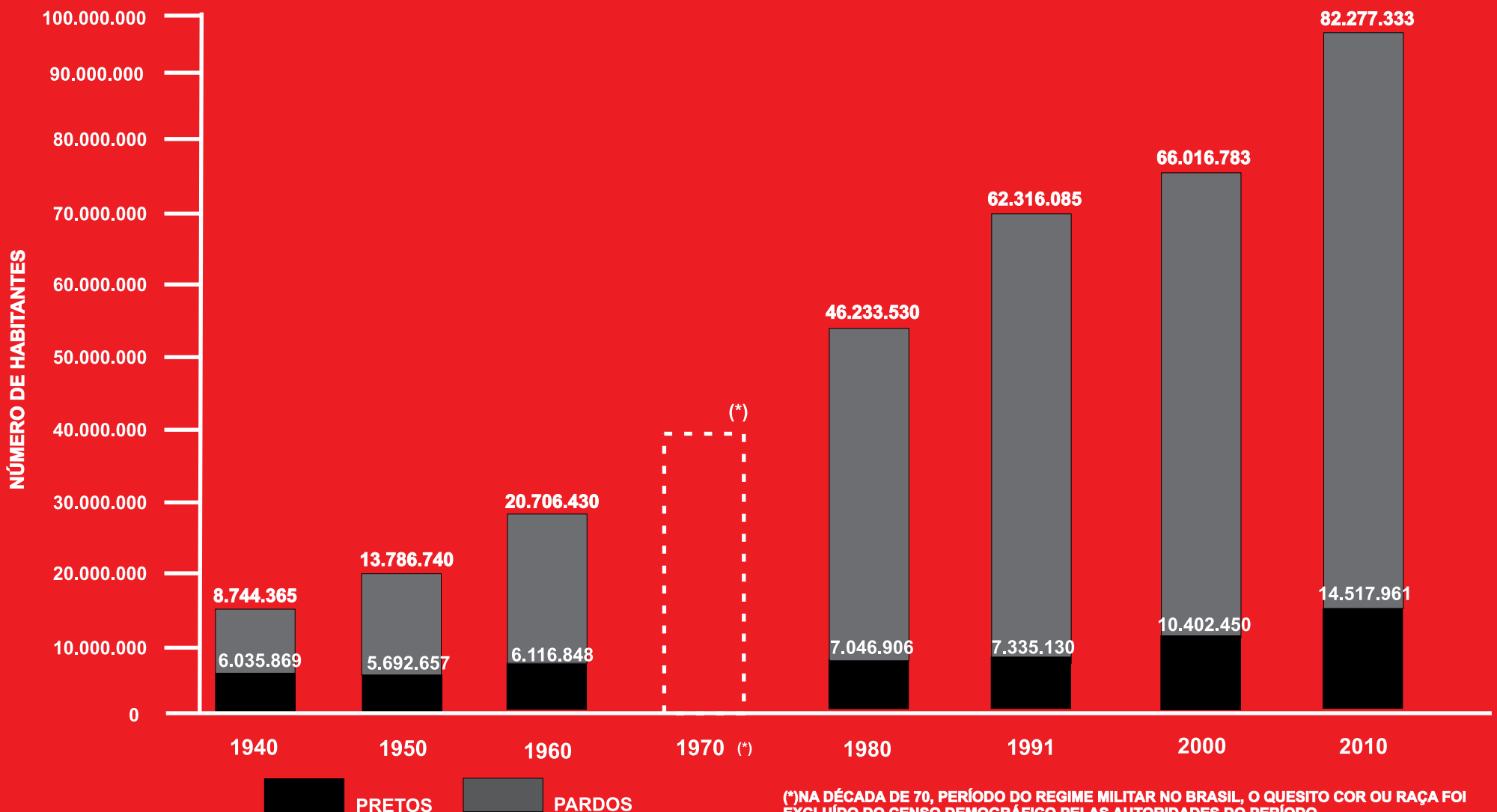
Fotografia: "Bahiana" em traje típico no dia da Lavagem do Bonfim (Oxalá). Origem: Porta da Igreja de Conceição da Praia em Salvador - Século XX. Prof. Rafael Sanzio, Salvador, Bahia, 1984

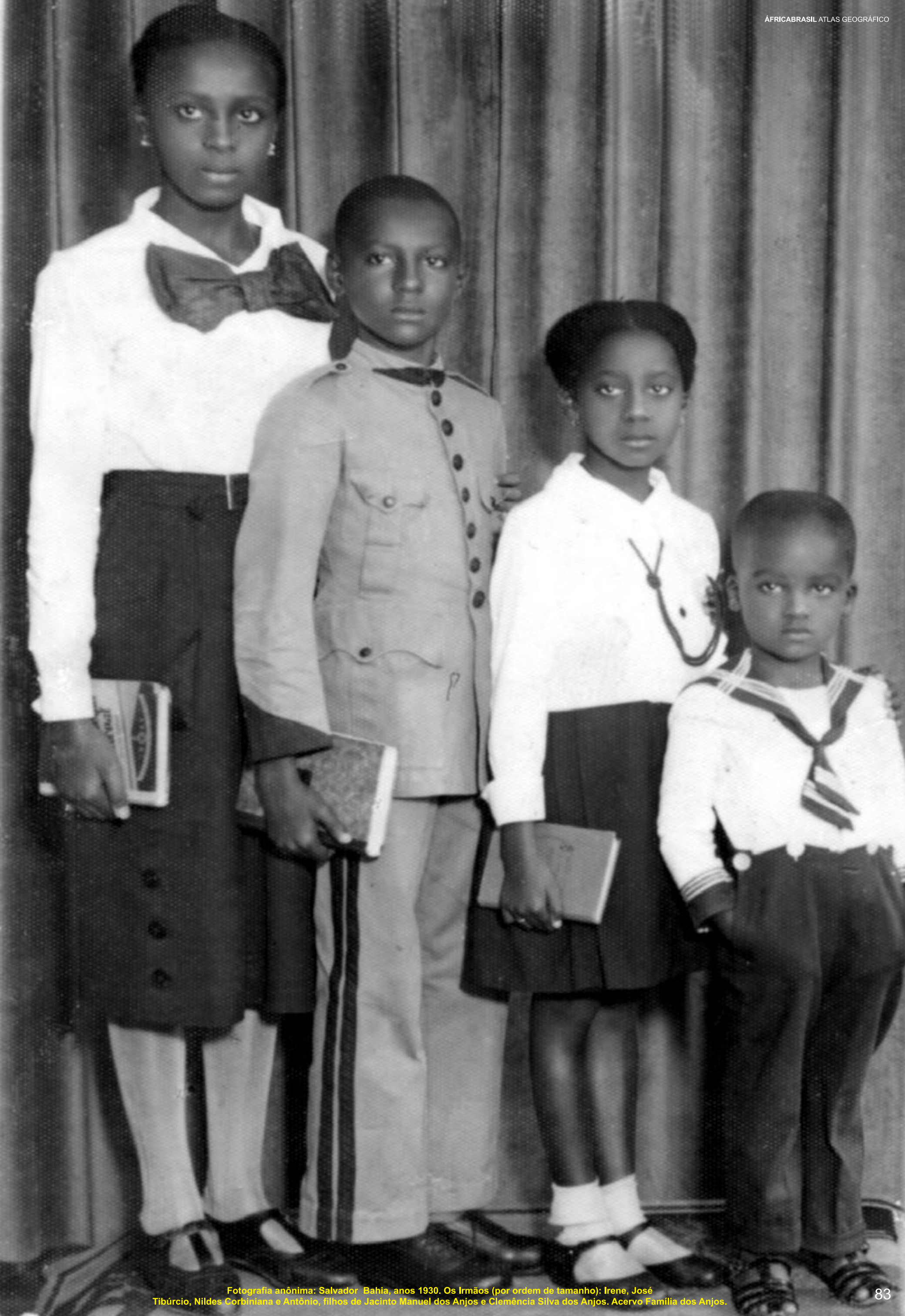
“A questão demográfica do «Brasil Africano» tem ficado historicamente sem resposta adequada, por um conjunto complexo de fatores. Um dos estruturais esta relacionado aos critérios de aferição étnico-racial oficial, que leva à subestimação do número real da população de matriz africana que integra o país.”

Rafael Sanzio, 2009

GRÁFICO

MONITORAMENTO DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO RECENSEADA COMO PRETA E COMO PARDA PELO IBGE - BRASIL. 1940 - 2010

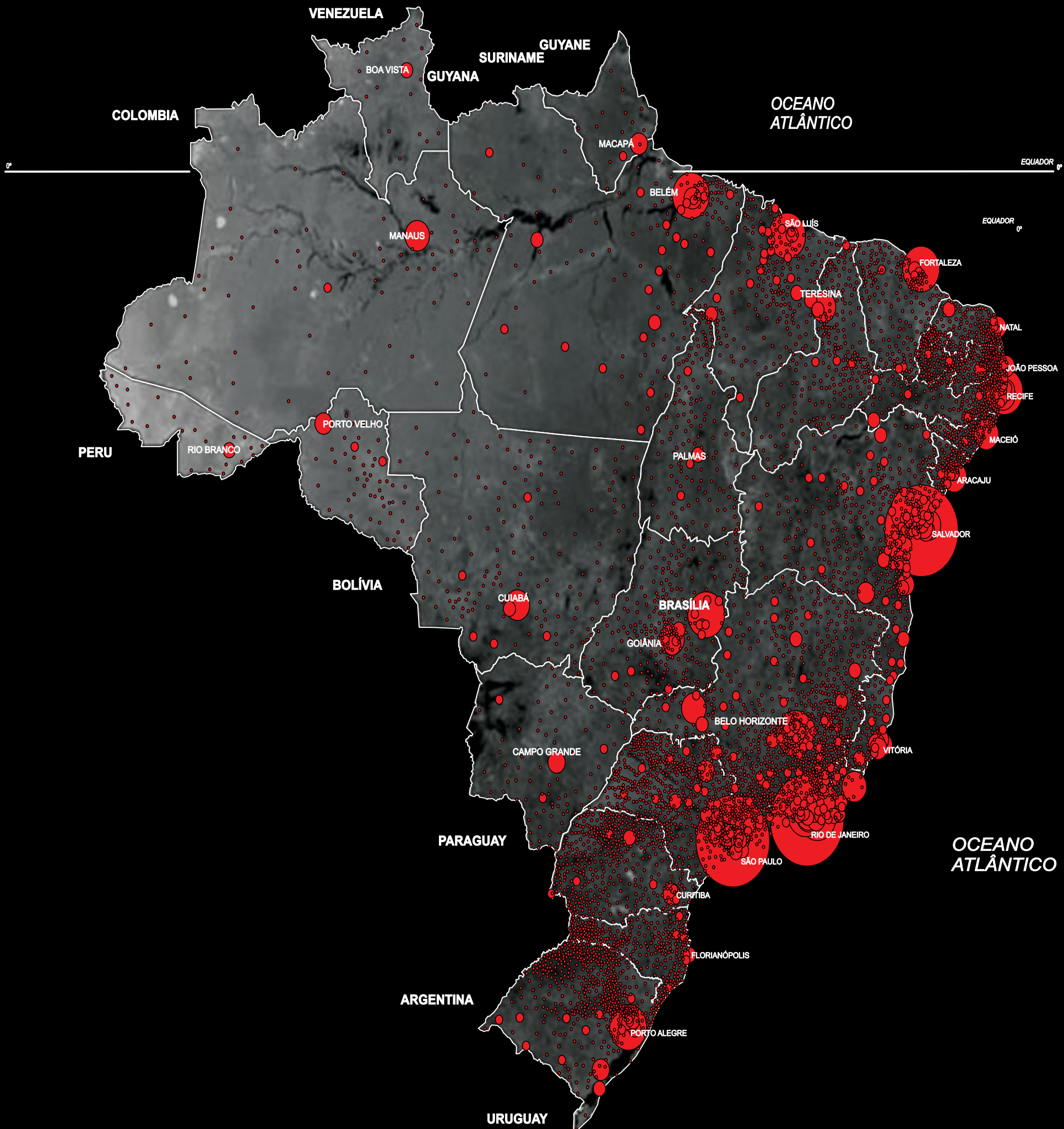




Fotografia anônima: Salvador Bahia, anos 1930. Os Irmãos (por ordem de tamanho): Irene, José Tibúrcio, Nildes Corbiniana e Antônio, filhos de Jacinto Manuel dos Anjos e Clemência Silva dos Anjos. Acervo Família dos Anjos.

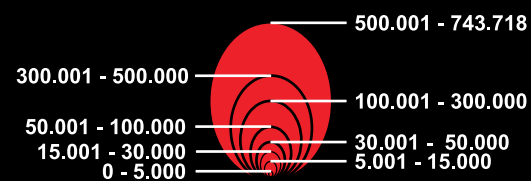
BRASIL

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CARACTERIZADA COMO PRETA POR MUNICÍPIO - IBGE - CENSO 2010



LEGENDA

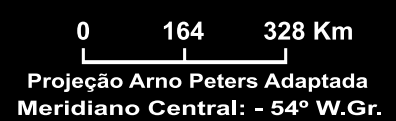
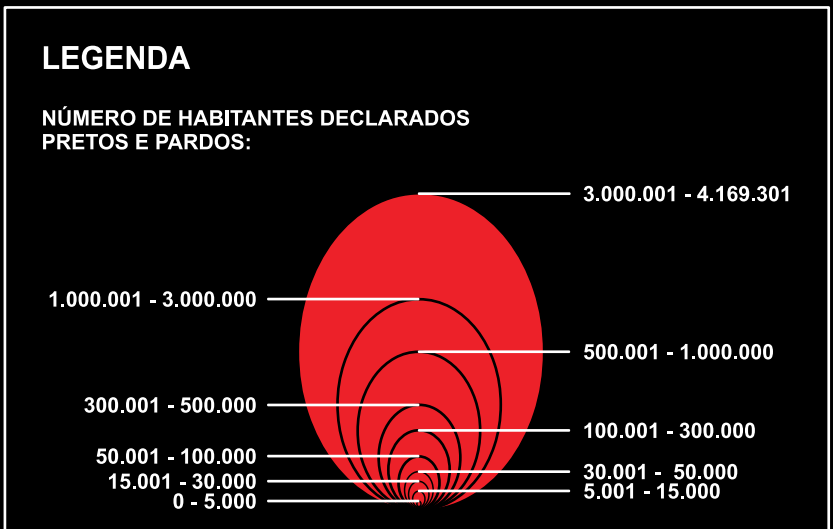
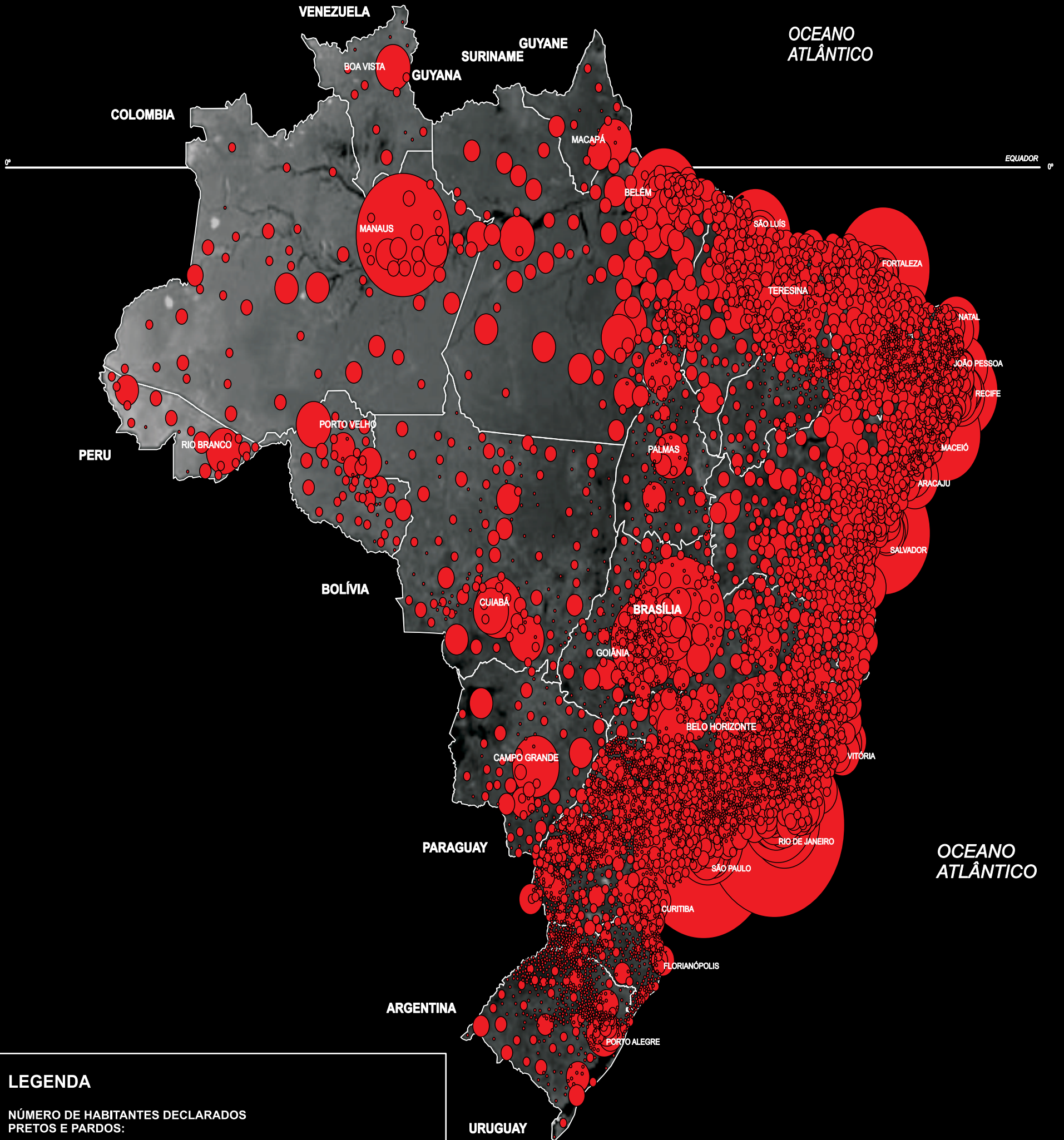
NÚMERO DE HABITANTES DECLARADOS PRETOS:



0 164 328 Km
 Projeção Arno Peters Adaptada
 Meridiano Central: - 54° W.Gr.

BRASIL

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CARACTERIZADA COMO PRETA E PARDA POR MUNICÍPIO - IBGE - CENSO 2010





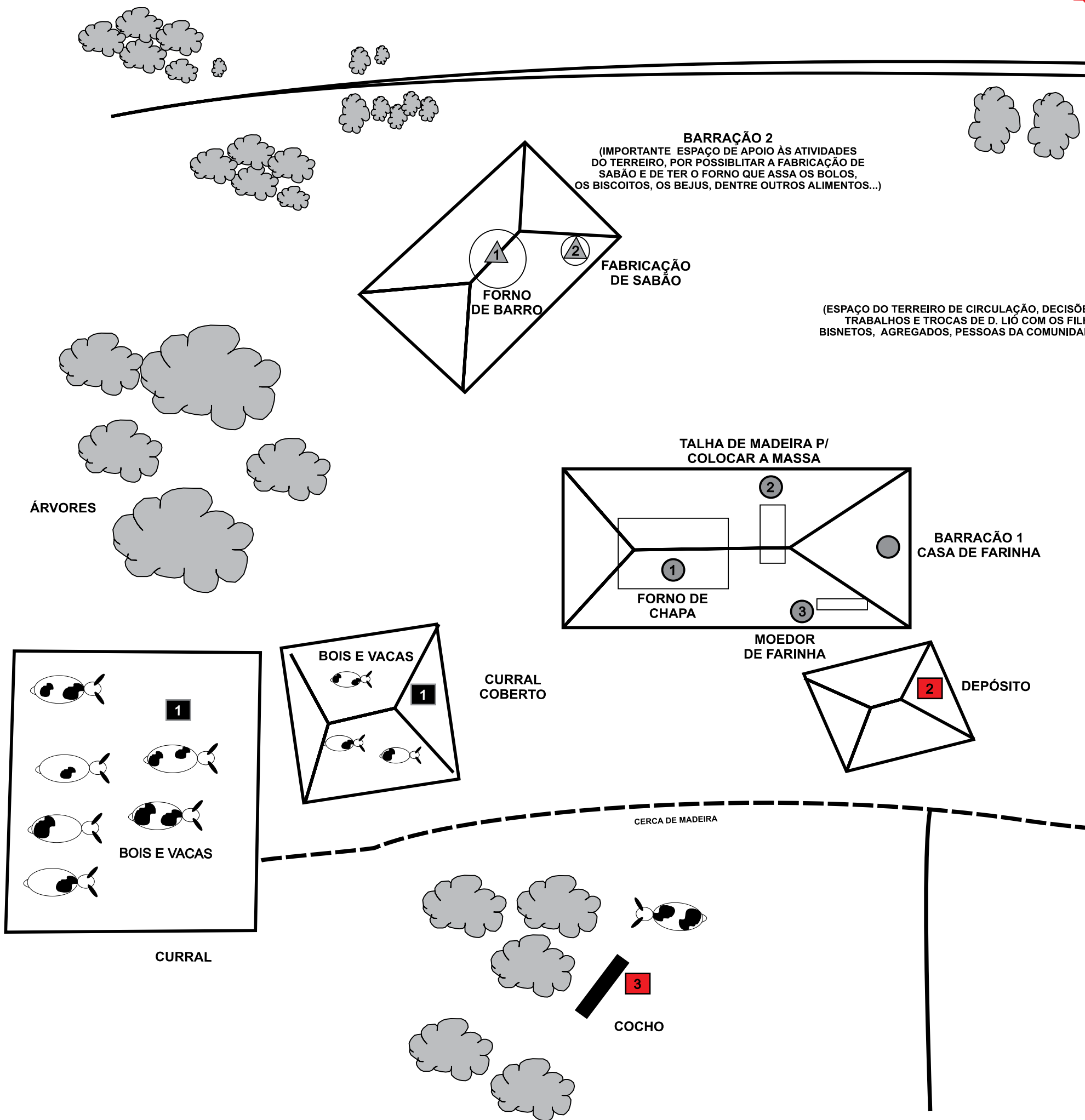
FOTOS: MATRIZES AFRICANAS DE COMUNIDADE DE PIRENÓPOLIS - GOIÁS, 2011. PROF. RAFAEL SANZIO

FOTOS: MATRIZES AFRICANAS DE COMUNIDADE DE PESCADORES NA PERIFERIA DE ITACARÉ - BAHIA, 2010. PROF. RAFAEL SANZIO

Mesmo passados mais de 125 anos da sanção da Lei Áurea pelo Regime Imperial, a historiografia e o sistema brasileiro ainda continuam associando à população afrobrasileira uma imagem de escravidão, uma mentalidade social de que os “negros” melhoraram, mas ainda são inferiores e, referindo-se aos quilombos sempre no passado, como se esses não constituíssem um fato da nossa historicidade e territorialidade contemporânea. A situação precária dos descendentes de quilombos e dos espaços de resistência e sobrevivência de matriz africana no Brasil constituem uma das questões estruturais da sociedade, uma vez que, além da falta de visibilidade territorial e social, essa questão é agravada pelo esquecimento e omissão histórica verificada no processo educacional e o tratamento de forma periférica no processo de conhecimento nacional.



ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO TERREIRO TERRITÓRIO KALUNGA - COMUNIDADE



LEGENDA

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA E DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO TERREIRO DE DONA LIÓ - TERRITÓRIO



0 UMA IMAGEM DE DONA LIÓ



3 COCHO



● CASA DE FARINHA



1 CASA DE DONA LIÓ



4 GALINHEIRO



1 FORNO DE CHAPA



2 DEPÓSITO



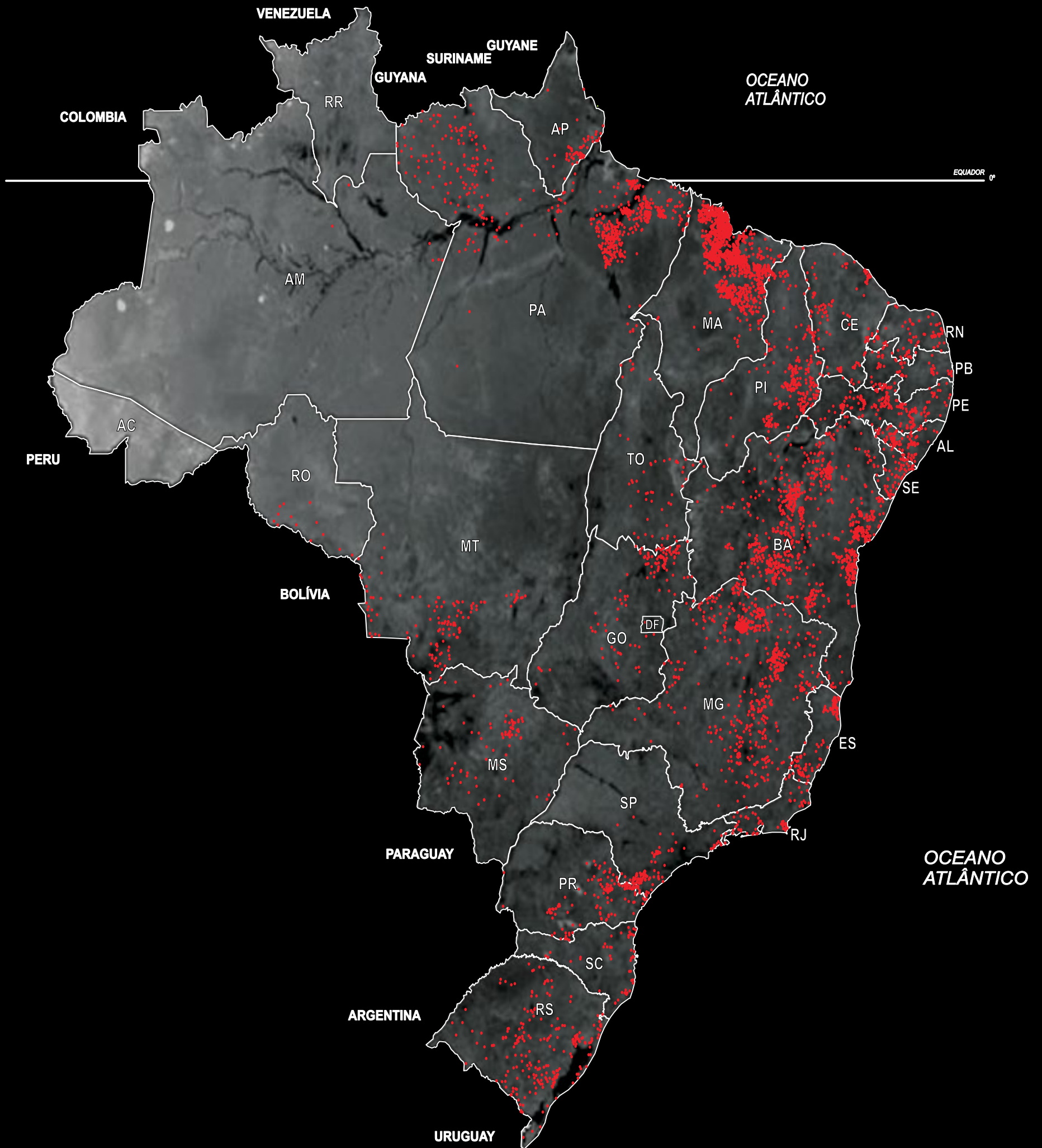
1 CURRAL



2 TALHA DE MADEIRA P/ COLOCAR A MASSA

BRASIL

LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS TERRITÓRIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CADASTRO PROJETO GEOAFRO - 2013



LEGENDA

 LOCALIZAÇÃO APROXIMADA TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS CONTEMPORÂNEOS

0 164 328 Km

Projeção Arno Peters Adaptada
Meridiano Central: - 54° W.Gr.






FOTO: MESTRE BIMBA. SALVADOR, 1973 ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS._10.10.70_PP.254_F.3029



FOTO: MESTRE CAIÇARA. SALVADOR - ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS. P175F0113



FOTO: MESTRE VALDEMAR PAIXÃO. SALVADOR - ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS._10.10.70_P.75



FOTO: RODA DE CAPOEIRA EM FESTA DE LARGO. SALVADOR, 1973 ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS. IM37_PMSP.254F.3027

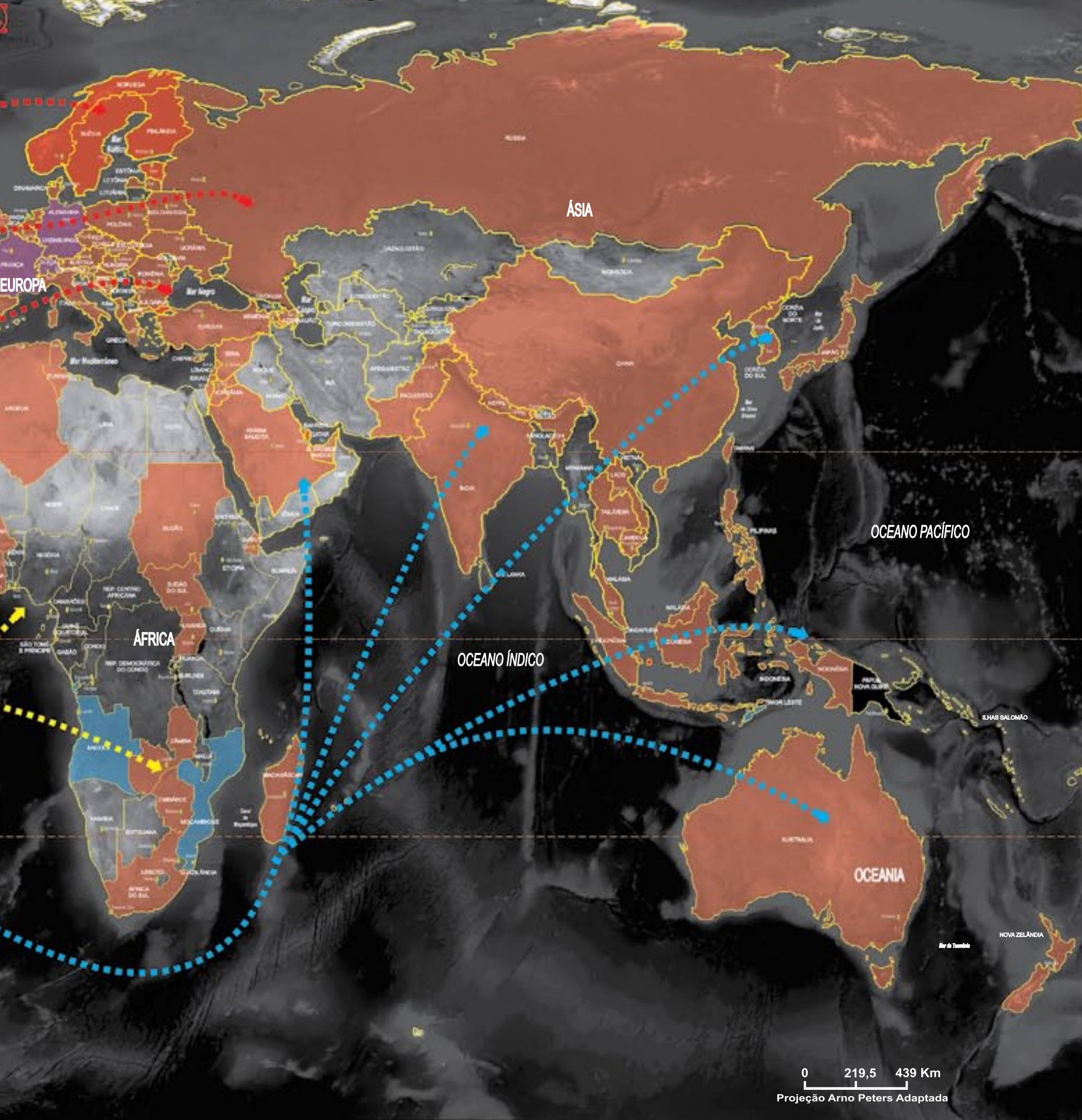
***“A Capoeira engravidou na África
mas nasceu aqui.”***


***Jornal do Brasil, s/d
(citada por Travessos, 1999)***


***“A capoeira está entre as grandes contribuições
do Brasilao imaginário do mundo.
Esta é a prova de que o mar leva e o mar devolve:
saímos dos porões amargurados dos navios negreiros
e voltamos consagrados pela fraternidade da arte.”***


Gilberto Gil, 2004

RÂNEA: A GLOBALIZAÇÃO DA CAPOEIRA





- 

PRIMEIRO VETOR DO FLUXO DE CAPOEIRISTAS BRASILEIROS (EUROPA/NORTE DA ÁFRICA/ORIENTE MÉDIO - CONTEXTO DE EXPANSÃO DEMOGRÁFICA JÁ SATURADO) LÍNGUAS OFICIAIS: INGLÊS/FRANCÊS/ALEMÃO/PORTUGUÊS/POLONÊS/ARABÊ.
- 

SEGUNDO VETOR DO FLUXO DE CAPOEIRISTAS BRASILEIROS (AMÉRICA DO NORTE - EUA/CANADÁ - CONTEXTO EM PROCESSO DE EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO) LÍNGUAS OFICIAIS: PRINCIPALMENTE INGLÊS.
- 

VETOR DO RESGATE HISTÓRICO E TERRITORIAL (ÁFRICA - EM PROCESSO DE DINAMIZAÇÃO) LÍNGUAS OFICIAIS: PORTUGUÊS/FRANCÊS/INGLÊS/LÍNGUAS AFRICANAS.

- 

TERCEIRO VETOR DO FLUXO DE CAPOEIRISTAS BRASILEIROS (AMÉRICA LATINA - MÉXICO/CARIBE/ AMÉRICA DO SUL) LÍNGUAS OFICIAIS: PRINCIPALMENTE ESPANHOL.
- 

QUARTO VETOR DO FLUXO DE CAPOEIRISTAS BRASILEIROS (EXTREMO ORIENTE E OCEANIA - CHINA/JAPÃO/INDONÉSIA/FILIPINAS/AUSTRÁLIA/NOVA ZELÂNDIA - CONTEXTO DE EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO) LÍNGUAS OFICIAIS: JAPONÊS/MANDARIM/INGLÊS/OUTRAS LÍNGUAS ASIÁTICAS.

NOTA EXPLICATIVA: NESTE TRABALHO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO, ENTENDEMOS A CAPOEIRA COMO UMA EXPRESSÃO CULTURAL E ÉTNICA CONCRETA DAS RESISTÊNCIAS E DAS SOBREVIVÊNCIAS DA POPULAÇÃO DE MATRIZ AFRICANA BRASILEIRA. O PROCESSO DE MAPEAMENTO, ATUALIZOU O MAPA TEMÁTICO PUBLICADO ANTERIORMENTE (ANJOS, R.S.A. COLEÇÃO ÁFRICA-BRASIL. VOLUME 2, 2007), IDENTIFICANDO OS ESPAÇOS DE MAIOR SIGNIFICÂNCIA NO CONTEXTO MUNDIAL, DESTACANDO OS PAÍSES COM REGISTROS OFICIAIS DE TRABALHO E ESPAÇO DE CAPOEIRA.



FOTOGRAFIA: "ECONOMIA DE SERVIÇO" NA ENTRADA DE UM RESTAURANTE NO CENTRO DE BRUXELAS. PROF. RAFAEL SANZIO, BRUXELAS - BÉLGICA, 2008

“A “imagem construída” do ser humano de origem africana, quase sempre, associada aos papéis de serviçal, escravo, “sujo”, incapaz, inferior, preguiçoso, dentre outras denominações é, de fundo, uma estratégia antiga do sistema dominante para manipular e minorar os “medos” de perder os privilégios e, portanto, a manutenção da estrutura social e econômica. Esta desconstrução é, sem dúvida, o maior desafio desta e das próximas gerações”

“É importante não perder de vista que vivemos um momento histórico de redefinições na estrutura e nos valores da nossa sociedade e o desafio são para todos os seguimentos envolvidos. O “Brasil Colonial sobrevivente” não se sustenta mais e vive o processo de ter que reconhecer cidadanias esquecidas e direitos históricos pendentes. A “África Brasileira invisível” por sua vez, busca o lugar necessário no sistema dominante e conservador. Neste sentido, a educação é uma pista concreta para minorar o preconceito secular ainda existente e não devidamente assumido.”



FORMAS ESTEREOTIPADAS SECULARES AINDA DOMINANTE



A FORMA ESTRUTURAL DO “OLHAR” DISTORCIDO DA EUROPA PARA A ÁFRICA E O BRASIL

A “VISÃO” SÓCIO-AMBIENTAL CONSTRUÍDA NOS ESTADOS UNIDOS E NO CANADÁ PARA A ÁFRICA E O

REPRODUÇÃO IDEOLÓGICA-CONCEITUAL DA MANEIRA DE “OLHAR” DA POPULAÇÃO DO BRASIL E

FORMA BÁSICA DE “OLHAR” DA POPULAÇÃO DOMINANTE NA AUSTRÁLIA PARA A ÁFRICA E O BRASIL

REFERÊNCIAS BÁSICAS DO “OLHAR” COM MATRIZ PRECONCEITUOSA DO EXTREMO ORIENTE PARA A

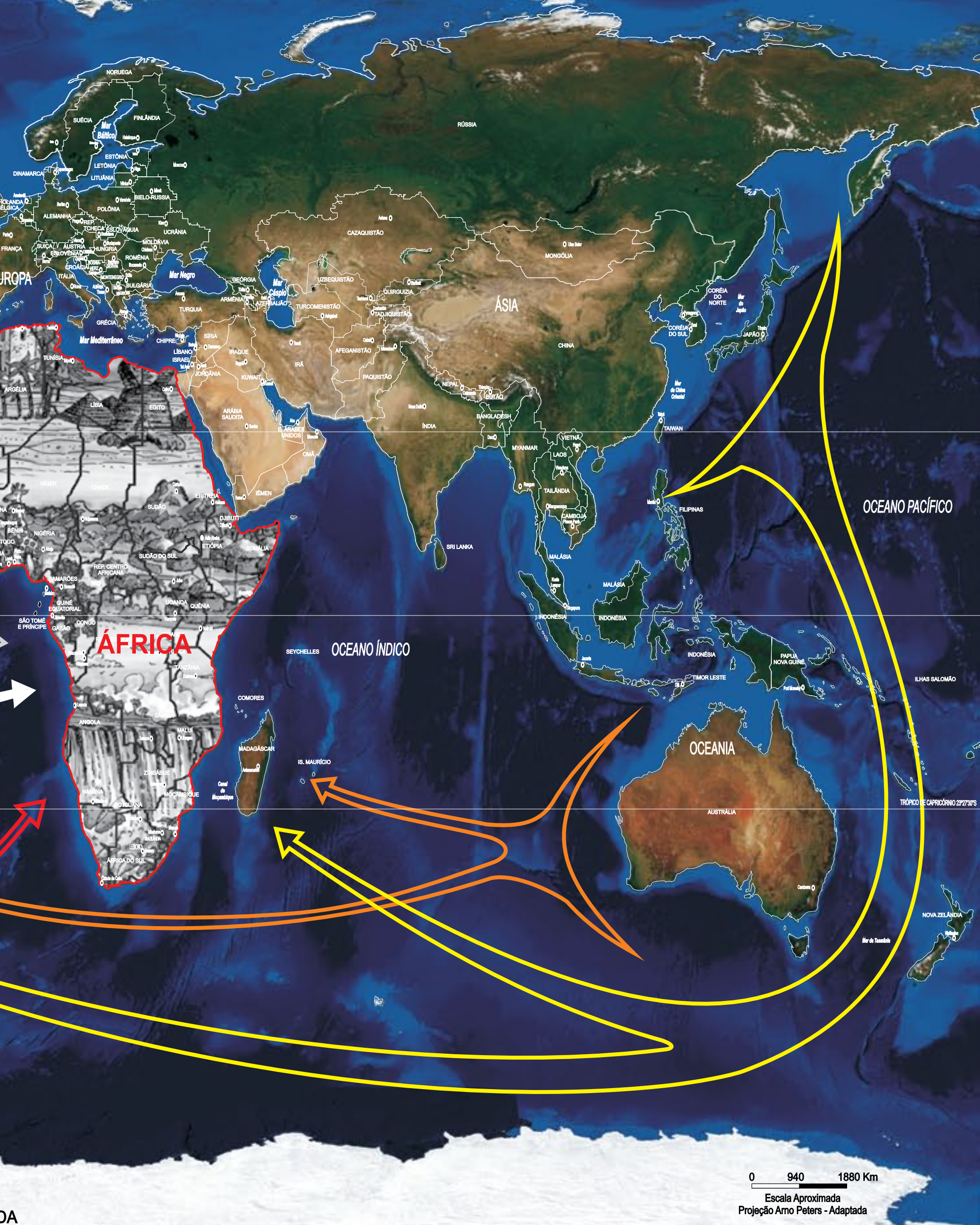
FORMA BÁSICA DE “OLHAR PEJORATIVO” DA POPULAÇÃO DA ARGENTINA PARA A ÁFRICA E O BRASIL

BRASIL, TERRITÓRIO COM GRANDE CARGA PEJORATIVA E PRECONCEITUOSA NOS ÚLTIMOS CINCO SÉCULOS

ÁFRICA, CONTINENTE FORTEMENTE ESTEREOTIPADO E ASSOCIADO A IDEOLOGIAS DE PRECONCEITO COM OS SERES HUMANOS E O MEIO HAMBIENTE

FONTE: ANJOS, R.S.A. COLEÇÃO ÁFRICA-BRASIL: CARTOGRAFIA PARA ENSINO-APRENDIZAGEM. VOLUME II. MAPAS EDITORA & CONSULTORIA. BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL - BRASIL. 2007. MOSAICO DE IMAGEM DE SATÉLITE NASA - USA. 2007. CORTESIA DO SETOR DE GEOLOGIA, CARTOGRAFIA E GEODÉSIA DO IBGE.

S NA MANEIRA DE VER O BRASIL E CONTINENTE AFRICANO



DA

7 / FONTE DESENHOS BRASIL E ÁFRICA: O GRANDE ATLAS DAS CRIANÇAS. LES ÉDITIONS TORMONT INC. MONTREAL, QUEBÉC - CANADÁ.1995. APOIO TÉCNICO: WASHINGTON OLIVEIRA. GRAFIA E SENSORIAMENTO REMOTO DO MUSEU REAL DA ÁFRICA CENTRAL. TERVUREN - BÉLGICA.

20° 40° 60° 80° 100° 120° 140° 160°

PARTE V

**BIBLIOGRAFIA
DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS,
FIGURAS, GRAVURAS E FOTOGRAFIAS**

Fotografia: Detalhe de escudo de guerreiro da Baía do Rio Congo. Origem: Reino de Rwanda - Século XIX. P. 101. Rafael Sanzio. Kinshasa, R.D. Congo, 2008

BIBLIOGRAFIA

ADEAJAYI, J. F. et.al. **Atlas historique de l'Afrique**. Paris: Jaguar, 1988, 174 p.

ANDRADE, M. C. A. **O Brasil e a África**. Coleção Repensando a Geografia. São Paulo: Contexto, 1989, 80p.

ALMEIDA-TOPOR, H. **L'Afrique au 20e Siècle**. Edition Armand Colin. Paris, 1990

ANJOS, R. S. A. A utilização dos recursos da cartografia conduzida para uma África desmistificada. **Revista Humanidades**. Brasília: EDUnB, 6 (22): 12-32, 1989.

_____. **A geografia, os negros e a diversidade cultural**. Série O Pensamento Negro em Educação - Núcleo de Estudos Negros. Florianópolis: 1998, p.93-106.

_____. Distribuição espacial das comunidades remanescentes de quilombos do Brasil. **Revista Humanidades**. Brasília: EDUnB, 1999 - 9 (47): 87-98.

_____. **Coleção África-Brasil: cartografia para o ensino aprendizagem. Volume I**. 2. ed. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005.

_____. **Territórios das comunidades quilombolas do Brasil: segunda configuração espacial**. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005.

_____. **A África, a educação brasileira e a geografia**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal n. 10.639-03. Brasília: MEC-Secad, 2005, p.167-184.

_____. A geografia, a África e os negros brasileiros. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2005, p.173-184.

_____. Geografia, território étnico e quilombos. In: GOMES, N. L. (org.). **Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro**. Brasília: MEC-Secad, 2006, p.81-103.

_____. **África - Meio ambiente, antigos estados políticos e referências territoriais da diáspora**. Educação Africanidades Brasil. FE / CEAD - UnB. 2006, Brasília. PP. 53-70

_____. **África - Estrutura espacial do imperialismo, a independência política no século XX e o contexto geopolítico contemporâneo**. Educação Africanidades Brasil. FE / CEAD - UnB. 2006, Brasília . Pp. 71-86

ANJOS, R.S.A & CYPRIANO, A. **Quilombolas tradições e cultura da resistência**. Aori Comunicações. Petrobras, 2006. São Paulo, 240 p."

ANJOS, R.S.A. **Coleção África-Brasil: Cartografia para o ensino aprendizagem. Volume II** Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2007.

ANJOS, R.S.A. **Cartografia & Educação. Volume I** Brasília: Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2008.

ANJOS, R.S.A. **África-Quilombos-Brasil: Atlas Geográfico**. Relatório Final de Pós-Doutorado em Cartografia Étnica. Universidade de Brasília - GEA - CIGA / CNPQ / Museu Real da África Central MRAC - Tervuren. Bruxelas - Bélgica, 2008.

NJOS, R.S.A. **Quilombos: Geografia Africana-Cartografia Étnica-Territórios Tradicionais**. Mapas Editora & Consultoria / CIGA-UnB, Brasília, 2009 190 p.

ANJOS, R.S.A. **Territorialidade Quilombola: Fotos & Mapas**. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2011 112p.

ANJOS, R.S.A. **Geopolítica da Diáspora África-América-Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX: Cartografia para educação**. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2012

ANJOS, R.S.A. *A territorialidade dos quilombos no Brasil contemporâneo*. In: SILVA, T.D. & GOES, F.L. (org.). **Igualdade Racial no Brasil: Reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes**. Brasília: IPEA, 2013, p.137-152..

ALMANAQUE ABRIL. **Mundo 2008**. Editora Abril Coleções, São Paulo, 2008.

ATLAS. **África I**. *National Geographic*. Abril Coleções, São Paulo, 2008. 95 p.

ATLAS. **África II**. *National Geographic*. Abril Coleções, São Paulo, 2008. 95 p.

ARAÚJO, M. JESSEN, M. **Geografia física de África - Pequena Monografia**. Livraria Universitária - Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 1998

BART, F. **L'Afrique - Continent pluriel**. CNED-SEDES, 2005, Paris. 250 p.

BENTO, M. A. S. **Cidadania em preto e branco discutindo as relações raciais**. São Paulo: Ática, 2003.

BOSIO, M. J. G. **Atlas des civilisations africaines**. Editions Du Fanal. Parir France. 1983, 239 p.

CARRIL, L. F. B. **Territórios negros: comunidades remanescentes de quilombos no Brasil**. In: AGB Informa, 1997, n.67, p.6-7, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros.

CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia um vocabulário afro-brasileiro**. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, 366p.

CHRISTO, C.A.L. (Frei BETTO). **Terrorista louro de olhos azuis**. Colunas

Frei Betto. Revista Eletrônica Coluna Domtotal. 02/08/2011

CLEAVER, S.R.T. **Entendendo o Banto**. Revista Nzinga. São Paulo, pp. 06-07

CORREIO BRASILIENSE. **A conquista do mundo**. Caderno ciência, Brasília, 28 de janeiro de 2011

DAVIDSON, B. **Les Royaumes Africains. Les Grandes Époques de l'Homme. Une Histoire des Civilisations Mondiales. Collections Time-Life**. Amsterdam, 1969, 191 p.

DE BRY, J.T. **Regnum Congo, Latin Edition**, 1598, Frankfurt.

DIARRA, S. **Geografia histórica: aspectos físicos**. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). **História geral da África I - metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática, 1980. P.333-.

DORIGNY, M. & GAINOT. B. **Atlas des esclavages. Traités, sociétés coloniales, abolitions de l'Antiquité à nos jours**. Éditiones Autrement Collections Atlas / Mémoires. Paris, 2006. 80p.

DORIGNY, M. **Une approche globale du commerce triangulaire. Le Monde Diplomatique Supplementt Historique de l'Esclavage. Paris, novembre 2007 p.II-III**

ENGERMAN, S. L. **A economia da escravidão**. Encarte Especial Ciência Hoje. Brasília: CNPq-MCT, 1988, v.8 n.48.

FAPA. África contemporânea história, política e cultura. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras**. Porto Alegre: FAPA, 1998, n.21-22. Edição Especial.

GIORDANI. I. M. C. **História da África anterior aos descobrimentos - idade moderna I**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GILBERTO GIL, **Discurso do ministro em Genebra: Brasil, Paz no Mundo**. Genebra, 2004

GEORGE, P. Panorama do mundo atual. Presses Universitaires de France, Paris. Direitos para a língua portuguesa Difel, São Paulo, 1979

GUSMÃO, N.M.M. *Herança quilombola negros, terra e direitos*. In: BACELAR, J.; CARDOSO, C. (Orgs.). **Brasil: Um país de negros!** 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Pallas - CEAO - UFBa, 1999, p.143-162.

HOLANDA, S. B. **História geral da civilização brasileira - a época colonial. Do descobrimento à expansão territorial**. 13ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, v.1.

HUYLEBROUCK, D. **Afrique + mathématiques**. Uitgeverj VUBPRESS, 2008, Bruxelles. 257p.

INTSITUT GÉOGRAPHIQUE NATIONAL. **Atlas National du Sénégal**. Unesco. Orstom. CNRS. Université de Dakar. Paris, 1977, 147p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Rio de Janeiro: IBGE - PNAD, 1996.

KI-ZERBO, J. **História geral da África I. Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática / Unesco, 1972.

JESSEN, M. & ARAÚJO, M. **Geografia física de África pequena monografia**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane - Livraria Universitária, 1998. 50p.

JESUS, M. R. **Migração Kalunga: Território e identidade Estudo de migrantes Kalungas no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado GEA UnB, Brasília DF. 2006 85 p.

JÚNIOR, E.F. **Sambaquis e Quilombos no Litoral Fluminense**, Rio de Janeiro, 2004.

KINDERSLEY, D. **Grande Atlas Geográfico**. Editora Civilização, 2004. Porto-Portugal, 192 p.

LEAKEY, R. *Os Homens fósseis africanos*. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). **História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática, 1980. P.455-470.

LE MONDE. **L'Atlas des Migrations**. Le Monde Hors-Série, Paris, 2008. 186p.

LEMARCHAND, P. **L'Afrique et l' Europe - Atlas du XXe. Siècle**. Editions Complexe. Paris, 1994

LETCHER, O. **South Central Africa**. African Publications. Johannesburg, South Africa, 1932. 263 p.

LEITE, I. B. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Textos e debates**. Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas, n.7. NUER - UFSC. Florianópolis, 2000.

LUZ, M.A. AGADÁ. Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira. Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1995

MERIEENNE, P. **Atlas des États du monde. Éditions OUEST-FRANCE**. 48 p. Rennes - France, 2012

M'BOKOLO, E. **Au coeur de l'ethnie - Ethnies, tribalisme et état en Afrique**. Editions la Decouverte, Paris, 1985

MICHELS, A. & LAUDE, N. *Notre Colonie Geographie et Notices Historiques. Edition Universelle S.A. Bruxelles*, 1954. 366p.

MINC. **Cultura Especial**. Depto. De Documentação e Divulgação. Revista Cultura, Ano 6 n.23, Brasília, 1976, 144p.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde da população negra no Brasil e contribuições para a promoção da equidade**. Brasília: MS, 2004.

MOURA, C. **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. (Orgs.) Editora da UFAL.. Maceió, 2001.

PROJETO GEOAFRO. **Atualização do cadastro dos registros dos sítios quilombolas do Brasil - 2012/2013**. Relatório Interno. CIGA- UnB. BsB 2013

SANTON,K & MCKAY, L . **Atlante Storico Mondial**, 2007,320p.Atlas desmigrations le monde hors-série, Paris,2008 p.28

SANTOS, M. **Metarmofoses do espaço habitado**. Hucitec, São Paulo, 1988, 124p.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 2000, Caderno Mais! Domingo, p. 14-15

_____ **Por uma outra globalização - Do pensamento único à consciência universal**. Editora Record. 10a. Edição. Rio de Janeiro, 2003

SANTOS, M. & GIL, G. **Da Bahia para o mundo: o olhar engajado do meta-geógrafo**. Entrevista de gilberto Gil com Milton Santos. 1999. [Http://www.gilbertogil.com.br/santos/milton_0.htm](http://www.gilbertogil.com.br/santos/milton_0.htm)

SANTOS, M.E.M. **Viagens de expolração terrestre dos portugueses em África**. Lisboa, 1988

SCISÍNIO, A. E. **Dicionário da escravidão**. RJ: Léo Chritiano, 1997. 331p.

SILVA, A. C. **O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX**. Lisboa: Revista Stvdia, 1994. pp. 195-220

SILVA, M. J. **Quilombos do Brasil central: violência e resistência escrava: 1719 - 1888**. Goiânia: Kelps, 2003, 521 p.

STEEN, L.V.D. **Géographie l'Afrique - Troisième annee du secondaire**. Éditions Loyola, 2005, Kinshasa -RDC. 167 p.

THOMAZ, O. R. **Um mapa para a África**. Discurso Editorial/USP/Unesp/Folha de S. Paulo, São Paulo, 1998, Jornal de Resenhas Sábado, p. 9

THIONG´O, N.W. **Petals of Blood**. African Writers Series, Kenia, 1977

ULLMANN, H.F. **Geographica: World Atlas & Encyclopedia**. Itália, 2008

TRAVESSOS, S.D. **Negros de todas as cores: capoeira e mobilidade social**. CEAO - Pallas. Org.: JefersonBacelar & Carlos Caroso. RJ, 1999.

U.S.ARMY **Loanda Afrique. Carte 1:2.000.000**. Washington USA. 1944

VELLSO, A.D.A. **Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho Il Kalunga**. Dissertação de Mestrado GEA UnB. Brasília DF. 2007, 156p.dap

VERGER, P. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos dos séculos XVII à XIX**. SP: Currupio, 1978.

VIDAL, D., SINAI, A., REKACEWICZ, P., BOVET, P. **L'Atlas environnement - Analyses et solutions**. Le Monde Diplomatique. Paris, 2008

WASSENHOVE, D. V. **Sièges de l'Afrique Centrale Photos d'Archives du Musee de Tervuren**. Musee Royal de l'Afrique Centrale, Tervuren. 1996

DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS, FIGURAS E FOTOGRAFIAS

MAPAS TEMÁTICOS

IMAGENS DE SATÉLITE DO CONTINENTE AFRICANO COM CONTORNOS DAS PROJEÇÕES CARTOGRÁFICAS DE GERARD MERCATOR- SÉCULO XVI E ARNO PETERS- SÉCULO XX.....10

ÁFRICA - QUADRO MORFOLÓGICO.....27

SÍNTESE DOS PRINCIPAIS MOVIMENTOS DA PRIMEIRA DIÁSPORA AFRICANA NO MUNDO.....28

ÁFRICA - PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LÍNGUAS BANTUS.....30

PRINCIPAIS ESTADOS, CHEFARIAS E FORMAÇÕES POLÍTICAS DA ÁFRICA ATÉ O SÉCULO XIX.....38-39

MODELAGEM GRÁFICA DAS «MERCADORIAS» E OS FLUXOS ECONÔMICOS-COMERCIAIS TRIANGULAR NA DINÂMICA DA DIÁSPORA ÁFRICA-AMÉRICA-EUROPA. SÉCULOS XV-XVI-XVII-XVIII-XIX.....42

MONITORAMENTO DA DINÂMICA DO TRÁFICO DE POPULAÇÕES AFRICANAS PARA O BRASIL E OS ATUAIS PAÍSES.....46

O BRASIL E OS PAÍSES DA ÁFRICA COM REFERÊNCIAS TERRITORIAIS E SÓCIO-CULTURAIS NA DIÁSPORA - SÉCULOS XVI – XIX.....48

O BRASIL E OS PAÍSES AFRICANOS ONDE SE FALAM LÍNGUAS BANTUS48

A ÁFRICA, A AMÉRICA, A EUROPA, O BRASIL E O SISTEMA ESCRAVISTA ALGUMAS REFERÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS.....49

BRASIL - ALGUNS ANTIGOS QUILOMBOS NOS SÉCULOS XVI-XIX - REFERÊNCIAS ESPACIAIS APROXIMADAS.....53

BRASIL - PRINCIPAIS ZONAS E SÍTIOS DOS QUILOMBOS E MOVIMENTOS SOCIAIS DAS POPULAÇÕES AFRICANAS E DESCENDENTES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO-SÉCULOS XVI-XIX.....55

LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS PRINCIPAIS SÍTIOS DO GRANDE QUILOMBO DE PALMARES.....54

BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO AFRICANA E AFROBRASILEIRA RECENDEADA EM 1872.....56

BRASIL - REFERÊNCIAS DAS PRINCIPAIS REGIÕES COM ATIVIDADES ECONÔMICAS COLONIAIS – IMPERIAIS.....58

MONITORAMENTO DA EVOLUÇÃO DA DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO BRASIL 1815-1822-1889-1938.....61

ÁFRICA - ESTADOS AFRICANOS E COLÔNIAS ESTRANGEIRAS NO FINAL DO SÉCULO XIX (1885).....69

PARTILHA DA ÁFRICA - ESTRUTURA DAS FRONTEIRAS EUROPÉIAS IMPOSTAS 1880-1913.....72

ÁFRICA - MOVIMENTOS NACIONALISTAS - SÉCULO XX.....73

MONITORAMENTO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO DA DOMINAÇÃO TERRITORIAL E DESCOLONIZAÇÃO DOS NOVOS ESTADOS DA ÁFRICA.....74-75

REFERÊNCIA TEMPORAL DA DESCOLONIZAÇÃO E OS ESTADOS AFRICANOS QUE FICARAM COM A LÍNGUA PORTUGUESA COMO IDIOMA OFICIAL.....77

REPRES. DO MUNDO GEOECONÔMICO NAS DÉCADAS 1960-1970.....78-79

BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CARACTERIZADA COMO PRETA POR MUNICÍPIO - IBGE - CENSO 2010.....84

BRASIL - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO CARACTERIZADA COMO PRETA E PARDA POR MUNICÍPIO - IBGE - CENSO 2010.....85

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO TERREIRO QUILOMBO DE DONA LIÓ - TERRITÓRIO KALUNGA - COMUNIDADE EMA - TERESINA DE GOIÁS - GO.....88-89

BRASIL-LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DOS TERRITÓRIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS.O PROJETO GEOAFRO – 2012.....90

BRASIL-QUANTIFICAÇÃO DOS REGISTROS MUNICIPAIS DOS TERRITÓRIOS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CADASTRO PROJETO GEOAFRO – 2012.....91

DIÁSPORA AFROBRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - A GLOBALIZAÇÃO DA CAPOEIRA.....94-95

FORMAS ESTEREOTIPADAS DOMINANTES DE VER O BRASIL E A ÁFRICA NO CONTEXTO MUNDIAL98-99

GRAVURAS E MAPAS ANTIGOS

EXEMPLOS DE RESOLUÇÕES TERRITORIAIS, ESCALAS DE REPRESENTAÇÃO, SELETIVIDADE DA INFORMAÇÃO E ESTRUTURAS DO ESPAÇO GEOGRÁFICO LOCAL - REGIONAL - NACIONAL – CONTINENTAL12

MOVIMENTAÇÃO DOS GRANDES BLOCOS CONTINENTAIS.....26

ESTRUTURA GLOBAL DAS ZONAS HOMOGÊNEAS. PEDRO APIAN. COSMOGRAPHICUS LIBER, LANDSHUT, 1524.....32

MAPA BRASIL. SÉCULO XVI. ACERVO DOS ARQUIVOS HISTÓRICOS DE ANGOLA. COD. 219 H 738.....33

GRAVURA AUTOR DESCONHECIDO DE PAINEL, SEM RESTAURAÇÃO, NO REINO DO ANTIGO EGITO. EGITO, 1930. ACERVO FAMÍLIA DOS ANJOS.....36

MAPA ANTIGO DOS REINOS DO CONGO, ANGOLA E BENGUELA. SÉCULO XVII - FRANÇA. CERVO FAMÍLIA DOS ANJOS.....36

GRAVURA COM REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA DA CIDADE DE LOANGO. O. DAPPER. AMISTÉRDAM, 1686. ACERVO FAMÍLIA DOS

ANJOS FOTOGRAFIA: DETALHE ESCULTURA DE GUERREIROS DO ANTIGO REINO DO CONGO. MUSEU REAL DA ÁFRICA CENTRAL, TERVUREN, BÉLGICA. 2008 PROF. RAFAEL SANZIO.....37

GRAVURA DE AUTOR DESCONHECIDO. ENCONTRO DE COMANDANTE EUROPEU COM CHEFE AFRICANO. SÉCULO XVIII. ACERVO FAMÍLIA DOS ANJOS.....40

EXTRATO DE GRAVURA DE MARCHE DE ESCLAVES EN SURINAM - SÉCULO XIX. AUTORA DESCONHECIDO. REPRODUÇÃO DO ACERVO DA FAMÍLIA DOS ANJOS (IMAGEM TRATADA).....44

FIGURAS E GRÁFICOS

ESTIMATIVA DO NÚMERO DE AFRICANOS DESEMBARCADOS EM VÁRIAS REGIÕES DO MUNDO - SÉCULOS XV, XVI, XVII, XVIII E XIX.....44

CRONOLOGIA DAS RESISTÊNCIAS DO QUILOMBO DE PALMARES (ANGOLA JANGA) - BRASIL. SÉCULOS XVI-XVII.....54

GRÁFICO - MONITORAMENTO DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO RECENSEADA COMO PRETA E COMO PARDA PELO IBGE - BRASIL. 1940-2010.....82

FOTOGRAFIAS

FOTO ANÔNIMA: HOMEM E MENINO DJABBIR, TAMBORES E OUTROS ELEMENTOS DA COMUNIDADE - NORTE CONGO, ANTERIOR A 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.5-18.....04

FOTO: MÃOS DO PROF. RAFAEL SANZIO. JOSSONHIR BRITTO, 2002.....06

FOTO: PROF. RAFAEL SANZIO DOS ANJOS. DETALHE OLHAR MENINO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAPUIO - PIAUÍ, 2006.....07-08

FOTO ORIGINAL: ANÔNIMA DE 1931 DE VISITA DO MINISTRO DO TRABALHO AO SINDICATO DOS BANCÁRIOS EM SÃO PAULO.....15

FOTO MODIFICADA: ANÔNIMA DE 1931 DE VISITA DO MINISTRO DO TRABALHO AO SINDICATO DOS BANCÁRIOS EM SÃO PAULO.....15

FOTOS: PROF. RAFAEL SANZIO, 2006.....16

FOTO: DETALHE DE MÁSCARA KIKONGO. KINSHASA, R.D. CONGO, 2008. PROF. RAFAEL SANZIO.....18

FOTO: DETALHE DE MÁSCARA SWAHILY. LUANDA, ANGOLA, 2008. PROF. RAFAEL SANZIO.....20

FOTO: DETALHE DA ESCULTURA "TEREUS DE L'ARC" DE ARTHUR DUPAGNE (1895-1961). ETTERBEEK, BRUXELAS, BÉLGICA, 2008. PROF. RAFAEL SANZIO.....21

FOTO: DETALHE DE VASO SWAHILY. KINSHASA, R.D. CONGO, 2008. PROF. RAFAEL SANZIO.....22

FOTO: DETALHE DE TAMBOR SWAHILY. KINSHASA, R.D. CONGO, 2008. PROF. RAFAEL SANZIO.....24

FOTO: DETALHE DE INSTRUMENTO DE MADEIRA DO REINO DO CONGO - SÉC. XVIII. PROF. RAFAEL SANZIO, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008.....25

FOTO ANÔNIMA: BAOPA. BOMA - BAIXO-CONGO, ANTERIOR A 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.2-1.....31

FOTO ANÔNIMA: LOCALIDADE MONGO BERINGA - EQUADOR - BACIADO CONGO. ENTRE 1896 - 1899. COLEÇÃO MRAC. AP.0.0.9342.....32

FOTO: F.L. MICHEL, 1898. CHEFE DA REGIÃO DO BAIXO CONGO. COLEÇÃO MRAC - TERVUREN. AP.0.0.338.....35

FOTO: DETALHE ESCULTURA DE GUERREIROS DO ANTIGO REINO DO CONGO. MUSEU REAL DA ÁFRICA CENTRAL, TERVUREN, BÉLGICA. 2008 PROF. RAFAEL SANZIO.....37

FOTO ANONIMA: GRUPO DE GUERREIROS AFRICANOS DA REGIÃO DA BACIADO CONGO. REGISTRO SEM DATA PRECISA, POSSIVELMENTE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX. COLEÇÃO MRAC TERVUREN HP. 1967.1.1387.....41

FOTOGRAFIA ANONIMA: GRUPO DE GUERREIROS AFRICANOS DA REGIÃO DA BACIA DO CONGO. REGISTRO SEM DATA PRECISA, POSSIVELMENTE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX. COLEÇÃO MRAC TERVUREN HP. 1967.1.1387.....41

FOTO: DETALHE DE "ESCUDO" DE GUERREIRO MONGO. CONGO - SÉC. XIX. PROF. RAFAEL SANZIO, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008.....50

FOTO: PROF. RAFAEL SANZIO, 2007 MUSEU DO CERRADO - ESPAÇO DO QUILOMBO - GOIÂNIA - GO. DISTRIBUIÇÃO DAS HABITAÇÕES NO ANTIGO QUILOMBO.....52

FOTO: PROF. RAFAEL SANZIO, 2007 MUSEU DO CERRADO - ESPAÇO DO QUILOMBO - GOIÂNIA - GO. O FOGÃO E O FORNO NO ANTIGO QUILOMBO NO BRASIL CENTRAL.....52

FOTOGRAFIA: ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. MAN 209..57

FOTOGRAFIA ANÔNIMA: ACERVO DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. IM30_PMS. BAHIANA ACARAJÉ. P.227F2991-1.....57

FOTOGRAFIA: GUILHERME GAENSLY, 1795. PERNANBUCO. AMA AFRICANA OU DE ASCENDÊNCIA DIRETA COM MENINO. ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. FR. 1795.....57

FOTO ANÔNIMA: SR. CHICO E SUA ESPOSA VICÊNCIA, COM SEU FILHO FERNANDONOSBRAÇOS DA SUA AVÓ AFRICANA, DE ORIGEM DO GOLFO DA GUINÉ - 1940. ACERVO FAMÍLIA DOS ANJOS.....57

FOTO: AUGUSTO MALTA. CENTRO DE SALVADOR - BAHIA. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO-BRASIL.....62

FOTO: AUGUSTO MALTA. CENTRO DO RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO-BRASIL.....62

FOTO: AUGUSTO MALTA. CENTRO DE RECIFE - PERNAMBUCO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.....63

FOTO: AUGUSTO MALTA. CENTRO DE SÃO PAULO - SÃO PAULO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.....63

FOTO: AUGUSTO MALTA. FAZENDA DE CAFÉ NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.....60

FOTO: AUGUSTO MALTA. PLANTAÇÃO D CACAU NO SUL DO ESTADO DA BAHIA. PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. ACERVO: BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO - BRASIL.....60

FOTO: DETALHE DE MÁSCARA SONGYE. ORIGEM: CONGO-SÉC. XIX. PROF. RAFAEL SANZIO, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008.....64

FOTO ANÔNIMA: GRUPO DE MULHERES DJABBIR - O NORTE CONGO, ANTERIOR 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.5-21.....66

FOTO: F.L.MICHAEL: CRISTIANIZAÇÃO NA ÁFRICA CENTRAL. LULUA - CONGO, 1897. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1957.34.129.....70

FOTO ANÔNIMA: REI MEMLAO E SUA FAMÍLIA. REGIÃO DE BANANA - BAIXO-CONGO, ANTERIOR A 1908. COLEÇÃO MRAC TERVUREN. HP.1938.934.1-4.....76

FOTO: DETALHE DE ESCUDO DE GUERREIRO DA BACIA DO RIO CONGO. ORIGEM: REINO DE RWANDA - SÉCULO XIX. PROF. RAFAEL SANZIO, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008.....80

FOTO: "BAHIANA" EM TRAJE TÍPICO NO DIA DA LAVAGEM DO BONFIM. PROF. RAFAEL SANZIO, SALVADOR, BAHIA, 1984.....81

FOTOGRAFIA ANÔNIMA: SALVADOR BAHIA, ANOS 1930. OS IRMÃOS (POR ORDEM DE TAMANHO): IRENE, JOSÉ TIBÚRCIO, NILDES CORBINIANA E ANTÔNIO, FILHOS DE JACINTO MANUEL DOS ANJOS E CLEMÊNCIA SILVA DOS ANJOS.....83

FOTOS: MATRIZES AFRICANAS DE COMUNIDADE DE PESCADORES NA PERIFERIA DE ITACARÉ - BAHIA, 2010. PROF. RAFAEL SANZIO.....86

FOTOS: MATRIZES DE COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA NA PERIFERIA DE PIRENÓPOLIS - GO, 2011. PROF. RAFAEL SANZIO.....86

FOTO: CASA E FAMÍLIA QUILOMBOLA. COMUNIDADE QUILOMBOLA FILIPA-ITAPECURU MIRIM-MARANHÃO, 2010. FOTOGRAFIA: PROF. RAFAEL SANZIO ARAÚJO DOS ANJOS.....87

FOTO: MESTRE BIMBA - SALVADOR, 1973 ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS._ 10.10.70_P.P254_F3025.....92

FOTO: MESTRE CAIÇARA - SALVADOR. ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS. P.075F0193.....92

FOTO: MESTRE VALDEMAR PAIXÃO - SALVADOR. ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS._ 10.10.70_P.75.....92

FOTO: RODA DE CAPOEIRA EM FESTA DE LARGO. SALVADOR, 1973 ARQUIVO FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. PMS. IM37_PMSP.254F.30274.....93

FOTO: "BONECO DE SERVIÇO" DE UM RESTAURANTE NO CENTRO BRUXELAS. PROF. RAFAEL SANZIO, BRUXELAS - BÉLGICA, 2008.....96

FOTO: DETALHE DE ESCUDO DE GUERREIRO DA BACIA DO RIO CONGO. ORIGEM: REINO DE RWANDA - SÉCULO XIX. PROF. RAFAEL SANZIO, KINSHASA, R.D. CONGO, 2008.....100

FOTO: PROF. RAFAEL SANZIO O GRUPO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAUIO - QUEIMADA NOVA - PI. ANDRE CYPRIANO, 2006104



Rafael Sanzio Araujo dos Anjos é graduado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (1982), com Especialização na Universidade Estadual Paulista (Rio Claro 1985), Mestrado em Planejamento Urbano pela FAU da Universidade de Brasília (1990), Doutorado em Informações Espaciais no Depto. de Engenharia de Transportes pela Universidade de São Paulo (1995) e Pós-Doutoramento em Cartografia Étnica no Museu Real da África Central em Tervuren - Bélgica (2007-2008). Atualmente é Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília e Diretor do Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica (CIGA), onde é Coordenador dos Projetos Geografia Afrobrasileira: Educação & Planejamento do Território (Projeto GEOAFRO) e Instrumentação Geográfica, Educação Espacial e Dinâmica Territorial. Foi Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado e Doutorado) e do Centro de Documentação Geográfica Milton Santos (CDGMS) da UnB no Biênio 2010/2011. Tem experiência no uso e aplicação das tecnologias geográficas aplicadas ao planejamento, monitoramento e gestão territorial, particularmente do DF, RIDE e também dos mapeamentos e laudos dos territórios tradicionais africanos no Brasil. Outras linhas de trabalho e pesquisa estão associadas à produção de materiais cartográficos didáticos para os diferentes níveis de ensino. Coordena o Grupo de Pesquisa consolidado GEOCARTE/CNPQ, é membro do Comitê Brasileiro do Projeto Rota do Escravo - UNESCO, onde desenvolve a Pesquisa: Cartografia da Diáspora África - América - Brasil e participa do African Scientific Institute (ASI). Realiza desde o ano 2000 as exposições cartográficas - geográficas itinerantes das pesquisas do Projeto GEOAFRO (Brasil, Argentina, Paraguai, Bélgica, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru, Venezuela, Angola, Equador, França, dentre outros países). É o autor da pesquisa do livro: *Quilombolas: Tradições e Cultura da Resistência* (2006) com registros de exposições em quase todo o Brasil e América Latina. A oficina educacional: *Matrizes Africanas do Território Brasileiro* já foi realizada em todas as regiões geográficas do país em parceria com a SECAD-MEC e Secretarias de Educação estaduais e municipais. Suas publicações mais recente são as seguintes: "Dinâmica Territorial: Cartografia-Modelagem-Monitoramento, 2007", "Cartografia & Educação - Vol I, 2008", "Quilombos: Geografia Africana - Cartografia Ética - Territórios Tradicionais, 2009", "Territorialidade Quilombola: Fotos & Mapas / *Quilombola Territoriality: Photos & Maps*, 2011", "Cartografia & Geografia: Referências para Educação", 2012, o mapa educacional "Geopolítica da Diáspora África - América - Brasil. Séculos XV-XVI-XVII-XVIII-XIX: Cartografia para Educação", 2012 e o material didático "O Brasil Africano: Algumas Referências dos Séculos XVI-XXI - Cartografia para Educação", 2014. Contatos com o autor: Site: www.rafaelsanziodosanjos.com.br/ www.ciga.unb.br E-mail: cartografia@unb.br



ISBN 978-85-87763-12-9



9 788587 763129